



SÉRIE
FAMÍLIA CARBONE
LIVRO 1

O HOMEM DA
MÁFIA



BRENDA RIPARDO



SÉRIE
FAMÍLIA CARBONE
LIVRO 1

O HOMEM DA
MÁFIA

BRENDA RIPARDO

SÉRIE
FAMÍLIA CARBONE
LIVRO 1

O HOMEM DA
MÁFIA

BRENDA RIPARDO

Direitos autorais do texto original copyright © 2021, BRENDA RIPARDO, O HOMEM DA MÁFIA.

Capa: Magnifique Design

Diagramação: Brenda Ripardo

Preparação de texto/Editor: Graci Rocha

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Este livro segue a norma-padrão do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, mas há muitas abreviações como o "tá", "tô", "pra" e "pro", de forma que o texto fique o mais natural e verossímil possível.

SINOPSE



O Homem da Máfia é o primeiro livro da série “Família Carbone” e é um volume único. Por ser com casais diferentes, cada livro da saga pode ser lido separadamente, mas talvez o posterior contenha spoilers do anterior.

“Não preciso ter bola de cristal para saber que Julian é o tipo de homem que quando quer uma coisa, vai lá e pega. O mandachuva exala poder e autoridade. E na real, eu nunca gostei de homens assim. Mas por que “ser dele” soa como um convite tão instigante?”

Julian Lorenzo Carbone é o filho do magnata do cassino mais renomado de Montreal. O que poucos sabem, é que na realidade, ele é um dos herdeiros da família Carbone, máfia italiana que se estabilizou no Canadá nos anos 50.

Ele é um homem inteligente, meio impulsivo e dono de um olhar duro.

Jolina veio das Filipinas para estudar Antropologia em Montreal. É uma garota de 22 anos, que acabou de sair de um relacionamento tóxico e de quebra, herdando um cachorro.

Ela é linguaruda, decidida, forte, resiliente e atrevida.

Depois de um acidente, a garota vai parar na casa do homem da máfia e vê o seu mundo virar de cabeça para baixo. Julian sente uma atração inexplicável e

uma vontade de proteger a universitária responde.

Eles são tão diferentes, como a luz e a escuridão, mas o equilíbrio um do outro.

NOTA DA AUTORA



Este é um romance que tem como pano de fundo a Máfia Italiana, mas se você espera encontrar cenas de extremo abuso, uma história dark, detalhes sobre as negociações dentro da máfia e burocracias ou torturas, este livro **NÃO** corresponderá às suas expectativas. Este livro é um romance. O foco aqui é o nosso casal principal e o relacionamento deles.

A história narrada nas páginas seguintes, foi escrita baseada em muito estudo sobre a Máfia Italiana, e claro, usando o bom senso da licença poética e minha criatividade.

AVISOS



Este é um romance hot e pode conter gatilhos e temáticas delicadas como álcool, drogas, abuso verbal e violência, incluindo temas de consentimento questionável, linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico.

Apesar do conteúdo sensível, esse **NÃO** é um romance dark. Mas é necessário reforçar que por se tratar de uma história sobre a Máfia Italiana, certas passagens podem ser desconfortáveis ao leitor.

A autora não apoia e nem tolera as ações ilegais e comportamento de alguns personagens retratados neste livro. A atenção do leitor é aconselhada. Não leia se não se sente confortável.

Está é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos.

PLAYLIST



2WEI – Toxic
Ruelle – War of Hearts
Natasha Blueme – Black Sea
Fleurie – Love and War
Lana Del Rey – Dark Paradise
Ruelle - The Other Side
Merci Raines – The Devil is a Gentleman
Duncan Laurence – Arcade
Coolio feat. L.V – Gangsta's Paradise
Sam Smith – Fire On Fire
James Arthur – Impossible
EPIC POP – Umbrella
Governors – Is This Love?
Lana Del Rey – Summertime Sadnes
Lana Del Rey – Blue Jeans
Elton John – Tiny Dancer
Imagine Dragons – Believer
Imagine Dragons – Monster
MIIA – Dynasty
Sia – Courage To Change
Britney Spears – Criminal

“Amante, caçador, amigo e inimigo, você sempre será cada um destes.

Nada é justo no amor e na guerra.”

~ **Fleurie**, Love And War

PRÓLOGO

Julian



8 anos antes...

Montreal, Canadá

— Você tem certeza?

Olho Noah ao meu lado e levanto uma sobrancelha. Ele não deveria estar me perguntando isso. Não quando estou a um passo de me tornar um deles. Passei dois anos da minha vida fazendo tudo que me mandavam, ficando disponível vinte e quatro horas por dia. Eu quero fazer parte dos negócios da família, caso contrário, não teria sujado as mãos de sangue tantas vezes.

Se eu não tivesse certeza deste momento, eu não teria me corrompido.

— Eu tenho — é minha resposta.

Ergo a mão para pegar na maçaneta, mas o subchefe da família Carbone me impede, fazendo com que o *caporégime* ^[1] que me acompanhou até aqui, nos olhe.

— Não tem volta. Não vai poder sair quando as coisas ficarem feias ou a bagagem ficar pesada demais, Julian.

Assinto. Disso, eu já sei. Mas Noah, bem, ele nunca quis isso para mim.

Junto do meu pai, ele desejava que eu fechasse os olhos para os negócios sujos da nossa família. Para o meu irmão, o mundo sórdido do crime não era algo para o filho mais novo. No entanto, eu não sou mais aquele garoto que odiava a polícia por viverem no pé do meu avô e que tinha medo de conflitos. Hoje, eu sou o que preciso ser para entrar e honrar o nome da família Carbone.

— Estou pronto, Noah. Acredite em mim — digo.

Meu irmão suspira e concorda com um leve aceno de cabeça.

Afasta-se de mim e me permite entrar na sala, onde o Don^[2] está sentado em uma cadeira de couro que tem um formato parecido de meia lua. Ele pode ser o chefe, mas ainda é o meu pai. A expressão dele é impassível e ainda não sei se está feliz ou triste por eu estar aqui.

Noah caminha até próximo dele e fica me encarando em silêncio. Há outras pessoas na sala também, o conselheiro e dois homens que eu não conheço.

— Se aproxime — o Don ordena, e assim, eu faço.

Ele levanta da cadeira e vem até mim, parando dois passos de distância e fixando os olhos claros aos meus. Sem que tenha pedido, meu irmão pega a faca em cima da mesa de madeira, que eu nem havia notado estar ali, e entrega ao chefe.

Ele não precisou pedir, embora seja a primeira vez fazendo isso, eu tenho uma noção do que o Don vai fazer, então, estendo a mão espalmada. Sem aviso prévio, ele faz um corte profundo no meu dedo indicador. Arde um pouco, mas não ousou resmungar, seria desrespeitoso.

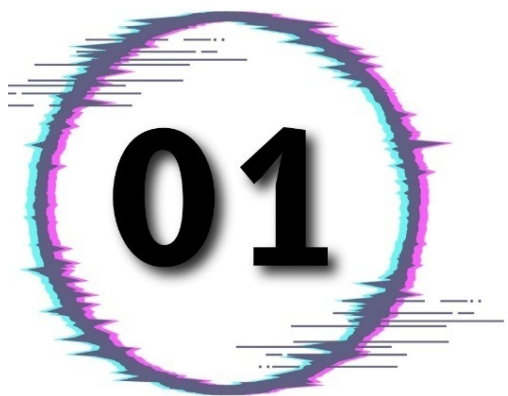
O sangue começa a respingar e eu engulo em seco.

O conselheiro oferece ao Don uma imagem de Santo, um cartão católico, e ele coloca em cima da minha mão aberta, em seguida, pega o isqueiro e acende, começando a queimar a ponta do papel em minhas mãos.

— Esta noite, Julian Lorenzo... — o Don começa a falar. — Você nasce para uma nova vida e para família Carbone. Se trair o juramento, se violar o que sabe sobre esta vida, ou trair os seus irmãos a qualquer momento, você vai

queimar no inferno como o santo queimando em suas mãos. Você aceita?

— Sim, aceito — digo com a voz firme e me aproximo da mesa, deixando que as cinzas na mão caiam sobre o livro aberto dos mandamentos da máfia.



Lina



Demoro uns vinte minutos para conseguir cobrir os machucados do meu rosto com base e pó. Resmungando palavrões, prendo os cabelos em um rabo de cavalo. Foi a primeira e única vez que Tristan encostou a mão em mim.

Aquele canalha desgraçado vai comer o pão que o diabo amassou se resolver me tocar de novo.

Pego os livros em cima da estante e coloco dentro da mochila. Caminho até o hall de entrada do miniapartamento e calço os tênis. Antes que possa me levantar, a companhia toca. Abro a porta sem olhar no olho mágico e me arrependo no segundo em que encontro o diabo do outro lado.

Ele sorri e ergue o cachorro pequeno que está segurando. É um Lulu da Pomerânia de cor caramelo. Acho que é uma menina, pois tem um lacinho rosa na orelha e coleira vermelha.

— Trouxe pra você — ele fala como se não fosse um grande absurdo aparecer na minha porta com um filhote de cachorro depois de ter me batido na noite passada. — Meu pedido de desculpa. — Tristan tenta me entregar o cachorro, mas eu não aceito.

Quando comecei a namorá-lo, ele era um cara legal. Atencioso, sempre disposto a me fazer sorrir ou cuidar de mim. Um sonho, que logo se tornou

pesadelo. A máscara de menino bom durou apenas oito meses, depois disso, Tristan começou a ficar com ciúmes e desconfiado até da minha sombra.

O sentimento logo se estendeu aos meus amigos da faculdade e aos poucos, foi se tornando agressivo com as palavras. Me xingava e levantava a mão para mim, mas nunca ousou me bater de verdade.

Mas ontem, Tristan me agrediu quando eu disse que não aguentava mais manter um relacionamento com ele e por isso, estava dando um fim a nós. O cara ficou enfurecido com a minha audácia de querer romper o nosso namoro e me acertou vários tapas no rosto, e apertou meu braço tão forte, que estou com as marcas dos dedos imundos dele na pele.

— Enfia essa desculpa no rabo — retruco, me sentindo mal. O cachorrinho é fofo e não merece ser tratado assim, mas não vou voltar com esse cara nem por um milhão de dólares canadenses.

— Lina, me escuta — fala quando nota que estou prestes a fechar a porta na cara dele. Que droga, vou me atrasar para minha aula por causa desse imbecil. — Ontem, eu extrapolei. Não vai acontecer de novo.

Sorrio e fecho os olhos com força por uma fração de segundos. Vai acontecer sim e se aceitá-lo de novo na minha vida, vai ser mil vezes pior. E eu não vim estudar em Montreal para ter uma vida como a da minha mãe.

Isso não vai acontecer comigo.

— Vai embora, não quero olhar pra sua cara — digo, encarando aqueles olhos azuis, frios e sem vida. Ele está a um triz de explodir comigo e embora esteja com um pouco de medo, me mantenho firme. Não vou baixar a guarda.

— Porra — Tristan xinga e contrai o maxilar. — Eu tô arrependido. Você não consegue ver isso? — pergunta, quase gritando.

— Uma bela forma de se mostrar arrependimento... gritando comigo — murmuro, mais para mim do que para ele. — Tenho aula e não quero me atrasar. E nós não temos mais nada o que conversar.

— Eu te amo — retruca ao colocar a mão na porta, me impedindo de fechá-la. — Te amo tanto, acho que não consigo viver sem você.

— Vai ter que aprender — resmungo.

Noto as narinas de Tristan inflarem e a mandíbula contrair mais uma vez. E eu me pergunto como gostei de alguém como ele. A pessoa com quem eu comecei a namorar e o homem à minha frente são completamente diferentes.

— Você não sente mais nada por mim? — quer saber.

Engulo o nó na garganta.

Claro que no começo eu amei Tristan. Não fazia nem dez meses que tinha saído das Filipinas para vir para cá por causa da bolsa de estudos. Eu ainda morava no dormitório dentro do campus, não tinha muitos amigos e um cara de olhos azuis com sorriso fácil me fez sentir bem, segura. Meu coração abriu as portas para ele e eu me apaixonei.

E infelizmente, mesmo depois de perceber a verdadeira face de Tristan, eu ainda fiquei com ele, aguentando, indo contra todos os meus instintos que diziam para deixá-lo. E foi assim que o amor que eu sentia foi mudando e se tornando outra coisa, raiva e medo. No entanto, ele ter me batido ontem, estalou algo dentro de mim.

A relação dos meus pais está bem longe de ser perfeita. Pelo que sei, meu pai bateu pelo menos três vezes na minha mãe, e só de pensar nisso, eu fico furiosa. Mas a mamãe nunca fez nada. Ela o ama e não tem coragem de deixá-lo. Então, aceita as migalhas do amor sujo que ele dá.

O relacionamento deles foi o pivô por eu ter saído de casa quando fiquei maior de idade. Nenhum dos dois concordou com a minha decisão e meu pai, bem, ele prometeu me deserdar e acho que talvez faça isso mesmo. Mas eu estou aqui, tão longe de casa, tentando me estabelecer, ser bem-sucedida financeiramente para poder tirar minha mãe das garras do meu pai.

Vou fazer isso nem que seja preciso sequestrá-la.

Por isso, não posso aceitar o que Tristan tem a me oferecer. Eu não mereço viver num relacionamento tão tóxico. Eu não preciso suportar o ciúme dele e perdoá-lo todas as vezes que se exaltar comigo.

Não é assim que um relacionamento funciona.

— Tchau, Tristan — é o que digo ao fechar a porta na cara dele. Tranco e encosto a cabeça no material de madeira frio. O coração dá um salto no peito quando ele começa a dar chutes e gritar para que eu abra e o deixe entrar.

Até ele desistir e ir embora, fico nessa tortura por mais de dez minutos. Destranco e abro a porta, apenas um pouco e tomo um susto quando a cadela começa a latir para mim. Rápido, fecho de novo, mas nada acontece. Decido abrir tudo e encaro a bola de pelo do lado de fora do meu apartamento. Com passinhos pequenos, ela vem até a soleira e late para mim.

Sorrio. Ela é fofa.

Agacho-me e assobio, chamado por ela. Sem resistência, vem até mim e eu faço carinho em cima da cabeça cheia de pelos sedosos. Quando estou confiante para pegar a cachorra nos braços, confiro se é mesmo menina.

— O que vou fazer com você, garota? — pergunto e ela late, em resposta.

Coloco-a dentro do apartamento e tranco a porta de novo. Sem saber muito bem o que fazer, pego um prato de dentro do armário e o frango cozido da geladeira. Coloco o prato no chão e ela come tudo. Acho que estava morrendo de fome.

Não vou voltar com Tristan, mas não posso deixar a cachorrinha desamparada.

O que aquele idiota tinha na cabeça para aparecer na minha porta com uma cachorra de raça?

— Preciso ir — falo, e ela só olha para mim depois de comer. — Você quer água? — Sem esperar por respostas, procuro um pote e encho de água da torneira. A bola de pelo parece estar morrendo de sede também. — Garota, preciso ir. Já estou atrasada pra minha primeira aula e hoje eu trabalho. Só vou voltar no começo da noite, tudo bem? Não faça xixi no sofá, por favor.

Inclino-me um pouco para alisar a cabeça da minha nova companheira, e antes de sair, acabo colocando mais frango no prato. Não faço a mínima ideia de como vou viver com uma cachorra, mas talvez não seja ruim ter companhia.

02 Julian



Entro na mansão onde cresci e guardo as melhores lembranças da infância. Nada mudou, a decoração ultrassofisticada com acabamentos opulentos são as mesmas desde que sou criança.

Caminho até o piano aberto no imenso hall de entrada e passo os dedos de leve sobre os teclados, buscando na memória a última vez que toquei o instrumento.

— Você costumava tocar tanto, *bambino*^[3] — vovó fala ao descer as escadas. Em passos lentos, ela se aproxima de mim. Abaixo-me um pouco para que ela segure meu rosto e deposite um beijo na bochecha esquerda, depois na direita.

— Não sou mais uma criança, *nonna*^[4] — digo, e é minha vez de segurar seu rosto enrugado e sem maquiagem entre as duas mãos. Ela está tão velhinha, os cabelos brancos são macios como algodão e tem um cheiro tão bom. Tem cheiro de lar.

É claro que ela me ignora e se entrelaça no meu braço, me conduzindo até a estufa nos fundos da casa. Chegando lá, dou de cara com a mamãe cuidando das hortaliças. Faz um frio de menos dez graus e a mulher está usando apenas

calças jeans, cardigã, chapéu extravagante e luvas.

Com cuidado, me afasto da vovó e vou na direção dela, que ainda nem notou a minha presença.

— *Mamma*^[5], a senhora vai pegar um resfriado — digo e depois lanço uma olhadela para a moça que estava ajudando a cuidar das plantas, faço um gesto com a cabeça, que ela entende no mesmo segundo. A mulher entra em passos rápidos e vai buscar um casaco. — Ainda brava com seu filho? — pergunto, sugestivo.

De cara fechada, ela deixa o regador de lado, retira as luvas, colocando-as em cima da mesa de madeira próxima. Segura meu rosto com as duas mãos quando estou próximo o suficiente, em seguida, deposita um beijo caloroso em cada bochecha.

— Como posso não estar brava com você? — resmunga, me roubando um quase sorriso.

Ela ainda não se conforma com o fato de eu ter saído de casa. Eu sempre prezei pela minha privacidade e mamãe sempre gostou de me ter debaixo das asas, colocando juízo na minha cabeça e me dizendo o que não fazer. E claro, o que fazer.

Por sorte, a vovó não ficou tão ressentida com a minha decisão, mas às vezes, as duas dão uma bela dupla quando o assunto é família.

Antes que possa conduzi-la até dentro de casa, a moça surge com um casaco grande e acolchoado, que passo pelos braços da mamãe e fecho o zíper na frente, protegendo-a do frio cortante. Mesmo que ainda esteja brava comigo, ela me dá um sorriso doce.

— Vem jantar em casa hoje ou tem compromisso com as suas...

— *Mamma* — interrompo em um tom de repreensão antes que ela vá longe demais.

A mulher é ciumenta e não gosta do fato de eu estar aproveitando minha solteirice. Para mamãe e a matriarca, é claro, eu já devia estar bem-casado como

o meu irmão e pensando em pequenos herdeiros.

Se elas soubessem que depois de três meses de casados, Noah ainda nem tocou na esposa...

— Eu ia dizer amigas — fala na defensiva.

Vovó e eu rimos. Assinto, fingindo acreditar nas palavras dela.

— É claro. — Ofereço meu braço e mamãe se enrosca em mim. — Venho jantar com a família, não se preocupe.

Quando estamos próximos da porta que dá na direção da cozinha, vovó se envolve no meu outro braço e eu entro acompanhado das duas mulheres mais importantes da minha vida. Bem, existe Romie, mas às vezes, eu a amo com a mesma intensidade que a quero longe de mim. Minha irmã mais nova é muito difícil de lidar.

Depois de amansar a fera, que chamo de mãe, deixo-a na sala, junto da vovó. Só vim fazer uma visita rápida antes dos meus compromissos. Papai tinha me dito que ela ainda estava brava por eu ter me mudado e eu precisava resolver as coisas para ele ter um pouco de paz no matrimônio.

Antes de me deixar sair, mamãe começa a dizer que se eu não aparecer no jantar, ela tornará a casa uma prisão italiana e me obrigará a morar sob o mesmo teto até os meus últimos dias em vida.



Estaciono o carro no pátio privativo a céu aberto nos fundos do prédio do hotel cassino e digito a senha na fechadura digital antes de entrar. Passo pelo refeitório dos funcionários e caminho rumo ao corredor com acesso exclusivo para membros da família Carbone. Alguns soldados^[6] se encontram em frente à

porta do escritório, aguardando em prontidão. Cumprimento-os e em seguida, giro a maçaneta e entro na sala onde acontece as nossas principais reuniões.

Meu irmão e o conselheiro^[7] estão perto da mesa de sinuca, acertando algumas bolas enquanto esperam pelo meu pai e conversam com os outros capitães. Um deles parece aflito com alguma coisa.

— Não se preocupe — o subchefe da família diz. — Julian cuidará disso — acrescenta sem olhar para mim.

Ergo uma sobrancelha enquanto enfio as mãos no sobretudo.

— O que aconteceu? — quero saber.

— É Laila... ela foi roubada das mãos de Mary na saída de um petshop ontem à noite por um idiota armado — Gabriel fala.

Ele é apenas uns sete anos mais velho que eu, mas acho que viver muito no submundo do crime lhe rendeu queda de cabelos e os fios que resolveram ficar, começaram a branquear.

— Resolva isso, Julian — Noah ordena ao deixar o taco de lado. Caminha até mim e puxa a gola do meu sobretudo, em seguida, finge tirar poeira da lã com mais força que o necessário. — Resolva de forma passiva. É apenas um moleque. Pode quebrar um nariz ou um braço, tanto faz. Apenas isso, ok?

— Sim — respondo com a mandíbula contraída.

Noah leva uma mão até meu rosto e dá uma batidinha de leve, sorrindo com satisfação. Depois que ele e o meu pai se juntaram na missão de me manter longe de confusão, a única ação na minha vida é durante à noite, na cama.

O Don chega acompanhado de Nicholas, meu melhor amigo e soldado mais próximo do meu pai. Ele está com a família há sete anos, depois que fugiu de Toronto desolado com a morte do próprio pai, que era um magnata do ramo da tecnologia, o Don Carbone o acolheu e fez dele uma arma mortal para nossa família. É o único soldado que acompanha o Don até nas reuniões mais importantes. É como um irmão para nós e um filho para o papai.

— Espero que tenha falado com a sua mãe antes de ter colocado os pés

nesta sala, Julian Lorenzo — é a primeira coisa que meu pai diz ao me ver.

Ele é um homem poderoso e que inspira autoridade, respeito. É firme nas palavras, mas antes de ser o Don, é o meu pai. Minha família. É claro que eu o respeito, mas no momento, ele não é o chefe da máfia, parece apenas um pai, preocupado com o casamento depois de o filho do meio ter saído de casa.

— Sim, *papà*^[8]. Jantar em família hoje à noite — digo, fazendo meu pai assentir.

Ele passa por mim, mas antes me dá uma tapinha no ombro e caminha até a mesa em tora de madeira com formato retângulo e se acomoda na cadeira de couro acolchoada da ponta. O subchefe senta ao seu lado esquerdo e o conselheiro, do lado direito, enquanto nós nos distribuímos nos restantes das cadeiras.

Antes de começar a falar, o Don abre a caixa personalizada onde guarda os seus charutos preferidos, que está em cima da mesa. Com paciência e sem pressa, escolhe um, depois pega a guilhotina de uma lâmina fixa e faz o corte perfeito do charuto. Pega o isqueiro maçarico e com delicadeza, acende, depois dá uma assoprada para eliminar qualquer componente que possa afetar o sabor e só então, dá o *primeiro tiro*^[9].

— Fique de olho na sua irmã. Ela anda entrando em encrenca de novo — fala para mim, e a única coisa que posso fazer é assentir, segurando a vontade de revirar os olhos.

É verdade que quando eu era apenas um soldado, fazia muito mais nas ruas que agora. Hoje em dia, ou eu fico de babá, ou resolvo coisas que não tem ação nenhuma ou casos de cachorros roubados. Parece brincadeira, mas é isso que venho fazendo nos últimos dois anos.

Meu pai e Noah andam fazendo um esforço muito grande para que eu não arrisque minha vida. Tudo bem, eles têm seus motivos para tentar me manter na linha. Depois da Rebecca, eu fiquei acabado e descontrolado, qualquer coisa era motivo para resolver os problemas com agressão física.

E meu pai tem mantido boa parte das ruas de Montreal limpas, sem mortes desnecessárias. E digamos que eu estava causando um alvoroço e tanto.

O luto fode com a nossa cabeça.

E Rebecca era uma das coisas mais importantes para mim.

— Como anda a nossa mercadoria? — o Don pergunta ao Giuliano, o caporegime mais antigo da família desde a geração do meu pai e bate de leve com o charuto aceso no cinzeiro de cristal murano.

— Chegou na madrugada, estamos esperando *desembaraçar*^[10] a mercadoria.

— Quanto tempo? — ele quer saber.

— Ethan disse que até o final do dia, no máximo, Don Carbone — Giuliano responde de forma respeitosa e meu pai faz um gesto quase imperceptível com a cabeça, concordando.

— E Miguel? — o Don pergunta, encarando o charuto.

— O contratempo foi solucionado, ele não será mais um problema — é Gabriel quem fala, se remexendo na cadeira e apoiando os cotovelos em cima da mesa.

Miguel era um soldado que achou que conseguiria passar a perna na família Carbone e abriu o próprio negócio, explorando garotas menores de idade e ganhando dinheiro com prostituição.

Existem algumas coisas que o Don não tolera. Primeiro, que o desobedeçam ou achem que ele não é inteligente o suficiente para ler as pessoas. Segundo, que abusem de mulheres e tentem ganhar dinheiro explorando-as.

Apesar de não nos envolvermos ou lucrarmos com prostituição, a família Carbone não é contra isso. Mas o Don não admite, em hipótese alguma, que algum dos nossos explore ou se beneficie do corpo de qualquer mulher. É claro que existe prostituição em Montreal, mas pelo menos no lado leste, norte e sul, elas são donas de si e o chefe da máfia não permite cafetões pelas áreas.

Para o meu pai, Francesco Carbone, o Don da família, não existe nada

mais vergonhoso para um homem do que depender do corpo de uma mulher para ganhar dinheiro.

— Que isso sirva de exemplo para qualquer um que queira ir contra as minhas regras — é o que o Don fala e nós todos assentimos em silêncio. — E os nossos negócios da reserva?

— Os nossos homens foram até o lado americano da reserva e conseguiram descarregar sem problema nenhum — Gabriel diz.

— Marque uma reunião com o Nibaa — o Don ordena.

Nibaa é o nosso sócio que trabalha na reserva que fica entre a fronteira do Canadá e dos Estados Unidos. Ele facilita muito a vida dos nossos negócios, já que conseguimos passar de tudo sem a alfândega ficar sabendo disso. E como os policiais não podem cruzar a fronteira, podemos descarregar sem contratempos.

— Algum problema, Don Carbone? — Giuliano quer saber.

Meu pai nega de leve com a cabeça.

— Não, mas é sempre bom comprar estabilidade. — Dá uma tragada no charuto e solta a fumaça devagar. — É assim que você mantém os negócios estáveis, Giuliano.

É claro que Montreal é nossa. Somos a maior família da cidade e o nosso negócio sempre deu muito lucro. No entanto, ainda existe uma parte da cidade que não temos controle.

O chefe da família Fontana de Toronto mudou para cá há alguns anos. Causou comoção, pois queria dominar o porto para o contrabando de drogas. Mas meu pai conseguiu dar um jeito no problema, fazendo uma trégua com a família recém-chegada.

Eles eram muito violentos e permanecer brigando, continuaria causando morte de inocentes, e o Don sempre gostou de manter as coisas tranquilas nas ruas e nos negócios. Embora não tenha nascido aqui, o papà considera Montreal o seu lar.

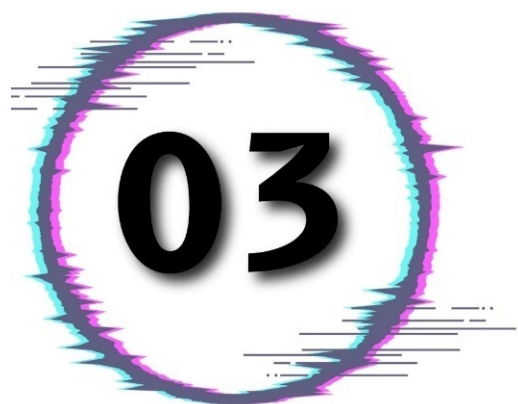
O chefe da família Carbone permitiu que os Fontana ficassem com o lado Oeste, fazendo seus trabalhos. Claro que não foi fácil, afinal, é a nossa cidade,

nossa casa. Mas meu pai sempre foi um visionário e soube ler as pessoas muito bem.

Fazer uma trégua com a família Fontana e continuar com o controle do porto, sabendo tudo que entra e tudo sai, sem precisar responder a ninguém, a não ser ele mesmo, foi a melhor solução.

No entanto, estamos preparados. Tréguas não duram para sempre e a qualquer momento, podemos entrar em guerra com a família Fontana e acabar de uma vez com eles. Faremos o que for necessário para manter Montreal sob controle.

E bem, eu nasci aqui, é minha cidade, meu lar. Não permitirei que outra família a não ser a nossa, seja dona de Montreal.



Lina



Já passam das dezoito horas quando chego em casa. Arrastada, tiro os sapatos no hall de entrada e corro para o banheiro. Preciso de um banho quentinho para recarregar as energias.

Passar o dia estudando etnologia ameríndia e de quebra trabalhar com um arqueólogo recém-formado chato e metido no museu, sugou toda minha disposição.

Enquanto movo o secador para lá para cá em cima dos cabelos molhados de frente para o espelho, observo os machucados no meu rosto. Começo a xingar Tristan em pensamento, rogando maldições sobre ele.

E como consequência, lembro que tenho uma hóspede no apartamento. Largo o secador na pia do banheiro e saio do quarto com o cabelo meio molhado, procurando pela cachorra.

— Garota? — digo ao mesmo tempo em que faço um barulho ridículo com a boca. — Garota, vem aqui — continuo chamando, mas nada da danada.

Reviro todo o apartamento e vou encontrá-la debaixo do sofá, cabisbaixa. Arrasto o móvel e noto que ela vomitou. Enrugo o nariz ao me abaixar para pegá-la e sinto-a queimando em febre.

— Você tá bem? — pergunto e ela me encara com os olhos meigos, amolecendo meu coração. — O que será que você tem? — faço outra pergunta, mas é claro que não tenho respostas.

Sem pensar muito, coloco a cachorra em cima do sofá e pego um casaco no quarto ao mesmo tempo em que tento chamar um Uber pelo aplicativo do celular. Pego a bolsa no cabideiro perto do hall de entrada e calço os tênis, depois chamo a cachorrinha, que embora pareça sem forças, vem ao meu encontro.

Do lado de fora do prédio, o Uber me espera e ao entrar no carro, ele faz cara feia para a Lulu da Pomerânia nos meus braços, mas o ignoro e peço que ande rápido até a clínica veterinária que passei o endereço.

Vinte minutos mais tarde, estamos em frente à clínica do pai da primeira amiga que fiz ao me mudar para Montreal. O lugar tem dois andares e fica entre uma cafeteria e uma clínica de depilação a laser. Está tudo movimentado por aqui, porque existe um hotel cassino na rua de trás.

Empurro as portas de vidro e entro. A recepcionista fica me encarando de um jeito estranho e eu não entendo o motivo. Depois de sair do êxtase, pergunta qual o problema ao ver a cachorrinha cabisbaixa em meus braços. Digo como a encontrei e comento sobre o vômito. Enquanto ela faz anotações, passo os dedos de leve na cabecinha peluda de cor caramelo.

— Qual o nome dela? — a recepcionista quer saber.

Prendo os lábios por um segundo e digo a primeira coisa que vem à minha cabeça.

— Garota.

A moça detrás do balcão ergue uma sobrancelha, mas assente, quando percebe que estou falando sério.

“Garota” é um nome sem emoção e não tem criatividade nenhuma, mas eu ainda não tive tempo de buscar no Google nomes para se colocar em um bichinho de estimação.

Droga. Eu ainda nem tive tempo de me acostumar com a cachorra.

Ela pega o telefone e disca o número do médico veterinário, que surge na recepção três minutos depois. Quando o senhor Canning coloca os olhos em mim, parece assustado e até mesmo, confuso.

— Lina? Aconteceu algo? Você está bem? — pergunta com a testa franzida e eu fico sem entender.

— Eu? Ah, sim, sim. O problema é com a Garota — falo ao erguer com cuidado a cachorrinha dos meus braços.

— Tem certeza?

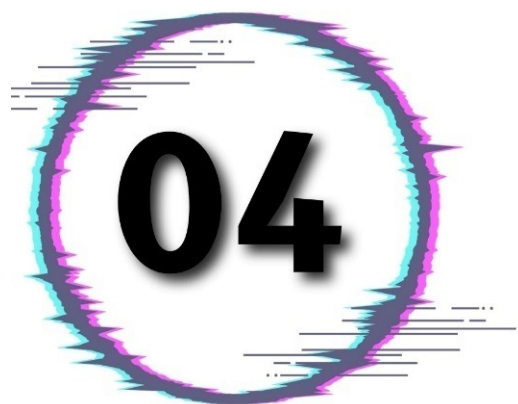
Enrugo o cenho.

— Sim... — murmuro.

Mesmo desconfiado, ele se aproxima e acaba pegando-a no colo e caminhamos rumo ao consultório.

Ao entrar na sala e passar pelo quadro de borda espelhada, tomo um leve susto ao perceber que não estou usando maquiagem. Os hematomas perto do olho e boca estão bem visíveis para qualquer um ver.

Me sinto envergonhada e volto a xingar Tristan em pensamento.



Lina



Depois de quase uma hora e alguns exames de sangue, o senhor Canning chega à conclusão prévia de que a Garota tem intolerância e sensibilidade à frango, mas apenas os resultados que saem em dois dias podem confirmar com certeza.

Ele medica a cadela e me doa alguns pacotinhos de ração úmida hipoalergênica. É um homem prestativo e de coração generoso.

E claro, fico grata por ele não ter perguntado sobre os hematomas no meu rosto. Não me sentiria confortável em ter que falar sobre o que aconteceu. É vergonhoso e humilhante demais para se dizer em voz alta.

Saio da clínica com a promessa de retornar com Garota daqui dois dias. Com ela nos braços, enrolada numa cobertinha que ganhei da recepcionista, caminho até o outro lado da rua e chamo um Uber pelo aplicativo do smartphone. Dez minutos para o carro chegar e acho que vou congelar de frio segurando a Garota.

— Você está melhor? — pergunto com um sussurro, fazendo carinho no seu focinho molhado. — Me desculpe. Nunca mais te darei frango, tudo bem?

De repente, uma van preta para na minha frente de maneira muito suspeita.

Sinto o estômago embrulhar e um arrepio na espinha. Quando a porta traseira abre e dois homens usando preto saem de dentro, olhando para mim, por instinto de sobrevivência, eu acelero o passo e saio de perto, correndo.

Os homens entram na van de novo e infelizmente, não têm dificuldades em me seguir. Eles se aproximam e eu aperto a Garota nos braços, que começa a latir de forma descontrolada. Sem articular nenhuma palavra, um dos brutamontes me agarra com força pelo braço e tapa minha boca ao me enfiar dentro da van, que corre em velocidade para sei lá onde.

Meu Deus, eu fui sequestrada.

Mordo a mão do homem que ainda continua cobrindo minha boca, e isso o faz gemer e me soltar no mesmo segundo.

A Garota continua latindo.

— Você ficou doida? — ele grita comigo, me fazendo contrair a mandíbula.

Um dos homens ri, como se a situação fosse uma brincadeira idiota e eu não tivesse sido colocada dentro de um carro contra a minha vontade por estranhos.

— O que vocês querem comigo? — pergunto, olhando os três homens no banco de trás, mas não tenho respostas.

Quando noto que um deles está me encarando, olho de volta, mas o homem desvia. Ele parece meio loiro e tem a cabeça quase raspada, um olhar duro e pela expressão séria no rosto, sorrir parece algo impossível.

— O que vocês querem comigo? — pergunto de novo, dessa vez, quase gritando. Desesperada e tentando segurar as lágrimas.

Começo a arquitetar um plano de fuga e no momento em que o carro para num sinal vermelho, tento abrir a porta, mas ela está travada, é claro.

— Fique quieta — um deles fala, mas decido ignorar. Como vou ficar quieta em uma situação dessas? É minha vida que está em risco. Eu sinto em cada terminação nervosa do meu corpo.

Meto a mão na bolsa para pegar o celular e sei lá, enviar um pedido de

socorro para minha melhor amiga Sophia. Antes que possa encontrar o aparelho, o homem carrancudo de frente para mim, percebe meus movimentos e toma minha bolsa.

— Sem chamada de emergência — fala com a voz grossa, fazendo os outros homens rirem.

— Vai se ferrar — crispo.

De repente, o homem quase careca e de olhos claros tenta tirar a Garota dos meus braços, mas ela late e ameaça morder. Ele recua com o cenho franzido.

— Tem certeza que é ela? — questiona, observando os outros e eu não faço a mínima ideia do que estão falando, mas resolvo abrir a boca.

— Vocês pegaram a pessoa errada.

— Não se preocupe, nós nunca erramos — é o que um deles diz, fazendo meu coração saltar do peito.

Respiro fundo, sentido o desespero tomar conta de mim.

Eu sei que a vida é um piscar de olhos, mas nunca imaginei que o meu fim seria assim ou que minha jornada seria interrompida tão cedo. Acabei de completar vinte e dois anos e ainda nem me formei. Começo a achar que foi uma tremenda perda de tempo passar tantas horas com a cara enfurnada nos livros. Eu deveria ter aproveitado mais. Deveria ter feito algo pela minha mãe antes de partir.

Choro em silêncio, sentindo minha visão embaçar. Tento limpar as lágrimas com as costas das mãos e gemo baixo ao tocar nos meus machucados. Minha situação não podia ser pior.

Uns dez minutos mais tarde, a van para e os homens abrem a porta, descem e depois esperam por mim. O careca de olhos claros fica me encarando e gesticula com a cabeça para eu descer, mas fico parada, sem conseguir mover um músculo.

— Vamos, ele não tem a noite toda.

— Ele quem? — retruco, quase gritando. Estou chorando e morrendo de medo de hoje ser a noite em que vou dar meu último suspiro, mas mesmo assim,

estou brava. Eu enfrentei tanta coisa na porra dessa vida, não vou morrer sem pelo menos tentar me defender. Ou xingar esse careca de merda.

— Ande, venha. Vamos acabar logo com isso — é o que fala, impaciente.

Um deles cansa de esperar e me puxa pelo braço, apertando bem no machucado que Tristan deixou. Reclamo de dor e ele me solta.

— Vai com calma — o homem quase careca fala.

— Eu nem toquei nela de verdade — o outro se defende e embora tenha vontade retrucar, fico quieta.

Ele me tocou de verdade sim, não o suficiente para me machucar e deixar com mais hematomas, mas meteu essas mãos imundas no meu braço.

— *Alguém me ajude!* — grito, sentindo o desespero tomar conta da minha alma. — *Socorro!*

— Não faça cena — um deles diz, mas não me dou ao trabalho de saber quem é.

Ainda chorando, eles me arrastam para os fundos de um estabelecimento. De maneira breve, passo os olhos ao redor e noto que estamos em um estacionamento aberto, do que me parece ser um restaurante. Não tenho certeza. Vende comida, pois o cheiro de algo assando me invade o nariz e faz meu estômago roncar.

Ótimo, vou morrer com fome. Não podia ser pior.

Um deles abre a porta e nós entramos numa espécie de dispensa, em silêncio, caminhamos rumo a um corredor pequeno. Quando olho para o lado esquerdo, vejo a cozinha e me dou conta de que é uma pizzaria. Antes que eu possa pedir socorro ou algo do tipo, o homem quase careca abre uma porta que eu nem tinha visto e nós descemos alguns poucos degraus que dá em um tipo de escritório subterrâneo.

As paredes são em cores escuras e tem alguns quadros abstratos sombrios de decoração, o chão é cinza, há estantes com livros de capa dura e uma mesa de madeira velha com cadeira de couro acolchoada.

Do outro lado da sala, detrás da mesa, há um homem alto, de costas e com

o celular no ouvido, falando num idioma diferente. Acho que é italiano, não sei bem. Os que vieram comigo se posicionam do meu lado direito e esperam, enquanto eu fico no meio do escritório, com a cabeça fervilhando.

Meu Deus, o que é isso? Tráfico humano? O que vai acontecer comigo?

Passo os olhos ao redor, tentando encontrar algo para me defender ou traçar um plano de fuga. Infelizmente, minhas opções não são boas. Na verdade, não tenho nada. Só se eu pegar um livro de capa dura e jogar na cabeça de alguém enquanto tento correr para fora ao mesmo tempo em que grito por socorro.

— Encontramos... é uma garota — um deles fala, depois que o homem de costas encerra a ligação.

— Garota? — pergunta com a voz grossa e rouca, fazendo meu corpo inteiro arrepiar e a cachorra nos meus braços se agitar um pouco.

Ele coloca o aparelho celular em cima da mesa e tamborila os dedos longos sobre a madeira envelhecida, antes de girar o corpo e encontrar os meus olhos e me prender num olhar enigmático.

Engulo em seco.

Eu com certeza, não devia estar pensando nisso agora, ainda mais em uma situação de origem tão duvidosa, mas o homem à minha frente é bonito pra caramba. Tão bonito, que me deixa confusa.

É alto, deve ter quase um metro e noventa, eu não sei. A pele é clara, o cabelo é castanho escuro e os olhos negros, profundos, intensos e que brilham de um jeito absurdo. Tem um pouco de barba delineando o queixo e em volta dos lábios finos, mas bem desenhados. Ele usa terno de corte moderno com um sobretudo por cima, que parece custar alguns milhares dólares canadenses.

Quando ele sai de trás da mesa e vem até mim em passos lentos, com uma expressão severa e ao mesmo tempo curiosa, prendo a respiração por alguns segundos. Os olhos intensos e negros dançam pelo meu rosto e não tenho controle, fico hipnotizada.

A Garota late, quebrando o meu êxtase.

— Quem tocou nela? — pergunta, fitando com expressão séria os homens, que se remexem, desconfortáveis.

Ele exala intensidade e autoridade. Tento não ficar encarando, mas é mais forte que eu.

— Ela já estava assim, ninguém fez nada — fala o desgraçado que me puxou pelo braço para fora da van.

O olhar do homem à minha frente ainda é duro e quando encaminha a atenção para mim, por mais que tente desviar, não consigo.

— Quem fez isso com você?

Surpreendentemente, ele leva uma das mãos até o meu rosto e toca, como se não fosse nada demais. Dou um salto para trás, assustada. O coração bate tão rápido, que é quase doloroso.

— Não toque em mim — falo, ríspida.

Tudo bem, o homem pode ser bonito e o escambau, mas não tem direito nenhum de me tocar sem permissão, como se fôssemos próximos ou algo do tipo. Tenho certeza de que ele tem alguma coisa a ver com o fato de eu estar aqui, nesse lugar todo suspeito e que cheira a perigo.

— Não vou machucar você — diz, mas continuo imóvel e ele não volta a se aproximar. Aperto a Garota contra o peito, tentando nos manter seguras pelo tempo que eu conseguir. — Quem fez isso com o seu rosto? Foi algum dos meus homens? — ele quer saber.

Encaminho as vistas para os brutamontes que estavam comigo na van e fico tentada a mentir, mas desisto. O olhar mortífero do homem de cabelos negros me dá a entender que as coisas podem ficar feias depois de ouvir a minha resposta.

O que de fato, não devia me preocupar, já que estou aqui, contra a minha vontade, sem fazer a menor ideia do que está acontecendo.

— Não foram eles — é o que digo.

Ele assente, colocando os dois braços para trás. A atenção cai sobre a Garota e depois, para mim de novo.

— Quem é você? — pergunta, a voz soa intimidadora e arrepiando os pelos do meu braço, mas me mantenho firme. — Não vai me dizer o seu nome? — insiste quando fico calada.

— Meus amigos me chamam de Lina — falo e agradeço em silêncio pela voz ter soado firme. Endireito os ombros, tentando parecer confiante. — Mas você pode me chamar de Jolina Magdayao — emendo com arrogância.

Ele prende os olhos aos meus e o canto direito da boca repuxa de leve, quase transformando os lábios em um sorriso cínico.

— Bem, Jolina Magdayao, o que você faz com ela? — questiona ao gesticular com o queixo na direção da Garota.

— Ela é minha.

O homem à minha frente suspira e ergue as sobrancelhas, ficando ainda mais instigante. *Qual é o meu problema?* O cretino é um belo de um arrogante, eu não devia estar pensando nesse tipo de coisa.

— Ela não é sua — fala, esticando a mão e tocando com os dedos longos a cabeça de pelo caramelo em meus braços. É uma mão bonita. Não parece de alguém que faz trabalho braçal. O cara deve ser podre de rico. Só gente rica tem mãos tão delicadas assim. — Você está bem, Laila?

Como se entendesse a pergunta, a cadela dá uma latida e eu noto que está abanando o rabo. Contrariada, coloco-a no chão, me surpreendo ao ver a Garota ir na direção dele e deitar ao lado dos seus pés calçados com sapatos caros.

— Ela é sua? — pergunto, confusa.

— Também não, mas Laila é da nossa família — é a resposta que recebo.

— Eu sinto muito, não sabia. Ganhei do meu ex-namorado — digo, contraindo a mandíbula.

Tristan me deu um cachorro roubado? Mas que belo pedido de desculpas. Esse imbecil, sempre fazendo minha vida ficar mais difícil.

— Então... — começa a falar e é ousado o suficiente para se aproximar de mim outra vez. Vem em passos vagarosos e eu sinto que está no ritmo dos meus batimentos cardíacos. — Está dizendo que não roubou Laila?

— O quê? Eu... eu... eu não roubei nada. Nem sabia que a Garota tinha dono.

Ele ergue as duas sobrancelhas e assente, meio desdenhoso. É claro que isso me deixa furiosa. O homem pode ser bonito, mas é um idiota arrogante.

Como se a minha vida já não tivesse idiotas o suficiente.

— Por que está me olhando desse jeito? — pergunto quando ele não para de me encarar. — Por acaso, o senhor acha que eu tenho cara de quem sai por aí roubando cachorros?

Vejo um lampejo de surpresa passar pelos seus olhos, mas não dura muito tempo. Ao contrário dos seus homens, que parecem não acreditar que eu esteja falando de forma tão áspera com o *mandachuva*.

— Na verdade, você é um pouco suspeita.

Uno as sobrancelhas, confusa.

— Como?

— Era você quem estava com um cachorro que já tinha dono. Como isso não é suspeito? — questiona com um leve tom de sarcasmo.

— Primeiramente, eu sou uma pessoa ocupada. Se o senhor fosse universitário, entenderia que eu não tenho tempo...

— O que você estuda? — ele me interrompe.

O que esse homem tem na cabeça? Como assim o que eu estudo?

Fecho os olhos por uma fração de segundos, pedindo por paciência. Mesmo que eu queria explodir, não posso. Não sei por quanto tempo esses brutamontes podem ser tão passivos.

— Eu perguntei o que você estuda — ele diz quando não respondo.

Nossos olhos se encontram e eu noto uma linha delicada no meio das suas sobrancelhas. Ele parece intrigado ou curioso, não sei qual dos dois.

— Antropologia — murmuro, sem jeito.

— Interessante, Jolina Magdayao — fala meu nome de maneira pausada e isso faz a minha espinha arrepiar. E por algum motivo inexplicável, sinto o coração acelerar.

— Tanto faz — digo ao recuperar a lucidez. Ou parte dela. — Se o senhor não vai me vender ou me comprar, ou pegar um dos meus rins, eu quero ir embora. — Assim que fecho a boca, passo as mãos nos cabelos, torcendo para não ter dado ideia a essa gente doida.

E algo inacreditável acontece.

Ele ri.

O homem ri.

Não consigo esconder a surpresa. Estava começando a achar que fosse impossível alguém como ele fazer uma coisa dessa.

Os homens na sala continuam sérios e eu fico me perguntando se devo rir também ou mandar todo mundo ir à merda de uma vez.

— Fique tranquila, não curtimos tráfico humano. Ou tráfico de órgãos — fala, sorrindo.

Se as palavras que acabaram de sair da sua boca não fossem um completo absurdo, eu teria achado incrível a leveza na voz dele. Parece irreal alguém vestido desse jeito e com um olhar tão profundo ser leve de alguma forma, mas esse homem consegue ser assim. E pelo visto, sem problema nenhum.

— Qual é o nome do seu namorado, Jolina Magdayao? — ele quer saber.

— Ex-namorado — corrijo e ele assente. Parece esperar que eu diga mais alguma coisa, mas fico quieta. Se eu falar o nome do Tristan, com certeza ele ficará em maus lençóis e apesar de eu odiá-lo no momento, não sou o tipo de pessoa deseja o mal de alguém.

— Então?

— Ham? — sussurro.

— Eu preciso de um nome.

Engulo em seco e continuo calada, sem ter coragem de falar alguma coisa. Ele rompe a nossa pequena distância com dois passos e eu tenho que erguer um pouco o queixo para olhá-lo. O homem que riu poucos minutos atrás não existe mais. Agora, ele parece um leão ameaçador, pronto para atacar a caça.

E a caça sou eu.

— Senhorita Magdayao, eu preciso de um nome. Me diga, não vou perguntar de novo — ele ordena, levando uma onda de arrepio para a minha espinha.

— Tri-Tristan... Miller — gaguejo.

Ele recua um pouco e troca um olhar com um de seus homens, que parece pegar as ordens no ar, pois se afasta para fazer uma ligação e sai do escritório subterrâneo.

— Posso ir embora agora ou tenho que gritar por socorro?

Como em câmera lenta, ele volta para perto da mesa e depois, gira o corpo devagar para me encarar com intensidade, piscando devagar.

— Não costumo ser tão legal com qualquer um, mas vou dar uma dica, Jolina Magdayao.

Engulo o nó que se forma na garganta no mesmo instante em que respiro fundo, mas não encontro minha voz para dizer alguma coisa.

— Nunca peça por socorro — fala, me fazendo franzir a testa. — As pessoas não se importam e elas não costumam ir ao encontro de uma voz pedindo socorro. — Ele fica em silêncio por breves segundos e com os olhos fixo aos meus. — Grite fogo. As pessoas são curiosas e a curiosidade delas pode te salvar... eventualmente — acrescenta de uma forma sutil.

Não consigo dizer nada e nem desviar dos olhos profundos. O que ele disse faz sentido, mas por que diabos está me falando isso? Eu poderia muito bem gritar fogo igual a uma doida e chamar atenção de todo mundo dessa pizzeria.

— Podem levá-la — é ele quem fala, quebrando a nossa conexão.

— Não toque em mim — digo ao homem quase careca quando noto que está se aproximando. Ele para um passo de distância e aguarda em silêncio. Abaixo-me um pouco e chamo a Garota, que vem sem fazer cerimônia. Faço carinho na sua cabeça e deposito um beijo, sentindo o calor do homem de olhos intensos em mim. — Fique bem, Garota.

Fico de pé e não ousa olhar o mandachuva, embora ainda sinta que ele está

me observando. Dou as costas e subo as escadas para sair do escritório.

Faço uma oração silenciosa em agradecimento por ainda estar viva e a promessa de que começarei a aproveitar minha vida de verdade a partir de amanhã, porque hoje só quero chegar em casa e esquecer dessa noite louca.



Quando coloquei homens atrás do ladrão de cachorro, não esperava que me trouxessem uma garota. Deve ter a idade da minha irmã e mesmo sendo nova, não parece ser uma pessoa fraca.

Ela está assustada, no entanto, não abaixa a cabeça nem por um segundo. É petulante e tem um olhar afiado. Mesmo sem chance de um resultado positivo, ela parece com alguém capaz de avançar em cima do meu pescoço para se defender.

Os homens com nível hierárquico abaixo do meu, nunca ousariam me olhar do jeito que a garota está me encarando. E eu definitivamente, desaprovava qualquer um que fizesse isso, mas ela é quase como um desafio intrigante.

Aproximo-me e analiso o rosto machucado da garota. Apesar dos hematomas, ainda é bonita. Tem sobrancelhas grossas, cílios longos e pretos, olhos marrons e que parecem de um gato, lábios salientes e pele morena clara.

Levo a mão até a sua face e toco, fazendo-a pular para trás, assustada.

Depois de fazer parte da família Carbone, eu aprendi a ser alguém que não precisa de permissão para pegar alguma coisa. Se eu quero, é fácil, eu consigo.

Mas um inusitado sentimento de que fui longe demais com ela, incomoda meu peito e me ouço dizendo.

— Não vou machucar você.

Ela fica calada, me encarando.

— Quem fez isso com o seu rosto? Foi algum dos meus homens? — quero saber.

Nunca tive pretensão de ser um herói. Para ser honesto, heroísmo é algo que não existe no dicionário da minha família. Porém, eu cresci com valores e tenho minhas convicções.

Usar violência contra uma mulher indefesa não é algo que eu aprecie de modo algum.

Ao saber que ela já estava assim quando meus homens a encontraram, fico inquieto, o que é estranho. Não costumo me importar com os problemas que não tenham a ver comigo ou com a minha família.

Decido ignorar a sensação questionável e me concentro no problema que me diz respeito, Laila. Parece chacota, mas é isso. A cachorra é o motivo de eu estar aqui e não no meu apartamento, aproveitando minha noite.

Falho miseravelmente na missão de me concentrar no problema.

Jolina Magdayao é uma garota interessante. O atrevimento dela instiga algo dentro de mim e eu não consigo recuar. Ela parece um daqueles quebra-cabeças irritantes de cinco mil peças do tipo impossível de montar, mas que você não consegue desistir até vê-lo pronto.

E tem um sotaque tão sexy.

Quando ela se abaixa para fazer carinho em Laila antes de ir embora, não consigo tirar os olhos de cima dela.

Ordeno um dos soldados para segui-la até em casa ao ver a garota subindo as escadas sem olhar para trás.

Não devia estar fazendo isso. Meu contato com Jolina deveria acabar no momento em que ela deu as costas, mas não faço o tipo de homem que volta atrás com as decisões depois de tomadas.



Alguns dias depois...

— O que você tem pra mim?

Liam senta na cadeira à minha frente e me entrega um envelope marrom lacrado. Não parece muito feliz em ter vindo me ver num sábado à noite, mas ele não tinha escolha e eu não gosto de esperar.

— Eu devia cobrar hora extra — resmunga e Nicholas, meu melhor amigo, está pronto para repreender o garoto, quando eu impeço com um gesto.

Liam é novo, tem apenas vinte e um anos, mas é alguém com muita experiência e o melhor hacker que eu conheço. Foi difícil colocá-lo na folha de pagamento, porque era muita modernidade para o meu pai, mas Noah e eu conseguimos convencê-lo de que é importante ter alguém com o talento de Liam do nosso lado.

— O que você quer com esse cara? — ele pergunta, curioso, mas não me deixa responder. — Tristan Miller não é o nome dele de verdade.

Ergo uma sobrancelha na direção do Liam e em seguida, abro o envelope, lendo as informações sobre o ladrão de cachorro. Nasceu em Nova Iorque, mas cresceu em Toronto e atualmente, mora em Montreal. Tem vinte e seis anos e o nome verdadeiro dele é Mason Fox.

— Ele foi já foi preso — Liam fala antes que eu possa continuar lendo o relatório sobre o homem. — E existe uma ordem de restrição — continua e eu desisto dos papéis para prestar atenção no garoto.

— Ordem de restrição?

Ele assente em resposta, coçando a nuca.

— Sim, uma namorada do ensino médio. Ela o acusou de abuso sexual e agressão física. Mas não para por aí, ela não foi a única. Digamos, que Mason é um cretino que adora se aproveitar de uma mulher indefesa.

Meus olhos caem sobre os papéis em cima da mesa e é inevitável, o rosto da Jolina Magdayao invade minha cabeça sem autorização. Ela vem fazendo muito isso nos últimos dias.

É algo que me deixa inquieto e irritado, é claro. A garota não é meu problema, mas não consigo mantê-la longe da porra da minha cabeça.

Não tenho dúvida que os hematomas no rosto dela tenham sido obra desse filho da puta. O sangue nas minhas veias ferve só de imaginá-lo se aproveitando da fragilidade daquela garota.

De novo. Não é o meu problema, mas não consigo parar de me sentir irado.

Que porra é essa?

— Obrigado, Liam — é o que digo. — Como está a faculdade? — pergunto de repente, tentando ocupar a cabeça com outros assuntos.

O garoto enruga a testa, mas assente.

— Bem, bem. Como sempre, melhor aluno da classe — fala de maneira convencida e sorri.

— Noah ainda quer que você faça parte da nossa família. Já pensou sobre isso? — quero saber.

Liam deixa os ombros caírem e passa uma das mãos no topo da cabeça, assanhando os cabelos escuros.

— Eu ainda não sei, estou pensando.

Concordo com um leve aceno de cabeça. Liam é tão diferente de mim. Eu era apenas dois anos mais velho quando me juntei aos negócios da família e antes, não via a hora disso acontecer. Mas o garoto à minha frente, não parece tão ansioso para se tornar um membro oficial da nossa organização..

— Tudo bem, leve o tempo que precisar.

— Obrigado, Julian.

Liam levanta, mete as mãos dentro do casaco grande e vai embora do escritório. Não demora muito para Nicholas sentar à minha frente e sem pedir permissão, começar a remexer nos papéis que o hacker trouxe.

— Esse cara é um monte de lixo — resmunga, e eu concordo com um aceno de cabeça, pensando no que fazer. Noah disse para quebrar um nariz ou uma perna, mas Mason merece mais.

— Com certeza foi ele quem bateu nela — me ouço dizendo.

— Quem? — Nicholas retruca com as sobrancelhas loiras franzidas. — Ah, Jolina?

— Sim.

Ele dá de ombros.

— Provavelmente — fala e me encara com certa desconfiança. — Julian, o que você está pensando em fazer?

Abro a boca para responder, mas sou interrompido pelo toque do meu celular. É um dos soldados que coloquei na cola da minha irmã. Fecho os olhos com força e massagueio as têmporas antes de atender.

— O que foi? — é a primeira coisa que pergunto.

— A senhorita Carbone está meio descontrolada, eu acho que não dou conta. Você sabia que ela está armada? Ameaçou dar um tiro no meu saco se eu me aproximar ou continuar seguindo os passos dela.

Respiro fundo, exausto.

— Me passe o endereço, estou indo.



Nicholas estaciona o carro em frente à casa noturna. Há um amontoado de jovens na fila para entrar e daqui do lado de fora dá para ouvir a música alta e remexida. Abro a porta e desço, meu amigo faz o mesmo, me acompanhando até o segurança da boate, que ao me reconhecer, libera a nossa entrada.

Assim que entro, a visão é ofuscada pelas luzes que não param de piscar, a camada de fumaça no ar e gente dançando. Em questão de minutos, o soldado que estava seguindo minha irmã aparece.

— No bar — ele tenta falar mais alto que a música.

Nicholas e eu direcionamos os olhos ao bar e eu fico irado quando vejo minha irmã se agarrando de forma indecente com um idiota, que é ousado o suficiente para estar com a mão na bunda dela e apertar como se ele fosse a porra do dono do corpo de Romie.

Tentando controlar a vontade de explodir e meter um soco na cara do moleque, eu o afasto dela de forma abrupta. Romie está visivelmente bêbada e parece odiar o fato de eu estar aqui.

Tudo bem, também não estou nada feliz em ter visto a cena de segundos atrás.

— Cai fora — Nicholas diz ao garoto, que vai embora sem protestar.

— Cai fora você. Vai cuidar da sua irmã, Nicholas. Eu não preciso de outro irmão mais velho. Já tenho dois e são um pé no saco — Romie diz ao meu amigo, que contrai a mandíbula, mas fica quieto. — E você também, cai fora daqui. — Leva o dedo indicador até o meu peito e me cutuca com força. — Só quero curtir a minha noite.

— Já curtiu demais, vamos.

— Quem você pensa que é pra dizer que eu já curti demais? — questiona ao cruzar os braços na altura dos seios, me fazendo notar o vestido muito decotado e minúsculo que usa. Está mostrando coisas demais.

Sem dizer nada, tiro o sobretudo e coloco por cima dela, que resmunga e me manda ficar longe. Entrelaço os dedos com os da minha irmã e a puxo para fora da casa noturna. É claro que ela esperneia, mas ninguém parece se importar com uma bêbada.

— Eu tenho uma arma — grita quando estamos do lado de fora, chamando a atenção das pessoas na fila, que nos olham assustadas

— Ela está brincando — é o que eu digo ao tentar enfiar minha irmã dentro do carro. — Vamos, Romie, entre.

— Por que eu devo fazer isso? — pergunta com desdém.

Respiro fundo, reunindo toda a minha paciência e pouso as mãos nos ombros da minha irmã, fazendo-a olhar nos meus olhos. Ela tem as pupilas dilatadas e o batom borrado, não parece em nada com aquela garotinha doce que vivia me seguindo quando criança.

— Você precisa descansar, vamos pra casa.

— Não quero — diz ao enfiar a mão dentro da bolsa coberta de lantejoulas brilhantes e tirar um calibre 38. — Estou armada, não devia estar me chateando, Julian — resmunga, balançando a arma, como se fosse brinquedo.

Olho para os lados e fico aliviado ao notar que ninguém repara em nós. Sem dificuldades, pego o calibre das mãos de Romie, que me xinga em italiano e confiro o pente. Não está carregada, mas decido não devolver agora.

Faço-a entrar no carro e Nicholas ocupa o lugar do motorista, estou presta

a me acomodar no banco traseiro para ir de olho na minha irmã, quando eu a vejo.

Ela está no estacionamento a céu aberto que fica quase de frente para a casa noturna. Jolina discute com um homem com o dobro do seu tamanho e mesmo com pouca luz e a distância, eu o reconheço.

É Mason Fox.

Sinto raiva por ele estar andando sobre as duas pernas e tratando Jolina como se ela não fosse nada.

— Você não vai entrar? — Romie pergunta e eu acabo fechando a porta traseira do carro. Ela resmunga.

— Não saia daí — é o que falo ao passar pelo veículo.

Antes que possa atravessar a rua, noto Nicholas na minha cola. E o odeio um pouco por ter deixado minha irmã sozinha. Se ela fugir vai ser uma dor de cabeça.

— O que está fazendo? — questiono.

— Precisa de ajuda? — rebate, me fazendo olhar para o estacionamento.

— Não se preocupe, cuide da minha irmã — falo e lanço uma olhadela em direção ao carro. Meio contrariado, Nicholas volta, mas não entra, fica me observando encostado no veículo.

— ... me solta, imbecil — Jolina grita ao espernear, mas Mason aperta seu braço com força e a impede de se afastar.

— A culpa dessa porra toda é sua.

— Vai à merda — ela crispa.

Aproximo-me dos dois e sem dizer nada, tiro as mãos sujas de Mason do braço da garota, que me observa com o cenho franzido.

— Você está bem? — pergunto, mas ela não me responde.

— Cara, isso não é da sua conta, é melhor dar o fora daqui.

Abro um sorriso irônico para ele e me aproximo, prendendo seus olhos aos meus. A vontade que tenho é de pegar o calibre 38 que escondi no terno e enfiar no cu dele. Talvez assim, Mason aprenda a não maltratar mais uma mulher. Ou

talvez, não. O cara é um bosta, não parece nem um pouco arrependido.

O mundo será um lugar melhor sem ele.

— Não me reconhece? — é o que falo.

— Deve ser um riquinho babaca — rebate.

Assinto, concordando.

— Mais ou menos — retruco. — A diferença é que eu odeio homens como você e posso fazer algo sobre isso — digo, tirando do terno o calibre 38 que peguei da Romie.

Os olhos de Mason se arregalam para a arma e sem pensar duas vezes, ele sai correndo. Não esperava mais. O homem é um frouxo. Viro-me para Jolina que tem as mãos levantadas em rendição e caminha de ré, sem conseguir desviar a atenção do calibre.

— Não se preocupe, não está carregada — digo, mas ela está tão assustada, que não me escuta. Antes que mais alguém me veja com a arma, guardo-a dentro do terno outra vez. — Cuidado! — grito quando noto uma moto se aproximando, mas isso só faz com que ela se assuste mais e vá de encontro com a motocicleta.

Jolina é atropelada e cai no asfalto desmaiada.

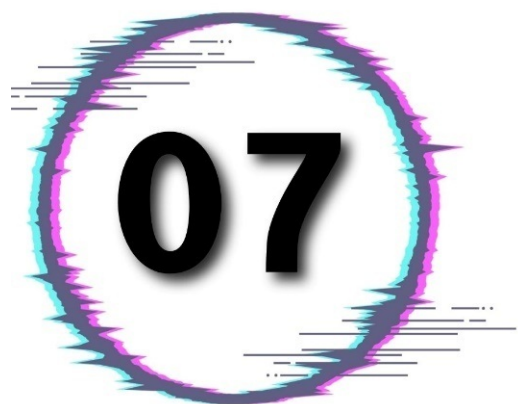
— Droga!

Corro até ela e Nicholas faz o mesmo. A calça jeans foi rasgada e parece que a garota quebrou o pé. O piloto da moto parece ter sofrido só alguns arranhões, o que acaba me deixando enfurecido, mesmo sabendo que a culpa disso tudo é minha.

Merda!

A culpa é minha, o que significa que Jolina se tornou o meu problema.

Minha responsabilidade.



Lina



Abro os olhos e encaro o teto. Fico confusa quando não reconheço o lugar. Sento na cama e gemo de dor ao sentir uma fincada no meu pé esquerdo. Arrasto o edredom para o lado e noto que estou vestindo um conjunto de moletom branco e que meu pé está enfaixado.

Sinto o coração na garganta quando alguém abre a porta do quarto desconhecido. Entra uma senhora de meia idade, usando roupas confortáveis e de cabelo preso em um coque baixo. Ela sorri e gesticula com as sacolas da Gucci que está segurando.

— Como você está se sentindo? — pergunta, mas eu não encontro a voz para responder. — Espero que seja o seu número. — Coloca as sacolas em cima da cadeira acolchoada perto da janela. — Se precisar de alguma coisa, pode me chamar. Eu fico por aqui até às dezoito — é o que diz antes de sair do quarto e me deixar sozinha novamente.

Olho ao redor e busco na memória os acontecimentos da noite passada. Eu fui à balada com alguns amigos da faculdade e encontrei Tristan, que estava me seguindo. Furioso, aliás. Segundo ele, eu fui burra demais por ter sido pega pelo roubo da Lulu da Pomerânia e que não devia ter dito o seu nome quando fui

levada contra a minha vontade para um escrito subterrâneo muito suspeito.

Aí meu Deus!

É isso. Aquele homem intenso e de olhar marcante apareceu, tentou me ajudar, mas estava com a porra de uma arma e depois disso, só lembro de ter ido de encontro com uma moto no meio da rua.

Com dificuldade, levanto da cama e mancando, caminho até a cadeira perto da janela e dou uma espiada na vista. Devemos estar pelo menos no vigésimo andar e não faço a mínima ideia de onde estou, mas parece ser um bairro chique. Deixo as vistas caírem sobre as sacolas da Gucci e acabo revirando.

Jesus amado! Tem calcinha e sutiã. Sinto o rosto formigar de vergonha e acabo deixando as roupas de lado.

Noto que minha bolsa está em cima da cômoda ao lado da cama. Tento correr até ela, mas meu pé enfaixado e dolorido não deixa. Assim que consigo pegá-la, vasculho e encontro meu celular, os documentos e a chave do meu apartamento. Está tudo no lugar, não falta nada.

Com o smartphone na mão, decido que é hora de sair do quarto. Não parece que estou sendo mantida em cárcere privado e preciso saber o que diabos estou fazendo aqui.

Abro a porta e enfio a cabeça para fora, noto o pequeno corredor de paredes claras e alguns quadros com artes geométricas. Levo ar até os pulmões e vou em frente, mancando e tentando não fazer muito barulho.

Assim que chego na sala ampla com grandes sofás macios e de formato em L, noto a mesa de jantar feita de vidro transparente, parte da cozinha e uma adega climatizada de design moderno cheia de vinhos. O chão todo é em madeira escura, o que dá contraste com as paredes brancas e os móveis claros.

— Bom dia, Jolina.

Ao ouvir a voz profunda e grossa, sinto o coração na garganta. Olho para trás e encontro o mandachuva, usando blusa cinza e de mangas curtas, calça moletom e pés descalços. Ele não faz aquele tipo de homem que é puro músculo,

mas dá para notar que os braços são definidos e até consigo imaginar as marquinhas dos gominhos no abdômen.

Meu Deus, qual é o meu problema?

— O que estou fazendo aqui? — pergunto e fico feliz de ter conseguido dizer alguma coisa. — Senhor... — acrescento.

Ele passa por mim e vai em direção à cozinha, se alongando. Engulo em seco e tento não ficar secando o homem.

— Primeiro, não me chame de senhor.

— Ah, certo, senh... — minha frase morre ao notar os olhos deles em mim. — O que estou fazendo aqui?

— Você foi atropelada por uma moto e torceu o tornozelo — fala ficando de costas para mim enquanto enche uma xícara com café. — Não se preocupe, nada grave, mas vai ter que ficar uns dias em repouso. Estou feliz de não ter quebrado o pé.

Ele age como se não fosse estranho ter uma desconhecida na sua casa. De pé enfaixado ainda por cima. Que homem louco é esse?

— Hãh?

— Você quer café? — o mandachuva quer saber.

— E por que diabos eu estou aqui? — disparo, ignorando a sua pergunta. — Eu não devia estar num hospital? Sei lá. Por que me trouxe... pra sua casa? Eu nem sei o seu nome. Eu nem sei quem você é. — Sinto o rosto queimar ao me dar conta de algo. — Ai meu Deus, você comprou roupa íntima pra mim? — pergunto, incrédula.

Ele sorri, fazendo os olhos ficarem meigos e eu me pergunto como ele pode ser tão duro, impenetrável em uma hora e depois, parecer com alguém normal.

— Julian Carbone — fala.

— Huh? — retruco.

— Eu me chamo Julian Carbone. — Por algum motivo inexplicável, ele prende os olhos aos meus e ficamos em silêncio pelo que me parece uma

eternidade, até que consigo reunir forças e desviar. — E sim, você deveria estar em um hospital, mas o acidente é culpa minha e estou me responsabilizando pelo que aconteceu.

Explodo em uma risada debochada, fazendo o mandachuva, que agora tem nome, contrair a mandíbula e prensar os lábios em uma linha reta.

— Sim, é culpa sua. Você estava com a merda de uma arma apontada pra mim.

Julian nega com a cabeça e passa uma das mãos entre os cabelos escuros e grossos. Parece com alguém que teve a paciência esgotada.

— Nunca aponte a arma pra você e mesmo assim, estava descarregada.

Mancando, me aproximo da ilha da cozinha. Sem que eu tenha pedido, ele enche uma xícara de café e arrasta o material de porcelana até próximo de mim, me deixando um pouco desestabilizada.

Estamos no meio de uma discussão e o homem querendo ser bom samaritano.

— Isso não muda o fato de que você estava carregando uma arma como se fosse um acessório.

— Ele batia em você? — pergunta de repente e eu engulo em seco, sem conseguir responder. Fixo os olhos em Julian, que mantém a atenção presa em mim e abro a boca, mas fecho um segundo depois. — Ele batia em você — conclui quando não digo nada.

Abaixo a cabeça e mordo o lábio inferior com força, me sentindo ridícula. Tristan ter me batido mexe com tanta coisa dentro de mim, que sou incapaz de falar as palavras em voz alta. Dói e é humilhante demais.

— Aquele homem... — Julian começa a falar, capturando meus olhos. — Ele não merece sua proteção.

— Eu sei, não estou protegendo aquele imbecil — digo entre os dentes, sentindo o coração acelerar. — Uma vez... foi só uma vez — murmuro encarando a xícara de café na ilha.

— Não se preocupe, Mason não vai mais tocar em você.

Enrugo a testa. *Mason?* O quê? Com certeza ele está confundindo Tristan com outra pessoa. E como assim ele nunca mais vai tocar em mim? O que esse homem é? O que ele vai fazer?

— Mason? Do que você está falando? — retruco, intrigada.

Julian passa as mãos entre os cabelos mais uma vez, pensativo. Por um momento, parece que ele não está mais aqui, na minha frente. Os olhos continuam profundos, mas ao mesmo tempo, lembram o completo vazio.

— Não se preocupe com isso, Jolina

Ele fica de pé, largando a xícara meio cheia na pia e caminhando rumo a uma porta no corredor, que eu só noto agora. Deve ser o quarto dele ou um escritório, eu não sei.

— Obrigada por ter cuidado de mim. Vou embora em menos de uma hora.

Não devia estar avisando da minha partida, mas a boca foi mais rápida que meu cérebro. E bem, ele me acolheu depois do acidente, e mesmo que a culpa tenha sido dele, se fosse outra pessoa, teria me deixado na rua ou no hospital.

O homem alto paralisa os passos ao ouvir as palavras. Devagar, Julian gira nos calcanhares e me olha de um jeito estranho, como se não acreditasse no que acabou de escutar.

— Por quê? Você está segura aqui, Jolina e eu aconselho que permaneça neste apartamento. Mason, seu ex-namorado, é um cara perigoso e ele pode querer te machucar de novo.

Dou alguns passos mancando para frente e balanço a cabeça, tentando organizar os pensamentos.

— Meu ex-namorado se chama Tristan, e não Mason. E como assim ele pode me machucar de novo? Do que você está falando?

Depois de fechar a boca, me sinto uma idiota de nível máximo. Não precisa ter uma bola de cristal para saber que ele me machucaria de novo. Na verdade, ele só não fez isso ontem por causa de Julian Carbone e a bendita arma.

— Não vou entrar em detalhes, mas ele não se chama Tristan. Leve em consideração e fique aqui, me sinto responsável por você.

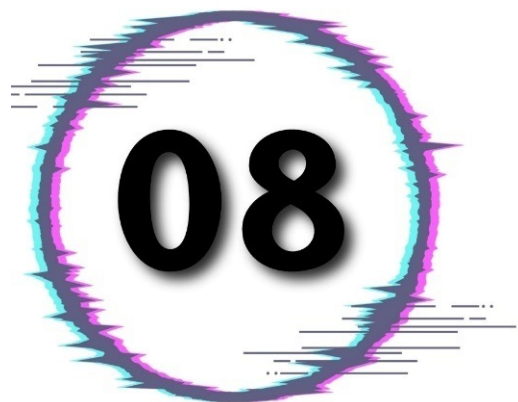
— Por quê? Por que se sente responsável por mim? — questiono, confusa. Não tem lógica o que ele disse. Ou talvez tenha sim, o homem é doido.

É visível, Julian fica sem jeito. Acho que nem ele sabe o real motivo dessa palhaçada toda. Ok, tudo bem, fui atropelada por causa dele. Mas uma pessoa normal me levaria em um hospital, pediria desculpas e depois de saber que eu não fiquei com sequelas, cairia fora.

No entanto, esse homem parece funcionar de uma forma diferente dos demais. Ele me trouxe para própria casa e ainda me deu conselhos para permanecer aqui até cuidar do meu ex-namorado?

Que tipo de trabalho ele faz?

— Se você quiser ir, tudo bem, mas pelo menos espere o doutor Michael. Ele virá depois do almoço checar você — é o que fala, dando as costas para mim de novo e entrando no próprio quarto.



Lina



— Uma semana de repouso, analgésico pra dor, compressa de gelo de duas a três vezes ao dia e manter o pé elevado sempre que possível — é o que o doutor Michael diz enquanto volta a enfaixar meu pé torcido.

Ele é um homem de meia idade, barba e cabelos grisalhos, pele morena e é dono de um sorriso gentil. Parece que é o médico da família do Julian, não entendi bem, mas foi ele quem me examinou ontem de noite.

— Obrigada, doutor.

Eva, a mulher que cuida da casa de Julian, acompanha o médico até a porta. E eu fico sentada, pensando. Eu deveria estar correndo ou tentando correr na direção da saída desse apartamento e indo embora também. Mas devo ter algum problema, pois não movo nenhum músculo.

Julian é intenso e às vezes, assustador, mas não acho que ele vá me fazer algum mal. E bem, Eva disse que ele é um bom homem. Não levo em consideração, ele paga o salário dela. Deve pagar para que as pessoas falem bem dele também.

Meu lado racional quer ir embora o quanto antes e o lado irracional não vê problema em ficar. Talvez Julian esteja certo e seja mais seguro permanecer por

aqui. Pelo menos até a possível história com Tristan se resolver.

E Deus, o que será que aconteceu? Ele não se chama Tristan e sim, Mason? E como assim ele é perigoso e pode me machucar de novo? Machucar de que jeito? Nada faz sentido.

O melhor deve ser ir embora mesmo. Beleza, é isso. Não vou ficar aqui, na casa de um estranho doido.

Mesmo depois de ter decidido que vou partir, permaneço sentada no grande sofá. É tão macio e confortável, e Eva acabou de trazer uma xícara com chocolate quente para mim. Ela deve pensar que ainda sou uma adolescente, mas quem se importa? Chocolate quente num frio desses é impossível de recusar.

— Cadê o Julian? — pergunto como se eu e ele fôssemos íntimos.

— Trabalhando — ela responde.

Ergo uma sobranceira, ligeiramente curiosa. Deve ser a minha oportunidade para saber o que esse homem faz da vida.

— Num domingo?

— Eu também estou trabalhando num domingo — fala ao me lançar uma olhadela por cima dos ombros. — Dr. Michael também está trabalhando num domingo.

Prendo os lábios e assinto, fingindo um meio sorriso ao perguntar:

— Ele trabalha de que?

— Ele é herdeiro do senhor Carbone, o magnata do cassino — é o que me diz, como se isso fosse muita informação. Fico tentada a perguntar se ser herdeiro de alguma coisa é emprego, mas fico quieta.

Coloco a xícara em cima da mesinha de centro, pego celular e digito na aba do Instagram "*Julian Carbone*" e espero, torcendo para que eu encontre algo relevante sobre ele. Não tenho muito sucesso, Julian não é um homem que atualiza muito as redes sociais. A última foto foi postada há seis meses.

Decido expandir minha pesquisa e imigro para o Google. Acabo descobrindo que ele se chama Julian Lorenzo Carbone. Existem alguns artigos sobre a sua família e eu clico no mais recente e leio. Eles vieram para Montreal

na década de 50 e abriram o Carbone Hotel Cassino na cidade, que cresceu absurdamente nos últimos quinze anos.

Julian tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova, é solteiro e tem trinta e dois anos. É formado em administração e trabalha com o pai, cuidando da parte administrativa do Cassino da família.

— Encontrou algo relevante? — Eva pergunta, me fazendo sobressaltar e quase pular do sofá. A mulher estava com o rosto próximo ao meu, observando em silêncio eu bisbilhotar.

Bloqueio a tela do celular e abro um sorriso largo, fingindo que não estava procurando coisas sobre o homem que está me hospedando.

— Não sei do que você está falando — digo ao esticar o braço e pegar a xícara com chocolate quente.

Eva semicerra os olhos e abre um sorrisinho cínico.

— Você deve ser uma garota especial, senhorita Jolina — fala e caminha em direção à cozinha, me deixando confusa. Antes que possa perguntar, ela continua: — É a primeira vez que o vejo trazendo uma mulher para dormir em casa. Mesmo na mansão Carbone, Julian nunca fez isso. Ele sempre foi um homem muito reservado.

Bebo um gole de chocolate quente e fico em silêncio, sem saber o que dizer. O que isso significa? Não sou especial, ele só está se responsabilizando de uma forma bem estranha pelo meu tornozelo torcido. E Jesus amado, por que ainda continuo aqui? Qualquer pessoa em perfeita sanidade mental sairia correndo, mas por que não consigo fazer isso?

Está na cara que Julian Lorenzo Carbone não é alguém com quem eu deva me envolver. A coisa mais sensata a se fazer é pegar a minha bolsa e sair daqui o mais rápido possível e não procurar coisas sobre ele na internet.

Onde foi parar o meu juízo?



Dezoito horas e ponto, Eva vai embora e eu ainda não sei o que estou fazendo aqui. Desisti de tentar entender também como funciona minha cabeça. Por mais que meu lado racional esteja pronto para sair correndo para longe, não é exatamente isso que meus pés querem fazer.

Ao ouvir gente conversando detrás da porta, tomada pela curiosidade, acabo me arrastando até lá. Colo o ouvido no material de madeira frio e noto que são homens, rindo e conversando. Sem saber muito bem se devo fazer isso ou não, abro a porta, enfio metade da cabeça para fora e espio.

Ao ver o homem loiro de cabelo quase raspado do outro lado do corredor, fico sem reação. Ele endireita a postura e depois de ajeitar o terno bem passado, vem até mim.

— Precisa de algo?

— Não, obrigada — respondo ao encontrar a voz. — O que estão fazendo aqui? — quero saber.

Se eu posso ir embora na hora que eu quiser, por que motivo, razão ou circunstância existem três brutamontes do lado de fora da porta? É claro que isso é cárcere privado, Julian só me fez achar que não. Mas que belo bom samaritano este homem me saiu.

— Cuidando da sua segurança — fala como se fosse óbvio.

— E se eu quiser ir embora? — questiono com uma sobrancelha erguida, mas feliz por a porta nos separar e ele não ter ousado se aproximar muito.

— Tenho ordens para acompanhá-la até em casa.

Irritada e sem entender toda essa merda, fecho a porta na cara dele, como

uma adolescente mimada. Manco até o sofá e sento, abraçando uma almofada. Eu deveria estar discando o número da polícia e pedindo resgate, mas em vez disso, mando mensagem para minha melhor amiga.

“Sofri um acidente de moto ontem. Um homem bonito e rico se sente responsável por mim e me levou pra casa dele. É muito estranho ou só estranho?”

Ela me liga cinco minutos depois.

— Que história é essa? — é a primeira coisa que pergunta.

— Você sabia que Tristan não se chama Tristan, e sim, Mason? — rebato.

— O quê? Mas que merda você está falando?

Apoio a cabeça nas costas do sofá e fecho os olhos, respirando fundo.

— Eu não sei o que fazer.

— Onde você está, Lina?

— Em Downtown^[11] — é minha resposta. Eva havia me dito em que bairro fica o apartamento de Julian. Antes que Sophia possa falar, eu acrescento. — Sofri um acidente de moto ontem por causa dele, no entanto, foi ele também que me ajudou com Tristan... Mason.

— Ele quem? — retruca e até posso imaginá-la com as sobrancelhas grossas franzidas. — Lina, você tá drogada?

Explodo em uma risada, deixando minha melhor amiga furiosa e resmungona.

— Eu não uso drogas — digo a meu favor.

— Pra tudo tem uma primeira vez na vida — rosna do outro lado da linha. — E do que diabos você está falando? Foi atropelada por uma moto de verdade? Você está bem?

— Sim, torci meu pé e preciso de repouso, mas está tudo no lugar.

— Lina, onde você está? — pergunta de novo.

— Já disse, em Downtown, na casa do homem que me ajudou — falo e jogo a almofada para longe. — É estranho, não é?

— Vocês estão juntos? É isso?

Endireito-me no sofá de boca escancarada. Não acredito que minha melhor amiga acabou de me perguntar isso.

— Claro que não, eu nem conheço o homem direito.

— Então, o que está fazendo aí? Qual é o nome dele? — quer saber.

— Eu não sei o que estou fazendo aqui e o nome dele é Julian Lorenzo Carbone — crispo no exato momento que o mandachuva entra no apartamento. É claro que ele ouviu seu nome saindo da minha boca, pois está tirando o sobretudo enquanto me encara com uma sobrancelha erguida. — Preciso desligar. Tchau. — Encerro a ligação sem esperar por repostas.

— Você ainda está aqui — diz, deixando os sapatos no hall de entrada. — E pelo visto, falando de mim. E sabe o meu nome completo. Andou pesquisando?

— Era minha melhor amiga no telefone. E sim, eu ainda estou aqui na sua casa, e sim, eu andei pesquisando, porque precisava saber coisas relevantes sobre o anfitrião — murmuro e dou de ombros. — Você disse que eu podia ir embora na hora que eu quisesse, mas deixou três brutamontes do lado de fora da porta.

— Eles estão cuidando da segurança — é a desculpa esfarrapada que ouço saindo da sua boca bonita e irritante.

— Não tem medo que eu chame a polícia?

— Vá em frente, chame — me encoraja.

Maldito arrogante.

Olho para Julian e depois para o celular nas mãos. Decido discar o número da polícia e coloco no viva-voz. Noto o músculo do seu maxilar contrair. Ele não acreditava de verdade que eu fosse chamar.

— Central da polícia de Montreal, qual é a emergência? — a atendente do outro lado da linha pergunta.

Julian Lorenzo Carbone me encara, os olhos irradiando fogo.

— Ah, é da polícia? Eu sinto muito, achei que fosse do meu restaurante favorito — digo e encerro a ligação.

Mantenho a expressão impassível, mas o coração está acelerado que nem uma batedeira.

— Você está brincando com fogo — me avisa.

— Não se preocupe comigo, foi por pouco que não me tornei bombeira — minto, é claro.

Ele dá um pequeno sorriso e vem até mim, me fazendo prender a respiração por alguns segundos. Abre o botão do terno de design moderno e senta no sofá, mantendo uma distância segura entre nós.

— Meus homens estavam apenas protegendo você — fala ao esticar o braço sobre o encosto do sofá e tamborilar os dedos longos pelo material macio. — Como está o seu pé? — pergunta, de repente.

Aperto o celular entre as mãos e mordo o lábio inferior com força, soltando uma longa respiração. Engulo em seco e encaro Julian, que continua com os olhos em cima de mim.

— Bem. Uma semana de repouso e analgésicos quando sentir dor.

Julian assente e depois arregança a manga direita do terno, conferindo as horas no relógio de pulso.

— Você está com fome?

Enrugo a testa, confusa.

— O quê?

— Quer jantar?

Balanço a cabeça de um lado para o outro e passo as mãos entre os cabelos, tentando recuperar a lucidez, que parece se perder toda vez que esse homem está por perto.

— Não posso ficar aqui — digo de uma vez, fazendo-o desviar os olhos de mim. — Amanhã tenho aula e preciso trabalhar.

— É por isso que não pode ficar? — questiona, mas não espera por respostas. — Você tem uma semana de folga do trabalho e a universidade de

Montreal já foi avisada. Foi tudo resolvido.

Arregalo os olhos, espantada com as palavras que acabei de ouvir. O homem só não sabe onde eu trabalho e estudo, como já resolveu tudo para mim? *Meu Deus!* O que Julian é?

— O que você fez?

— O necessário — é o que diz ao levantar e tirar o terno, jogando-a em cima do sofá. Depois, começa a dobrar as mangas da blusa social e me olha com as sobancelhas levemente erguidas. — Você está com fome? Eu estou.

— Hãh?

— Está com fome? — repete. — Vou cozinhar alguma coisa.

— Você sabe cozinhar? — é o que eu pergunto.

Fiquei doida.

Devia estar querendo saber como ele descobriu onde eu trabalho ou melhor, arrumando minhas coisas e indo embora o mais rápido possível, mas estou aqui, perguntando se o homem sabe cozinhar.

— Parece muito surpresa, Jolina Magdayao. Nunca conheceu um homem que sabe cozinhar?

— Não é isso. — Sacudo a cabeça. — Você não parece com alguém que sabe cozinhar. Você sabe?

— Sim, eu sei, por isso, estou dizendo que vou cozinhar alguma coisa. Muito surpresa?

— Um pouco — admito.

Julian estica o canto dos lábios em um sorriso e eu não consigo desviar os olhos da boca dele. É uma boca muito bonita e convidativa, e com certeza é capaz de dizer atrocidades. E mesmo tendo consciência disso, não consigo afastar as vistas.

— Se conhecesse minha mãe, saberia o porquê de os homens da família saberem cozinhar — Julian fala de um jeito tão leve, que sinto meus lábios se transformando em um meio sorriso.

Observo-o ir até a ilha da cozinha e em vez de ir para o lado contrário,

caminho com passos mancos até a banqueta e me acomodo em cima dela, admirando o homem que vai começar a cozinhar.

— Nossa relação é estranha — assumo, fazendo-o concordar com um aceno de cabeça. — Você sabe disso, não é?

Ele me ignora, abre a geladeira e tira alguns ingredientes.

— Lorenzo, você tem um jeito diferente de socializar com os outros. Você não funciona como as pessoas normais. Você vive no mesmo mundo que o meu?

O homem arqueia a sobrelanceira esquerda para mim e ergue o queixo. Se ele quer me intimidar, não está conseguindo. Só consigo perceber o quanto esse cretino é bonito. Ele tem razão, talvez eu esteja mesmo brincando com fogo.

— Eu não sou como as pessoas normais — retruca. — E provavelmente, eu vivo em um mundo diferente do seu.

Escancaro a boca e finjo surpresa.

— Sério? Eu realmente não tinha notado isso — provoco. — Droga — xingo, tentando segurar o riso.

— Você também não é como as mulheres que eu conheço. Tem a boca grande e fala demais. É atrevida e com facilidade consegue esgotar a minha paciência.

Reviro os olhos.

— Julian Lorenzo, você precisa sair mais. Acho que é novidade pro seu mundo, mas existem muitas mulheres como eu. Atrevidas e de boca grande.

Ele cruza o olhar comigo.

— Algo me diz que você é única.

Engulo o nó na garganta.

Tenho certeza que Julian não é o tipo de homem com quem eu deva me envolver. Ele parece perigoso, como um paraíso sombrio e sedutor. Mas por que não consigo me afastar dele?



Depois de ouvir minhas palavras, Noah arqueia uma sobrancelha, mas não diz nada. Balança a cabeça de um lado para o outro e acende o cigarro entre os dentes com o isqueiro.

É claro que ele não concorda com a minha atitude, mas não me vejo fazendo as coisas de um jeito diferente. E não conseguiria dormir sossegado se deixasse Jolina sozinha enquanto Mason anda sobre as duas pernas por aí.

De fato, eu trouxe mais problema e responsabilidade para minha vida. Mas desde a noite em que coloquei os olhos nela, parte de mim sabia que ela seria a porra da minha ruína.

Uma ruína irritante e de boca atrevida.

Mesmo assim, ela é apenas uma garota, que não tem nenhuma família por perto e que sofreu um acidente por minha causa. Ou talvez, eu só esteja inventando desculpas para me responsabilizar por Jolina.

Droga.

Pela primeira vez, não estou pensando com clareza. Que merda é essa?

— Por que a trouxe pra cá? — Noah pergunta ao sentar na cadeira da mesa da varanda. — O que tinha na cabeça?

— Você teria feito diferente? — questiono sem elevar a voz, mas encaro meu irmão, que dá uma tragada no cigarro.

— Sim, teria deixado a garota se recuperando no hospital. Fácil e simples — resmungo e arqueio uma sobrancelha, como se fosse a coisa óbvia a se fazer.

— Ele bateu nela — falo ao fixar a vista no centro da cidade e apoiar um dos braços no parapeito da varanda.

Não é da minha conta, no entanto, é mais um motivo pelo qual a garota precisa de proteção.

— Aprendi a odiar homens assim, não podia ficar quieto — digo quando Noah fica calado.

— É mesmo? Ou é apenas um motivo pra explodir de novo? — meu irmão quer saber. — A raiva parece boa, mas não resolvemos nada assim, Julian. Já devia ter aprendido algo com isso.

Contraio a mandíbula, mas não ousa retrucar, embora tenha vontade de falar o quanto ele está errado.

Jolina surge na sala, usando um conjunto de moletom rosa e com os cabelos presos em um rabo de cavalo.

— Ah, oi, bom dia — murmura e levanta a mão para dá uma espécie de “tchau” de leve.

Meu irmão observa a garota por longos segundos, em seguida, apaga o cigarro no cinzeiro em cima da mesa de vidro e fica de pé, em seguida, vai adentrando a sala e caminhando até próximo dela.

— Então, você é a Jolina — diz, sorrindo.

Ela olha para mim e sem saber o motivo, acabo assentindo e ela estende a mão para Noah.

— Sim, Jolina Magdayao.

— Noah Carbone — fala ao pegar a mão da menina em cumprimento.

— Eu só vim pegar um café — comenta sem jeito e se afasta, indo em direção à cozinha. Parece curiosa, pois não consegue parar de dar olhadelas por cima do ombro para nós.

— Quando vai contar a mamãe? Ela vai pirar quando souber disso.

— Não vou contar — é o que digo, fazendo Noah me olhar de forma cética.

Ele respira fundo, assentindo.

— Olhe pra ela, Julian — fala, me fazendo olhar Jolina na cozinha. — De homem pra homem, vou te dar um conselho.

Tenho vontade retrucar e dizer que não preciso de conselhos de um cara que está casado há três meses e ainda nem conseguiu fazer a esposa parar de odiá-lo, mas fico quieto.

— Essa garota não é pra você — diz sério, me deixando com um gosto amargo na boca.

De saco cheio, saio de perto dele, antes que eu exploda de vez e comece uma briga com meu irmão. Ao passar pela sala, meu olhar acaba cruzando com o de Jolina.

Merda!

Noah tem razão.

Onde eu estava com a cabeça quando trouxe essa garota para minha casa? O que deu em mim? Em vez de ficar sábio com a idade, estou ficando burro.



— Livros?

Jolina pega a sacola de livros que ofereci e revira, lendo os títulos ao mesmo tempo que morde o lábio inferior. Sei que é hora de desviar os olhos, mas não consigo. Quando ela levanta as vistas para mim, finjo verificar as horas no relógio de pulso.

— Por que livros? — ela quer saber.

— Você tem que ficar uma semana de repouso, achei que os livros ajudariam.

— Quem disse que vou passar uma semana aqui? — rebate, me fazendo suspirar.

— Ok, leve pra sua casa os livros. Garotas da sua idade gostam desses romances. Minha irmã gosta, são recomendações dela.

— São todos da sua irmã? — Gesticula com um dos livros que tem capa com cores escuras e um homem de terno com metade do abdômen de fora com o título “*Green Card – Um magnata em minha vida*”. — Interessante. Romance erótico, eu gostei — diz ao ler a sinopse e sem saber muito o motivo, fico sem jeito.

Afrouxo o nó da gravata e suspiro.

Minha irmã não é mais uma garotinha. Ela até lê romance erótico. Quando foi que Romie cresceu tanto?

— Obrigada, Julian. Geralmente, quando as pessoas descobrem o que eu estudo, acham que eu só gosto de ler livros sobre antropologia. — Ela sorri e eu assinto, agradecendo em silêncio por ter escutado os conselhos de Nicholas para pedir ajuda à minha irmã sobre livros que as garotas gostam de ler hoje em dia. — Vou fazer bom proveito.

— Ah, claro.

Ela estica o corpo e coloca os livros em cima da mesinha de centro, sem tirar o pé enfaixado do banco acolchoado. Ou Jolina é uma ótima paciente, já que está fazendo tudo que o Doutor Michael pediu ou só quer ficar boa o quanto antes para ir embora daqui.

— De verdade, você não acha estranho? — fala ao soltar o cabelo castanho-escuro do rabo de cavalo. Não consigo parar de olhá-la. Acho que manter Jolina na minha casa pode ser um problema. — Hospedar uma estranha na sua casa?

— É pro seu bem — é minha resposta.

— Tá certo, mas eu preciso de explicações — retruca. — O que Mason pode fazer comigo? E Deus, como você sabe que o nome dele é Mason e não Tristan? Explicações, é o mínimo que eu mereço.

Sento no sofá e passo a mão no topo da cabeça, contrariado.

Não estou acostumado a ficar dando explicações do que eu faço para uma mulher. Eu nunca precisei disso. E Rebecca não sabia o que minha família fazia. Confesso, que me deixa um pouco irritado Jolina ser tão curiosa. Por que não aceita que o melhor é ela ficar aqui até eu dar jeito no filho da puta de Mason?

Meu celular toca e eu levanto para atender, sem responder à Jolina, que parece ficar furiosa. Ela caminha mancando até o quarto de hóspede, levando os livros, é claro. Talvez a garota fique entretida e me deixe fazer o meu trabalho.

— Me diga que encontrou o desgraçado — falo ao atender a ligação de Nicholas.

— Não — diz, me deixando de mau humor — Depois daquela noite, ninguém mais viu Mason. Acho que ele se escondeu no lado Oeste. Temos que esperar, Julian.

— Acha que a família Fontana está escondendo Mason?

Nicholas respira fundo antes de responder.

— Provavelmente.

— Droga! — resmungo e encerro a ligação, apertando o celular com força.

Arrasto-me até a adega para pegar uma garrafa de vinho e depois volto para os armários da cozinha, procurando uma taça. Encho de vinho e bebo um gole generoso, tentando me controlar e não fazer besteira.

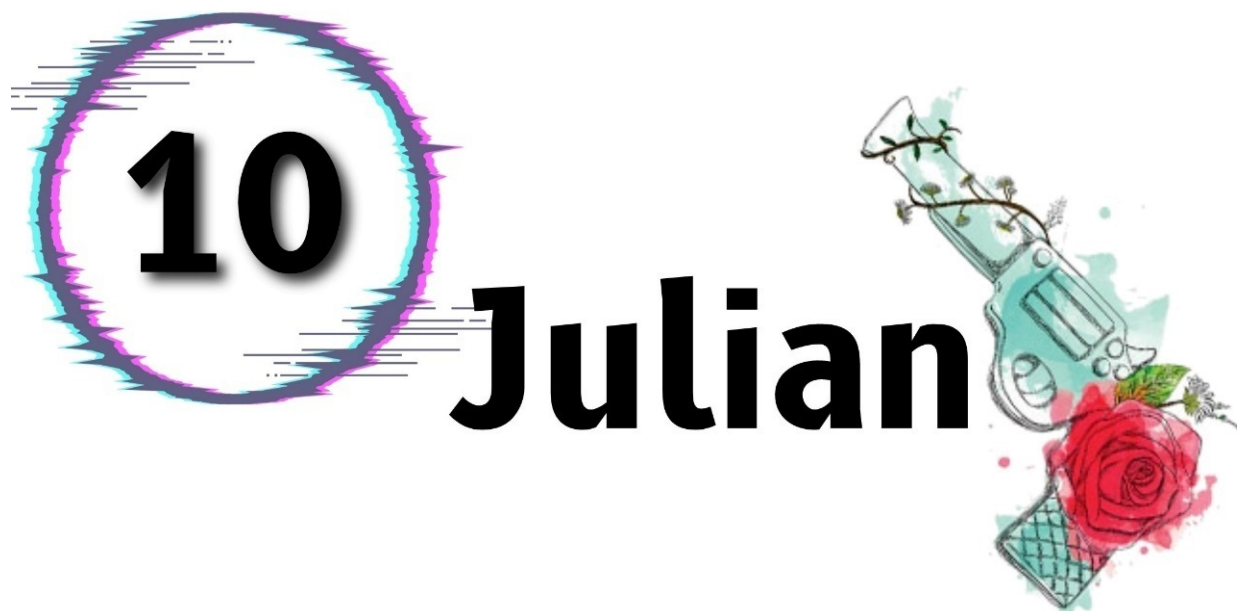
Não posso travar uma guerra com a família Fontana, seria uma dor de cabeça e meu pai não ficaria feliz com as possíveis consequências. E consequências são coisas que tem de sobra no nosso mundo.

E aqui, ninguém joga limpo.

Meu celular toca de novo, me distraindo do meu problema. Vejo o nome de Lily saltitar na tela.

Pondero se devo ou não atender. Ela pode ser uma ótima distração, mas

também uma pedra no meu sapato.



Passam das vinte e três horas quando Lily aparece no meu apartamento.

Passamos o dia trocando mensagens safadas e eu fiquei de pau duro várias vezes. Mas a mulher não estava em Montreal e só chegaria aqui depois das vinte.

— O que acha? — pergunta ao abrir o sobretudo que está vestindo. Sorrio. A visão é perfeita. Lilly nua e lisinha do jeito que eu gosto. — Aprovado? — pergunta ao morder o lábio inferior.

— Preciso experimentar primeiro.

— Você sabe que eu sou gostosa — diz ao jogar os braços no meu pescoço e fechar a porta com pé. Arrasto Lily até a sala e abocanho um dos seios enquanto aperto a sua bunda com força. — Calma, Julian. Vamos beber alguma coisa primeiro.

Levanto os olhos e encaro Lily, que tem um sorrisinho travesso nos lábios.

— Não me provoque.

— Por que não? Eu gosto de como você fica quando eu te provoco — responde passando a língua no lábio inferior.

Jogo Lily em cima do sofá, que dá um gritinho e ri. Arreganho as pernas da ruiva e começo a chupá-la. Ela geme, alto. Lily sempre foi uma mulher muito

escandalosa, mas que se dane. Estou com muita vontade de meter nela até não aguentar mais.

Lily entrelaça os dedos nos meus cabelos enquanto geme meu nome alto. Com as mãos no meu rosto, ela me leva até para cima e me beija na boca. Depois me ajuda a tirar a calça jeans junto da cueca e me empurra para deitar no sofá.

Ela monta em mim, de costas, com o rabo na minha cara e começa a me chupar. Agarro o quadril de Lily e puxo para mim, chupando a bucetinha dela ao mesmo tempo em que recebo prazer.

Somos interrompidos quando ouvimos um celular tocando.

— Que merda é essa? — Lilly grita ao sair de cima de mim e olhando para o corredor.

Ao ver Jolina em pé, com os olhos arregalados e a boca escancarada, começo a vestir minhas calças. Ela tenta recusar a ligação, mas demora uma eternidade para fazer isso. Quando consegue, a atenção vai de encontro com a minha ereção ainda exposta. Porra! Até parece que desaprendi a vestir as calças.

— Quem é você? — Lily pergunta.

— Uma hóspede inesperada, talvez, indesejada — Jolina responde com as bochechas coradas. — Estava com sede, queria beber água.

Fecho os olhos por uma fração de segundos e suspiro. Eu sou um imbecil. Não levei Lily para o quarto, porque ela sempre quer ficar e eu odeio dividir minha cama. Pensei que pudesse comê-la aqui, no sofá, e depois, cada um ia para um lado. Achei também que Jolina estivesse dormindo.

— Que porra é essa, Julian? — Lily quer saber.

— É uma longa história — é a única coisa que eu digo, sem a mínima vontade de explicar. — É só isso que você precisa saber.

Jolina cruza o olhar comigo e vai mancando até à cozinha, enche um copo grande com água e depois caminha rumo ao quarto, mas antes, parando no meio da sala e dizendo para nós:

— Podem continuar, vou fingir que não vi e nem ouvi nada.

Os olhos asiáticos caem sobre o meu pau duro e quando me encara de novo, noto as bochechas coradas. Jolina entra no quarto batendo a porta com força. Respiro fundo, pedindo paciência para lidar com Lily.

Nunca prometi amor a ela, mas a ruiva sempre quis mais. Quando tentei romper o que temos, ela insistiu que não me cobraria de novo. No entanto, Lily é ciumenta e sempre achou que um dia mudaria a minha forma de pensar.

— Você está comendo essa aí?

Arqueio as sobrancelhas.

— O quê? Não — falo rápido. — E não fale assim dela, é apenas uma garota.

Lily contrai o maxilar e engole em seco.

— Por que está a defendendo? — retruca, me fazendo fechar os olhos, impaciente. — Você está comendo aquela garota.

— Não fale assim dela, não vou repetir.

— Quer saber de uma coisa? Cansei dessa merda. Eu não preciso disso. Existem outros caras que fodem tão bem quanto você por aí. Tchau, Julian — é o que diz ao sair do meu apartamento.

Sento no sofá e solto um suspiro longo.

Lá se vai minha foda.



Lina



Eu imaginava que algumas coisas indecentes estavam rolando na sala, mas não tinha nada no mundo que me preparasse para cena de Julian chupando a ruiva com tanta vontade.

Vê-lo entre as coxas dela me dá até uma comichão e um latejar entre as minhas próprias pernas.

E o mais incrível acontece, a mulher o faz tirar as calças. *Jesus amado!* O homem é grande pra caralho. Engulo em seco e não consigo desviar a atenção dos dois fazendo um 69 bem desenvolvido na minha frente.

Meu celular toca, fazendo com que a mulher me olhe e saia de cima de Julian. Olho a tela do smartphone e vejo o nome de Tristan, tento recusar a ligação, mas os dedos trêmulos me impedem de fazer isso com destreza.

Quero enfiar minha cara num buraco.

Invento uma desculpa de estar com sede e tento sair de perto deles, mas não sem antes olhar a ereção de Julian. O homem ainda está duro que nem pedra.

Bato a porta do quarto com força e coloco o copo de água em cima da cômoda. O coração bate tão rápido, que eu sinto que ele pode sair do peito a qualquer momento.

Ouço a mulher dizer algumas coisas alteradas e depois ir embora, irritada. Respiro fundo, decidindo se devo ir lá fora de novo e pedir desculpas, ou ficar no meu quarto, fingindo que não vi uma cena digna de um filme pornô.

A imagem do pau de Julian preenche a minha cabeça, mas tento expulsá-la. Não posso ficar pensando no homem desse jeito. Mesmo que ele pareça saber muito bem o que fazer com aquela língua sacana. Pelas expressões da mulher, achei que ela fosse derreter no sofá enquanto ele a chupava.

Droga!

Que calor. Pegó o copo em cima da cômoda e bebo a água toda de uma vez, porque de repente, me deu sede de verdade. Muita sede.

Alterno as vistas do livro aberto em cima da cama que estava lendo, antes de ser interrompida pelos gemidos na sala, e a porta. Será que devo ir lá fora? O melhor seria ficar no quarto, mas acabo fazendo exatamente o contrário.

Caminho até a porta e abro de fininho, silêncio completo. Coloco o pé bom para fora e depois o enfaixado, devagarzinho vou para sala e encontro Julian bebendo vinho tinto. Está sentado na parte lateral do sofá, que dá uma vista significativa da cidade através das janelas de vidro da varanda.

Sem saber muito bem o que fazer, sento ao seu lado, tentando não bisbilhotar se a ereção ainda está presente no meio das calças dele.

— Me desculpe por ter atrapalhado — murmuro.

Julian balança a cabeça, negando. Bebe mais vinho e não ousa olhar para mim ou dizer alguma coisa.

— É culpa sua, por que não a levou pro seu quarto? — me ouço dizendo.

Deus, eu devia calar a boca agora.

— Não gosto de dividir minha cama — é o que fala, como se isso explicasse tudo, mas a verdade é que não explica nada. E não está parecendo que o homem é um livro aberto. Com certeza, não vou ter outra resposta além dessa. Então, decido amenizar o clima. Ou pelo menos tentar, mas ele é mais rápido e diz:

— Pensei que estivesse dormindo.

Sem conseguir me segurar, eu explodo em uma risada, fazendo Julian estudar minhas expressões.

— Não sei se percebeu, mas ela geme alto. É impossível dormir quando acontece um filme pornô do outro lado da porta — depois de articular as palavras, sinto que fui longe demais. — Sinto muito. Não devia estar falando assim da sua namorada — arrisco e espero.

Se ela for namorada, Julian é louco em ter me hospedado na sua casa. Se não for, bom, legal, eu acho.

— Ela não é minha namorada.

Ao ouvir a resposta, finjo surpresa.

— Ah, pensei que fosse.

Julian me encara de rabo de olho e eu começo a rir de novo. *Jesus Cristo!* Eu vi o homem pelado e em uma posição muito comprometedora. Por que ele não parece envergonhado? Por que eu não me sinto culpada?

— Está rindo muito hoje, Jolina.

— Pode me chamar de Lina — retruco. — Acho que já subimos alguns níveis e somos quase íntimos — zombo.

Ele solta uma risada leve, fazendo as borboletas no meu estômago se agitarem. Não é sempre que Julian é assim, e sem saber o porquê, eu gosto dessa versão dele.

— Ok, Lina — sussurra, levando uma onda de arrepio eletrizante para o meu corpo.

— Nunca mais sento nesse lado só sofá — resmungo na tentativa de manter intacta minha lucidez. — Não quero imaginar quantas bundas peladas sentaram aí. — Aponto para o lado do sofá em que a cena pornográfica aconteceu minutos atrás.

— Talvez seja melhor não imaginar mesmo — fala baixinho e fico na dúvida se eu escutei certo. De repente, Julian levanta, levando consigo a taça e garrafa de vinho tinto. — Boa noite, Jolina — são as suas últimas palavras antes de me deixar sozinha na sala.



Sou uma mulher de palavra. Passo boa parte da manhã sem encostar no sofá do momento erótico entre Julian e a mulher ruiva. Sinto o rosto esquentar toda vez que meus olhos vão naquela direção. Primeiro, porque, bem, eu vi o homem pelado. Segundo, porque eu acabei sonhando que ele me chupava.

Acordei esbaforida e *molhada*. Molhada não, enxarcada. Ler livros eróticos atitou demais a minha imaginação.

Eva cuida da casa enquanto eu tiro a faixa do pé para o alongamento matinal. Já passam das dez horas e Julian ainda está dormindo ou acordou bem cedo e foi trabalhar, não sei qual dos dois. A agenda dele é muito confusa para mim. O homem trabalha dia de domingo, mas passa a manhã de segunda em casa, depois sai e volta com livros eróticos e de quebra, come mulher no sofá da sala.

Começo a alongar o pé, em silêncio, perdida em pensamentos sobre se devo falar com Eva sobre o que vi ontem ou fico na minha. Talvez ela me mande parar de xeretar ou me ofereça uma xícara de chocolate quente e me dê alguns detalhes sobre a vida amorosa do mandachuva.

E por que diabos estou interessada nisso?

Julian sai do quarto. Engulo em seco ao vê-lo de cabelos desengonçados e sexys, usando robe vermelho escuro aberto e samba canção. Ele tem uma tatuagem no peito, mas não consigo identificar o que é.

Acho que está com um pouco de resseca, mas ainda assim, lindo. Os olhos dele caem sobre o meu pé e para minha surpresa, ele se aproxima, ficando de joelhos na minha frente.

— Como está o seu pé?

Prendo meus olhos aos seus e tento entendê-lo. Ou melhor, tento entender o fascínio estranho que estou sentindo por esse homem.

Solto um gemido involuntário quando sinto as mãos grandes dele tocarem o meu pé para me ajudar com a alongamento.

— Está doendo? — quer saber.

— Não, estou bem — digo e o observo continuar com os alongamentos. Ontem ele parecia um predador depravado entre as pernas daquela mulher ruiva, hoje, parece tão carinhoso, preocupado.

— Por que está me olhando assim? — Julian pergunta sem tirar a atenção do meu pé meio inchado e com alguns hematomas.

— Só estou pensando em como você é tão diferente — me ouço dizendo, mas me arrependo no segundo seguinte. — Pode deixar, eu me alongo sozinha.

Julian assente e me olha com intensidade antes de se afastar ir na direção da cozinha. Fala com Eva em italiano e quando espio por cima do ombro, o vejo servindo café em uma xícara e voltando para o quarto.

Suspiro, tentando entender o que estou sentindo.

Desisto do alongamento e volto a enfaixar o pé, mas sou interrompida pelo celular tocando. É Sophia. Ontem, ignorei minha amiga o dia inteiro, mas uma hora ou outra teria que explicar de verdade toda a situação complicada em que me encontro.

— Oi, Sophia.

— Julian Lorenzo Carbone? Você ainda está na casa dele? Isso é de verdade? Me passe o endereço, estou indo aí — é o que fala, me fazendo bufar.



Alguns minutos mais tarde, depois da ligação com a minha melhor amiga, tomo coragem para bater na porta de Julian. Ele não responde, então bato de novo e nada.

— Preciso falar com você — digo, encostando a testa no material de madeira, mas mais uma vez, não tenho respostas. — Julian? É importante. — Revezo em bater na porta e chamar por ele, até que o mandachuva abre, me fazendo engasgar com a visão.

Está usando apenas uma toalha amarrada na cintura e tem os cabelos e abdômen molhados. Agora consigo ver a tatuagem cravada no peito. É um lobo uivando. E acabo descobrindo um crucifixo tatuado no bíceps esquerdo.

Como se não fosse nada demais, escancara a porta e dá alguns passos para trás. Fico na soleira e preno os lábios, tentando prender a respiração e não prestar atenção no cheiro de sabonete que o corpo dele emana no momento.

— Você não está me mantendo em cárcere privado, não é? — pergunto e ele, que até então, estava de costas, vira para mim e me observa com uma sobrancelha levantada. — É que... minha melhor amiga Sophia... — minha frase morre e eu fico encarando o homem meio vestido.

É uma tentação.

— Qual é o problema? — questiona quando fico alguns minutos em silêncio.

— Ah. Ela está preocupada comigo — falo ao fechar os olhos por uma fração de segundos e sacudir a cabeça. — Preciso encontrá-la.

Julian assente.

— Tudo bem, vou pedir para alguém acompanhá-la.

— Não precisa — falo, mas o homem não aparenta ser alguém que vai mudar de ideia. Ou eu saio acompanhada ou não saio. — Isso tudo é necessário mesmo? Acho que você está exagerando — emendo, de repente, me sentindo confiante.

É claro que Mason está atrás de mim. A ligação e as mensagens incessáveis de ontem foram a prova disso. Ele está desesperado para me encontrar. No entanto, não acho que vá aparecer do nada enquanto estou tomando um café com Sophia. Não é como se ele estivesse me seguindo e soubesse cada passo que dou.

— Quando não foi embora, eu entendi que você aceitou ficar sob minha proteção, então vamos fazer as coisas do meu jeito, Jolina. Alguém vai acompanhá-la e isso nunca esteve em discussão.

Abro a boca, surpresa. Ele não pode estar falando sério.

— Você não é meu dono e não vou fazer as coisas do seu jeito — retruco.

— Já acabou? Preciso me vestir — é o que pergunta, ignorando o que acabei de dizer. Reviro os olhos e saio do quarto, enfurecida.

Que homem cabeça dura.



Estou em uma ligação internacional quando meu pai entra na sala sem bater, é claro. Quando se é dono de tudo, não precisa bater nas portas. Ele desabotoa o terno feito sob medida e senta no sofá, enquanto eu me apresso em encerrar a chamada.

Levanto da cadeira e me aproximo dele, mas antes pegando uma garrafa de uísque da adega do escritório e dois copos. Sirvo e ofereço, meu pai brinda antes de beber um gole.

— Aqui... — Aponta com o dedo para a mesa do escritório amontoadas de papéis com problemas administrativos que preciso resolver até o final do dia. — Foi o lugar que sempre quis pra você.

Assinto e bebo um gole da bebida, mas não digo nada.

Não é segredo para a família Carbone, que meu pai sempre esperou mais de mim. Assumir os negócios legais e ficar de fora de tudo que fosse perigoso. Eu acho que para ele, sempre serei aquele garoto franzino que precisava de ajuda do irmão mais velho para se defender na escola.

Mas quando meu avô aos 65 anos foi indiciado em corte federal por mentorar nacionalmente uma sucessão de roubos à bancos e por sonegar

impostos, depois preso e sentenciado a 30 anos de prisão, eu sabia que nunca mais o veria.

Eu fiquei devastado, meu avô era melhor amigo.

Ele durou 6 anos na prisão e depois de perdê-lo, de novo, eu disse ao meu pai que queria me juntar aos negócios, como meu irmão. Mas o Don negou e disse que eu deveria estudar e ser alguém melhor.

Era tarde demais e eu não queria ser melhor. Só queria entender e fazer parte da família pela qual meu avô morreu e amava.

— Não queria que você fosse um mafioso, apenas um CEO — fala, me fazendo encher o copo de uísque de novo. — Era o que seu avô queria. Ele nunca quis que eu envolvesse vocês nisso.

— Eu sei, papà. Mas não tem como voltar atrás agora.

Ele bebe toda a bebida do copo e o coloca em cima da mesa, assentindo.

— É aniversário do Giuliano no final de semana. A família toda vai se reunir, não chegue atrasado e compre um presente — é o que diz ao levantar.

Fico de pé e concordo com um aceno de cabeça. Meu pai toca meu rosto com uma das mãos e dá um tapa de leve antes de sair do escritório.

Sirvo outra dose de uísque antes de voltar para o amontoado de papel em cima da mesa. Estou caminhando até à cadeira de vice-presidente quando o celular notifica uma mensagem.

É o soldado para qual dei a ordem de acompanhar Lina no encontro com a melhor amiga.

Abro a mensagem e analiso a foto que recebi.

Jolina está de cabelos soltos, sentada à uma mesa de frente para uma garota negra de cabelos longos, mas olha para câmera e mostra o dedo do meio com uma das sobrancelhas erguidas.

Sem saber o motivo, me vejo sorrindo.

Lina é um problema.



Jolina ainda está fora quando chego no apartamento.

O relógio no meu pulso marca quase vinte e uma horas. Depois de tirar o sobretudo, pego o celular dentro do terno e digito uma mensagem para o soldado que está com ela.

“Não importa o que aconteça, traga a garota para o meu apartamento.”

Ok, sou um mentiroso. Um imbecil engravatado. Disse tantas vezes que Jolina podia ir embora quando quisesse, mas a verdade é que não permitiria que isso acontecesse de verdade.

Jolina está segura comigo. Talvez, não esteja de mim, mas esse não é um problema que eu queira resolver agora.

Coloco o presente que pedi para minha secretária comprar para Giuliano em cima da ilha da cozinha e vou pegar uma garrafa de vinho da adega climatizada. Encho uma taça e bebo ao mesmo tempo em que o celular vibra.

É uma mensagem de Lily.

Estou cogitando responder, quando ouço a porta do apartamento abrir e Jolina dizer “obrigada” ao soldado que a trouxe em casa. Ela entra e toma um leve susto ao me ver sentado na banquetta da ilha da cozinha.

Eu deveria manter meus olhos bem longe da garota, mas existe algo nela que não me deixa fazer isso.

Lina é linda.

Atrevida.

Irritante.

Mas muito linda.

— Achei que você não fosse voltar — digo, e ela relaxa os ombros, deixando a mochila que está segurando no chão, perto do sofá e caminhando até próximo de mim e sentando na banquetta.

— Para ser sincera, eu não sei o que estou fazendo aqui, Julian — fala, encarando a taça de vinho meio cheia. — Minha melhor amiga disse que eu sou doida de continuar aqui e ela tem razão. Qual é o meu problema? Por que eu voltei?

Ela encaminha os olhos marrons até mim e noto que as pupilas estão dilatadas. Nós ficamos assim, em em silêncio pelo que parece ser uma eternidade, até que Lina desvia e abre meio sorriso depois de balançar a cabeça de um lado para o outro.

Bebo um gole de vinho, sem conseguir tirar os olhos de cima dela e pensando no que dizer. Poucas pessoas conseguem me deixar sem palavras, mas Lina consegue fazer isso sem grandes dificuldades.

A garota me surpreende ao pegar a garrafa de vinho e tomar um gole generoso do gargalo. E sem aviso prévio, ela fica de pé. Mancando, dá a volta na ilha da cozinha e fica bem próximo de mim, entre as minhas pernas.

Estreita os olhos e me encara, franzindo a testa.

— O que você quer comigo, Julian Lorenzo Carbone? — pergunta bem próximo do meu rosto, me fazendo perceber que está bêbada.

— Por isso demorou? Estava bebendo?

Lina finge refletir ao morder o lábio inferior e embora eu tenha tentado não prestar atenção na boca dela, fico olhando. Desejando tocar os seus lábios carnudos.

Ela não é garota para mim, mas a verdade é que eu a quero.

— Você é tão mandão, isso me irrita — murmura ao levar as mãos até a minha nuca e entrelaçar nos meus cabelos, arrepiando meu corpo e me fazendo ficar de pau duro. Respiro devagar, controlando a vontade de agarrar Lina pela

cintura e devorar a boca atrevida dela com um beijo. — Mas é tão lindo também.
— Os dedos da mão esquerda tocam o meu queixo e eu sinto a ereção latejar.

Antes que faça besteira, afasto Lina ao segurá-la pelos pulsos.

— É chato também — resmunga. — Você prefere ruivas? — pergunta, de repente.

— É melhor você ir dormir — é o que eu digo.

Lina revira os olhos e bufa.

— Por quê? — questiona com as sobrancelhas erguidas.

— Eu estou tentando proteger você, Lina.

— Me proteger de que exatamente? — ela rebate, irritada.

— No momento? De mim — murmuro.

Ela assente e mancando, vai até o seu quarto, deixando a mochila perto do sofá.

Desfaço o nó da gravata e solto um suspiro longo. Encho a taça de vinho e bebo o líquido todo de uma vez, tentando acalmar os instintos e pensar com clareza.

Não tenho dúvidas, Lina será minha ruína, mas eu a quero mesmo assim.



Lina



Acordo com a língua pregada no céu da boca. Sento na cama e estico o braço para acender o abajur em cima da cômoda. Minha cabeça dói e estou com sede. Droga. Não devia ter bebido com Sophia.

Sinto as maçãs do rosto esquentarem quando as lembranças me invadem como uma tempestade. Eu agarrei Julian e dei em cima dele. Endoidei de vez. Fecho os olhos e me amaldiçoo por isso, fazendo uma nota mental de não beber enquanto ainda sou hóspede dele.

Ouçó barulhos vindo da sala e automaticamente, pouso os olhos no relógio em cima da cômoda. Quase duas horas da manhã. Minha barriga está roncando de fome e estou com sede.

Devagarzinho, caminho até a porta e colo a orelha no material de madeira. Engulo em seco e sinto o sangue ferver quando percebo a indecência que está acontecendo na sala.

Julian não vale um centavo.

Antes de sair do quarto, volto alguns passos e me olho no espelho de corpo inteiro. Os cabelos estão assanhados, mas de um jeito sexy. Ótimo. Respiro fundo e coloco a mão na maçaneta, girando-a com mais força que o necessário.

Caminho sem fazer barulho até a sala, que é iluminada apenas pela claridade das luzes da cozinha. Meus olhos encontram a ruiva no colo de Julian. Ela está nua, beijando o pescoço dele, mas ainda não estão protagonizando uma das ações mais importantes de um filme pornô, já que o mandachuva ainda usa calças.

Sem cerimônia, passo uma das mãos na parede, onde tem o interruptor e acendo as luzes, clareando a sala inteira.

— Me desculpem por interromper, mas estou com fome e vou fazer uma refeição — digo, fazendo Julian afastar a ruiva peituda e me encarar, perplexo.

A mulher contrai a mandíbula e me fita também, incrédula.

— Vocês podem ir pro quarto? — pergunto, mas balanço a cabeça e forço um sorriso. — Ah, é mesmo, Julian não gosta de dividir a cama — emendo, passando por eles.

Vejo o maxilar do homem cerrar e ele lança um olhar duro para mim, que ignoro completamente. Quem ele pensa que é?

Ai Jesus!

O que estou fazendo? Tudo bem, o homem não vale nada. É um cafajeste de nível máximo, mas não tenho nenhum direito de estar empatando as fodas dele. Eu sou apenas uma hóspede inesperada. Nada mais, nada menos.

Abro a geladeira e finjo procurar por algo, pensando em formas de como sairei dessa situação complicada. Pego os frios e coloco em cima da ilha da cozinha, evitando olhar para o casal no sofá.

Mas acabo arriscando uma olhadela e vejo a mulher se vestir, enquanto me encara irritada. Acho que ela quer avançar em mim.

Giro nos calcanhares e procuro por pão dentro dos armários, decidindo se faço um sanduiche e me escondo no quarto ou fico mais uma pouco e espero para ver se a ruiva vai embora.

— Sou idiota mesmo por ainda procurar você, Julian — a ruiva rosna. — O que você tem com essa garota? — pergunta, fazendo minhas bochechas queimarem.

Espero ouvir uma resposta, mas parece que o homem perdeu a língua.

Saltos altos quicando de forma exagerada no chão e bater de porta.

A mulher foi embora.

Cogito a possibilidade de pegar uma garrafa de água e sair correndo para o quarto, mas sou impedida quando noto com a visão periférica Julian sentar na banqueta e apoiar um dos cotovelos na ilha da cozinha e me observar.

— Você é atrevida, Lina. Uma empata foda.

Engulo em seco e fico em silêncio. O mandachuva canalha tem razão.

— Ela não estava fazendo tanto barulho dessa vez — comenta e por alguma razão, isso me deixa nervosa, irada.

A vontade que tenho é de acertar a cara bonita dele com uma fatia de pão e um pedaço de queijo.

— Estava com fome, não como nada desde as quinze horas — digo sem olhá-lo, me concentrando na missão de fazer o sanduiche.

— E mesmo assim você bebeu com Sophia.

— Algum problema? — rebato.

— Lembra do que você fez? — questiona, me fazendo paralisar por alguns segundos.

Sinto o coração na garganta e o rosto ruborizado.

Abro a boca para responder, mas perco o fio da meada quando o vejo levantar e vir até mim, ficando bem próximo. O calor do corpo dele irradia para o meu e consegue me deixar tonta.

Como quem não quer nada, ele abre a geladeira e de dentro, tira uma garrafa de suco de laranja e coloca perto do meu sanduiche quase pronto.

Ainda tem os olhos em cima de mim, me analisando e me deixando com a respiração ofegante.

— Obrigada — murmuro ao encontrar minha voz.

Surpreendo-me ao sentir Julian pousar a mão na minha nuca e entrelaçar os dedos nos meus cabelos. O corpo inteiro parece entrar em combustão e o coração bate tão rápido que é quase doloroso.

Ele aproxima o rosto do meu.

— No meu mundo, todas as atitudes têm consequências, Jolina — murmura, e meu nome nos seus lábios soa de um jeito tão erótico, que sinto algo entre as minhas pernas latejar.

Julian se afasta de mim, me fazendo engolir o caroço na garganta.

— Beba bastante água, vai ajudar a não acordar com a cabeça doendo amanhã — dito isso, o homem dá as costas e me deixa sozinha na cozinha.

Só respiro fundo quando o vejo entrar no próprio quarto. Levo a mão até o coração e tento acalmar os batimentos cardíacos descontrolados.

Esse homem vai me fazer ter um infarto.



Por causa da aproximação repentina de Julian, tive uma noite de sono turbulenta. Tudo bem, eu sei que comecei, mas toda vez que pregava os olhos, sentia as mãos dele na minha nuca, entre os cabelos e o calor do hálito contra o meu rosto, enquanto sussurrava “*No meu mundo, todas as atitudes têm consequências, Jolina.*”

O que será que ele quis dizer com isso?

Deus, por que diabos aquilo foi tão excitante?

Sophia tem razão, eu sou louca. Não devia ter voltado. Julian não parece um homem simples. Sejam os sinceros, simples não é algo que deva existir no dicionário dele. Julian é complicado, intenso e cheira a perigo a mil metros de distância.

E lógico, não deve ser um dos caras bonzinhos.

Não deveria me sentir atraída por um ser humano como ele.

A fim de evitar qualquer tipo de contato com Julian, passo o dia inteiro no quarto, alternando em ler os livros de romances eróticos e fazer os trabalhos da faculdade no computador.

Mais um dia sem o notebook e eu teria pirado.

Depois de colocar em dia todas as obrigações da faculdade, levo a atenção até a porta fechada, cogitando quebrar a minha promessa de permanecer enfurnada aqui até o dia de eu ir embora.

Desço da cama, alongo o corpo e caminho até a porta, dessa vez, não mancando mais como antes. Meu pé está bem melhor e isso me dá uma sensação estranha. Tudo que eu mais quero é sair daqui, mas ao mesmo tempo, não quero.

É isso, perdi o juízo.

Saio do casulo e dou de cara com a porta do quarto de Julian aberta. Ando para perto e espio. Ele está de frente para o espelho de corpo inteiro, decidindo qual das gravatas fica melhor com o terno.

É um canalha, mas mesmo assim, é bonito pra caramba.

— Vermelho vinho — digo antes que o cérebro processe as palavras.

Julian me encara através do espelho por um longo segundo, depois leva em consideração a minha sugestão e sei lá o porquê, mas isso me encoraja a dar alguns passos para dentro do seu quarto.

— Não sabia que usava óculos — comenta, me fazendo levar as mãos até o rosto, mas não consigo dizer nada.

Depois de dar um nó na gravata, Julian pega o terno de tom terroso e bem passado em cima da cama e veste, me deixando com um frio na barriga.

É um canalha lindo de terno e gravata.

— Está indo ver a sua Bella Thorne? — pergunto quando a curiosidade é maior. É claro que me arrependo no segundo depois, mas não demonstro. — Aproveite a sua noite — acrescento, sorrindo.

Julian vira o corpo na minha direção e caminha até mim, me fazendo prender a respiração e engolir o carço na garganta. Está próximo demais. Muito próximo. Meu Deus, socorro.

Os pelos dos meus braços estão todos arrepiados e eu não consigo desviar dos olhos negros e profundos.

— Não devo nenhuma satisfação a você, mas ela não é minha e nem estou indo vê-la — diz com aquela voz grossa e intensa, levando ondas eletrizantes para todo o meu corpo e fazendo o meu couro cabeludo eriçar.

O homem acabou de ser um imbecil arrogante, mas me deixou excitada.

Preciso parar de ler os romances eróticos...

Os olhos de Julian caem sobre os meus lábios e vejo o canto da sua boca esticar em um meio sorriso safado.

— Tenha uma ótima noite, Jolina Magdayao — sussurra sensualmente, fazendo o meu corpo inteiro sentir calor.

E depois vai embora.

Levo a mão até o coração e o sinto acelerado. Esse homem tem que parar de fazer isso comigo.



Lina



Julian passou a noite fora.

Não é que eu tivesse o esperando chegar, mas ao sair do quarto pela manhã, vi que o homem ainda usava a mesma roupa de ontem.

Ele está sentado de frente para ilha da cozinha, e o Nicholas, o homem de cabelo quase raspado, ao seu lado. Os dois parecem preocupados com algo e com certeza não é um assunto que eu deva ouvir, pois param de conversar no momento em que notam a minha presença.

Nicholas me cumprimenta com um leve aceno de cabeça e fica de pé, fechando o botão do terno e saindo do apartamento. Ainda não gosto muito dele, mas entre os homens de Julian, ele é o que me trata melhor e parece não se incomodar em ficar de babá quando é preciso.

Ao me aproximar da cozinha, vejo uma garrafa de uísque vazia em cima da mesinha de centro e dois copos, alguns papéis revirados, agenda aberta e canetas espalhadas, como se um furacão tivesse passado e bagunçado tudo.

Os olhos de Julian se grudam aos meus e ele parece tão cansado, abatido. É a primeira vez que o vejo assim.

Abro a boca para perguntar se está tudo bem, mas Julian desvia atenção de

mim e eu entendo que falar sobre isso ou comigo, é a última coisa que ele deva querer fazer no momento.

Em silêncio, caminho até a cafeteira e vejo que não tem café pronto.

De onde estou, dá para sentir o cheiro de álcool em Julian, mas ele não parece com alguém bêbado e também, está longe de estar sóbrio.

Ainda muda, começo a preparar o café e noto que o homem tem os olhos em cima de mim, me analisando e deixando as minhas mãos trêmulas.

— Você está com fome? — pergunto, a fim de quebrar o silêncio constrangedor entre nós.

Julian passa as mãos entre os cabelos e acho que é a primeira vez que os vejo tão despenteados. E isso consegue deixá-lo ainda mais bonito e quente. Como algo assim pode ser possível?

— Não — é o que me diz, me fazendo assentir e prensar os lábios.

Está na cara que ele não quer conversar, então resolvo deixá-lo sozinho. Estou pronta para sair de perto, quando Julian estica o braço sobre a ilha da cozinha e segura meu pulso.

É um toque firme, necessitado, e até mesmo, sedento, mas de alguma forma, parece gentil também. E eu sei o quanto isso é estranho.

Julian me puxa para mais perto e fica olhando dentro dos meus olhos, me hipnotizando. Não deveria me importar o fato de ele estar tão abatido, mas não consigo evitar o sentimento de preocupação se instalar dentro do peito.

É uma loucura, eu o conheço há pouco tempo. São apenas duas semanas e mesmo assim, estou tocada com o estado dele. Quero saber o que aconteceu ou o que se passa na cabeça dele, e talvez assim, eu consiga entendê-lo. Talvez, eu consiga me entender também.

Talvez assim, eu consiga entender o motivo de ainda continuar aqui, querendo me queimar com fogo.

Querendo mais desse fogo intenso, violento e corrompido que Julian é.

— Você está bem? — me ouço perguntando.

Ele libera meu pulso, mas não afasta as vistas de mim. Tem a respiração

vagarosa, mas pesada na mesma medida.

— Não estou — fala o óbvio.

— Quer conversar?

Minhas vistas exploram os detalhes do rosto de Julian e eu sei que perdi completamente o juízo, quando levo minhas mãos até o limite do seu maxilar e pescoço. Os polegares dançam pela barba cerrada, em seguida, um dos dedos sobe até a sutil pinta debaixo do olho direito.

De maneira delicada, Julian segura meus dois braços e me afasta.

— Não posso falar sobre isso com você — diz, fazendo meu coração acelerar.

— Por que não? — rebato, curiosa.

Com certeza, eu não devia estar interessada em saber coisas sobre o mundo de Julian Carbone, mas no momento, o que parece perigoso é tão cativante.

— Porque você não é minha — murmura, como se eu ser dele fosse a resposta para todos os problemas.

Engulo em seco e pisco devagar, depois, balanço a cabeça, na tentativa de pensar com clareza.

Não preciso ter bola de cristal para saber que Julian é o tipo de homem que quando quer uma coisa, vai lá e pega. O mandachuva exala poder e autoridade. E na real, eu nunca gostei de homens assim. Mas por que “*ser dele*” soa como um convite tão instigante?

— E você não vai querer ser minha, Lina — diz, chamando minha atenção.

Nossos olhos se prendem de novo, mas Julian não permite uma conexão longa dessa vez, pois se arrasta com a banquetta para trás e num solavanco, fica de pé, em seguida, caminha até o seu quarto.

Solto um suspiro longo, começando a ficar irritada.

Parece que virou algo comum ele jogar uma bomba e depois ir embora, me deixando sozinha e com as engrenagens da minha cabeça trabalhando a mil por hora.



— Façam as malas e voltem pra casa. Quero vocês dois morando sob o mesmo teto até o final desta noite — mamãe fala com um tom ríspido, mas vejo um lampejo de preocupação passar por seus olhos.

Ela anda de um lado para o outro, exasperada.

Fico calado e Noah se remexe no sofá, mas também não se atreve a contrariar as ordens da nossa mãe.

— Carlota, isso é exagero — Giuliano é o único ousado o suficiente para contrariar as ordens da minha mãe. Talvez por ser o mais velho na sala se sente no direito de opinar em alguma coisa. — Vamos resolver as coisas, fique tranquila.

Ela fica furiosa.

— O quê? — mamãe rebate de maxilar contraído. — Quem você pensa que é, Giuliano? Eu sei que está com a família há muitos anos, no entanto, não tem o direito de se meter nisso. Eu sou a única que sabe o que é melhor para os meus filhos. Não ouse dizer que estou exagerando outra vez.

Giuliano aperta o maxilar e assente ao prensar os lábios em uma linha reta.

— Me desculpe — Giuliano murmura e baixa os olhos por uma fração de

segundos.

Nosso pai desce as escadas, fazendo com que Noah e eu fiquemos de pé, aguardando. Giuliano, Gabriel e Thomas, o conselheiro, não sentaram desde que colocaram os pés na casa.

Depois dos acontecimentos da noite passada, ele parece melhor hoje. Já eu, ainda continuo puto da vida. Não consigo relaxar nenhum músculo do corpo e a cabeça não para de traçar planos e trabalhar em formas de fazer com que o meu pai fique o mais seguro possível.

Ele se acomoda na poltrona de couro reclinável na sala e faz um gesto com as mãos para que todos sentem.

— Obedeçam a sua mãe, é o meu desejo também — diz, olhando de Noah para mim. — Estarão mais seguros aqui. No momento, manter vocês dois em segurança é o mais importante.

Giuliano não gosta muito de ouvir as palavras do chefe da família, mas não arrisca dizer nada sobre o assunto.

Noah e eu assentimos, em silêncio. Mesmo que eu não queira voltar para casa, não posso desobedecer a um desejo do Don. E parece que as coisas estão caminhando para um caminho arriscado, incerto.

Não importa quanto dinheiro ou poder você tenha, no nosso mundo, ninguém está sempre seguro e as coisas nunca ficam tranquilas por muito tempo. Existem acordos, que duram por alguns anos, mas há sempre alguém disposto a quebrá-los.

Não é a primeira vez que tentam matar o chefe da família Carbone, mas nunca foram insolentes o suficiente para tentar fazer isso em frente à casa de um dos nossos.

O homem despretenhoso que tentou atirar no meu pai ontem quando estávamos saindo da casa de Giuliano, estava fadado ao fracasso. No entanto, a tentativa ainda é algo que preocupa.

Não lembro de ter conhecido um homem como ele. Mesmo sob tortura, não dedurou ninguém. Disse que estava sozinho, o que é mentira. Ninguém tenta

apagar o chefe de uma família da máfia da noite para o dia, ainda mais, sozinho.

É patético e estúpido demais.

Alguém está por trás disso. Mas quem?

Por anos, meu pai conseguiu manter a ordem na cidade de Montreal e até fez um acordo de não entrar em guerra com a família Fontana, a nossa maior rival. Eles perderiam de qualquer forma.

A família Carbone controla a maioria das gangues, boa parte da prefeitura da cidade e a polícia local.

Mas mesmo que a vitória em uma possível guerra seja garantida, não estamos ilesos dos efeitos colaterais. E infelizmente, são as consequências que nos marcam.

— Fale, eu sei que tem muito a dizer — o Don articula na direção de Thomas, depois da mamãe deixar a sala. — Você é igual ao seu pai.

— Precisamos dobrar a sua segurança. — Thomas olha o meu pai. — Você precisa ser extremamente inacessível. Pelo menos até descobrirmos quem está tentando matar você. Não podemos arriscar de novo.

O Don concorda com um aceno de cabeça.

— A partir de hoje, nos encontraremos no escritório principal ou aqui — meu pai anuncia. — E faremos tudo em sigilo agora. Os soldados só saberão o que precisam saber.

— Até mesmo Nicholas? — Giuliano rebate, me fazendo erguer uma sobrancelha para ele. — Eu sei que você gosta dele, Don Carbone, mas precisamos ter cuidado. Ele pode ser o nosso traidor.

Sem conseguir me controlar, levanto e me aproximo de Giuliano, fixando meus olhos nele, sentindo a respiração ficar pesada.

Giuliano nunca gostou de Nicholas e sempre teve um pé atrás com ele. Mas dizer que ele pode ser um traidor, é uma acusação séria. E às vezes, uma coisa assim pode tirar a vida de alguém.

— O que você disse? — grunho.

— Sente, Julian. Não vamos começar a brigar entre nós. — Noah fica de

pé também e me afasta de Giuliano de forma brusca. — Fique calmo.

— Você ficou doido? — rosno.

Giuliano suspira e vira o rosto para mim, de jeito arrogante.

Filho da puta.

— Eu estou na família há muito mais tempo que você, Julian. Tenho mais experiência com os nossos assuntos. Você apenas começou. Eu sei o que estou dizendo, garoto — fala com desdém, fazendo o sangue do meu corpo se transformar em lava.

Aperto as mãos em punho e tento controlar a vontade de acertar um soco nele.

O velho fodido nunca me levou à sério de verdade. Sempre achou que eu fizesse parte dos negócios apenas por diversão.

Meu avô foi o maior mafioso que Canadá já teve. E agora, meu pai está indo pelo mesmo caminho. É claro que Giuliano, que esteve ao lado do meu avô, aprendendo com ele e está ao lado do meu pai durante tantos anos, acha eu não dou conta dos nossos negócios.

— Giuliano... — meu pai diz, chamando a atenção dele. — Nunca mais fale com meu filho desse jeito. Você trabalha pra mim, e ele é o meu sangue. Julian é um dos herdeiros também, não esqueça disso. Nunca mais.

O capitão mais antigo da família Carbone assente ao engolir em seco.

— Me desculpe, Don.

— Nicholas ainda é como um filho pra mim, mas se ele for o traidor, nós vamos descobrir. As mentiras nunca ficam escondidas por muito tempo — o Don diz.

Giuliano, Gabriel e Thomas assentem, em silêncio.

— Vocês dois — meu pai fala, alternando as vistas de mim para o meu irmão. — Quero vocês nesta casa ainda hoje.

— Sim, senhor — Noah concorda.

— E você? — pergunta a mim, me fazendo franzir o cenho. — O que vai fazer com a garota asiática na sua casa?

— O quê? — retruco.

Lanço uma olhadela para Noah, mas ele fica quieto.

O Don solta uma risada sarcástica.

— Acha mesmo que eu não sei o que se passa na sua vida? — questiona, me fazendo engolir em seco. — Case com ela de uma vez ou a deixe ir embora. Não podemos perder tempo com distrações — dá o ultimato dele e a única coisa que consigo fazer é assentir, contrariado.



Já passam das dezessete horas quando Nicholas me liga, avisando que encontraram Mason. O cretino foi idiota o suficiente para ir ao apartamento de Lina. Pego o sobretudo no cabideiro e aviso a secretária que estou encerrando o dia mais cedo.

Na garagem subterrânea do cassino, um dos soldados já me espera com o carro ligado. Entro e me acomodo no banco traseiro, sem dizer nada, ele ocupa o lugar do motorista e pisa no acelerador, me levando até o meu destino.

Mason Fox.

Meia hora depois, estacionamos em frente a um galpão de uma fábrica abandonada em Montréal-Est.^[12] Desço do veículo e antes de entrar, peço para o homem que me acompanhou espere do lado de fora.

Encontro Mason sentado em uma cadeira com os braços amarrados para trás. O nariz está quebrado e o olho direito começando a ficar inchado.

Tem dois soldados com Nicholas, um de cada lado e a julgar pelas mãos sujas de sangue, eles estão se revezando para quem deforma o rosto do filho da puta à minha frente.

Aproximo-me de Mason e o observo. Não posso dizer que estou feliz em vê-lo, mas ao mesmo tempo, é bom saber que ele está tendo o que merece.

— Ele falou? — pergunto ao Nicholas, fazendo com que Mason me encare.

— Na verdade, muito, mas nada relevante — é a resposta que tenho.

Ao me reconhecer, o nosso visitante cospe sangue no meu terno.

— Esse terno é caro — é o que digo.

— Vai se foder, babaca — crispa.

Nicholas para ao meu lado e me mostra o celular de Mason. Na tela colorida, vejo as mensagens que andou mandando para Lina nos últimos dias. Como esperado, o homem sentado na cadeira é um monte de lixo.

Meu melhor amigo abre a boca para dizer algo, quando Mason é mais rápido e começa a tagarelar.

— Se vocês me matarem, os Fontana vão retalhar — fala e depois abre um sorriso cheio de sangue para mim.

Troco um olhar com Nicholas e sei que Mason não está mentindo. Mas no fundo, não faz sentido. Qual a vantagem de fazer algum acordo com Mason? E bem, ninguém ganha a confiança de uma família assim, da noite para o dia.

Afrouxo o nó da gravata, pensando no que fazer. De qualquer forma, não posso deixar esse fodido sair deste galpão andando sobre as duas pernas.

Ele precisa pagar de alguma forma pelo que fez com Lina. Precisa pagar pelo que fez durante todos esses anos.

— Por que eles te esconderam? — quero saber.

Mason me dá outro sorriso ensanguentado e responde.

— Eu fiz um acordo com eles.

— Por quê? — questiono, mas Mason fica quieto, apenas me encarando.

Ele está com medo, consigo ver nos olhos dele, mas é um imbecil e não vai falar as coisas importantes tão facilmente.

— O que você quer com ela? — pergunto ao gesticular com o celular nas mãos. — Por que não a deixa em paz?

Mason cospe sangue no chão, querendo acertar o meu sapato, mas não tem sucesso. Ele joga a cabeça para trás e solta uma risada, começando a me deixar bem irritado.

— Qual é a sua, otário? — retruca. — Lina é minha, e não te devo explicação nenhuma sobre o que eu quero com aquela puta.

Solto um suspiro longo e contraio o maxilar, sentindo o sangue ferver. Entrego o celular a Nicholas e abro um sorriso cético para Mason antes de acertá-lo um soco no olho direito.

Ele geme de dor e baba sangue.

E encontro a minha solução. Vou deixar o homem cego.

— Se você falar assim mais uma vez, além de te deixar cego, vou cortar a sua língua — é o que falo, segurando com força Mason pela nuca e o fazendo olhar dentro dos meus olhos. — Não estou mentindo.

— Por que se importa com ela? Está comendo aquela putinha também? — rebate.

Solto Mason e respiro fundo antes de acertar um soco no rosto dele de novo. Para meu desgosto, o desgraçado começa rir ao mesmo tempo em que cospe sangue.

— Me dê — falo, encarando Nicholas. Ele sabe o que quero, por isso, hesita um pouco, mas acaba me dando a pistola escondida no terno. Pego-a, destravo e sem pestanejar, miro na testa de Mason. — Não importo de acabar com sua vida.

— Não ousaria começar uma guerra.

Sorrio.

— Está confiante demais, Mason. O problema, é que você não me conhece. — Encosto o cano da arma na testa dele e empurro um pouco para trás. — Deixei-a em paz. Nunca mais procure aquela garota.

— Não posso.

Suspiro e preno os lábios. Estou perdendo a paciência.

— Não é isso que quero ouvir.

— *Não posso!* — grita, e eu abaixo a arma. Ergo uma sobrancelha e espero que ele diga alguma coisa, mas o imbecil fica calado.

— Escuta, Mason, eu não tenho tempo de sobra, e tem coisas que eu preferia estar fazendo no momento, então, vamos resolver logo isso.

— Eu já disse que não posso.

— Por que não pode? — questiono, mas ele fica calado, apenas me observando. — *Por que não pode, Mason?* — grito também.

Ele se remexe na cadeira e cospe um bocado de sangue antes de começar a falar.

— Fui pago pra matar Lina. Se eu não fizer isso, vão me matar. Ela é minha missão.

Ouvir aquilo me deixa com um gosto amargo na boca e eu sei o que tenho de fazer. Não posso deixar Mason sair vivo deste galpão. Mesmo que eu consiga proteger Jolina, uma hora ou outra, algo pode acontecer com ela.

— Quem pagou você? — Nicholas quer saber.

— Eu não sei. Nunca me encontrei com ele. Só o conheço pelo codinome, capitão. — Olha de mim para Nicholas. — Eu gosto de Lina, mas era dinheiro demais para ser recusado.

Olho para os soldados no galpão e faço um gesto para que saiam. Nicholas fica, me analisando, mas não ousa dizer nada.

— Mason... — começo a falar, devagar. Inclino-me um pouco para frente e olho o homem dentro dos olhos. — Por que pediram pra você matar Lina? Quem deu a ordem?

— Eu não sei, foi uma surpresa pra mim também.

Não consigo acreditar nas palavras que saem da boca desse imbecil.

— Vou perguntar mais uma vez — murmuro, controlando a vontade de acertar o rosto dele de novo. — Por que pediram isso a você?

— *Eu não sei, porra!* — grita.

Concordo com um aceno de cabeça e endireito a postura. Aponto a arma para Mason de novo e ele começa a implorar para deixá-lo vivo.

Mas minha decisão já tinha sido tomada no minuto que ele disse que tinha sido pago para acabar com Lina. E Mason, bem, ele é um desperdício de vida. Não merece respirar nem por mais um dia.



Quando entro no apartamento, dou de cara com Lina sentada no sofá. Ela tem o notebook nas pernas e alguns livros abertos na mesa de centro. Tento ignorá-la e vou direto para o quarto, mas a garota me intercepta no caminho.

— Você está bem? — pergunta ao notar o sangue no meu terno. Sem aviso prévio, ela pega minha mão entre as suas e encontra mais sangue. — O que aconteceu?

Suspiro.

— Não faça perguntas, Lina. Não vai gostar de ouvir as respostas.

Ela revira os olhos.

— Você é um enigma pra mim. Não sei se consigo, Julian — murmura, buscando meus olhos e isso estala algo dentro de mim.

Tenho ciência que alguém quer ver Jolina morta, e eu vou fazer o possível e impossível para cuidar dela, mas não posso mantê-la aqui, perto de mim, na minha casa. O melhor a se fazer é deixá-la viver a vida como antes de me conhecer.

— Eu sei, Jolina. É melhor você voltar pro seu apartamento. Não pode mais ficar aqui — falo num tom áspero.

Ela franze o cenho e parece ficar irritada com as minhas palavras. Tudo bem, Lina tem direito de estar assim. Eu estou sendo um cretino de qualquer forma.

— Está me expulsando?

— Não. Estou dizendo que o problema que te manteve aqui foi solucionado — respondo, ríspido.

— O que você fez? — questiona, analisando meu terno sujo de sangue.

Não respondo, então ela começa a falar de novo.

— Tristan... — Balança a cabeça de um lado para o outro. — Mason... cadê ele? Onde ele está, Julian?

Nossos olhos se cruzam por um longo segundo e me incomoda a forma como isso mexe comigo.

— Como eu disse, o problema foi resolvido. Vá embora, Lina. Isso é pro seu bem.

Os olhos dela se enchem de lágrimas e eu me sinto tão mal por isso, mas é o melhor. Não posso manter Jolina na minha vida. Ela é pura demais e enquanto eu, estou sujo da cabeça aos pés.

E eu não sei se consigo ficar longe dela, mas preciso tentar.

— O que você fez? — murmura e algumas lágrimas fazem caminho até a sua boca. — O que você fez com ele?

— Não vai querer saber — é o que digo, sentindo um gosto amargo na boca.

Ela aponta com o indicador para o terno sujo de sangue e pergunta.

— É sangue dele?

— Você já sabe a resposta — retruco.

Solto um suspiro longo e decido dar o assunto por encerrado, mas quando tento ir na direção do quarto, Lina me impede.

— Você matou... — a frase dela morre e vê-la chorar por Mason me deixa furioso. Aquele imbecil estava pronto para matá-la por uma quantia de dinheiro e ela chorando por ele.

— Não chore por ele, Jolina. Mason não merece as suas lágrimas.

— Eu sei — sussurra. — Mas... Julian, é uma vida. Você acabou com uma vida — fala meio aturdida, como se finalmente percebesse o peso das palavras. — Você matou Mason.

Desfaço o nó da gravata e tiro-a do pescoço, de repente, me sinto sufocado. Só quero parar com essa conversa e tomar um banho.

— Quem você é? Quem você é, Julian? — pergunta ao se aproximar de mim e me puxar pelo colarinho. — Que merda você é?

— Eu sou alguém com quem você não deve se envolver — retruco, sem tirar os olhos dela.

Ela me acerta um tapa com força e não parece arrependida de ter feito isso. É claro que fico irritado, mas não consigo fazer nada, além de continuar com os olhos fixos nela.

— *Você é um assassino!* — grita e bate no meu peito com força, chorando.

Seguro Lina pelos pulsos, impedindo de continuar. Os olhos brilhantes me fitam e eu engulo em seco, me sentindo péssimo. Ela chora e parece tão triste, o que eu não entendo.

Mason não valia a pena.

Acabo cedendo aos meus instintos e trago Lina contra o peito, enquanto ela chora e tenta me afastar. Mesmo que ela esteja enfurecida comigo, é bom tê-la perto, nos meus braços.

O cheiro dela é bom e me faz sentir bem.

Lina se afasta de mim, mordendo o lábio inferior e secando as lágrimas com as costas das mãos.

— Vou embora.

Assinto, mesmo querendo mantê-la por perto.

Nós nunca vamos dar certo. Lina precisa de um herói e eu sempre serei o vilão. Minha vida é intensa demais e ela é alguém que merece calma. Não podemos ficar juntos e é melhor cortar o mal pela raiz de uma vez.

— Nicholas vai levá-la em casa.

— Não precisa. O problema foi solucionado, não existe razões para que eu tenha escolta até em casa — retruca com desdém.

Assinto de novo.

— Fique bem, Jolina Magdayao.

Ela não diz nada, apenas passa por mim e entra no quarto, batendo a porta com força.



Lina



Uma semana depois...

— Para um homem que está tentando passar despercebido... você está fazendo um péssimo trabalho — digo ao parar de frente para escada que dá até o prédio onde moro.

Cruzo os braços, balançando a sacola que trouxe da farmácia e o jantar congelado que comprei no supermercado da esquina.

Nicholas sai de detrás da árvore e mete as mãos no casaco enquanto caminha até mim. Pela primeira vez na vida, vejo o homem abrir meio sorriso. Achei que fosse impossível ele fazer isso. A expressão dele é sempre tão séria, que cheguei a pensar que os músculos do seu rosto não se mexessem.

— O que aconteceu com seu rosto? — questiona de testa enrugada assim que os olhos dançam pela minha face. — Quem fez isso?

— Foi um acidente — minto e é claro, ele não acredita, pois arqueia uma sobrancelha e me encara de forma cética. — Fui assaltada e... — minha frase morre quando noto que Nicholas ainda não está acreditando. — Parece que apanhar de homens está no meu sangue — resmungo, carrancuda.

Viro o corpo para começar a subir as escadas, mas sou impedida por Nicholas.

— Quando isso aconteceu? Estamos de olho em você desde que saiu da casa do Julian.

— Estão de olho vinte e quatro horas por dia? — zombo e rio, mas o homem volta a ficar sério de novo. — Antes de ontem. Não foi nada.

— Como assim não foi nada?

Respiro fundo e engulo o caroço na garganta.

— Dois homens me seguiram, estavam atrás de Mason. Fiquei assustada e acabei usando spray de pimenta em um deles e bem, ele ficou furioso, é claro — digo a verdade como se não fosse nada.

Não é que eu esteja defendendo o cretino. Na verdade, eu fui à delegacia e registrei boletim de ocorrência, o que até agora não deu em nada. E nem vai dar em alguma coisa. Infelizmente, é desse jeito que a merda do mundo é para nós, mulheres. Quando precisamos de ajuda e procuramos por ela, tentam calar a nossa voz e fingem que o nosso problema não é importante.

Fico feliz de ter chutado o saco do homem que encostou em mim. Ele provavelmente ficará estéril. Ruim não será. Um imbecil daquele não merece colocar crianças no mundo.

— Vou resolver isso — Nicholas diz e eu nego com a cabeça, assustada.

Resolver as coisas no mundo deles é diferente do que resolver as coisas no meu. Julian me provou isso semana passada e é por isso que preciso me manter longe dele. É a coisa mais sensata a se fazer.

— Não faça nada, eu já registrei boletim de ocorrência — falo, e ao notar que ele está abrindo a boca para retrucar, começo a tagarelar. — Por que está me seguindo?

— Não é óbvio?

Meu coração acelera e eu sinto o rosto esquentar, mas me mantenho firme.

— Óbvio pra quem? — rebato, mesmo sabendo o que ele quis dizer.

— Ele está tentando cuidar de você.

— Julian cuida das pessoas de um jeito bem estranho e sinistro — é o que falo, fazendo Nicholas assentir. — Diga a ele que estou bem e que dá próxima vez que eu ver algum de vocês me seguindo, vou usar spray de pimenta e chutar alguns sacos.

— Jolina...

— Diga a ele, que se continuar mandando homens me seguir, vou chamar a polícia. Ou melhor, vou voltar pro meu país e ele nunca mais vai saber nada de mim — falo e só depois noto o absurdo que acabou de sair minha boca.

Primeiro, não vou voltar para Filipinas. Segundo, não acho que Julian vá se importar de verdade com isso.

— Diga ao mandachuva, que se ele quer saber como eu estou, basta apenas me seguir no Instagram ou fazer uma conta no Twitter.

— Certo.

— Diga exatamente essas palavras, ok?

Nicholas aperta os lábios em uma linha reta e suspira, desviando os olhos de mim.

— Vou passar o recado.

— Obrigada. — Sorrio. — Agora, tchau. Preciso comer e dormir, porque amanhã tenho seminário.

— Ok, boa noite, Jolina.

Começo a subir os degraus da escada e noto que ele não moveu um músculo sequer. Faço um gesto com a mão para que ele dê o fora e meio contrariado, o noto indo embora, e eu volto a seguir o meu caminho.

Entro no apartamento e coloco as sacolas em cima do balcão da cozinha, depois me jogo no sofá, pensando em Julian, aquele idiota engravatado.

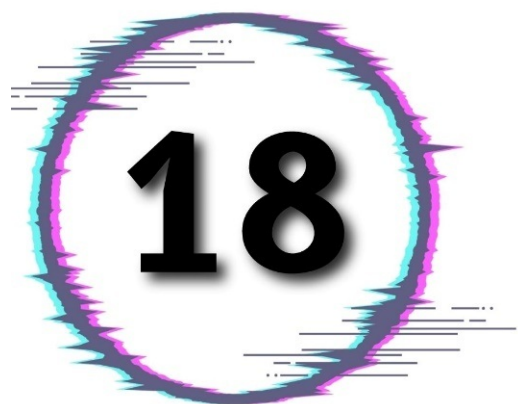
Meu coração não devia ficar animado com o fato daquele homem “*tentar cuidar de mim*”, eu sei do que ele é capaz e isso me assusta. Mas por que não consigo me sentir diferente em relação a ele?

Tentei tanto ocupar minha cabeça na última semana, mas aqueles olhos negros e profundos preenchiam meus pensamentos sempre que possível.

É como aquela música da Taylor...

Julian é como um pesadelo vestido de sonho.

E eu sei que é perigoso me envolver com ele, mas não consigo fazer com que meus pés me obedeçam e corram para longe.



Lina



Hoje foi o dia mais tranquilo que tive em semanas, mas ao entrar na rua onde moro e ver Julian na calçada, acompanhado de Nicholas e outro homem que não conheço, sei que a serenidade foi para o ralo.

O homem é um furacão.

Tento não ficar abalada quando nossos olhos se encontram e decido ignorá-los. Infelizmente, Julian me segue, em silêncio. Abro a porta do apartamento e sem pedir permissão, ele entra.

Coloco a bolsa com livros no sofá e tiro o casaco, fazendo um esforço muito grande para não olhá-lo, o que é bem difícil. Julian está lindo e tão cheiroso, que me dá vontade de afundar nos braços dele e esquecer toda a merda que o homem fez.

— Ainda brava? — é a primeira coisa que o homem fala.

— O que você quer? — pergunto de uma vez, ignorando as palavras que saíram da sua boca. — Por que está aqui?

— Você vai voltar para as Filipinas? — é o que ele quer saber.

— Que bom que Nicholas deu o meu recado — rebato, dando alguns passos para longe quando noto que ele quer se aproximar. — Veio por isso?

— Também.

Com três passos, chego na minha minicozinha e tiro uma garrafinha de água de dentro da geladeira, desenrosco a tampa e bebo um gole generoso. O mandachuva me observa com a testa meio enrugada.

— Quem bateu em você, Lina?

Fecho os olhos, suspirando. Pouso a garrafa em cima da mesa e encaro Julian, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Não se meta nisso, Julian. Eu já resolvi a situação.

Ele contrai a mandíbula, visivelmente chateado.

— Tudo bem, eu posso descobrir de outra forma.

Dito isso, o homem tira o celular de dentro do bolso e digita uma mensagem para alguém.

Fico irritada.

— Por que você se importa? — retruco, dando a volta no balcão e me aproximando dele. — Por que fica atrás de mim? Uma hora você age como um babaca, mata o meu ex-namorado e me expulsa da sua casa, depois coloca os seus homens atrás de mim? O que você quer, Julian? O que você quer de mim?

— Eu estou tentando manter você segura, Jolina — é só que ele responde.

— Por quê? — questiono, furiosa. Quando noto que ele não vai falar nada, respiro fundo e passo as mãos entre os cabelos, implorando em silêncio por paciência. — Não faça nada, Julian. Por favor. Não faça nada.

— Você é bondosa demais, Lina.

Sem aviso prévio, Julian leva uma das mãos até o meu rosto e segura, fazendo carinho na bochecha com o polegar. E em resposta, é claro, meu coração dá um salto dentro do peito.

Não deveria aceitar o carinho dele, mas é exatamente isso que eu faço. Deixo que esse homem intenso, perigoso e sombrio me toque.

— Não é isso — murmuro. — Não mate mais ninguém, Julian — me ouço pedindo e os olhos dele se prendem aos meus. — Não pode resolver as coisas de uma forma pacífica? No meu mundo, é assim que as coisas funcionam.

— Não foi assim que eu aprendi a resolver os problemas.

Assinto e seguro a sua mão no meu rosto.

— Mas você pode aprender, Julian. Não é tarde pra isso. Talvez, eu possa ensinar a você — sussurro.

Julian tira a mão do meu rosto e noto um lampejo de tristeza passar por seus olhos.

— Esse é o problema, Lina. Você acha que sou um herói, e na verdade, sou o vilão. Eu sacrificaria o mundo pra salvar você e não o contrário.

— Por que você faria isso por mim? — pergunto, quase gritando. — Não tem lógica. Nossa relação não tem sentido nenhum, Julian. Por que está atrás de mim? Por que não me deixou em paz depois de eu ter saído da sua casa?

— Porque eu quero você. Não devia, mas eu quero — fala de um jeito natural, como se isso fosse tão óbvio ou como se fosse a solução para todos os problemas ao nosso redor.

Tudo bem, eu acho que quero Julian também. Mas querer um ao outro não justifica o fato de que ele sacrificará qualquer pessoa para me proteger. A vida que eu conheço não funciona dessa forma.

Os problemas no meu mundo são resolvidos com diálogos ou polícia.

— Tentei me manter longe, era o certo a se fazer, você é pura demais pra mim. Jolina. Mas como eu disse, não sou o cara bonzinho, então vou fazer o que eu quero. E bem, eu quero você.

Minha respiração acelera.

— Não diga coisas desse tipo.

— Por que não?

— Eu acho... que é pura luxúria, Julian — murmuro.

Ele volta a se aproximar de mim, pousando as mãos grandes no meu pescoço e faz o meu corpo inteiro arrepiar. Minhas vistas caem sobre a sua boca e eu mordo o lábio inferior, admirando e desejando essa boca diabólica.

— Qual é o problema se for luxúria?

— Eu não nasci pra ser como a sua Bella Thorne e não quero ser só uma

foda fixa de um homem bonito e rico. Não preciso disso.

Os lábios do canalha se esticam em um meio sorriso lascivo, que consegue mexer com as minhas entranhas. Continuo admirando a boca bonita, desejando-a contra a minha.

Eu devia ligar o foda-se e me entregar à luxúria. Uma noite apenas. Uma noite de sexo e orgasmos com Julian Lorenzo Carbone deve valer muito a pena. E bom, nunca tive tanta sorte com o sexo masculino na hora H de qualquer forma.

Perdi a virgindade com um garoto franzino que sofria de ejaculação precoce e Tristan não fazia o tipo que estava ali para satisfazer a sua companheira. E sei que Julian é diferente desde quando o vi entre as pernas daquela ruiva peituda, chupando-a como se o mundo fosse acabar.

Ele pode fazer isso comigo também.

Não me importaria nenhum um pouco.

— Você quer exclusividade? — é a porra da pergunta que ele faz.

Seus olhos brilham de modo feroz, perverso e sexy. É até difícil pensar com clareza perto dele.

Coloco as duas mãos sobre o seu peito coberto de tecido caro e o empurro para trás. Julian dá um passo à frente e eu recuo. Ele insiste e ficamos assim até encostar o meu cóccix na parede.

Ele me prende.

O corpo firme de Julian roça no meu, me deixando tonta e de respiração ofegante.

— Você quer exclusividade? — pergunta de novo com os olhos fixos nos meus lábios.

Deus, se ele se inclinar só um pouquinho, posso ser arrebatada por um beijo quente e molhado.

— Você não? — rebato ao arquear uma das sobrancelhas. — Porque me parece que você não faz muito o tipo de homem que quer dividir alguma coisa.

— Não gosto de dividir — sussurra com a voz sensual e dançando com os

olhos pelo meu corpo ao mesmo tempo em que passeia com os dedos pelo meu braço vestido de lã.

— Nem eu.

Julian aproxima o rosto do meu e engulo em seco, ansiando pelo beijo avassalador que eu sei que ele sabe dar. Arfo em surpresa quando o sinto roçar de leve os dentes no lóbulo da minha orelha e fico decepcionada quando o homem se afasta.

— Eu preciso ir, tenho reunião hoje — fala e eu assinto, tentando não demonstrar o quanto fiquei decepcionada.

— É aniversário da minha irmã no final de semana. Vou pedir pra alguém vir te buscar.

Levanto as mãos em rendição e faço cara de surpresa.

— Você quer me apresentar a sua família? Eu não sabia que o apreciador de vaginas Julian Lorenzo Carbone era tão sério — digo ao cruzar os braços na altura dos seios.

Ele solta uma risada contagiante.

— Você é atrevida, Jolina. É a única pessoa que me desrespeita e me faz achar isso divertido. Até sexy.

Concordo com um aceno de cabeça.

— É o meu charme. — Sorrio e ele também. — De qualquer forma, não é melhor levar a sua Bella Thorne?

— Minha mãe não gosta dela.

Reviro os olhos ao ouvir a resposta.

— Então é por isso que quer me levar? Obrigada pelo convite, mas não sei se quero ir. — Respiro fundo e dou de ombros. — E nada de homens me seguindo — aviso.

— É algo que eu não posso prometer.

Dito isso, Julian pousa descaradamente uma das mãos na minha cintura e aperta de leve ao depositar um beijo no canto da minha boca.

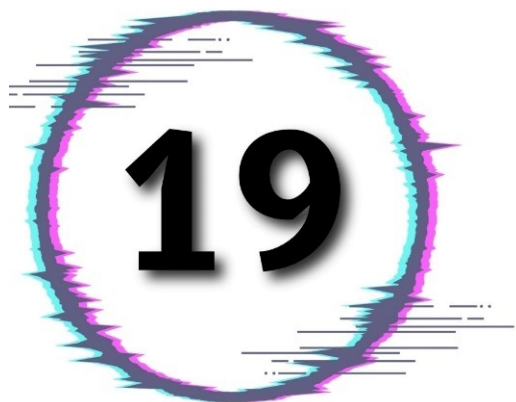
— Alguém virá buscar você no sábado — ele fala e em seguida, dá as

costas e vai embora.

E eu me jogo no sofá.

Fiquei louca de vez.

Por que não consigo correr para longe dele?



Lina



— Você perdeu o juízo? — é a primeira coisa que escuto de Sophia depois de ter contado sobre a visita de Julian.

É claro que eu não falei sobre o que Julian fez com Mason. Aí sim minha melhor teria certeza de que meu juízo no está comigo há muito tempo. Por enquanto, o que ela sabe é que o mandachuva é pobre de rico, intenso e segundo ela, um *sugar daddy* em potencial.

— Você gosta dele? — Sophia pergunta enquanto tira o pacote de pipoca de dentro do micro-ondas.

Estamos fazendo uma noite de meninas, com direito a unhas dos pés pintadas, massagem capilar e filmes melosos de comédia romântica.

Prengo os lábios, refletindo.

— Atração física, talvez? — arrisco. — O homem é um molhador de calcinhas.

Sophia faz bico e solta um assobio, me roubando uma risada.

— Jolina Magdayao, você está me saindo uma bela de uma safadinha — retruca e começa a rir também.

Pego as cervejas de dentro geladeira, abro-as e levo até a mesinha de

centro, enquanto ela, o balde cheio de pipoca. Nos acomodamos no sofá e ela fica me observando de olhos semicerrados ao mesmo tempo em que joga algumas pipocas dentro da boca.

Sophia é a mulher mais linda que eu conheço. Filha de pai afro-americano e mãe judia, nasceu na Suíça e veio para o Canadá aos oito anos de idade. É dona de uma pele negra de tom quente e de um belo par de olhos verdes curiosos, que parecem duas esmeraldas grandes.

— Por que tá me olhando assim? — resmungo.

— Meu pai falou sobre os seus machucados na semana passada. Vai continuar sem me dizer nada?

Ao ouvi-la, levo as mãos até o rosto e lembro que estou usando uma base de alta cobertura, então, Sophia ainda não viu o meu estado atual.

Respiro fundo e encosto a cabeça nas costas do sofá, olhando o teto e pensando em como falar para minha melhor amiga o que Tristan/Mason fez duas semanas atrás. Ela vai ficar muito irritada e com certeza, se Mason ainda estivesse por aqui, Sophia chutaria a bunda dele.

— Ele me bateu quando eu disse queria terminar — digo de uma vez e parece que tirei um pouco do peso das minhas costas. — Você sempre teve razão, Sophia. Aquele cara... ele... ele...

— É um otário filho da puta — me interrompe e eu sorrio. — Quando eu vir aquele imbecil, vou partir pra cima dele.

— Obrigada.

Sophia coloca o balde de pipoca em cima da mesinha de centro e se inclina para me abraçar. Sinto os olhos arderem, mas não ousa chorar. Aperto-a contra o corpo e respiro fundo, grata por ela ser tão compreensiva e ainda por cima, minha melhor amiga.

— Está proibida de falar o nome daquele boy embuste — ela resmunga.

— Combinado.

Sophia se afasta de mim e me oferece o dedo mindinho, como se fôssemos duas adolescentes. Rio, mas acabo entrelaçando os nossos dedos. Ela sorri e em

seguida, pega as cervejas em cima da mesinha de centro e oferece em um brinde.

— Que o seu *sugar daddy* não seja um boy embuste também.

— É a isso que você quer brindar? — questiono, batendo minha long neck na dela.

Sophia dá de ombros e depois bebe um gole generoso de cerveja, e eu faço o mesmo. Pego o controle da tevê e antes que possa dar play no filme, minha campainha toca. Levanto e corro até a porta, ao abri-la me deparo com um homem que eu não sei o nome, mas já vi ao lado de Julian.

— Oi, senhorita Magdayao. — Abre um sorriso cordial e me oferece uma caixa grande com um laço vermelho e outra média. — Pra você.

— Hãh?

Sophia surge detrás de mim e ao analisar a cena, dá alguns passos para frente e pega as caixas, arqueando de maneira desconfiada uma sobrancelha bem-feita para o homem à nossa frente.

— Quem é você? O que isso significa? O que tem dentro dessas caixas? Quem mandou? — Sophia começa a interrogar o homem, que fica sem jeito.

— Obrigada — é o que digo ao abrir um sorriso amarelo e puxar Sophia para dentro do apartamento e fechar a porta.

Nos apuramos no sofá com as caixas entre nós e ela morde o lábio inferior, enquanto faz um gesto com as mãos, me incentivando a abri-las. Passo as mãos entre os cabelos e respiro fundo antes de desfazer o laço vermelho e descobrir o que tem dentro.

— Ai. Meu. Deus — Sophia fala, pausadamente.

Tiro a peça de roupa de dentro da caixa e fico em pé, olhando, abismada.

É um vestido midi, confeccionado em paetê dourado, tem decote degagê, alças finas com reguladores e costas nuas. É lindo, perfeito, sexy e com certeza vou ficar gostosa usando o vestido. Com certeza custou uma fortuna.

Quando Julian e eu chegamos na fase de trocar presentes?

Sophia pega o cartão com detalhes prateados que eu nem havia notado na caixa e começa a ler em voz alta.

— Espero você amanhã. Julian Carbone. — Minha melhor amiga faz bico e me encara de olhos arregalados. — Como eu disse, um *sugar daddy* em potencial. — Revira a caixa menor e encontra um par de sandálias de salto alto com tiras beges.

— O homem é doido — concluo em voz alta.

— Mas precisamos admitir que tem bom gosto — ela retruca e dá de ombros, me fazendo rir.

Sento no sofá de novo e coloco o vestido entre nós, com cuidado para não amassar. Pego o cartão e vejo que foi escrito à mão. Parece que o mandachuva teve o trabalho de escrever o próprio cartão.

— Isso é demais, não posso aceitar.

— Você devolve depois de usar — Sophia comenta e noto um sorriso desenhando seu rosto. — Olhe esse vestido, você vai ficar linda pra caralho usando isso. Não pode desperdiçar uma oportunidade dessas.

Reviro os olhos, mas acabo rindo.

— Sabe o que estou pensando? — pergunto, mordendo o lábio inferior.

Sophia me olha desconfiada.

— Não, o quê?

— *Ele me ama, ele me dá todo o seu dinheiro. Aquela Gucci, Prada confortável, meu papaizinho. Uh ha ha ha ha* — cantarolo uma estrofe de “Sugar Daddy” da Qveen Herby, fazendo minha melhor amiga explodir numa risada gostosa.

— *Ele me ama, ele não coloca ninguém acima de mim. Essas vadias querem me julgar, mas eu não ligo. Uh ha ha ha ha* — ela canta também e levanta do sofá, me puxando junto e dançando de forma engraçada.

Rindo e dançando com a minha melhor amiga, esqueço por alguns minutos que aceitar Julian, o homem intenso e de olhos profundos na minha vida pode fazer o meu mundo girar de cabeça para baixo.



Depois de ter dado um fim a vida de Mason, estranhamente, Giuliano ficou ao meu lado. Noah não gostou de eu ter agido por contra própria, já o meu pai, tentou entender o que se passa dentro da minha cabeça.

A família Fontana está quieta e não pareceu se importar com o sumiço de Mason. Talvez, ele tenha subestimado o seu valor.

Ainda não descobrimos quem está por trás do atentado contra o meu pai, e nem quem é o tal *Capitão* que mandou acabar com Lina. O nosso hacker até fez um dossiê sobre a garota, mas não há nada de errado sobre o passado ou a vida dela.

Lina é quase uma santa.

Se eu fosse um herói, ficaria longe dela, mas como eu sou o cara mau, eu a quero e a mantereí por perto.

Mandei dar uma lição também nos homens que foram atrás dela e a machucaram. É lógico que eu queria ter feito bem mais do que apenas quebrar alguns ossos, mas meu pai ordenou que eu não agisse de maneira impulsiva de novo.

— Primeiro livros, agora um vestido? — Romie questiona. — Quem é

você e o que fez com o meu irmão? — Olha-me de esguelha e eu quase sorrio.

Quando não está bêbada e dando trabalho, minha irmã é adorável.

Romie está agarrada ao meu braço, enquanto caminhamos em uma loja do Shopping Center. Já que ela me ajudou com os livros, decidi pedi conselhos sobre que vestido comprar para Lina.

— Como ela é?

— Hum... — murmuro e olho para mim irmã. — Culta, inteligente, respondona, atrevida e linda.

— Uau... — Romie se solta de mim e leva as duas mãos até a boca, fingindo estar assustada. — Você está apaixonado? — questiona, me fazendo girar os olhos.

Abro a boca para responder, quando minha irmã encontra um vestido em meio aquele monte de tecido com lantejoulas brilhosas e mangas bufantes exageradas.

— Esse, é lindo. — Romie aponta para o vestido no corpo do manequim. — O que acha?

Encaro o vestido que ela escolheu e imagino Jolina dentro daquela roupa discreta, mas sexy e quase sorrio. É perfeito.

— Vou levar esse — murmuro ao beijar o topo da sua cabeça, roubando um sorriso grande de Romie.

— Agora, precisamos de um sapato — fala e passo uma das mãos na nuca e massageio, depois concordo com um aceno de cabeça. — Não estava pensando em sapatos, não é?

Franzo a testa e sou sincero ao negar com a cabeça.

— O que seria de você sem mim? — resmunga e entrelaça a mão na minha, me puxando para o outro lado da loja.



Estou prestes a colocar a gravata quando alguém bate na porta do quarto e depois de alguns segundos, entra.

É a mamma.

Ela não consegue esconder o sorriso. Desde que voltamos a morar na mesma casa, mamãe parece mais feliz que o normal e não faz esforço para disfarçar. Agora, as coisas estão do jeito que ela sempre quis.

Os filhos morando debaixo do mesmo teto.

Ela vem até mim e pega a gravata das minhas mãos, e sem dizer nada, passa pelo pescoço e dá um nó perfeito.

— Quem você convidou? — pergunta como quem não quer nada, mas conheço minha mãe muito bem. Ela quer saber tudo. — Romie contou algo sobre o vestido.

— Mamma — sussurro, levando as mãos até o seu rosto e segurando. — Pode tratá-la bem?

Ela enrugando o nariz e pisca devagar, respirando fundo logo em seguida.

— Preciso vê-la primeiro. Se for alguém como a aquela ruiva escandalosa,

eu sou contra. Não posso aceitar isso.

— Mamma...

— Vou me comportar — é o que diz, fingindo ajeitar o nó da gravata. — Não se preocupe.

— Obrigado.

— De qualquer forma, não devia ter convidado alguém. — Pousa as mãos espalmadas sobre o meu peito. — Shalom vem esta noite. Não deveria dar um pouco de atenção a ela?

Seguro-a pelos pulsos e com delicadeza, afasto-a um pouco de mim, buscando os seus olhos, que são idênticos aos meus e tento sorrir.

— Eu casarei quando for a hora. No momento, estou feliz de ser solteiro e continuar curtindo a minha vida. Shalom é perfeita pra ser uma esposa, mas não pra ser a minha.

Mamãe não fica contente ao me ouvir, mas fica quieta e desvia as vistas. Solta-se de mim e passa as mãos com delicadezas sobre o vestido brilhante. Finge um sorriso e suspira.

— Vamos conversar sobre isso outra hora — diz num tom baixo ao levar uma das mãos até o meu rosto e fazer carinho antes de me deixar sozinho no quarto.

Observo meu reflexo no espelho e a cabeça começa a traçar planos de como fazer Shalom não ficar a noite inteira no meu pé. A mulher é determinada e desde que minha adorável mãe disse para nós dois casarmos, quando estamos juntos, Shalom adora agir como se fosse minha noiva prometida.

Saio do quarto na mesma hora que Nicholas manda uma mensagem, avisando que Lina já está a caminho.

— Depois que cresci, eu vi você sorrindo poucas vezes. E hoje, você sorriu duas vezes — Romie fala, escorada na soleira.

— Você está contando? — retruco.

Ela está linda e meiga, e mesmo assim, parece uma mulher. Nem acredito que minha irmã cresceu tanto. Ainda lembro quando era pequena e gostava de

fazer apresentações de dança para família inteira.

Romie sempre gostou de chamar atenção.

— Pronta? — pergunto ao me aproximar e oferecer um braço a ela. — Aliás, está linda.

— Que cavalheiro, obrigada. Você também não é de se jogar fora — retruca, me fazendo balançar a cabeça.

— Gostou do meu presente? — Aponto para o colar de topázio azul pendurado em seu pescoço.

— Eu amei, é lindo. Obrigada.

Abro meio sorriso e assinto.

Se minha irmã soubesse o verdadeiro significado do colar, com certeza não estaria usando, mas eu preciso cuidar dela, e o colar é sinônimo de que sempre saberei onde Romie está.

Minha irmã se enrosca no meu braço e caminhamos rumo às escadas, em silêncio.

Talvez por ser mais nova e a nossa diferença de idade ser menor, ela sempre foi muito apegada a mim. Quando ela atingiu aquela idade que adora problemas, Noah estava ocupado demais com os negócios da família e eu ainda estava aqui, ao lado dela, tentando me encontrar.

Ao chegarmos no salão principal, Romie faz cara feia. Não posso culpá-la, deve ser a pior festa de aniversário de todas para uma garota que acabou de completar vinte e um anos.

Tudo muito sofisticado, música calma rolando de fundo e muita gente velha, bebendo champanhe e conversando.

— Ai, Deus! Alguém me mata — rosna.

— Você convidou seus amigos? — questiono.

— Mas é claro. E eu preciso trocar essa música ou vou morrer antes de chegar aos vinte e dois — fala ao se afastar de mim e sumir entre as pessoas.

Um garçom passa por mim, servindo bebida e eu pego uma taça. Antes que possa levar um gole até a boca, a música é trocada por alguma remixada.

Romie grita e vai para o centro do salão, com uma taça de champanhe na mão.

— É isso! Vamos agitar o meu aniversário. Nada de desanimo, ok? Quero todo mundo dançando — grita e começa a mexer o corpo de um jeito exagerado.

— Quando a nossa doce irmãzinha se tornou isso? — Noah pergunta ao parar ao meu lado.

— Já faz um tempo — é o que digo.

— Pelo menos ela está se divertindo — Haylie fala, e só agora noto que está enganchada no braço de Noah.

Ela não está com o semblante feliz e nem faz questão de esconder isso. De repente, Haylie se afasta do meu irmão, pega a minha taça de champanhe que ainda nem havia tocado e vai para o centro do salão dançar com a minha irmã.

Para uma mulher de poucas palavras, Haylie é bem atrevida.

— Ainda na mesma? — quero saber.

Quase três meses e meio de casados e Noah não consegue fazer com que Haylie o ame. Ou pelo menos deixe de odiá-lo. Não posso culpá-la por isso. Se estivesse no lugar dela, agiria do mesmo jeito.

— Ela me odeia.

— Eu percebi — retruco.

— Estou mantendo isso pra deixar a mamãe feliz, mas não sei se consigo por muito tempo.

Viro o corpo para ele e uno as sobrancelhas.

— Por que aceitou se casar com ela então? Você podia ter dito não — falo entre os dentes, tentando manter o nível da voz.

Noah contrai a mandíbula e me olha meio cético.

— Eu vou assumir o lugar do nosso pai, precisava mostrar que sou sério. E que estou pronto pra isso.

— É, irmão. Se é isso que você quer. — Pego outra taça de champanhe quando garçom passa por perto e bebo tudo de uma vez.

— Você fala como se isso não fosse acontecer com você. — Noah solta uma risada seca. — Por quanto tempo acha que nossos pais vão deixar você

solteiro também? Nossa família se move a tradições. Uma hora mamãe vai fazer você sossegar o seu pau. Ela sossegou o meu.

Enrugo o nariz.

— Cara, nunca mais fale assim, eu imploro a você.

Ele começa a rir e eu acabo me rendendo e rindo junto do meu irmão.

Embora pareça que estamos sempre a um passo de entrar em discussão, Noah é um dos meus melhores amigos e eu morreria por ele. E tenho certeza de que ele faria o mesmo por mim.

Outro garçom passa por nós e eu o paro, pegando duas taças e oferecendo uma a Noah.

— Quando a sua garota chega? — Noah questiona depois de dar um gole generoso no champanhe.

— Ela não é minha garota.

Ainda...

Noah dá uma batida forte no meu ombro e faz que sim com a cabeça, como se soubesse de algo que não sei.

— Eu disse que ela não era alguém pra você, mas mesmo que eu seja o irmão mais velho e esteja certo, você nunca foi de me ouvir, não é? Sempre metendo os pés pelas mãos.

Arqueio uma sobancelha e elevo a taça em um brinde solitário, concordando.

Noah está certo, eu nunca fui o tipo de homem que segue as regras em linha reta. Respeito meu irmão, meu pai, a família, mas existem coisas que eu prefiro fazer do meu jeito. Mesmo que seja quase sempre de um jeito distorcido.

Depois de algumas taças de champanhe, ainda não me sinto bêbado ou pelo menos um pouco bêbado para continuar vendo minha irmã rebolando a bunda com as amigas no centro do salão.

Minha mãe parece horrorizada, mas decidiu deixar Romie se divertir. É aniversário da caçula, afinal.

Estou pedindo para que o garçom me traga uísque, quando a vejo no hall

de entrada com Nicholas. A atenção de Lina está no piano e ela pergunta algo ao meu amigo, que responde e a faz revirar os olhos, depois rir.

Lina envolve o braço em Nicholas para entrar no salão e isso me deixa com um estranho gosto amargo na boca, que esqueço no exato momento em que os lábios dela se curvam em um pequeno sorriso quando encontram os meus olhos.

Os cabelos estão soltos e lisos, a boca está pintada de vermelho e os cílios mais volumosos do que eu me lembrava. O vestido ficou perfeito no corpo de Lina. Parece que foi feito especialmente para ela.

Sorrio.

Jolina está linda e muito sexy.

O pensamento de que tenho que fazê-la ser minha ecoa dentro da cabeça como um mantra.

— Obrigado, Nicholas — digo e meu amigo se desvencilha dela e depois de assentir, se afasta de nós. — Você está linda, Jolina.

— Obrigada — ela murmura. — Não precisava do vestido, mas eu adorei. Acho que caiu bem em mim. Obrigada, de novo.

Como em modo automático, meus olhos dançam pelo corpo dela. *Caiu bem?* Para mim, está perfeito. Tão perfeito que tenho vontade de descer o zíper da lateral e investigar o que ela está usando por baixo.

— Pare de me olhar assim — Lina retruca.

Levanto uma sobrancelha, intrigado.

— Assim como?

— Como se você fosse um cachorro faminto e eu, um pedaço de carne suculento e gostoso.

Não consigo impedir meus lábios de se transformarem um sorriso.

Por alguma razão inexplicável, eu adoro essa boca atrevida dela. Ainda continuo achando que Jolina vai me causar problemas e ser minha ruína, mas não consigo parar de desejá-la.

— Você cresceu aqui? — pergunta, de repente. Assinto em resposta, sem

conseguir desviar a atenção de Lina. — É uma bela casa... — Balança a cabeça de um lado para o outro. — Casa não, está mais para um palácio — emenda num tom divertido.

— Mamãe sempre gostou de espaço e uma casa grande assim era a desculpa perfeita para morar com os filhos, mesmo depois de casados.

Lina arregala os olhos e abre a boca, enquanto pisca devagar e anui.

— Deve ser uma mãe superprotetora — é o que comenta.

— Sim e muito.

Ela vira o corpo inteiro para mim e morde o lábio inferior de leve ao estreitar os olhos. Parece uma garota travessa pronta para criar confusão.

— Ela é tão mandona como você?

Toco o braço de Lina com delicadeza e ao sentir meu toque, um gemido baixo escapa dos seus lábios salientes pintados de vermelho. Abro meio sorriso e subo com a mão até o seu ombro nu, afasto um pouco o cabelo e de propósito, aproximo meu rosto da orelha da garota e sussurro:

— Você não imagina o quanto.

Noto a sua respiração ofegante e o momento em que ela engole em seco. No entanto, Lina é uma garota forte e se recompõe rápido. Pronta para atacar ou falar algo petulante para mim, é interrompida quando Romie se aproxima de nós.

— Então, você é a Jolina Magdayao — minha irmã diz com um leve entusiasmo na voz e examinando Lina dos pés à cabeça. — A nova namorada do meu irmão — dispara com a língua meio enrolada.

Ainda estamos no começo da sua festa de aniversário e Romie já está meio bêbada.

Pelo visto, a noite será longa.



Lina



Analiso a minha imagem no espelho de corpo inteiro e dou um suspiro inseguro. Estou linda, mas mesmo assim, não sei se é uma boa ideia ir. Talvez não seja, no entanto, não acho que posso recuar, porque alguém acabou de bater na porta e com certeza é a minha carona.

Ao abri-la, dou de cara com Nicholas, usando terno preto e com uma das mãos dentro da calça social. O homem não é de sorrir muito e parece sempre estar com uma cara carrancuda, mas tenho que admitir, ele é bem lindo.

— Não sabia que você era motorista também — falo, e milagrosamente, Nicholas abre meio sorriso convencido.

— Ele não deixaria qualquer pessoa vir buscar você — articula, ainda pairando na porta. — E eu não sou o motorista.

Solto um suspiro e assinto, reprimindo um riso.

— Ok, eu entendi. Vou buscar minha bolsa, um minuto — digo, deixando a porta aberta e pegando a pequena bolsa cheia de *strass* brilhante que Sophia me emprestou.

Mesmo que eu tenha achado exagero no começo, foi bom Julian ter mandado um vestido e sapatos, caso contrário, eu poderia aparecer no aniversário da irmã dele de calça jeans e mochila.

Quando você é uma universitária, morando sozinha em outro país, sem a ajuda dos pais, dividindo o tempo entre a faculdade, trabalho e pagar aluguel, não sobra muito dinheiro para comprar vestidos refinados e nem tempo de sobra para frequentar lugares que precisam de vestidos desse tipo.

— Você está linda, Jolina — Nicholas diz quando saio do apartamento e tranco a porta. Sorrio e agradeço com um sussurro, e sem pedir permissão, me engancha no braço dele, porque preciso de apoio. Eu sei andar de salto alto, mas esse é alto pra caralho e ainda não me acostumei. — Pronta?

— Não exatamente, mas vamos — balbucio, fazendo ele ri.

— Você sabe rir. Legal — zombo.

Nicholas me guia até o carro em frente ao prédio que eu moro e como um verdadeiro cavalheiro, abre a porta do banco detrás e em seguida, se acomoda ao meu lado e pede para o motorista seguir em frente.

Ainda em silêncio, ele pega o celular e os dedos ágeis digitam uma mensagem para alguém.

— Avisando o mandachuva que estamos indo?

— Ele sabe que você o chama assim? — rebate.

Passo as mãos nos cabelos e busco na memória se já o chamei assim cara a cara, mas acho que não. Então, minha resposta é um dar de ombros, nós dois rimos.

— Me fale sobre a família dele — me ouço dizendo. Noto uma linha entre as duas sobrancelhas e a boca um pouco torcida. Nicholas parece confuso. — Preciso saber de algo. Não me jogue aos leões de qualquer jeito.

Ele dá uma risadinha seca, mas concorda com um aceno de cabeça.

— Bem, Romie é a irmã mais nova. Ela é bem louquinha e às vezes, a língua não tem freio — começa a falar e eu fico atenta a cada palavra que sai da boca de Nicholas ao mesmo tempo em que tento fazer uma nota mental. — A senhora Carlota é uma supermãe e um pouco ciumenta, mas é uma pessoa incrível.

Nicholas fala da família de Julian com um certo carinho, o que me deixa

curiosa. Eu sei que ele é próximo do mandachuva, mas próximo como? O que eles são de verdade? Amigos? Melhores amigos? Foram criados juntos?

— Como conheceu Julian? — quero saber.

Ele estreita os olhos e fica pensativo, como se estivesse tentando decidir se me fala ou não.

— Julian me acolheu num momento difícil da minha vida e a família dele cuidou de mim, por isso, devo muito a eles.

— Hum... você tem família também?

Nicholas assente.

— Moram em Toronto.

— Ah... sorte sua, eles moram perto. Apenas o oceano pacífico me separa da minha família — brinco.

Nicholas olha a avenida noturna e movimentada através da janela de vidro do carro e suspira.

— Às vezes, eu acho que um oceano pacífico me separa da minha família também — sussurra, triste e eu fico me perguntando se devo aprofundar a nossa conversa ou parar por aqui mesmo.

Não é como fôssemos amigos e bem, acho que é a conversa mais profunda que tivemos desde que nos conhecemos.



Lina



Quase quinze minutos mais tarde, chegamos à casa da família de Julian. Engulo o caroço na garganta e devagar, levo ar aos pulmões.

O lugar é de alto padrão e parece gigante. Há duas esculturas de leões feitas em mármore na entrada da casa, e outra escultura gigante no gramado, mas não consigo identificar o que é ou o que significa.

— Meu Deus, estou mesmo indo para a cova dos leões — zombo quando Nicholas para ao meu lado.

— Não exagere — retruca, me roubando um leve riso.

Ele faz um gesto para que eu entre primeiro e quando paro no hall de entrada imenso e luxuoso, meus olhos pairam sobre o piano aberto e preto reluzente.

— Quem toca piano na família? — pergunto quando o sinto atrás de mim.

— Julian... pelo menos ele tocava — responde ao parar ao meu lado mais uma vez e enfiar as mãos dentro dos bolsos.

Reviro os olhos.

É claro, o que esse homem não faz?

Rio sozinha.

Precisando de coragem para continuar entrando na casa, onde

surpreendente rola uma música pop, entrelaço meu braço no de Nicholas para continuar colocando um pé na frente do outro.

De repente, meu estômago está revirando e por alguns segundos de insegurança, me sinto incapaz de continuar caminhando, mas o sentimento vai embora quando eu encontro os olhos negros e profundos de Julian luzindo para mim.

Abro um pequeno sorriso e me sinto confiante de novo.

O que só dura uns dez minutos mais ou menos. Primeiro, porque Julian adora provocar e isso consegue mexer com as minhas entranhas. Segundo, a irmã dele é bem amalucada mesmo.

Sinto as bochechas formigarem quando ela diz que sou “*a nova namorada do seu irmão*”.

— Na verdade, não sou namorada dele — falo, mas ela nem ouve e Julian tem os olhos em cima de mim, como quem quer decifrar um código difícil. — Apenas, amiga.

— Hum, interessante. — Ela sorri, me encarando com as pupilas dilatadas. Essa garota já está bem animadinha e sem dúvida, fazendo as coisas acontecerem na sua festa de aniversário. — Sou Romie Carbone.

Dito isso, de modo inesperado, joga os braços no meu pescoço e cobre o meu corpo com o seu para um abraço de urso.

— Ah, feliz aniversário, Romie.

— Obrigada.

Ela me solta e eu sorrio, sem jeito.

Depois de Sophia, ela é a pessoa mais espontânea que conheço desde que comecei morar aqui. Romie é intensa, mas acho que podemos nos dar bem. A garota parecer ser o tipo de amiga que adora entrar em confusões e que está sempre pronta para ouvir desabafos de alguém quando é preciso.

— *Mamma*, aqui, venha — Romie articula e levanta a mão e faz um gesto para que se aproxime. Respiro fundo e arrisco uma olhadela para atrás no exato momento em que a mãe de Julian está a três passos de distância. — Essa é a

garota do vestido — contesta, e eu enrugo as sobrancelhas, encarando Julian, mas ele não diz nada.

A mãe dos meninos é linda, está com tudo em cima e poucas rugas no rosto. Não tem um fio branco em cima da cabeça e parece o tipo de mulher que gosta de uma academia e odeia glúten.

Nem de longe parece com uma mulher que tem três filhos adultos.

Uau. Estou impressionada.

Julian toca meu cotovelo de novo e eu tento ignorar o pequeno choque que passa por mim.

— Lina, essa é minha mãe, Carlota — o homem fala com uma certa leveza na voz. — E mamma, essa é Lina.

É claro que a mãe deles me analisa dos pés à cabeça e por conta da ansiedade, eu sinto meu coração bater alto dentro do peito. Nunca conheci a mãe de Tristan/Mason e a mãe do garoto franzino da minha adolescência me odiava.

Então... digamos que *sogra* ainda é um assunto novo para mim.

O quê? Sogra? Ai Jesus, já estou delirando e ainda não tomei nenhuma taça de champanhe.

— É um prazer conhecê-la, querida — diz com tanta suavidade, que tranquiliza meu coração. — Você é linda.

— Ah, obrigada, a senhora também — balbucio.

Ela ri.

— Obrigada. — Olha de mim para Julian. — Você é nova — acrescenta num sussurro.

— Sim, mais ou menos. Sou universitária.

— Ah, universitária? Onde você estuda? — questiona com uma sobrancelha levemente erguida.

— Na universidade de Montreal — respondo e abro um sorriso tímido.

A mãe de Julian abre a boca para continuar com o interrogatório, quando o filho a impede de continuar.

— Mamma, por favor, ela é minha convidada — é o que diz, fazendo-a

assentir a contragosto, mas sorrir para mim antes de se afastar.

Não sei se ela gostou de mim ou não, mas dou uma respirada funda, me sentindo quase aliviada, o que não dura muito tempo, pois Romie me puxa para o centro do salão para me apresentar às amigas.

Mesmo que Julian tenha tentado interceptar a irmã mais nova, não conseguiu. E aqui estou, no meio de outras garotas mais novas que eu, e a esposa de Noah, que está com expressão de quem comeu algo e não gostou.

O garçom passa oferecendo champanhe e eu pego uma taça, tomo um gole generoso e tento manter uma conversa civilizada com as garotas. Não são todas iguais a Romie, algumas são tímidas e já estão na faculdade, outras não tem pretensão de estudar, porque os pais são ricos e amam virar a noite na balada.

— Como conheceu Julian? — Natalie, a amiga loira e de olhos azuis, filha de pais ricos e que por enquanto, não tem pretensão de cursar uma faculdade, pergunta.

Ela tem vinte anos, mas aparenta ser bem mais velha que eu, e não duvido nada que tenha muito mais experiência com sexo oposto.

— Por causa dele fui atropelada por uma moto — falo e lanço um olhar por cima do ombro para Julian, que também tem os olhos predadores em cima de mim.

— Eu não sabia dessa — Romie comenta com um sorriso cínico desenhado no rosto. — Ele é um pé no saco, mas é gato, não é? — pergunta, curiosa.

Engasgo com o champanhe e não arrisco responder. Já as amigas delas, até mesmo as tímidas, se perdem em risinhos e sussurros de como os irmãos de Romie são lindos. Reviro os olhos, no entanto, continuo quieta.

Pego outra taça de champanhe quando o garçom se aproxima e antes que consiga tomar um gole generoso, Romie me puxa para o centro do salão e começa a dançar ao som de uma música pop.

Mesmo que sejamos as únicas no centro do salão e os outros convidados tenham a atenção em cima de nós, inclusive Julian, eu acabo cedendo e

dançando com as meninas depois de beber todo o líquido da taça.

Não faço o tipo de garota que vive na balada, mas sempre que queria espairar, aceitava os convites das meninas da faculdade que curtiam uma noite agitada com dança e shots de bebidas.

Não estamos nem na metade da música, quando Romie dá uma estagnada e arregala os olhos claros, pasma. Alterna as vistas de mim para algo acima do meu ombro, me fazendo ficar curiosa e virar a cabeça para saber o que está acontecendo.

Deparo-me com uma mulher magra, esguia, de pele clara e cabelo muito preto agarrada ao braço de Julia, enquanto ri de algo. Ela é linda, parece uma modelo e é tão delicada, que parece flutuar sobre os saltos altos.

— Quem é ela? — pergunto à Romie, que prensa os lábios e hesita em responder. — Me diga — insisto.

Ela engole em seco e pisca devagar antes de falar.

— Ela é meio que a noiva de Julian.

Engasgo com saliva e a garota segura minha mão, perguntando se estou bem.

— Noiva?

— É uma história complicada, não se preocupe — tenta explicar a situação, mas só me faz ficar mais irritada com Julian. — No momento certo, ele vai te contar tudo.

— No momento certo? — disparo, irritada. — Ele é um cretino — resmungo e estou me preparando para ir embora, quando Romie segura meu pulso e me impede de dar um passo para frente.

Abro a boca para protestar, mas sou interrompida quando ela me arrasta até o casal de noivos.

— O que você tá fazendo? — pergunto, porém, ela não me responde.

— Shalom... — Romie não faz questão de esconder o desdém na voz. — Quem te convidou pra minha festa de aniversário? — ela fala com um tom inequívoco de rispidez em sua voz.

Julian me olha de maneira enigmática e noto que tem o maxilar cerrado, já eu, o encaro com tanta raiva, que poderia transformá-lo em pó.

— Essa é a amiga do Julian, Jolina — Romie me apresenta, cortando algo que essa tal de Shalom estava tagarelando.

Devagar, os olhos azuis da noiva do mandachuva varrem o meu corpo e um sorriso cético toma conta dos lábios dela pintados com batom rosa claro. E por fim, ela sai de cima de Julian e estende a mão para mim.

— Sou Shalom Bellini, a noiva de Julian.

— Shalom, você não é...

— Jolina Magdayao — interrompo Julian e observo a mão de Shalom estendida, ponderando se devo ou não cumprimentá-la, mas pego e dou um aperto firme. — Prazer em conhecê-la. — Finjo um sorriso e lanço uma olhadela mortífera para o mandachuva.

— Como vocês se conheceram? — é o que a noiva pergunta.

— Essa história é interessante — começo e noto Julian ainda de maxilar contraído. — Por causa dele, fui atropelada por uma moto.

— Uau — é o que Shalom diz e Romie tenta reprimir um riso.

— E adivinha o que aconteceu depois? — indago à noiva, que sacode a cabeça de leve, negando. — Ele se tornou o meu *sugar daddy* — é lógico que me arrependo das palavras no segundo depois de dizê-las em voz alta.

Tô ferrada!

Romie explode em uma gargalhada e Shalom parece abismada.

Sem dizer nada, Julian irrompe a nossa distância e toca meu cotovelo, me conduzindo para algum cômodo da casa.

— Não toque em mim — rosno, mas o cretino só tira a mão quando paramos em uma imensa sala de decoração exagerada, mesa grande com vários petiscos servidos de forma elegante.

Ele faz um sinal com a cabeça e o garçom que estava montando uma bandeja, assente e sai da sala de jantar, fechando a porta.

— Onde está Nicholas? Quero ir embora — é o que falo.

— Ela não é minha noiva.

— Foi um erro ter vindo aqui. Eu deveria ter escutado os meus instintos e ficado longe de você — resmungo.

Pela primeira, vejo o homem com um olhar quase desesperado. Sem aviso prévio, ele corta a nossa distância com alguns passos e segura meu rosto com as duas mãos, fazendo minha respiração ficar ofegante.

É difícil, no entanto, consigo ser forte para afastá-lo.

— Você tem noiva, Julian — retruco. — Eu sei que sou só mais uma conquista pra você, mas eu tenho sentimentos. Não pode brincar com as pessoas desse jeito.

— Me escute...

— Não — interrompo. — Não quero ouvir mentiras. — Fecho os olhos com força. — Que droga! Nós ainda nem nos beijamos e estamos tendo uma briga de casal. Meu Deus, é demais pra mim — murmuro a última frase e me dou conta de algo. — Você já tem uma amante e queria outra? Você é um cafajeste de carteirinha.

— Você não vai me deixar falar, não é?

Nossos olhos se prendem por uma fração de segundos, mas eu desvio.

— Não. Chame o Nicholas, quero ir embora.

— Ela não é minha noiva — fala e eu finjo não prestar atenção nele, focando as vistas na mesa cheia de comida. — Minha mãe quer que eu me case com ela, mas nunca nem sai com Shalom — continua e a única coisa que faço é encher a minha boca de um mini sanduiche gourmet com salmão defumado acompanhado de um recheio cremoso.

Manter minha boca ocupada é a melhor coisa que posso fazer no momento. Isso vai me impedir de xingá-lo e perder a paciência com esse cachorro. Oh Deus! O homem nem merece ser chamado de cachorro.

Sinto que todos os cachorrinhos do planeta terra estão ofendidos no momento.

O que Julian quer comigo, afinal? Que eu faça parte do seu harém? Mesmo

que ele seja gostoso pra cacete, não vou me submeter a isso. De qualquer forma, ele já tem aquela Bella Thorne, ela pode chupar o pau dele quando o homem estiver entediado.

Quantas mulheres ele tem no momento? Sacudo a cabeça, espantando o pensamento. Não quero saber. Não quero saber mais nada desse cretino. Vou embora e nunca mais quero olhar na cara dele.

— Você pode parar de comer? — pede e eu percebo que estou com a boca cheia. Faço um esforço para engolir e solto um suspiro, depois nego com a cabeça. — Por que não?

— Vai me impedir de começar a te xingar — falo, colocando outro mini sanduíche gourmet na boca.

— Eu não vou casar com ela, Lina.

Assinto, pegando um guardanapo para limpar a boca e percebo a merda que eu fiz. Acabei de borrar todo o meu batom vermelho. Devo estar parecendo uma palhaça. A noite não podia ser melhor.

— Meu batom tá borrado?

Ele ri.

— Sim, muito.

Julian volta a se aproximar, apanha outro guardanapo de pano em cima da mesa e toca meu queixo com as pontas dos dedos, levando ondas de arrepios por todo o meu corpo.

Com delicadeza, ele começa a limpar o meu rosto. Não consigo me impedir de ficar contemplando a face dele, que é tão linda e sexy.

Ok, acho que o champanhe já começou a fazer efeito.

— Ela não é minha noiva — murmura e por alguns segundos, prende seus olhos negros e profundos aos meus. — Minha mãe espera que eu case com ela, mas já deixei claro que vou escolher minha futura esposa.

— Quem me garante que não está mentindo?

— Eu não estou. Posso ser muitas coisas, Lina, mas não sou um mentiroso — ele diz, sério.

Mordo o lábio inferior e a atenção dele cai sobre a minha boca.

— Terminou? — quero saber.

— Sim — responde, mas não tira os dedos do meu queixo. Em vez disso, ele se aproxima de mim, pressionando o corpo quente contra o meu num esforço para chegar mais perto.

Meu coração bate alto dentro do peito.

Sinto a respiração quente dele sobre o meu rosto e não consigo pensar com clareza.

Recuo um pouco, a fim de espaço, no entanto, não adianta de nada, pois logo Julian está com o corpo colado ao meu de novo. Mesmo usando salto alto, ele ainda é bem mais alto que eu, então tenho que manter minha cabeça inclinada para encará-lo.

Arfo em surpresa quando ele pousa as mãos na minha cintura e me coloca em cima de uma espécie de aparador de vidro. As mãos salientes sobem um pouco o meu vestido até as coxas e eu prendo a respiração por um longo segundo.

— O que você está fazendo, Julian?

— Você sabe perfeitamente o que estou fazendo, Jolina — sussurra, me fazendo sentir o seu hálito morno e a voz que soa como sexo úmido em meu ouvido.

As mãos pousam nos meus braços e vão subindo até os ombros, me arrepiando e fazendo meu coração acelerar mais ainda. Julian segura meu rosto, os dedos tocando o limite do maxilar, e sem pedir permissão, ele me beija.

Quando os seus lábios quentes encostam nos meus, abro a boca, recebendo a língua sem resistência e me entregando ao beijo molhado, sedento. Subo com as mãos até a nuca de Julian e afundo em seus cabelos, e o puxo para mais perto, querendo mais dele.

Ele chupa e mordisca meu lábio inferior, depois volta a enroscar nossas línguas e eu sinto o meio entre as minhas pernas latejar. Quando meus dedos puxam o seu cabelo, Julian solta um gemido contra a minha boca.

E eu sei que agora, o meu mundo é sentir esse homem maravilhoso em meus braços e presos entre as minhas pernas.

A boca dele me guia numa dança sensual, precisa e necessitada. Nossas línguas, lábios e dentes se impactando, explodindo e sucumbindo ao intenso desejo que existe entre nós.

Sugo o seu lábio inferior entre os dentes e lanço a língua para dentro da boca de Julian de novo, o puxando contra o meu corpo em chamas. Estremeço quando sinto suas mãos descerem até a minha bunda e me apertarem com vontade, me fazendo arfar de desejo na sua boca.

Julian se afasta de mim, apenas o suficiente para passear com a língua sobre a pele sensível do meu pescoço e depois morder. De olhos fechados, jogo a cabeça para trás, permitindo que a boca dele me explore.

As mãos salientes dele se movem ávidas pelas minhas costas, lombar e chegam na bunda de novo, me apertando e provocando sensações deliciosas nas minhas entranhas. Puxo Julian para mais perto, encostando meus seios desprovidos de sutiã contra o seu peito.

— Julian, você... — Romie abre a porta, paralisando o nosso ato animal. — Ah, desculpa, não queria interromper. — Fecha a porta de novo e nos deixa a sós.

Sinto as bochechas queimarem de vergonha.

Surpreendo-me ao senti-lo depositar um beijo na minha bochecha e me ajudar a descer do aparador de vidro. Levanto os olhos para encará-lo e rio baixo quando noto que a boca dele está toda manchada de batom.

— O que foi?

— Sua boca, está toda suja de batom.

Ele sorri e pega um guardanapo para limpar a própria boca, e eu acabo fazendo o mesmo com a minha, mas sou interrompida quando sinto uma fincada forte no estômago, que me faz contrair o corpo.

— Você está bem, Lina?

— Eu... não sei — murmuro e me apoio em Julian para conseguir ficar de

pé, mas a dor abdominal aumenta.

Algo estala dentro de mim e eu rezo em silêncio para que não seja o que estou pensando. Meu Deus, por favor. Não. Isso não.

— Está ficando pálida — diz ele, preocupado e eu fecho os olhos por uma fração de segundos, morrendo de vergonha.

— Qual a possibilidade de ter algo derivado de lactose nos sanduíches que eu comi? — pergunto o óbvio, retraindo o corpo de dor.

— Tem intolerância à lactose? — ele quer saber.

Apenas assinto, sem ter forças ou coragem de dizer as palavras em voz alta. Quantos desses malditos sanduíches eu comi? Não lembro, mas sei que foram muitos. Droga. Estou perdida.

— Você precisa ir ao médico.

— Não exagere, eu preciso de um banheiro — resmungo. Ai Deus! Não acredito que acabei de falar isso em voz alta. — Preciso ir pra casa, Julian. Agora!

— Não prefere ficar até melhorar?

Fico horrorizada com a proposta e nego com a cabeça. Levo ar até os pulmões e fico de pé. Pelo que me conheço tenho uns quinze minutos até o meu corpo começar a desmoronar.

— Eu preciso ir, de verdade. Agora.

Julian assente, sério, como se a sua missão de vida fosse me levar até em casa. Ótimo! Preciso mesmo que ele se doe de corpo e alma e me tire daqui o mais rápido possível.

Fico surpresa quando o sinto entrelaçar uma mão na minha cintura, mas não consigo dizer nada, já que a minha barriga começa a fazer barulho, avisando que está acontecendo uma bagunça lá dentro.

Preciso chegar em casa e tentar salvar a minha dignidade.



Lina



Duas horas e meia mais tarde, eu sentia que tinha perdido vários quilos. Tomo um banho quentinho e coloco moletom. Antes de sair do quarto, faço uma oração silenciosa para Deus ter feito Julian ir embora.

O homem veio me deixar em casa e entrou, eu o mandei ir, mas ele ficou preocupado comigo e sentou a bunda no sofá. Lembro de ter gritado do quarto duas vezes, exigindo que ele me deixasse sozinha, mas Julian não me parece o homem que segue ordens com facilidade.

Respiro fundo quando o vejo sentado no sofá, mexendo no celular. Mordo o lábio inferior e tomo coragem de avançar para o meio da sala e me acomodar ao seu lado no móvel.

— Você está bem?

Não consigo olhá-lo nos olhos, então encaro o tapete felpudo no chão, concordo com um aceno de cabeça, prensando os lábios.

Julian não é idiota, ele sabe muito bem o que aconteceu comigo durante aquelas duas horas e meia dentro do banheiro. *Ai, Deus!* Vou morrer de vergonha. Por que o homem não foi embora? Me pouparia do constrangimento. Seria tão mais fácil e eu poderia fingir que nada disso aconteceu.

— Não precisa ficar com vergonha de mim, Lina — ele diz e finalmente, tomo coragem de olhar em seus olhos.

— Por que não?

Ele tem um sorriso doce nos lábios, o que consegue mexer com o meu coração tolo. Não é sempre que Julian é tão amável e isso ainda vai acabar fodendo a minha pobre cabeça.

— Confie em mim.

— Eu pedi pra você ir embora — é o que falo.

— Não podia te deixar sozinha.

Repouso a cabeça no encosto do sofá e fecho os olhos por uma fração de segundos, tentando encontrar a minha dignidade.

— Eu estraguei a noite — falo ao abrir as pestanas devagar e encará-lo, mas me dou conta de que é tudo culpa é dele. — Na verdade, a culpa é sua. Shalom foi uma surpresa pra mim.

— *Sugar daddy*, hein? — retruca, me roubando uma gargalha.

— Sophia disse que você é um *sugar daddy* em potencial.

— Não quero ser o seu *sugar daddy*, Lina.

Giro os olhos e dou de leve com os ombros.

— Então, você quer ser o quê? — questiono, focalizando aqueles olhos profundos e sentindo o coração acelerar de novo. — Estou cansada, preciso dormir — murmuro quando percebo o clima ficar intenso entre nós.

Julian assente e fica de pé, e eu faço o mesmo. Ele rompe a nossa distância com um passo e as costas dos dedos dele tocam o meu rosto, me fazendo fechar os olhos por alguns breves segundos.

— Durma bem.

— Obrigá... — sou interrompida com beijo delicioso e suculento de Julian, que consegue me deixar sem ar e com o coração batendo a mil por hora.

Ao afastar o rosto de mim, noto que está com um sorriso insolente nos lábios, que eu já tanto adoro. Então, eu o puxo pela gravata e volto a beijá-lo, me deliciando com a sensação da língua dele dentro da minha boca.

— Boa noite, Lina — ele sussurra contra os meus lábios, enviando ondas de calor para todo o meu corpo e arrepiando minha espinha. — Fique bem. — Deposita um beijo na minha testa e vai embora.

Suspiro e me jogo no sofá, sorrindo que nem uma idiota.



Lina



No domingo pela manhã, sou acordada com batidas insistentes na porta. Antes de levantar, confiro a hora no relógio em cima da cômoda e vejo que são quase dez horas.

Arrasto os pés até a porta e quando abro, dou de cara com Sophia, em lágrimas.

— O que aconteceu? — pergunto, enquanto a puxo para dentro do apartamento e noto que está carregando uma mala. — Você vai viajar?

Fungando, ela faz que não com a cabeça.

— Vou passar uns dias aqui — fala de forma sucinta e embora fique surpresa, concordo com um aceno de cabeça. — Briguei com o meu pai. — Conduz a mala de rodinhas até perto do sofá e senta, limpando os olhos com as costas das mãos.

Acomodo-me ao seu lado.

— Por quê?

— Minha mãe entrou em contato três meses atrás e ele escondeu de mim — murmura, voltando a chorar. — Lina, eu sei que meu pai é incrível, mas não

sou mais criança. E mesmo que minha mãe tenha abandonado a gente, eu quero vê-la pessoalmente e entender o motivo que a fez ir embora. E... eu... eu... queria conhecê-la, mesmo que eu a odeie, eu queria conhecê-la e ele me impediu disso.

Passo as mãos nos seus cabelos longos ondulados e tento de alguma forma, confortá-la. Família é complicado, eu sei bem. E embora eu a entenda e ela esteja certa em ficar tão chateada, não posso deixar de tentar fazer Sophia entender que o pai dela só está preocupado.

— Ele não fez por mal, Sophia. O Sr. Canning te ama tanto, que meteu os pés pelas mãos. Não fique brava com ele por muito tempo, tá certo? — Seguro uma das suas mãos entre as minhas e sorrio. — Se quer mesmo encontrar a sua mãe, podemos tentar procurá-la, ok?

Sophia me encara através do véu de lágrimas e cílios úmidos, e joga os braços contra o meu pescoço, me envolvendo em um abraço apertado e fica em silêncio. Aperto-a contra meu corpo e respiro fundo, feliz de termos uma à outra.

— Obrigada, mas ainda vou ficar uns dias aqui, eu preciso ficar longe do meu pai por pelo menos uma semana — fala, e nós duas rimos. — Você é incrível, Lina.

Nego com a cabeça.

— Não sou. — Suspiro. — Não tenho juízo nenhum na cabeça — acrescento e fico de pé, caminhando até a cozinha com a intenção de preparar café quentinho.

Sophia vira o rosto para mim e fica me analisando do sofá.

— O que aconteceu? Como foi ontem?

— Um verdadeiro desastre.

Ela arregala os olhos vermelhos, parece surpresa.

— O que deu errado?

Apoio os braços no balcão e deixo escapar um suspiro de chateação.

— Primeiro, Julian meio que tem uma pretendente, segundo, nós nos beijamos, terceiro, tive que voltar correndo porque eu comi o que não devia e estava com dor de barriga.

Minha amiga leva as mãos até a boca para esconder o grande O que seus lábios estão fazendo.

— Isso é pior que um desastre.

— Eu sei.

Ela sacode a cabeça de um lado para o outro, fazendo as madeixas balançarem e parece com alguém que está tentando organizar os pensamentos.

— Vamos por partes. Como assim, pretendente?

Levo o dedo indicador e médio de cada mão até a têmpora e faço uma breve massagem.

Eu não sou tão ingênua assim. Existem coisas sobre Julian que eu não sei, mas existem também aquelas coisas que finjo não saber. Nós nos conhecemos de um jeito estranho. Fui levada contra à minha vontade para um escritório subterrâneo muito estranho como suspeita de um roubo de cachorro de raça. Depois, o homem apareceu armado, não importa se ela estava descarregada, era a porra de uma arma. E não podemos esquecer que ele deu um fim a vida do meu ex-namorado e que há homens vestindo preto dispostos a fazer tudo por ele.

É claro que Julian deve fazer parte de algum negócio fora da lei ou uma organização criminosa. Agora, resta saber se quero trazer ele, isso... para minha vida. Qualquer pessoa sensata diria que não, mas não acho que seja tão simples assim.

Infelizmente, não consigo mandar no meu coração. E no momento, parece que ele já abriu as portas para Julian Carbone.

— Vejamos... a família dele é do tipo bem tradicional — começo a falar, escolhendo as palavras certas. — E Shalom... Shalom é o nome da pretendente, a mãe dele meio que espera que eles casem, mas segundo Julian, não tem com ela.

Sophia semicerra os olhos, visivelmente desconfiada.

— Eu não sei, é bem estranho.

Assinto.

— Demais.

— E o beijo? — quer saber.

— Nos beijamos depois de brigarmos — é o que digo, enquanto preparo a cafeteira para o café. — Devia dar um fora nele, mas não consigo. Eu passei mal, fiquei umas duas horas e meia no banheiro e ele me esperou, ficou plantando no sofá.

Ela sorri.

— Será que ele está apaixonado?

As palavras de Sophia me arrebatam uma gargalhada, que a faz franzir o cenho. Levo ar até os pulmões e encaro minha melhor amiga.

— Julian quer me levar pra cama, essa é a grande verdade.

Sophia gira os olhos.

— Nossa, que romântico.

— Muito — retruco, me encaminhando para o sofá de novo. Sento e apoio o cotovelo no encosto, sem tirar a atenção da minha amiga, fazendo uma prece silenciosa para que ela consiga colocar juízo na minha cabeça. — E o problema é que eu quero isso também. Me diz que eu tô doida e que o melhor é nunca mais vê-lo.

— Não adianta. No final, você não vai seguir os meus conselhos — contesta e eu faço um estalo com a língua, desdenhosa.

Porém, acho que minha melhor amiga tem razão.

Meu celular começa a tocar de algum lugar dentro do quarto. Corro até o cômodo e procuro o aparelho até encontrá-lo dentro da bolsa de lantejoulas em cima da cadeira acolchoada.

O número que pisca na tela é desconhecido, mas o pré-fixo é local, então decido atender.

— Oi — falo, caminhando de volta para sala.

— Lina? — uma voz feminina pergunta. — Hum, aqui é a, bem, é estranho, mas sou eu, Romie, irmã de Julian.

— Ah, oi, Romie — digo e arregalo os olhos para Sophia, que pergunta apenas movimentando os lábios “O quê?”, mas faço um gesto com a mão, pedindo que espere um pouco.

— Então... nossa, o Julian vai me matar por fazer isso, mas, minha mãe me obrigou a pegar seu número e te ligar — fala de maneira acelerada e de repente, o telefone é passado para outra pessoa. — Jolina, bom dia, tudo bem? Aqui é a Carlota, mãe de Julian.

Engulo o caroço na garganta.

— Ah... — é o único som que sai da minha boca.

— Menina, eu não gosto de fazer rodeios, então vou direto ao ponto. Venha jantar aqui hoje à noite.

Não parece que ela está pedindo e sim, dando uma ordem. Tem tanta semelhança com o mandachuva, que é quase assustador.

Meu coração acelera e eu sinto as bochechas corarem.

— Hoje? — murmuro e fico pensando numa desculpa. Não quero ir jantar com eles de jeito nenhum. — Infelizmente, eu não posso. Minha amiga está comigo e não posso deixá-la sozinha.

Sophia arqueia as sobrancelhas ao me ouvir.

— Amiga?

— É, sinto muito.

— Tudo bem, ela pode vir também. Alguém vai te buscar às vinte horas — dito isso, ela passa o telefone para Romie de novo, que fala. — Sinto muito, mas não é tão ruim assim. Julian não sabe de nada — acrescenta rápido, sussurrando e encerra a ligação.

— O que aconteceu? — Sophia quer saber.

— Temos um jantar na mansão da família Carbone.

— Como assim, temos?

Mordo o lábio inferior e dou de ombros.

— Eu sinto muito, mas não posso ir sozinha — é o que digo, torcendo para ela ficar com pena de mim e me acompanhar. Não quero encarar a família de Julian sozinha. É demais para minha cabeça.

E por que diabos ela me convidou para um jantar?

Sophia suspira e deita no sofá, fazendo bico, mas sei que ela não vai me

deixar na mão.

— Vai ficar me devendo uma, Lina.

Sorrio. Perfeito!

Deus me deu a melhor amiga do mundo.



— Mamma, por que fez isso?

Ela está na academia subterrânea da casa, acompanhada da professora de pilates particular e da vovó. As três estão debruçadas sobre bolas gigantes e com os braços esticados sobre o chão.

Lentamente, elas vão rolando com a bola na barriga e como se fosse muito fácil, mudam de posição e sentam, inspirando e expirando ar de maneira profunda.

— Você deve estar falando sobre o jantar — mamãe fala, calma. — Será as vinte horas, esteja preparado.

— Por que fez isso? — retruco, alterado. Fecho os olhos com força e contraio o músculo da mandíbula, tentando encontrar a paciência. — Qual é o objetivo disse tudo?

Mamãe cruza o olhar comigo por um segundo e depois vai deitando de costas sobre a bola. Se a intenção dela é me fazer sentir ridículo, conseguiu.

— Ontem, você sumiu com aquela garota por três horas. E bem, você nunca nos apresentou Rebecca, mas trouxe Jolina. Você tem interesse nela, não sou cega. Se ela vai fazer parte da família, quero conhecê-la.

Ouvir o nome da Rebecca me deixa com um gosto azedo na garganta. É estranho, agora, o peito não dói tanto ao pensar nela, mas ao mesmo tempo, não sei se é certo seguir em frente.

Será que é a culpa?

Eu nunca fui sincero com Rebecca sobre quem eu sou ou o que minha família é, mas sei que ela tinha uma leve ideia das coisas que nós fazíamos, mas ela preferiu fechar os olhos e não questionar nada sobre a minha vida.

E eu estava feliz assim.

Até fui idiota o suficiente para fazer planos futuros com Rebecca, que foram interrompidos quando ela contraiu de um dos seus pacientes da UTI um vírus contagioso e não conseguiu ficar saudável de novo.

— Eu acho ótimo. Não tive tempo de conhecê-la ontem à noite — vovó fala, me fazendo suspirar.

— Nonna, é minha vida. E ela não sabe o que somos e... — começo a dizer, mas faço uma breve pausa. O pensamento de que Lina deve desconfiar de alguma coisa preenche a minha cabeça. Eu acabei com o Mason e ela sabe disso. — Não criem tantas expectativas, não vou casar com aquela garota.

Mamãe volta a sentar na bola e dessa vez, me encara com afinco.

— Está na hora de você casar também, Julian. E parar de brincar com as mulheres. Eu não criei você assim.

— Eu não brinco com as mulheres, mamma. Eu curto a minha vida, sem compromisso.

Ela ergue o queixo e volta a deslizar sobre a bola. A professora de pilates e vovó apenas nos observam de rabo de olho.

— Pois bem, está na hora de mudar isso. Logo se tornará o *sottocapo*^[13] da família Carbone, você terá que casar.

Penso em argumentar que Noah não era casado quando se tornou o subchefe da família, mas fico quieto. Sempre que tenho esse tipo de discussão com a minha mãe, me sinto a porra de uma criança.

Sem dizer mais nada, dou as costas e subo as escadas, saindo da sala da academia subterrânea.

Mamma é a única mulher no mundo que consegue me fazer abaixar a cabeça. De qualquer forma, tenho a leve impressão de que se não abaixasse, ela forçaria o ato sem problema nenhum.



Depois da reunião sobre como será distribuído o carregamento de armas e quais os soldados ficarão responsáveis por cada operação, o resto do dia passa num piscar de olhos, infelizmente.

Não estava nem um pouco ansioso com o jantar. Minha mãe, às vezes, pode ser bem inconveniente, e eu não posso fazer muito a respeito.

Ela é minha mãe e não é sempre que posso contrariá-la. O papà pode ser o dono da máfia, mas quase sempre, a mamma assume o papel de chefe da família, e o pior, tem sempre o apoio da matriarca, então, não tenho como fugir dessas situações problemáticas.

Lina não estava tão animada para o jantar em família quando mandou mensagem mais cedo, mas também não desistiu de vir.

Na realidade, a garota não tem escolha. Quando a mamma quer uma coisa, ela vai lá e faz acontecer.

Talvez, ser do jeito que sou, impaciente, controlador e querer sempre que o mundo aja do jeito que eu desejo, tenha sido por causa da minha mãe e não da máfia, afinal.

Saio do quarto dezenove e quarenta e vou até a cozinha, conferir se a chef tinha lembrado de não fazer nada com lactose para o jantar.

Não quero Lina passando mal de novo por comer algo que não pode.

— Sim, eu fiz como o senhor pediu — Abby, a chef de cozinha, fala depois de ouvir minha pergunta sobre o jantar.

Abro meio sorriso.

— Certo.

Enfio as mãos nos bolsos e saio da cozinha e rumo na direção da sala de estar, encontrando meu irmão no corredor. Está sozinho e de cara fechada.

— Hayle não vai descer?

Ele sibila e nega com a cabeça, carrancudo.

— Disse que está com enxaqueca. Mentiu, é claro — resmunga.

Naoh não tem culpa de Hayle odiá-lo tanto, mas a garota também tem seus motivos. Foi obrigada a casar, por causa dos problemas que o pai causou.

O pai dela era um ex-associado^[14] da família Carbone, que acabou se envolvendo com a máfia Russa e foi burro o suficiente para trai-los. Ele era muito ambicioso e isso foi o catalisador do fim da sua vida.

No dia da morte dele, a esposa conseguiu escapar com a filha, e quando elas pediram ajuda ao meu pai, o Don sabia que elas precisavam de proteção.

Então, a garota e a mãe ficaram na nossa casa por algumas semanas, escondidas. E foi aí que nossa mãe teve a brilhante ideia de casá-la com Noah e teve o apoio do nosso pai. A mãe da Hayle ficou aliviada e sabia que enquanto estivesse com Noah, a sua filha estaria segura.

Depois de algumas semanas do noivado, descobrimos que a mãe de Hayle estava com câncer terminal, estágio avançado demais para ser operado.

Faleceu antes de ver a filha casar.

E agora, Noah tem uma esposa de vinte e quatro anos, que o odeia com todas as forças e encara o casamento como uma prisão, e claro, não permite ser tocada por ele.

— Onde está a Hayle, querido? — mamãe pergunta ao cortar a sala com passos longos.

— Enxaqueca — Noah responde, tentando esconder o tom amargo na voz.

É visível que mamãe não gosta do que acabou de ouvir, mas assente e finge um sorriso. Depois, encaminha aqueles olhos redondos na minha direção, estudando minhas expressões.

— Nervoso? — ela quer saber.

— Irritado — respondo.

Ela solta uma risadinha.

— Não fique assim, querido. Não é como se fôssemos maltratar as garotas.

— As garotas? — Noah indaga, ligeiramente interessado no assunto.

Deve estar amando todo esse circo que a mamma está fazendo com a minha vida pessoal. Tudo bem, quando mamãe falou que ele casaria e a única escolha era aceitar, achei divertido também vê-lo não contrariar as ordens dela.

Mas era divertido quando não era comigo. Agora, parece o meu pequeno inferno pessoal.

— Sim, Jolina e a amiga. Tive que aceitar o pacote completo, aquela garota estava tentando se esquivar do pedido de jantar aqui hoje — ela alega.

— O que acha dela, mamma? — Noah dispara com uma certa onda de excitação na voz. Contraio o maxilar e reprimo um suspiro. — Acha que ela vai dar uma boa esposa pra Julian?

Ela passa as mãos no vestido de requinte e depois endireita os ombros, meio tensa.

— Não sei, preciso saber mais sobre ela. Casamento na nossa família é diferente do casamento das famílias normais. O significado é mais intenso e requer muitas responsabilidades. Não sei se ela está apta, mas estou disposta a tentar.

Noah faz cara feia e vai até a nossa mãe, envolvendo um braço no ombro dela.

— Não me deixou escolher minha esposa, mas Julian vai casar com a garota que ele quer — zomba.

— Não banque o inocente, Noah. Sua esposa é linda e vai lhe dar filhos

mais lindos ainda. Eu não escolhi mal. — Oscila os olhos do meu irmão para mim. — Mas, bem, Julian se tornou um homem indomável. Sempre foi difícil mantê-lo na linha — fala como se eu não estivesse aqui.

Reviro os olhos, irritado com toda essa conversa sobre casamentos e responsabilidades. Sempre estive ciente que minha vida é uma maré de dever e obrigação, mas isso não significa que eu queira casar agora.

Ou envolver Lina nisso.

A campainha toca, silenciando a voz da mamma, que ainda falava como às vezes, eu sou impulsivo e volátil, e que Noah precisava me manter na linha, como se eu precisasse da porra de uma babá.

Acompanho à mamãe até a entrada da casa para recebermos Lina e Sophia. Confesso que estou odiando a ideia do jantar em família, é obsoleto demais, mas no momento em que meus olhos encontram Lina, eu quase sorrio.

Ela está usando uma espécie de suéter de pelos, calça jeans branca e botas de cano curto. Não parece com alguém que está tentando impressionar minha mãe, e sim, mostrar quem ela é de verdade.

Uma garota jovem e universitária.

— Sejam bem-vindas — mamãe fala, sorrindo e cumprimentando as meninas com beijos calorosos no rosto, impondo de forma concisa as nossas origens italianas.

Os olhos jaspe de Lina cruzam com os meus de novo e sem dizer nada, caminho até a garota e ajudo-a tirar o sobretudo. De leve, os meus dedos roçam na parte lateral dela, que tenta reprimir um gemido.

— Você está bem? — pergunto, baixo.

Ela engole em seco.

— Sim, obrigada.

Noto a atenção de Sophia em mim, me analisando e investigando. A expressão na sua face é ilegível então não sei se ela gostou de mim. Ela arqueia uma sobrancelha na minha direção e estende a mão para mim, fazendo mamãe nos observar.

— Sophia Canning — fala de forma direta. Encaro a mão esticada no ar e seguro, me surpreendo ao sentir o toque firme de Sophia. — É bom finalmente conhecer o namorado da minha melhor amiga.

Mamãe pigarreia.

— Sophia — Lina murmura com um leve tom de repreensão, o que acho divertido, na real.

A amiga sorri e solta minha mão, volta com a atenção para minha mãe e abre um sorriso largo.

— Sua casa é linda, senhora Carbone.

Mamãe fica sem reação e concorda com um aceno de cabeça, mas fica muda. Lina me olha de rabo de olho e morde o lábio inferior, tentando segurar o riso. Acho que o jantar pode ser interessante.

Sophia tira o próprio casaco e me entrega com mais força que o necessário, deixando Lina boquiaberta e minha mãe também. Ela dá as costas para mim e dá de cara com Noah.

Ela paralisa os passos e encara meu irmão, que a observa com certa intensidade. Sophia passa as mãos nos cabelos longos e lança uma olhadela para Lina, que logo se põe ao lado da amiga, e junto da mamãe, as três entram na casa.

— Essa é a amiga? — Noah pergunta enquanto coloco os casacos no cabideiro do hall de entrada.

— Você é casado — faço questão de lembrar e Noah ergue uma sobrancelha, como se não acreditasse na audácia de eu estar o repreendendo de alguma forma, mesmo que seja de maneira leviana.

Com uma mão, meu irmão segura meu pescoço e com a outra, dá uma tapinha forte no meu rosto, e eu espero. Ele com certeza vai começar com algum discurso sobre ele ser o mais velho e respeito, mas para meu espanto, Noah não diz nada.



Lina



Na sala de jantar, Lina senta ao meu lado e de frente para melhor amiga, que ocupou o lugar vazio perto de Noah. Mamãe está tão concentrada na universitária perto de mim, que não percebe a troca de olhares do filho mais velho com Sophia.

O papà também não consegue parar de admirar Jolina. Ele está encantado com a sabedoria da garota sobre os aspectos da vida social em diferentes culturas e sociedades humanas.

O Don sempre admirou as mulheres inteligentes.

— Achei que fosse a mesma coisa de arqueologia — minha mãe, é claro, dá uma fungada curta, de desprezo.

Talvez esteja com ciúmes ou irritada por Lina ter agradado o Don logo de cara. No fundo, tenho certeza de que minha mãe esperava que Jolina conquistasse a família aos poucos, e não de uma vez.

Sinto o canto da boca se contrair, mas faço esforço para reprimir o sorriso. Pego a taça de vinho em cima da mesa e tomo um gole generoso, quase satisfeito com a noite.

— É normal, todo mundo confunde — Sophia articula, deixando a mamma

sem reação.

— Você dará uma ótima esposa, bambina — a nonna comenta, de repente, fazendo Lina engasgar e tossir. A garota envolve os dedos no cristal e leva taça até a boca, tomando todo o vinho.

A nonna ri, como se fosse engraçado. Romie que estava surpreendentemente quieta, faz o mesmo que a vovó.

— Não vamos assustar as convidadas — falo, controlando o tom da voz.

— Julian tem razão — para surpresa de todos, é a Jolina quem diz as palavras, observando minha mãe. — Pode continuar com o interrogatório, senhora Carbone — é claro que ela só se dá conta do que acabou de falar alguns segundos depois, quando minha família inteira está com os olhos arregalados e pousados nela.

Meu pai solta uma risada. Faz tempo que não o vejo assim, tão feliz. Na verdade, faz tempo que não temos um jantar em família tão inesperado e divertindo assim.

Jolina puxa o ar num susto e me olha por breve instantes.

— Ah, sinto muito, eu não quis dizer isso — desculpa-se, apressada, mas é tarde, a mamma já está de cara amarrada, então não fala nada.

O que não dura nem cinco minutos, é claro. Logo ela está rodeando Jolina com perguntas, sobre a família e o motivo por ter saído do país natal, o que a garota desconversa e não diz muito sobre.

Acabo ficando encucado.

Para ser sincero, eu sei e não sei nada sobre Jolina. Sei o dia exato em que ela colocou os pés no Canadá e começou a estudar antropologia na universidade de Montreal, onde trabalha e que tem ficha limpa, mas eu não a conheço de verdade.

O resto da noite não é um desastre completo, as duas convidadas conseguiram entreter a todos e talvez, minha mãe tenha dado um ou outro sorriso com algum absurdo que saiu da boca da universitária.

Depois do jantar, meus pais e vovó nos deixam sozinhos na sala de estar. É

perceptível como Lina está aliviada por ter sobrevivido à noite com a minha família.

— Não vai me levar pra conhecer o seu quarto? — Jolina pergunta, para minha surpresa, num tom bem alto, que faz todos na sala direcionarem a atenção para nós dois.

A garota bebeu mais de três taças de vinho e está com as pupilas dilatadas, não está bêbada, mas está uma coisinha linda de língua solta e bochechas coradas.

Sophia abre a boca, prestes a protestar, quando Noah fala algo e tem a atenção dela de novo. Romie olha no rumo das escadas e ergue as sobrancelhas, com um sorriso atrevido desenhando todo o rosto.

Me sinto a porra de um adolescente na puberdade, mas acabo tocando o ombro de Jolina e a conduzindo na direção das escadas, em silêncio.

— Eu não quero transar, tá bem? — ela solta, me fazendo olhá-la. — É a casa dos seus pais, não vou fazer isso aqui.

— Não se preocupe, Jolina, quando eu te levar pra cama, eu prefiro fazer isso com você sóbria.

— Por quê? — retruca, curiosa.

— Pra você aproveitar — murmuro e abro um sorriso de canto de boca.

— Posso aproveitar agora.

Uno as sobrancelhas e umedeço os lábios antes de voltar a falar.

— Você acabou de dizer que não quer transar.

Lina faz um gesto com a mão, como se estivesse espantando alguma coisa, e de maneira bem insolente, revira os olhos.

— Que demora pra me levar pra cama.

— Eu estava enganado.

— Como assim? — ela quer saber.

— Você está bêbada.

— E você é um cafajeste — resmunga e solta um suspiro entrecortado.

Deveria me incomodar o fato de Jolina ser tão atrevida, mas a única coisa

que consigo pensar no momento é que ela merece uns tapas bem dado nessa bunda redonda e empinada.

Depois de alguns lances de escadas e um corredor com decoração exagerada demais para o meu gosto, chegamos ao quarto. Abro a porta e faço um gesto com a cabeça, convidando Lina para entrar.

Enfio as mãos no bolso e a observo caminhar devagar até o centro do cômodo e olhar tudo com minuciosidade. É bem diferente da decoração do meu apartamento em Downtown, mas de alguma forma, tudo aqui ainda parece comigo.

— É você? — pergunta ao apontar para um dos porta-retratos em cima da cômoda. É uma foto antiga de família, era aniversário de Romie. Ela era tão pequena e sorridente. — Você tinha cabelo longo? — Lina parece surpresa.

Caminha até o móvel e com delicadeza, pega a fotografia, estica os lábios em um sorriso meigo, encarando o *eu* de dez anos atrás.

— E você tem um furinho no queixo — comenta, me fazendo balançar a cabeça de um lado para o outro e quase rir. — É sexy — acrescenta num sussurro e coloca o retrato em cima da cômoda de novo.

Ela vem até mim, estreitando os olhos. Leva uma das mãos até o meu rosto e pousa o polegar no meio do meu queixo.

— É aqui.

Franzo a testa.

— O quê?

— O seu furinho — diz num tom baixo e depois, abre um sorriso meigo.

— Por que não quis falar sobre os seus pais? — pergunto, de repente, analisando as expressões faciais de Lina.

Ela se afasta e deixa os ombros caírem, sentando na beirada da cama. Uma linha aparece entre as sobrancelhas e Lina força um pequeno sorriso. Ela está tão triste, que sinto uma onda de inquietação assolar o meu peito.

— Todo mundo tem uma história triste, não é? Eles são a minha — murmura, e noto um músculo da mandíbula dela contrair. — Qual é a sua?

— A minha, o quê? — questiono.

— Sua história triste — pergunta ao levantar o rosto e me encarar com intensidade, piscando devagar. — O que você esconde por detrás dessa máscara de mandão?

— Sem histórias tristes — minto.

— Você disse que não mentia, mas está mentindo agora. Então, a verdade é que você é um mentiroso — resmunga ao desabar na cama e encarar o teto do quarto. — Minha cabeça está girando.

Aproximo-me e observo Lina.

A barra do suéter de pelos subiu um pouco, o que me dá uma visão significativa da barriga e umbigo dela. Quando imaginei Lina na minha cama, não foi bem assim que estava pensando. Eu tinha uma imagem dela nua, girando os olhos de prazer, a boca entreaberta enquanto gemia meu nome.

É a primeira garota que deita na minha cama e ainda continua vestida.

Ela tem razão, que demora para levá-la para cama. Por que diabos estou sendo tão cauteloso com ela? O que essa garota está fazendo comigo? Em poucas semanas e já consegui virar minha vida pessoal de cabeça para baixo, me fazendo agir de forma diferente.

O certo seria afastá-la de mim. Jolina é pura demais e não sabe nada ou quase nada da minha vida. Mas talvez, eu queira corrompê-la e fazer com que seja minha. Talvez, eu queira que essa garota inocente abrace minha escuridão e fique ao meu lado.

— Quero fazer uma pergunta — fala ao voltar a sentar. Olha-me por cima dos cílios e morde o lábio inferior, pensativa.

A única coisa que faço é assentir, então ela respira fundo, fecha os olhos por uma fração de segundos e pergunta.

— Por que você fez aquilo com Mason?

Sinto a garganta áspera e tento desviar das duas pedras marrons, mas não consigo. São intensos demais e parecem que já me prenderam.

— Eu quero entender — fala baixinho.

— Por quê? — é o que pergunto.

Lina fica de pé e para um passo de distância, focalizando meus olhos. As pupilas ainda estão dilatadas e as bochechas ruborizadas, mas não acho que esteja bêbada de verdade.

— Talvez, eu queira encontrar motivos pra te aceitar na minha vida. Te aceitar do jeito que você é. — As lágrimas inundam os seus olhos, mas nenhuma ousa cair. — Eu sinto que não devia desejar você, Julian. Você é misterioso e perigoso, não é um cara comum. Mas não consigo fugir de você.

— Você quer fugir? — quero saber.

— Às vezes, sim — admite, levando as mãos até o meu rosto e fazendo carinho com um dos polegares no meu queixo. — Outras vezes, não.

Se eu fosse um homem de bem, diria agora para Lina se afastar e ir embora. Viver a sua vida longe de mim, é a melhor opção, sem dúvidas. Mas como eu sou eu, e não valho nada, envolvo as mãos na cintura fina dela e a trago contra o meu próprio corpo. Depois, subo com uma mão até a sua nuca e enfio meus dedos entre os cabelos sedosos de Lina.

— Não fuja de mim — murmuro.

— Você está pedindo ou ordenando? — ela rebate, e automaticamente, sinto os meus lábios se curvarem em um pequeno sorriso.

— Ordenando.

Ela bufa e gira os olhos, mas não se afasta de mim.

Por que garotas insolentes são tão atraentes? Ou melhor, por que Jolina quando está sendo insolente é tão atraente?

— Você não está merecendo, mas... — começo a falar e ela observa minha boca. — Estou com vontade de lambar cada pedacinho do seu corpo.

Meus dedos dançam pela pele exposta do seu pescoço e eu vejo a boca dela se abrir, e um gemido curto escapa dos lábios. Mas ela não se deixa levar por mim por muito tempo, pois fecha os olhos e balança a cabeça, de um lado para o outro, como se estivesse tentando recuperar a lucidez.

— Você ainda não me respondeu.

— Sobre o quê?

— Sobre Mason.

Respiro fundo, tentando decidir se devo explicar o motivo pelo qual acabei com Mason. Mas no fundo, eu sei que não posso dizer a verdade inteira. A vida dela não seria a mesma depois de escutar que o ex-namorado queria matá-la.

— Eu fiz isso pra salvar você e é só o que vou dizer — falo, segurando o seu rosto com as duas mãos e focalizando os olhos marrons, que por um segundo, tentaram desviar de mim. — Não sou um cara comum e minha vida é mais complicada do que parece, mas eu nunca vou deixar nada acontecer com você.

Ela passa a língua no lábio inferior e assente.

— E como isso vai funcionar? Eu e você? — ela quer saber.

Para ser sincero, não faço a mínima ideia, mas no momento, a única certeza que tenho é que Lina será minha e vou protegê-la.

— Não sei, mas podemos descobrir.

Trago o rosto dela para próximo do meu e colo os nossos lábios, que não resistem e se abrem para que eu enfie a língua dentro da sua boca, corro os dedos entre os seus cabelos e puxo de leve.

Lina se agarra a mim, e dá intensidade ao beijo, mordiscando, chupando e lambendo, enquanto geme contra a minha boca e me faz ficar de pau duro.

Permaneço com uma das mãos no seu emaranhado de cabelo e desço com a outra até a cintura, aperto-a contra o meu corpo, pressionando minha ereção contra a barriga dela.

Lina se afasta um pouco de mim e a atenção cai sobre o meio das minhas calças.

— É por minha causa? — pergunta, obstinada.

— O que você acha? — retruco, e os lábios dela esticam em um sorriso malicioso e quando os nossos olhos se encontram, vejo o seu desejo espelhando o meu.

Trago-a para mais perto, colando nossos corpos mais uma vez e subo as

mãos por dentro do seu suéter e tateio as costas lisas de Lina, tentando encontrar o fecho do sutiã.

Antes que eu possa ir longe demais, alguém bate na porta, nos interrompendo.

— Sinto muito por atrapalhar vocês, mas Sophia está chamando — Romie fala, roubando um sorriso genuíno de Lina.

— Parece que vou ter que esperar mais uma pouco — resmungo, tentando controlar o mau humor.

A garota solta uma risadinha gostosa.

— Você pode ir à minha casa amanhã — ela fala baixo ao meu ouvido e morde de leve o lóbulo da minha orelha — Vinte horas.

Tiro as mãos de dentro do suéter e seguro o rosto dela, roçando meu nariz no seu antes de morder o lábio inferior de Lina.

— Isso é uma ordem também — *minha* garota sussurra de maneira presunçosa.

— Está dando ordens agora?

— Apreendi com o melhor — retruca e então, dá de ombros, ainda sorrindo.

Porra.

Eu quero muito essa garota atrevida.



Lina



Fito a taça de vinho meio cheia à minha frente e suspiro, aborrecida. Levanto da banqueta, pego os pratos em cima do balcão e guardo no armário. Meus olhos param em cima da comida no fogão e por um momento passa pela minha cabeça jogar tudo no lixo, mas a sanidade volta e me faz colocar dentro da geladeira.

Com a taça e o vinho aberto, me arrasto até o sofá e ligo a tevê, tentando não concentrar as minhas energias no bolo que tomei de Julian, o que é claro, não funciona. Estou odiando o mandachuva no momento e focar minha raiva nele parece tentador.

Verifico o celular em cima da mesinha de centro e fico decepcionada quando não encontro nem um sinal de vida do homem. Quando achei que ele ia chegar atrasado, mandei mensagem. Depois de duas horas, eu liguei, mas ele não atendeu e nem se deu o trabalho de me dar uma desculpa, ou explicação.

Ontem ele parecia disposto a me dar o mundo. Hoje, nem apareceu para a porra do jantar que eu preparei.

O que você tem na cabeça, Jolina? Julian não é homem de uma mulher só. Você é apenas mais uma na interminável lista dele. Cai na real, garota!

Olho a telinha do celular de novo, sentindo um desconforto no peito e odiando Julian. Devo ser uma piada para ele. Cretino.

Tomo o resto do vinho da taça e respiro fundo, encarando o programa culinário que está passando na tevê e decido focar as energias nos meus livros. É o melhor que posso fazer e não vou deixar um homem me desestabilizar e me fazer tirar notas ruins.

Mesmo que esse homem seja Julian Carbone.

Guardo a garrafa de vinho e coloco a taça na pia. Descalça, vou até o quarto pegar os livros, cadernos e canetas, organizo tudo em cima da mesinha de centro e caio de cabeça nos estudos. Me manter acima da média é importante também.

No momento, mais do que qualquer outra coisa.

Eu preciso voltar a focar no motivo que me fez sair de casa. Ter estabilidade financeira, trazer minha mãe para cá e livrá-la das garras do meu pai. Isso é importante. É minha vida, meu objetivo.

Julian é apenas uma distração. Talvez, um obstáculo. Não posso desviar do meu caminho.

Não posso...

Depois de quase três horas com a cara enfiada nos livros da faculdade, adormeço na sala mesmo, sobre a mesinha de centro.



Tomo um susto ao ouvir o alarme do celular tocando. Passo as mãos no rosto e nos cabelos e demoro alguns segundos até me dar conta de que adormeci na sala. Checo a hora no celular antes de levantar e alongar o corpo dolorido da

noite mal dormida.

Bocejando, tomo coragem de ligar a cafeteira para preparar café e me arrumar para sair de casa.

Apesar de fazer muita força para não ficar pensando em Julian ou checando o celular na esperança de ter alguma mensagem dele, não consigo. Li tantas coisas ontem enquanto não tentava pensar nele, mas mesmo assim, acabei sonhando com Julian.

Na minha ilusão, ele não tinha se atrasado para o jantar, mas estava triste e não podia dizer o que tinha acontecido.

Sonhos têm mesmo significados?

Enquanto escovo os dentes, abro a aba de pesquisa no celular e começo a minha busca por significados de sonhos.

Lavo a boca com água antes de começar a ler o artigo em voz alta.

— *Sonhar que alguém querido por você está se sentindo triste, pode indicar que você sente culpa por alguma de suas ações ou falas para com aquela pessoa. Em contrapartida, pode ser que você simplesmente sinta um medo de que essa pessoa passe por maus momentos.*

Reviro os olhos, descrente.

— Que perda de tempo. Fiquei louca — resmungo e jogo o celular em cima da cama, em seguida, volto a me arrumar.

Saio do apartamento depois de meia hora, carregando bolsa, livros e o fone de ouvido. Ao descer as escadas que dão na calçada, tenho a leve impressão de que alguém está me observando.

Procuro com os olhos, mas não vejo ninguém conhecido ou quase conhecido. Já tinha decorado alguns dos rostos dos homens de Julian e saberia se alguns deles tivesse me vigiando.

Balanço a cabeça e faço uma tentativa de não ficar procurando sinais de Julian. Respiro fundo e ajesto a bolsa no ombro e caminho até a estação de metrô. Se ficar mais um minuto parada, vou me atrasar para minha primeira aula.

Conecto os fones no celular e depois levo até os ouvidos. Dou play e sinto

um gosto ruim na garganta ao escutar “Arcade” do Duncan Laurence preencher os meus ouvidos.

O coração acelera e eu me sinto ridícula.

“Eu gastei todo o amor que eu guardei. Nós sempre fomos um jogo perdido. Garoto de cidade pequena em um grande fliperama, eu me viciiei em um jogo perdido. Tudo que eu sei, tudo que eu sei, amar você é um jogo perdido.”

Alguém esbarra em mim, me tirando do meu transe. O homem ao meu lado fala algo, que escapa aos meus ouvidos, pois ainda estou de fone.

— Me desculpe, o que disse? — pergunto depois de silenciar a música e guardar os fones de ouvido.

Ele me dá um sorriso de covinhas.

— Eu pedi desculpa por ter esbarrado em você — articula com um sotaque diferente, engraçado, mas fofo.

Sorrio de volta.

— Tudo bem, não tem problema.

— Acho que isso é seu — fala ao gesticular com o meu caderno. Eu tinha derrubado com impacto e nem ao menos tinha percebido.

— Obrigada, salvou minha vida.

Ele estende a mão para mim.

— Dimitry Mashkov.

Abro outro sorriso ao apertar a sua mão, pensando que é o russo mais simpático que eu conheço. Na verdade, não conheço outros.

— Jolina Magdayao.

— Posso te pagar um café? — indaga, sugestivo. — Meu pedido de desculpas por ter esbarrado em você.

— Eu tenho aula e se não correr agora, vou chegar atrasada — é o que digo e dou de leve com os ombros.

— Tudo bem, eu entendo.

— Tchau e obrigada mais uma vez — digo, mas antes que possa continuar meu trajeto, ele pergunta se estou indo para o metrô. — Sim — respondo.

— Que sorte a minha, é o meu caminho também.

Dimitry sorri e se põe ao meu lado, me acompanhado até ao meu destino de todos os dias. Observo-o de rabo de olho. O homem é alto e bonito, usa óculos e acho que deve estar na faixa dos trinta.

Quando ele me pega no flagra, desvio as vistas e começo a tagarelar baboseiras. Graças a Deus, Dimitry age como um cavalheiro e me livra do constrangimento, mantendo uma conversa digna comigo.

No trem, sentamos lado a lado e ele me conta o porquê veio a Montreal. Ele está tentando viver a vida longe do pai, que é um banqueiro muito bem-sucedido na Rússia. Acabo falando um pouco sobre mim e que falta apenas um ano para me formar em Antropologia.

Perdida em uma conversa com Dimitry, não vejo o tempo passar.

— Vou descer na próxima estação — falo e ele assente, parecendo meio decepcionado. — Até mais e boa sorte na sua nova vida.

— Posso pegar seu telefone? — quer saber.

Abro a boca, mas não consigo dizer nada, então, fico apenas encarando os olhos claros dele.

— Tem namorado?

Suspiro.

— Não, mas é complicado, sabe? — é o que digo e nem na minha cabeça isso faz sentido. Julian vai me deixar doida.

— Posso pedir seu número como um amigo? — insiste, me fazendo sorrir.

Penso por uma fração de segundos e acabo concordando. Não vou me privar de ter amigos por causa de Julian. Ele não é meu namorado. Demos alguns amassos e apenas isso. Ainda me deu um bolo ontem à noite.

Vasculho a bolsa atrás do celular e quando o pego, surpreendo-me quando Dimitry o tira das minhas mãos e me entrega o dele.

— Vamos trocar os nossos números — comenta, sugestivo e eu rio.

— Ok.

Digito meu número no celular e salvo como “Garota da colisão” e espero

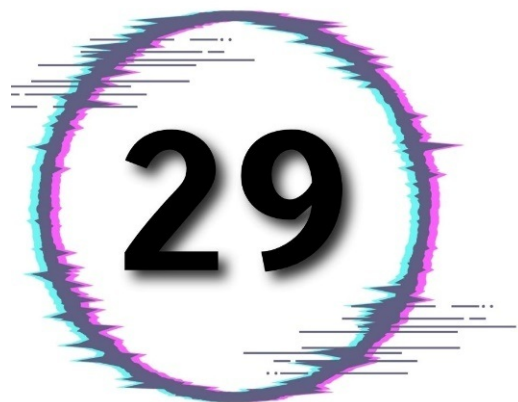
Dimitry terminar para trocarmos o aparelho. Rio quando vejo como ele salvou o nome.

— Me desculpe pelo empurrão? — retruco, explodindo numa risada. — É um ótimo nome.

— Sim, o seu também, garota da colisão. — Ele ri. — Na próxima vamos sair pra tomar um café.

Não diga nada, apenas sorrio.

Dou tchau com uma das mãos e desço na minha estação quando as portas automáticas se abrem. Caminho para saída do metrô e não ousa olhar para trás.



Lina



— Que cachorro! — Sophia rosna, me roubando uma risada. A essa altura do campeonato, falar mal de Julian se tornou um hobby perfeito.

— Os cachorrinhos estão todos ofendidos neste exato momento — zombo.

— Eu voltei pra minha casa pra dar privacidade a vocês e ele te deu um bolo? Ainda não deu nenhuma desculpa? Quem esse cara pensa que é? — Balança a cabeça de um lado para o outro. — Desaprovo esse relacionamento.

— A culpa é minha. Não devia ter criado tantas expectativas.

— Se culpe outra vez e eu lavo a sua boca com sabão — Sophia articula com as sobrancelhas erguidas.

Dou de ombros e deito no gramado do campus, aproveitando o sol do meio dia. O verão está chegando, aqui não chega a ser tão quente como nas Filipinas, mas o clima é agradável e dar para sair de regata sem congelar de frio.

Sophia deita ao meu lado, colocando o braço por cima dos olhos.

— Não quero falar dele — murmuro. — Vamos falar de você, como estão as coisas com o seu pai?

Minha amiga solta um suspiro.

— Não estamos no nosso melhor momento, mas já paramos de brigar.

— Se quiser voltar pro meu apartamento, pode ir, tá bem?

Ela sorri.

— Obrigada.

— Tem notícias da sua mãe? — quero saber.

— Não. E a sua? Tem falado com ela? — Sophia quer saber.

— Ela faz um belo trabalho quando o assunto é me ignorar — retruco, ficando de mau humor. — Deve ser o meu pai. Ela é cega pelo amor dele.

— Por que nossos pais são tão complicados?

— Eu não sei e eles nem vieram com manual — rebato, roubando uma risada de Sophia. — O que vamos fazer no seu aniversário?

Sophia faz careta.

— Ainda faltam duas semanas e meia, não vamos adiar o papo de eu ficar velha, por favor.

— Dramática — grunho.

Ainda deitada, ela revira a bolsa e coloca os óculos escuros, depois apoia o cotovelo no chão e segura o rosto, me encarando através das lentes escuras.

— Tenha cuidado — murmura.

— Cuidado com o quê?

— Com Julian. Não merece ter o coração partido por ele. Ou por qualquer outro homem.

Respiro fundo e preno os lábios, depois concordo com um aceno de cabeça.

— Não se preocupe, vou proteger o meu coração.

Minha melhor amiga sorri para mim, mas tenho certeza que não acredita de verdade nas minhas palavras.

O resto do dia se arrasta, mas faço um bom trabalho em ocupar minha cabeça com tarefas essenciais e não ficar checando celular.

O amor-próprio agradece.

Já são quase dezenove quando saio do museu e meus pés estão me matando. Olho a rua e decido chamar um Uber para voltar para casa em vez de

descer e até o metrô lotado. Pego o celular de dentro da bolsa e antes que possa abrir o aplicativo, alguém chama por mim.

— Lina?

Olho para trás ao escutar a voz familiar e dou de cara com Nicholas. Os olhos azuis parecem triste, mas a expressão do rosto ainda é dura.

— Oi — murmuro.

— Preciso que venha comigo.

— O quê? — rebato, irritada.

Não é possível. Julian sumiu por dois dias inteiros e do nada manda um dos seus homens aparecer na minha frente para me levar sei lá pra onde. Não sou um objeto e ele não é o meu dono.

— Ele precisa de você — é o que diz, me fazendo revirar os olhos.

— Eu sinto muito, mas eu não vou. Estou cansada.

Nicholas enfia as mãos dentro da calça social e solta um suspiro entrecortado.

— Julian não sabe que estou aqui.

Franzo o cenho, confusa.

— O que está dizendo? Não faz sentido.

Nicholas morde o lábio inferior e vejo o músculo do seu maxilar se contrair.

— Ele precisa de você.

Aproximo-me dele, começando a ficar preocupada. Que merda é essa? O que aconteceu? Um sentimento ruim se estala dentro do meu peito, me fazendo respirar com dificuldade.

— Julian está bem? — me ouço perguntar.

— Não — murmura e meu coração acelera. — O senhor Carbone... — começa, mas a frase morre e noto os seus olhos brilharem. Nicholas engole em seco antes de voltar a falar. — O pai dele... se foi.

Levo as mãos até a boca e tento assimilar o que acabei de ouvir, mas não consigo dizer nenhuma palavra.

— Ainda não entendo a relação de vocês, mas acho que ele precisa de você, Lina.

Minha visão fica turva por conta das lágrimas, mas nenhuma ousa fazer caminho até a boca. Assinto, e ainda em silêncio, sigo Nicholas até o carro estacionado.



Dois dias atrás...

Sou acordado com gritos.

Por instinto, levanto rápido e pego a arma carregada de dentro da primeira gaveta da cômoda ao lado da cama. Abro a porta e saio sorrateiro do quarto, relaxando os músculos por um segundo ao encontrar uma Romie sonolenta no corredor.

— É a mamãe? — pergunta ao bocejar.

Gritos de lamento de novo.

Ainda segurando a arma, apresso os passos e corro pelo corredor, até o quarto dos meus pais. Sem bater, empurro a porta e entro. Me deparo com a mamma de toalha, ao lado do meu pai, tentando fazer uma massagem cardíaca em seu peito.

— Ele não acorda. Ele não acorda — ela choraminga.

Entrego a arma à Romie, que me seguiu e parece atônita com a cena, e com as pernas pesando uma tonelada, corro até o meu pai. A mamma sai de cima dele e eu começo a fazer a massagem cardíaca, tentando controlar as minhas

próprias lágrimas.

Tentando controlar o meu desespero.

— Vamos, papà. Acorde — rosno entre os dentes, mas não tenho respostas. — *Acorde!* — grito.

O corpo dele está frio, mas não desisto, continuo com a massagem cardíaca, implorando em silêncio para que ele abra os olhos. Ele precisa abrir os olhos.

Ele não pode morrer assim. Não. Ainda é cedo. Ele não pode ir embora desse jeito, tão de repente. Não. Meu pai não pode.

— Acorde! — grito de novo e escuto Romie começar a chorar. — Pai, por favor — suplico.

Noah surge à porta, todo suado e com roupas de academia. Os olhos arregalam ao me ver em cima do nosso pai, tentando reanimá-lo. Ele corre até mim, me tira de cima do papà e tenta ele mesmo fazer a massagem cardíaca, enquanto grita para que ele acorde.

Infelizmente, é tudo em vão.

As vozes ao meu redor começam a ficar distantes e as lembranças com o meu pai vêm de modo espontâneo. Eu, ainda criança e ele rindo, me ajudando a montar o trilho de trem que me deu de presente aos oito anos de idade. Eu e meu pai, jogando beisebol. Eu e meu pai, rindo. Eu e meu pai, comemorando meus aniversários. Eu e meu pai, fazendo planos para o futuro.

Eu e meu pai...

Com os olhos ardendo, encaro o corpo do papà em cima da cama. Noah ainda tenta reanimá-lo, mas não surte nenhum efeito.

Sinto a garganta seca e cerro os dentes. Saio do quarto rápido, mas Romie me alcança no corredor, aos prantos.

— Aonde está indo? — choraminga, mas eu não consigo responder. Ela corta a nossa distância e envolve os braços na minha cintura, chorando. — Por que isso aconteceu? Por que ele se foi, Julian? Ele se foi — sussurra.

Meu peito dói tanto, que eu sinto que vou sufocar.

Contendo as lágrimas, passo os braços em volta do corpo da minha irmã e aperto contra mim. Quero dizer a Romie que tudo vai ficar bem, mas não consigo mentir. E no fundo, ela saberá que não é verdade.

— Chame o Dr. Michael — digo a ela, por um momento, pensando com clareza. Afasto-a um pouco de mim e seguro seu rosto com as duas, focalizando seus olhos. — Consegue fazer isso?

De lábios prensados, ela assente.

Dou um beijo na testa de Romie antes de deixá-la ir na direção do quarto.

Levo ar até os pulmões e respiro fundo e devagar, tentando me acalmar. No entanto, não consigo. Meu peito dói como se alguém estivesse me apunhalado. Fecho as mãos e punho com força e cerro os dentes.

Meu pai se foi...

Sem conseguir me conter, começo a esmurrar a parede do corredor. Uma, duas, três, quatro, cinco e seis vezes, mas nem isso é capaz de me fazer sentir melhor. Soco a parede de novo e noto as mãos sangrando, porém, continuo extravasando contra a parede.

— Pare, Julian! — Romie grita, chorando. — Pare! Por favor.

Não consigo parar, então vou esmurrando a parede até fazer um buraco.

Noah me impede de continuar, segura com firmeza o meu pescoço e cola minha testa na dele. Meu irmão tem os olhos vermelhos, respiração forte e mandíbula contraída. Sem dizer nada, ele me abraça com força, como se não fosse capaz de me soltar.



Horas mais tarde...

— Causas naturais? — a mamma pergunta com a boca torcida e os olhos fumegantes. — Michael, está dizendo que o meu marido morreu de causas naturais?

Dr. Michael respira fundo e massageia as têmporas.

— Foi o que o médico legista disse.

A mamma anda de um lado para o outro, exasperada. Tem os cabelos presos em um coque malfeito, o rosto está todo inchado de chorar e a ponta do nariz vermelha. Não lembro de ter visto minha mãe assim alguma vez na vida.

— Meu marido estava saudável ontem — murmura entre os dentes. — Isso não faz sentido. Francesco era um homem saudável.

— Isso acontece, Carlota. Eu sinto muito — Dr. Michael tenta confortar minha mãe, mas não consegue.

Troco um olhar com Noah, que está em pé, na soleira da sala e algo me vem à cabeça. Caminho até o escritório do nosso pai e ligo o computador, a fim

de checar as câmeras de segurança.

O dia foi tão tenso, que não consegui pensar com clareza, mas a minha mãe tem razão, o papà era alguém muito saudável. Morrer assim de repente, não faz sentindo. Ainda mais, porque semanas atrás ele sofreu um atentado.

— O que tá pensando? — Noah pergunta ao entrar no escritório e ocupar a cadeira à minha frente. — Concorda com a mamma?

— Não faz sentindo, Noah.

Ele assente, mas não articula nenhuma palavra.

Verifico as câmeras no computador e contraio a mandíbula ao notar que não tenho nada. Por três horas e meias é a porra de um completo borrão. Soco a mesa com a mão machucada e inspiro com força.

— As câmeras... não temos nada.

— Isso não é possível.

Noah levanta da cadeira e vem até mim, para verificar as câmeras de segurança no computador.

— Chame o Liam, precisamos dele — é o que fala, saindo do escritório ao mesmo tempo em que pega o celular de dentro do bolso para fazer uma ligação.

Passo a mão no topo da cabeça e respiro fundo, tentando controlar o ímpeto de raiva que surge dentro de mim. Não posso perder a cabeça agora. Não posso perder a cabeça de novo.

Minha família precisa de mim.

Eles precisam de mim com a cabeça no lugar e pensando com clareza.

Saio do escritório ao mesmo tempo em que tateio o bolso atrás do celular. Vejo uma ligação perdida de Lina e a notificação de uma nova mensagem.

Droga.

Estou prestes a retornar à ligação, quando vejo Nicholas entrar no hall de entrada. Ele parece tão triste, como todos da minha família, mas isso não o impede de dizer as próximas palavras:

— Temos um problema.

Suspiro, irritado.

Tenho vontade de mandá-lo dar meia volta e ir embora com a porra do problema.

— O que aconteceu? — pergunto, desdenhoso.

— Acharam um dos nossos depósitos e roubaram o carregamento de armas. Será um prejuízo grande.

— Você está dizendo que roubaram cinco milhões de mercadoria? — retruco.

— Sim.

Fecho os olhos por uma fração de segundos, respirando fundo.

Desde os anos 50, quando minha família veio da Itália para cá, a cidade portuária de Montréal se tornou um dos maiores pontos de importação de armas do mundo. Se você mora em qualquer lugar ao norte dos Estados Unidos ou em qualquer cidade do Canadá, e usa arma, com certeza, veio de Montréal.

É claro que ao longo dos anos tivemos vários contratemplos, prejuízos de mais de bilhões de dólares, mas as coisas andavam, razoavelmente, tranquilas nos últimos anos. Ninguém foi burro o suficiente para querer dominar o nosso território e meu pai, conseguiu controlar bem as gangues e as famílias pequenas da nossa cidade.

Agora, ele morreu e os problemas com os negócios começaram a surgir. Isso não é coincidência. No nosso meio, nunca é. Não existe destino ou azar. As coisas acontecem porque foram planejadas e executadas com perfeição.

— Preciso de Liam aqui — falo, chamando a atenção de Nicholas. — Não temos imagens das câmeras desta madrugada. Por quase três horas, não temos nada.

— Está achando que alguém matou o Don? — ele pergunta.

Até agora, Nicholas foi o único que teve coragem de falar isso em voz alta.

— O que você acha?

Ele dá um suspiro.

— A família Carbone é dona de um negócio que sempre foi muito cobiçado pelas outras famílias. Até mesmo por famílias de fora do país — é o

que fala, me fazendo assentir.

— Traga Liam aqui. Vamos resolver o problema com as câmeras e em seguida, conversamos sobre o nosso carregamento.

Nicholas assente e vai embora, me deixando sozinho no hall de entrada.



Algum tempo depois...

Não sei há quanto tempo Liam está em frente ao computador deslizando os dedos magros sobre os teclados, mas parece uma eternidade. A expressão dele não é boa, o que começa a me deixar irritado.

Além de mim e Liam, no escritório do papà, se encontram meu irmão, Giuliano, Gabriel, Nicholas e Thomas. Estão todos esperando que o hacker faça milagres, como sempre foi capaz de fazer.

Mas infelizmente, parece que o dia vai continuar sendo uma merda.

— As imagens não foram apagadas — começa. — As câmeras foram desligadas. Impossível saber o que aconteceu. — Abro a boca para resmungar algo ou xingar, quando Liam é mais rápido e volta a falar. — Mas encontrei algo.

— O quê? — retruco, me aproximando dele.

— O sistema de segurança da casa foi programado para fazer atualização na madrugada e isso demora umas duas horas, no mínimo.

— Impossível. O sistema foi atualizado semana passada — Noah fala, ficando de pé também.

Liam nega com a cabeça.

— Não foi — é o que responde.

— Tudo bem, obrigado, Liam. Pode ir agora — falo, e faço um gesto com a cabeça para que ele saia do escritório. Ele assente e vem até mim, dá uma batidinha no meu ombro e abre meio sorriso.

— Sinto muito pelo pai de vocês — murmura, olhando de mim para Noah, que faz que sim com a cabeça.

Assim que o garoto sai da sala, Giuliano abre a boca para começar a dizer.

— O Don Carbone não morreu de causas naturais. — Balança a cabeça de um lado para o outro. — Se alguém o matou, foi alguém próximo dele...

— Giuliano, cuidado com as palavras — Thomas diz, num tom sério.

O consigliere é apenas cinco anos mais velho que eu e uns quinze mais novo que Giuliano, mas mesmo assim, é o único de confiança, que sempre teve a cabeça no lugar, nunca ultrapassou os limites e distribuiu conselhos inteligentes.

— O quê? — Giuliano rebate, fazendo Noah franzir o cenho. — Do que você tem medo, Thomas?

Parece que o caporegime mais antigo da família Carbone tem muito a falar, então eu me pronuncio.

— Pode deixá-lo falar, Thomas.

Giuliano abre um sorriso seco ao anuir.

— Bem, existem casos de chefes da máfia serem assassinados pelas esposas — começa a dizer asneira. Cerro a mandíbula e sinto as narinas se expandirem. — Não seria a primeira vez que isso acontece — acrescenta.

Noah dá um passo para frente, mas sou mais rápido, estou perto de Giuliano, segurando o homem velho pelo colarinho.

— Ouse dizer que minha mãe é suspeita mais uma vez e você vai acordar sem a língua — rosno.

Ele se solta de mim, mas prende meus olhos aos dele.

— Talvez, eu tenha exagerado — diz, ajeitando a blusa social. — Mas o Don Carbone era como irmão mais velho pra mim e perdê-lo assim, sem mais e

nem menos, fode com a minha cabeça também, garoto.

— Eu entendo, Giuliano — Noah fala e dá alguns passos para próximo de nós. — Mas não quero ouvir esse tipo de absurdo de você de novo. Ela é a nossa mãe e merece respeito.

Contrariado, Giuliano assente de leve.

— Precisamos nos calmar, estamos todos nervosos — Thomas tenta amenizar o clima.

— O que você sugere? — Noah indaga ao conselheiro.

— Primeiro, pensar com clareza e agir com a razão. Se temos um traidor entre nós, precisamos encontrá-lo de maneira sorrateira. Não podemos deixar o boato de que temos uma falha na nossa organização se espalhar. Isso vai nos enfraquecer.

Noah faz que sim com a cabeça.

— A notícia que sairá no jornal, é que o magnata do cassino, Francesco Carbone, morreu pacificamente, em sua cama. Pode cuidar disso, Gabriel? — Noah quer saber.

O caporegime concorda com um aceno e sai da sala. O homem entrou mudo e saiu calado. Ainda parece abalado com a morte do Don. Estamos todos abalados, para ser sincero.

E estou tentando muito não perder a cabeça no momento e esmurrar o primeiro filho da puta que me tirar do sério de novo.

Giuliano acaba se retirando também, trocando umas tapinhas nas costas com o meu irmão.

— Precisamos trocar toda a segurança interna — digo, fazendo os dois homens na sala me olharem. — E interrogar os homens.

Noah concorda com um aceno.

— Sim, você tem razão, mas precisamos fazer isso com calma — Thomas começa a falar e eu odeio o jeito calmo dele, como se todas as coisas no mundo fossem se resolver se continuarmos tranquilos. — Mexer em toda segurança interna agora pode ser perigoso. Temos muitos homens, mas não confiáveis o

suficiente pra ficarem com acesso a casa.

— Não quero que o traidor continue zanzando por aí. Trocar os homens me parece sensato — é Noah quem fala.

— Eu sei, mas não assim. — Thomas nega com a cabeça. — Nicholas, ele é um bom soldado e tem o respeito de muitos. No momento, ele é a nossa solução.

— O que quer dizer com isso? — eu quero saber.

— Vamos colocar ele no comando da segurança interna. Nicholas pode descobrir alguma coisa. — Antes que possa dizer algo, ele continua. — Qualquer um pode usar uma arma, mas nem todos são de confiança como o Nicholas.

— Pra um começo, parece bom — Noah dá a palavra final.

E embora eu queira “*interrogar*” pessoalmente cada um dos homens que estava de guarda no dia da morte do meu pai, concordo também. Thomas sempre teve a cabeça no lugar e nos ajudou resolver problemas grandes, evitando guerras. Não é à toa que ele é o conselheiro da família.

Darei o crédito a ele, mesmo com vontade de socar alguém até quebrar dentes.



Lina



Hoje...

Nicholas me deixa no hall de entrada. Aperto os livros contra o peito e preno os lábios antes de começar a subir o primeiro degrau. Noto Romie no topo da escada. Ela tem o rosto inchado, olhos e nariz vermelho, está usando um robe amassado e tem os cabelos assanhados.

— Oi — murmuro.

O queixo dela treme, apertando o meu coração.

— Oi — fala tão baixo, que é quase difícil de ouvir.

Sem dizer mais nada, me aproximo dela e a envolvo em um abraço, no qual ela desaba em lágrimas e me aperta. Passo a mão livre nos seus cabelos e deixo que ela chore nos meus braços.

— Me desculpe — fala ao dar um passo para trás e limpar os olhos com as costas das mãos. — Estou emotiva.

— Tudo bem, não tem problema. — Sorrio. — Eu sinto muito, Romie. De verdade.

Em meio as lágrimas, ela abre um sorriso triste.

— Obrigada.

Passa por mim, segura no corrimão e desce as escadas, cabisbaixa. Levo ar até os pulmões e continuo o trajeto até o quarto de Julian. Paro em frente a porta e hesito por um momento.

Devo bater ou apenas entrar?

Dou uma batida firme e abro logo em seguida, sem dar a chance de ele me mandar ir embora.

— Eu disse que quero ficar sozinho, Eva. Quando precisar de algo, eu peço a você — resmunga de costas para mim.

Julian está em frente à mesa de madeira perto da varanda do quarto, servindo uísque em um copo de cristal. Mesmo com os cabelos desgrehados, usando robe de seda preto e calças de tecido leve e de costas, ainda é lindo.

Em silêncio, coloco meus livros e bolsa em cima da cômoda grande perto da parede e dou alguns passos até o homem.

— Eu falei sério — diz ao girar nos calcanhares. Julian fica surpreso ao me ver. — Lina — murmura meu nome.

Sorrio.

— Muito decepcionado?

Os olhos negros e profundos brilham, e neles há tanta tristeza, que faz meu coração doer.

— O que está fazendo aqui?

Enfio as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans e mexo os ombros.

— Nicholas me trouxe.

Ainda me olhando, ele bebe todo o uísque de dentro do copo e o coloca em cima da mesinha, e então, caminha até mim, parando um passo de distância. Julian tem cheiro de álcool e uma expressão exausta.

— Eu sinto muito pelo seu pai.

Ele franze os lábios e desvia os olhos de mim por uma fração de segundos, parece tentar controlar as lágrimas. Ou pior, acho que Julian está tentando reprimir a dor. Rompo a nossa mínima distância e pouse uma mão em cima do

seu peito e noto os batimentos cardíacos acelerados.

— Eu sinto muito, Julian.

Devagar, ele abaixa a cabeça e a descansa no meu ombro. Passo as mãos entre os cabelos dele e o embalo num abraço, tentando de alguma, reconfortá-lo. Julian não chora, mas fica quieto e com a respiração entrecortada por vários minutos.

Quando se afasta, seguro o seu rosto com as duas mãos.

— Estou tentando ficar bem, mas é difícil — é ele quem fala. — Meu pai... não consigo parar de pensar nele.

— É o luto, você precisa passar por isso.

Julian nega com a cabeça e dá alguns passos para próximo da mesa, enchendo o copo de uísque de novo.

— Não posso.

— Por que não? — quero saber.

Aproximo-me dele e o impeço de continuar bebendo. É visível, ele fica irritado, mas não tem forças para discutir comigo ou tomar o copo da minha mão.

— Não posso perder a cabeça.

— Julian...

— A minha história triste — começa a falar, me interrompendo. — Tenho uma e é por isso que não posso perder a cabeça. Não posso voltar a ser o que eu era antes, Jolina. Você não ia me querer desse jeito.

— Converse comigo — arrisco.

Julian não tem cara de quem vai começar a falar dos problemas comigo ou com qualquer outra pessoa, mas não posso simplesmente desistir sem tentar. Talvez, se ele se abrir de verdade, as coisas voltem a ficar bem.

— Não vou falar disso. Não estou com vontade.

Pega a garrafa de uísque e bebe direto do gargalo.

Engulo o caroço na garganta e dou uma respirada funda antes de beber o líquido do copo, decidindo se devo ou não contar a minha história triste. É difícil

e a única pessoa com quem falei sobre isso, foi com Sophia.

— Eu vim pra cá — começo, mas a frase morre. Fecho os olhos por uma fração de segundos e depois, fixo nos olhos de Julian. — Eu saí do meu país, porque não aguentava ver minha mãe com o meu pai. Ele... ele é um homem impulsivo, tóxico, abusivo e muito controlador.

Julian parece hipnotizado com as palavras que saíram da minha boca e eu estou criando coragem para terminar de falar.

— Ele bateu nela, algumas vezes. Mas ela nunca teve coragem de deixá-lo. — Finjo uma risada. — Hum, quando eu disse que estudaria em outro país, ele ficou tão bravo. Disse que se eu fosse, não precisava mais voltar.

Julian coloca a garrafa de uísque em cima da mesa e se aproxima de mim.

— Jolina...

— A verdade... é que eu fugi. Não queria viver com ele ou viver a vida que ele escolheria pra mim. Eu vim pra cá, porque quero ser bem-sucedida e trazer minha mãe. Talvez, ela abra os olhos e veja que meu pai não a ama de verdade. Talvez ela aprenda, que o amor... ele não é violento.

Pisco rápido, tentando controlar as lágrimas, mas elas caem como se eu fosse uma torneira com vazamento.

— Não gosto muito de falar disso, dele, de onde eu vim, porque machuca muito. — Ele abre a boca para falar, mas eu sou mais rápida e murmuro. — Então, essa é minha história triste.

Julian estica uma das mãos e segura meu rosto, me fazendo fechar os olhos. Eu sei que a vida dele está longe de ser tranquila, mas quando ele me toca assim, me sinto segura, como se nenhuma mal pudesse me alcançar.

— Eu sinto muito, Lina.

Volto a abrir os olhos. Estou prestes a falar algo, quando ele me envolve num abraço apertado. Descanso a cabeça contra o seu peito e me deixo levar pela sensação de estar nos braços dele. É bom e me faz perceber que eu gosto dele.

Não devia, mas acho que estou apaixonada.

— Ninguém... nunca mais vai fazer mal a você, Jolina.

Sorrio contra o seu peito.

— Vai sacrificar o mundo pra me proteger?

Ele respira fundo.

— Se preciso for.

Arredo um pouco e ergo o queixo para encará-lo.

— Não precisa sacrificar o mundo pra me proteger — sussurro, depois, fico nas pontas dos pés e encosto meus lábios de leve nos dele. — Basta me abraçar quando eu estiver triste.

Sem dizer nada, ele envolve uma mão na minha nuca e a outra na cintura, me puxa para perto e cola a boca na minha. Nossas línguas se enroscam num beijo com gosto de uísque e tristeza.

Mas mesmo assim, é um beijo bom.

Acho que eu quero todos os lados de Julian, até mesmo, a escuridão.

— O nome dela era Rebecca — fala ao desgrudar as nossas bocas. Encosta a testa na minha, e é visível que está fazendo força para proferir as próximas palavras. — Ela era incrível, mas não me conhecia de verdade. Rebecca não sabia o que sou de verdade ou o que minha família é. Mesmo assim, eu fiz planos, que foram interrompidos. Rebecca morreu há quase três anos. E eu passei um tempo surtado.

Levo as mãos até o seu rosto e faço carinho nas bochechas com os polegares. A barda dele cresceu, o que deixou Julian mais sexy.

— Perder Rebecca me mudou, Lina. E agora, eu sou isso, o homem que está na sua frente. Fechado, um poço de escuridão.

— Você não é um poço de escuridão, Julian.

— Eu sou, você só não consegue ver isso. — Respira fundo e passa de leve a língua no lábio inferior. — E você é tão pura. É errado, mas acho que quero corrompê-la... pra fazê-la ficar ao meu lado.

Sorrio.

É um jeito estranho de dizer que quer ficar comigo, mas eu meio que

gostei. Talvez, Julian desperte o meu lado sombrio.

— Obrigada — me ouço dizendo.

Ele volta a colar a testa na minha.

— Pelo quê?

— Por compartilhar sua história triste comigo — sussurro, e Julian cobre a minha boca com a dele.

As mãos passeiam pela minha cintura e descem até o limite do meu cóccix, e quando me dou conta, estou sendo levada até a cama, onde ele me deita e fica por cima mim. Sinto o coração acelerar quando a ereção dele roça contra as minhas coxas, sem pensar duas vezes, interrompo a pegação.

— Não posso — murmuro.

Julian parece confuso.

— Por que não?

Abro a boca para falar, mas fecho no mesmo segundo, pensando em como falar isso. Passo as mãos entre os meus cabelos e mordo o lábio inferior antes de tomar coragem para dizer as próximas palavras.

— Minha lingerie... — Engulo em seco. — Não é uma das melhores — minto.

É claro que dizer isso me faz sentir uma idiota. Mas justo hoje, minha menstruação desceu e bom, estou restrita durante os próximos dias. É uma realidade terrível, mas é a minha.

— Não se preocupe, vou tirá-la de qualquer forma — diz, sério.

As minhas bochechas formigam.

— Não hoje, por favor.

Os olhos deles dançam pelo meu corpo, fazendo a pele queimar. Mordo o lábio inferior ao notar que a ereção dele ainda está ali, de prontidão, me esperando. A vida só deve estar de sacanagem comigo.

Devagarzinho, os dedos longos de Julian desfazem o laço da minha blusa, revelando o meu sutiã de renda. A respiração fica ofegante e o coração acelera à medida em que ele passeia com o indicador entre os meus seios.

— Ela está mentindo pra mim... sua lingerie é sexy.

— Ah — gemo.

Estou excitada pra caralho. Qual mulher não ficaria? Meu Deus, meus hormônios estão a flor da pele, mas preciso impedir que ele continue antes que o homem se empolgue demais.

— Tô no vermelho. Não posso — falo rápido e levanto da cama, fazendo um laço na blusa de novo e puxando o cardigã ao abraçar o meu próprio corpo.

— Eu não me importo — retruca, me surpreendendo.

Meu Deus, o homem é doido.

— Mas eu sim. Não rola. De jeito nenhum. Sem chance.

Julian fecha os olhos e suspira, impaciente.

— Nunca pensei que uma mulher fosse me fazer esperar tanto — resmungo, ficando de pé e caminhando até a mesa de madeira. Serve uísque no copo e bebe um gole, olhando para mim e depois diz: — Quando eu finalmente te comer, vou fazer isso até eu não aguentar mais.

Que absurdo.

É um absurdo o que esse homem acabou de dizer, mas conseguiu levar uma onda de excitação para o meu corpo, que resolve se instalar entre as pernas, fazendo meu íntimo latejar.

— Que romântico — retruco.

O canto da boca dele se contrai, como se Julian quisesse impedir um sorriso.

Mesmo que ele esteja sendo um *cafajeste* no momento, fico feliz de ele parecer um pouco mais leve agora. Vai demorar para superar a morte do pai, mas acredito que ele ficará bem.

Sorrio.

Até quando está sendo canalha, o homem é irresistível pra caramba.



Lina



Nem em mil anos, eu imaginaria o que está prestes a acontecer. Eu, indo dormir na cama de Julian Carbone sem nem ter transado com ele ainda.

Usando uma blusa dele como pijama, saio do banheiro e caminho até a cama. Sinto o calor do olhar dele na minha coxa, o que me faz morder o lábio inferior. Devagarzinho, subo na cama e ouço o homem assobiar.

— Preto, minha cor preferida — diz, encarando de maneira descarada a calcinha na minha bunda.

— Não olhe.

— Por que não? É uma bela visão — retruca com certa malícia. — A melhor parte do meu dia foi olhar essa bunda.

Entro debaixo das cobertas, arrependida de não ter ido embora assim que tive oportunidade. Jantamos juntos e ele me contou as coisas incríveis que o pai fez. Ficamos um bom tempo assim, até que eu me dei conta da hora e falei que precisava ir embora.

O homem me disse para ficar com ele.

Eu tive que lembrá-lo que não transíramos hoje sobre hipótese alguma e ele riu, mas quis que eu ficasse do mesmo jeito. Fez um dos seus homens ir até o

apartamento em Downtown buscar as roupas que ele havia comprado para mim e eu deixei quando fui embora.

Agora, estou aqui, sob o olhar intangível dele.

— Pensei que não gostasse de compartilhar a sua cama...

Vejo a língua dele passar pelo lábio inferior, o que acaba me dando água na boca. Ele assente e caminha até mim, na cama, o corpo ficando por cima do meu e os olhos profundos me estudando.

— É novidade pra mim também — sussurra e roça o nariz no meu pescoço, me fazendo gemer e arquear um pouco o quadril. — Será que vou sobreviver esta noite? — zomba.

Ele enfia a mão debaixo do edredom e encontra a minha coxa exposta. Alisa de forma pretenciosa e vai subindo com a mão saliente até a minha cintura e para. Engulo o caroço na garganta e arfo em surpresa quando o sinto subir e tocar o meu seio esquerdo.

— Julian... — sussurro.

— O quê?

— Vai passar a noite me torturando? — resmungo.

— Talvez sim — rebate com malícia.

Mas para meu desgosto, tira as mãos de mim e coloca os braços detrás da cabeça antes de deitar ao meu lado. Tem uma expressão de satisfeito no rosto. Fico indignada.

Ele acha que pode me provocar e ficar de boa.

Sem pensar duas vezes, jogo o edredom para o lado e subo em cima de Julian, levando a blusa até a cintura. Noto que os olhos dele ardem em desejo, o que me deixa contente.

— O que está fazendo?

— Não está na cara? — retruco e tenho alguma satisfação quando a cara bonita de Julian demonstra surpresa. — Estou provocando você — acrescento num sussurro e me inclino sobre o corpo dele.

Sorrio antes de lambe o pescoço e roçar os dentes de leve no lóbulo da

sua orelha.

— Jolina — me repreende, mas eu não paro. Em vez disso, rebolo em cima da ereção dele que acabou de dizer “oi, cheguei”. — Não brinque comigo — fala baixo e sério, a voz provocante, uma ameaça prazerosa.

Isso me deixa mais excitada, sem fôlego.

— Não gosta? — sussurro.

Remexo em cima dele, acomodando a ereção entre as pernas. Arfo quando sinto as mãos na minha cintura e de repente, o vejo sentando na cama e ficando com o rosto próximo de mim. Ele roça os lábios nos meus e por um momento, esqueço de que minha missão era apenas provocá-lo e o beijo.

A boca quente e molhada de Julian contra a minha, num beijo delicado e sensual. Ele chupa meu lábio inferior e morde de leve, depois volta a enfiar a língua exploradora dentro da minha boca, enquanto as mãos salientes apertam minha bunda.

— Me provocando desse jeito, você é muito corajosa, Jolina Magdayao — cochicha e eu sorrio. — Eu quero você... seja minha — fala com os lábios quentes e molhados na parte sensível do meu pescoço.

— Sim — digo.

Ele segura meu rosto com as duas mãos e focaliza meus olhos. Os dele, sedentos, ardentes e cheio de desejo.

— Quero tanto foder você.

Ai, Deus. As palavras dele conseguem surtir um efeito incrível entre as minhas pernas.

— Eu também. — Fecho os olhos e encosto minha testa na dele, arrependida de ter começado a provocar. Agora estou morrendo de vontade de senti-lo dentro de mim, mas não posso. — Vamos conseguir dormir na mesma cama?

Ele ri.

— Você está tornando isso uma missão impossível.

— Você começou — rebato.

Julian volta a me beijar com força, me deixando louca de desejo. Antes que possa ficar mais animada, Julian faz esforço para se afastar de mim. Sinto uma onda de decepção quando ele me agarra pela cintura e me tira de cima dele.

— Eu preciso de um tempo.

— Ah — é o único som que sai da minha boca.

Julian levanta e meus olhos caem sobre a ereção bem nítida, acabo ficando decepcionada. Não é hoje que vou saber do que o mandachuva é capaz de fazer com uma mulher na cama.

Sou muito azarada mesmo.

Sem dizer nada, ele vai ao banheiro e fecha a porta, enquanto eu, me jogo na cama e fico observando o teto, meio aborrecida. Por que minha menstruação teve que descer hoje? Ela nunca foi tão pontual. Sempre chegou um dia depois, mas hoje, resolveu mudar os hábitos.

Bufo.

Viro o corpo e deito de lado, olhando a porta do banheiro. Mordo o lábio inferior ao notar que Julian está demorando mais do que o normal.

Algo estala dentro de mim.

AI. MEU. DEUS.

Levanto na ponta do pé e devagarzinho, caminho até a porta, colo meu ouvido no material de madeira e ouço uns gemidos entrecortados que fazem minhas bochechas esquentarem e o coração acelerar.

Julian está se masturbando.

Volto para cama e sento na beirada, sem conseguir tirar os olhos da porta do banheiro. Fico excitada e as borboletas no estômago parecem estar numa competição de dança.

Respiro fundo e fico de pé de novo, me arrasto até o banheiro e coloco o ouvido no material de madeira mais uma vez. Os mesmos gemidos entrecortados. É isso, ele está se masturbando.

Umedeço o lábio inferior e o mordo, pensando no que fazer.

Volto para cama e finjo que não ouvi nada? Ou simplesmente abro a porta

e vejo o que vai acontecer?

Sempre fui uma garota curiosa de qualquer forma.

Passo as mãos entre os cabelos e em seguida, seguro a maçaneta, rezando em silêncio para que a porta esteja aberta, porque se estiver fechada, vou ficar muito decepcionada.

Giro a maçaneta.

Graças a Deus está aberta.

A visão é de Julian usando apenas o robe de seda e como eu imaginava, ele está se tocando. Os olhos dele encontram os meus, mas o homem é um cafajeste sem vergonha nenhuma, pois não para de se masturbar.

Minha presença não o abala em nada.

Dou um passo para frente e fecho a porta atrás de mim. Sinto o banheiro tão quente, que tenho dificuldade de respirar como uma pessoa normal. O coração bate alto dentro do peito quando Julian se aproxima de mim.

Sem dizer nada, ele me beija, roçando o pau contra a minha barriga. As mãos dele agarram minha cintura e me levantam, e de repente, sinto a bunda contra o material frio da pia do banheiro.

— No que estava pensando? — pergunto, com a respiração arfante.

— Em você, no seu corpo, na sua boca... em como quero te chupar, te foder — sussurra, esfregando o nariz atrás da minha orelha.

Sinto meu corpo tremer em excitação.

De repente, o desejo me domina e eu desço as duas mãos até o pênis de Julian e o seguro, deslizando sobre a carne quente. Ele fecha os olhos e afunda o rosto no meu pescoço ao gemer, isso consegue me deixar ainda mais acesa.

É bom saber que agora, eu tenho controle sobre esse homem tão intenso.

Enquanto Julian lambe o meu pescoço, eu uso uma das mãos para fazer movimentos verticais e a outra brinca com a cabeça do pênis lubrificada.

— Jolina — ele grunhe.

Quando o sinto envolver a mão na minha nuca e puxar meu cabelo, e logo em seguida me dar um beijo sedento, ávido, sei que ele está chegando lá. Então,

aumento a velocidade e me mantenho no ritmo.

Dentro do banheiro, os únicos sons são os gemidos de Julian e o barulho das minhas mãos trabalhando no seu pênis. E é muito excitante, mesmo que seja ele quem está sendo tocado, meu corpo todo se arrepia também.

E no fundo, eu sei que estou toda molhada.

Julian deixa um tipo de rugido escapar da sua garganta e goza na minha coxa. Ele fecha os olhos e cola a testa na minha, respirando ofegante. Abre meio sorriso maroto e me beija na boca, me fazendo erguer o quadril contra ele.

Maldita menstruação...

— Você é curiosa — fala ao afastar a boca da minha.

— Valeu a pena? — pergunto eu, sugestiva.

— Sim... — diz ao encher meu pescoço de beijos e mordidinhas sacanas, provocantes. — Muito.

Sorrio e deixo as mãos escorregarem até o seu pênis de novo, e noto que o homem ainda está duro.

— Ah... ainda está excitado?

— Você não? — retruca e eu engulo o caroço na garganta, encarando os olhos negros de Julian. — Foi o que eu imaginei. — Volta a enfiar o rosto no meu pescoço e dá uma mordida no lóbulo da minha orelha e eu gemo. — Vamos dar um banho em você.

Nego com a cabeça.

— Eu vou tomar banho sozinha — comento.

Ele prende meus cabelos atrás da orelha, sorrindo.

— Não confia em mim? — indaga, presunçoso.

— Não confio em mim... nua e excitada perto de você — murmuro, sentindo o sangue do meu rosto ferver. — Vou tomar um banho e depois vou pra cama. Pode sair? Por favor?

Julian parece estar se divertindo às minhas custas.

— Vou sair, mas não se acostume com isso.

Ergo uma sobrancelha, curiosa.

— Por que não?

O homem aproxima o rosto do meu ouvido e sussurra com a voz rouca e sexy.

— Porque agora você é minha e sempre que eu quiser vê-la nua, tomando banho ou eu mesmo quiser dar banho em você, vou fazer isso. Na próxima vez, não vou te deixar sozinha.

Depois de falar isso, o sorriso dele é triunfante, e quando se afasta de mim, sinto falta do calor do seu corpo contra o meu. Respiro fundo, tentando controlar a comichão dentro de mim.

Putá merda.

Deus, por que ele disse isso?

As palavras dele não deviam me excitar desse jeito. Julian é um homem ganancioso e mandão, mas eu sinto que farei o que ele quiser.

É sedutor demais ceder aos desejos do mandachuva.



Lina



— Hoje, nesta tarde tão triste, estamos aqui reunidos, para nos despedirmos de Francesco Carbone, um homem bom, que foi um ótimo filho, pai e marido — o padre fala, dando início ao sepultamento.

O cemitério está lotada com homens usando ternos pretos e senhoras em vestidos comportados da mesma cor. E apesar de me sentir descolada, fico ao lado de Julian, que parece perdido em pensamentos.

Entrelaço nossos dedos e ele vira o rosto devagar, encontrando meus olhos e apertando minha mão ao soltar um suspiro cansado.

Tudo acontece num piscar de olhos e o clima é tão triste, que me sinto sobrecarregada e com um pouco de dor cabeça. Não gosto de enterro ou despedidas, é sempre tudo tão tenso e angustiante.

No fim, a mãe e avó de Julian recebem os abraços e se despedem das pessoas que vieram.

Julian se afasta de mim e vai conversar com Noah e Nicholas, que estão num lugar mais afastado do cemitério. Os três já parecem estar trabalhando em alguma coisa. Será que aconteceu alguma coisa?

Romie para ao meu lado, abre um sorriso fraco e deixa os ombros caírem.

— Você está bem? — pergunto, mas sacudo a cabeça logo em seguida. Que coisa idiota para se falar num momento desses. — Me desculpe, é claro que você não está bem.

— O que você achou do meu discurso? — murmura, remexendo a barra da manga longa do vestido. — Eu disse que um dos meninos devia fazer, mas eles acharam que a garotinha do papai devia falar algo — tenta soar com um tom brincalhão, mas é visível a tristeza estampada em seu rosto.

Levo uma das mãos até os cabelos de Romie e faço carinho no topo da sua cabeça, depois prendo uma madeixa atrás da orelha. Ela é um pouco mais baixa que eu e nossa diferença de idade é apenas de um ano, mas quando olho para ela, imagino a irmã mais nova que eu nunca tive.

— Foi lindo, profundo. Seu pai está orgulho de você, Romie.

Ela sorri com os olhos marejados.

— Obrigada.

Inclina-se para mim e me enlaça num abraço apertado.

— Você e Julian estão sérios, é isso? — ouço uma voz de mulher perguntar atrás de mim. Quando me afasto de Romie e giro o corpo para saber quem está falando, dou de cara com Shalom. — Devem estar, você veio até no enterro do pai dele.

Respiro fundo, tentando controlar o ímpeto de ser grossa e implorando em silêncio por paciência.

— Agora não é momento e nem lugar pra esse tipo de conversar, Shannon — é o que digo, de maneira firme.

Erro o nome de propósito, é claro.

— É Shalom.

Arqueio uma sobrancelha, fingindo não entender.

— O quê?

Sem aviso prévio, ela agarra meu braço e puxa, me afastando de Romie, que começa a caminhar na nossa direção, mas eu nego com a cabeça. Sei me defender sozinha e não vou deixar essa mulher bonita e metida me intimidar.

— Vocês não vão dar certo — fala, como se estivesse jogando uma praga.
— Julian precisa de uma mulher que esteja por dentro dos assuntos da família e não de uma criança — acrescenta com desdém.

— Eu não me importo.

Shalom cruza os braços na altura dos seios e sorri com desdém.

— Ele já te disse o que faz?

Abro a boca para responder, mas como não sei o que dizer, fecho. Embora eu tenha uma leve ideia do que ele faz, Julian e eu ainda não chegamos nesse momento em que ele é um livro aberto e me conta tudo sobre a sua vida.

E para ser sincera, eu prefiro não saber. Tampar os olhos e ouvidos para certas situações é bem tentador, e é isso que venho fazendo nas últimas semanas.

— Em poucos dias, Noah vai nomear Julian o sottocapo da família Carbone e isso quer dizer que ele terá mais responsabilidades. Você acha mesmo que um homem como ele vai ficar ao seu lado? Você, garota, é apenas um passatempo. Não se iluda.

Uno as sobrancelhas, confusa. Ela falou um monte de coisa, mas a única palavra que grudou na minha cabeça foi sotto alguma coisa.

— O que você disse? Sotto o quê?

Shalom revira os olhos, enojada.

— Você me cansa — resmunga e ergue os olhos para algo acima da minha cabeça. — Bem, lá vem o seu mafioso, faça bom proveito enquanto ainda tem tempo. Não vai durar muito.

Meu mafioso...

Mafioso...

Julian é um mafioso.

Um mafioso.

Um homem mafioso.

Julian Carbone é um mafioso.

Viro o corpo, coração batendo tão rápido que dói. Engulo em seco quando ele se aproxima e toca meu cotovelo. Tento ignorar o arrepio que meu corpo

sente com o toque dele e pisco algumas vezes, tentando recuperar a lucidez.

— Você está pálida. O que Shalom disse? — pergunta com o músculo do maxilar contraído e buscando meus olhos.

— Que você vai se tornar o sotto alguma coisa e que... e que você é meu... meu mafioso — sussurro a última palavra.

Julian me encara e quando meu olhar escapa, ele pega o meu queixo com as pontas dos dedos e atrai meus olhos de volta para os dele.

— Você é um mafioso — sussurro.

Ele respira fundo e prensa os lábios por alguns instantes, em seguida, volta a me olhar com intensidade. Ficamos assim pelo que me parece uma eternidade, até que Julian assente, e com delicadeza, me puxa na direção do carro estacionado.

— Não fuja de mim — fala num tom sério, mas eu fico quieta. Ainda estou processando tudo. É diferente pensar que ele faz parte de uma organização criminosa e ouvir em voz alta que ele realmente faz parte de uma organização criminosa. — Você quer fugir de mim?

Sim, é claro, é o que qualquer garota sensata diria agora, mas eu apenas nego com cabeça, não confiante para falar as palavras em voz alta.

Meu lado racional está gritando *PERIGO* e que eu devo sair correndo e nunca olhar para trás. No entanto, o lado irracional quer ficar aqui, sendo beijada e tocada por ele. E eu sempre fui uma garota toda errada, então impeço o lado racional de continuar se pronunciando e o tranco bem lá no fundo da minha mente.

É uma droga, mas eu estou apaixonada por Julian Carbone.

Me apaixonei por um homem da máfia.

Estou apaixonada por um mafioso.

— Ótimo. Vamos conversar depois — é o que diz, num tom que parece que está dando ordens, e até mesmo, satisfeito.

Que mandão...

— Você vai falar? Sobre o que faz da vida? — pergunto, incrédula. Achei

que ele fosse dizer que não é um assunto que eu deva saber.

— Você não faz o tipo de mulher que vai ficar quieta se eu não explicar algumas coisas, Jolina Magdayao.

Prengo os lábios e assinto. Julian tem razão, eu encheria o saco até ele falar alguma coisa. Ainda mais agora que... bem, parece que estamos juntos. Não tenho certeza, é tudo muito novo e confuso para mim.

O homem é um enigma. E pelo visto, a família, o trabalho e tudo que diz respeito a ele, também é.

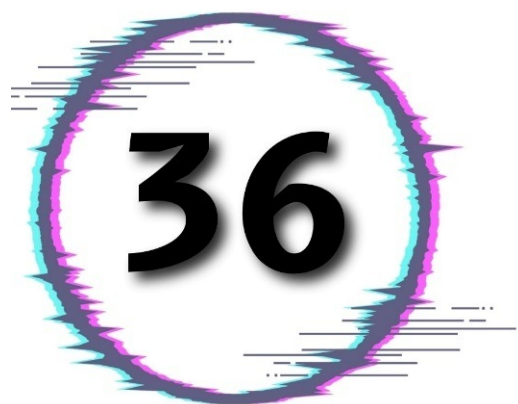
Ele segura meu rosto entre as duas mãos com firmeza e cola nossos lábios, amolecendo meu corpo inteiro.

— Volte pra casa com as meninas, eu preciso trabalhar.

Assinto, mas fico quieta.

— Se eu chegar em casa e você não estiver lá, vou te buscar no seu apartamento — avisa, de forma presunçosa e meio irritante, mas até que gosto.

Bufo e reviro os olhos, o que faz os lábios do mandachuva se curvarem num pequeno sorriso maroto.



Lina



Eu voltei para a mansão com a irmã, mãe e avó de Julian, mas não tinha pretensão de ficar o dia enfurnada no quarto, olhando para o teto e esperando o homem da máfia chegar.

Eu já tinha faltado aula hoje, não podia deixar de ir trabalhar também.

— Preciso trabalhar — falo, paralisando as três mulheres no hall de entrada. — Não posso faltar, o estágio ajuda no meu currículo.

A senhora Carbone abre um pequeno sorriso e assente, se desvencilha dos braços da sogra e vem até mim.

— Obrigada, querida.

Fico em modo estátua. É a primeira vez que ela é tão *carinhosa* comigo e não sei o motivo de estar agradecida.

— Eu não fiz nada — murmuro, depois de encontrar a voz.

Ela apenas sorri e me envolve num abraço sincero.

A avó, que quando a conheci, pareceu ser alguém tão alegre, mas desde a morte súbita do filho, está com a expressão tão triste, se aproxima de mim também, pousando uma das mãos nas minhas.

Sorri, mas não diz nada.

— Eu sinto muito pelo senhor Carbone — me ouço dizendo, e as duas assentem, sorrindo com melancolia.

— Vou pedir pra alguém deixar você no trabalho — a mãe de Julian fala. Embora tenha achado o gesto fofo, eu nego com a cabeça.

— Vou chamar um Uber, não se preocupe — digo, e ela assente, concordando comigo.

Despeço-me delas e saio da mansão, chamando o carro no aplicativo o celular. Três minutos para chegar até mim. Estou prestes a guardar o aparelho dentro da bolsa, quando algo me vem à cabeça.

Talvez esteja na hora de parar de tampar os olhos e ouvidos.

Abro o aplicativo de pesquisa no smartphone e digito *máfia*, depois aperto a lupa e espero.

Sou bombardeada com artigos extensos, últimas notícias e vídeos sobre o assunto. Antes que possa ler alguma coisa, o meu carro chega. Entro no veículo, troco uma palavra com o motorista e volto para minha pesquisa.

Meus olhos correm pelas infinitas letras e é até difícil absorver tudo, mas ao chegar na porta do museu, eu já sei mais ou menos como funciona a “família” de Julian e o que sottocapo significa.

Ele será o subchefe da máfia.

O segundo em comando.

Não sei como me sentir sobre isso. É muita informação para absorver e me deixa com um sentimento esquisito dentro do peito. Será que dou conta disso tudo? Dou conta dele?

Droga.

Por que diabos ele não podia ser uma pessoa normal? Só um herdeiro. Acho que eu lidaria melhor com isso. Mas Julian Lorenzo Carbone não podia ser simples. O mandachuva tinha que ser logo um dos herdeiros da máfia italiana.

O dia no trabalho se arrasta e eu me perco algumas vezes nos meus afazeres, o que deixa o arqueólogo com o qual estou trabalhando, irritadíssimo. Quanta saudade eu sinto de trabalhar com os nativos. Eu podia simplesmente

observá-los, estudá-los em silêncio enquanto tentava entender a cultura deles. Já esse arqueólogo, fica todo nervosinho se eu dou um deslize.

Ele esquece que precisa de mim para desvendar o passado e contextualizar as suas descobertas na arqueologia. Eu sou uma das fontes dele, mas o esnobe age como se minha presença não fosse importante.

No final do expediente, decido ir embora de metrô. Preciso colocar em ordem os meus pensamentos e não estou a fim de pegar o caminho mais rápido para chegar na minha casa.

Sim, minha casa.

Infelizmente, Julian chegará na mansão e eu não estarei lá. Talvez lá no fundo, eu queira deixá-lo irritado. E estou curiosa para saber se ele vai aparecer na minha porta e me arrastar até a sua casa.

Talvez ele seja capaz disso. O homem é um mandachuva de carteirinha.

Dentro do trem, eu faço uma lista mental com todos os prós e contras de namorar um homem envolvido com o crime organizado. É ridículo até mesmo dentro da minha cabeça, porque a resposta parece tão óbvia.

É claro que preciso cair fora.

No entanto, aquele “mas” lá no fundo da minha mente, tenta amenizar as possíveis consequências.

Julian é um homem perigoso e com certeza, não brinca em serviço e ficar ao lado dele deve ser a pior decisão que eu possa tomar. *MAS*, ele disse que é capaz de sacrificar o mundo por mim e não o contrário, então, talvez, eu esteja segura com ele.

Eu tenho um milhão de motivos para correr para longe do homem, mas decido me agarrar ao sentimento que Julian nunca deixará nada de ruim acontecer comigo.

Depois de algumas anotações mentais e discussões internas, saio do metrô e caminho até a minha casa, ouvindo música. Nos meus ouvidos, Lana Del Rey canta “*Dark Paradise.*”

“Toda vez que fecho os olhos, é como um paraíso sombrio. Ninguém se

compara a você. Tenho medo de você não estar me esperando do outro lado.”

É uma música meio triste e dramática, mas estou sorrindo, porque ela meio que me lembra Julian. Acho que ele é o meu próprio paraíso sombrio. Se isso não é sinônimo de estar ferrada, não sei o que pode ser.

Entro no apartamento, tirando os sapatos no hall e jogando a bolsa no sofá. Vou direto para o chuveiro, na tentativa de a água quente levar embora todas as minhas inseguranças ou me fazer recobrar o juízo.

Limpa e vestindo pijama, me encaminho até a cozinha para comer algo ao mesmo tempo em que ouço meu celular tocando dentro da bolsa. Me jogo no sofá e procuro o aparelho, sinto o corpo inteiro gelar quando vejo o nome da minha mãe piscando na tela.

— Mãe?

Ela fica alguns segundos em silêncio antes de tomar coragem para falar.

— Oi, querida. Você está bem?

— Sim, eu acho. E a senhora? Aconteceu alguma coisa? — pergunto e ela faz outra pausa. — Mãe? O que aconteceu?

Mamãe funga.

— Seu pai está me traindo — murmura.

Respiro fundo e fecho os olhos com forças. A vontade que tenho é de explodir agora e mandá-la cair na real, mas não faço isso.

— Sinto muito.

— Eu andei pensando, Jolina. Não devia ter deixado o seu pai me afastar de você desse jeito. Eu sinto muito por isso, querida. Você foi morar em outro país e eu não te dei nenhum tipo de apoio.

— Tudo bem, mãe. Eu me virei bem — digo, olhando o meu apartamento pequeno, mas aconchegante.

É claro que foi difícil no início, mas eu não sou o tipo de pessoa que abaixa a cabeça para as dificuldades e sempre consegui me adaptar as mudanças, então, eu consegui sobreviver, sozinha.

Resiliência, é isso...

— Acho que vou pedir o divórcio.

Ao ouvi-la, me endireito no sofá, atenta. Nunca pensei que ela fosse dizer algo do tipo alguma vez na vida. Minha mãe sempre foi tão apaixonada por ele, que nunca nem mesmo o denunciou por agredi-la.

— Tem certeza?

— Talvez seja tarde demais, mas eu quero fazer isso.

— Não é tarde demais, mãe.

— Obrigada, querida — murmura com a voz embargada. — Aí já é noite, não é? Vou deixá-la descansar. Fique bem, filha.

— Tchau, mãe.

— Eu te amo — diz, fazendo meu coração apertar, mas consigo sorrir.

— Eu também te amo.

Ela encerra a ligação.

Encosto a cabeça no sofá e respiro fundo. Apesar de ela estar triste por ter descoberto a traição do meu pai, estou feliz. Talvez agora minha mãe consiga viver uma vida boa, onde é amada de verdade.

Talvez ainda dê tempo de ela conhecer o amor.

Alguém bate na porta, me fazendo sobressaltar.

Levanto do sofá e me arrasto até o hall, espio no olho mágico e sinto o coração dá um salto algo dentro do peito quando vejo Julian.

É um homem de palavra.

Abro a porta.

— Você não me leva a sério, não é? — é o que ele fala, visivelmente de mau humor. — Por que é tão teimosa? Tem certeza de que não tem descendência italiana?

— Oi pra você também — digo com sarcasmo e dou um passo para que entre na minha casa. — Eu precisava pensar... sobre você e tudo que diz ao seu respeito.

Julian paralisa perto do sofá e alisa os cabelos antes de se virar para mim e estudar meu rosto.

— Então?

— Você é um homem perigoso.

Ele assente, mas não diz nada. Meu coração caindo de um batimento ao outro e tenho que respirar fundo para conseguir voltar a falar.

— Eu corro perigo com você?

Julian rompe a nossa distância e toma meu rosto entre as mãos, me puxando contra o seu corpo torneado, quente e duro. É tanta tentação. Não existe a possibilidade de dizer não para ele.

— Eu sou capaz de matar qualquer um que faça mal a você — murmura, me fazendo arregalar os olhos. Ao notar o que acabou de dizer, acrescenta: — Não vou matar ninguém — mente, é claro.

— Está mentindo — retruco.

— Sim, estou. Mas é verdade quando digo que não vou permitir que ninguém faça mal a você.

Concordo com um aceno de cabeça. Existem tantas coisas que preciso perguntar, mas a coisa que sai da minha boca é:

— Ainda teremos exclusividade?

Ele estica os lábios num sorriso de canto.

— Então, quer dizer que você é ciumenta?

— Não — digo a contragosto e até me pego sorrindo. — Mas se não vou ter exclusividade, não vejo sentindo nessa relação. Posso encontrar outro.

— Não me provoque, Jolina.

Eu me obrigo a erguer os olhos na direção dos dele.

— Adoro quando você fala meu nome. É sexy.

— Você é sexy — sussurra com a atenção fixa nos meus lábios. Uma das mãos dele descem até o limite do meu pescoço e ombro, e ele começa a brincar com os dedos ali, fazendo carinho e deixando meu corpo arrepiado. — Não vejo a hora de poder foder você. Quero chupar você todinha, Jolina. Talvez, eu deixe que você goze na minha boca.

Ai, Deus.

— Ah — gemo quando Julian aproxima o rosto do meu pescoço e dá uma mordidinha provocante no lóbulo da minha orelha. — Não faça isso — imploro.

— Por que não? — pergunta ao umedecer a boca com a língua e tocar meu lábio inferior com o polegar. — É tão divertindo te deixar excitada.

Bato os cílios algumas vezes e respiro fundo.

— É tortura.

— Eu sei — fala, como se não fosse nada. — Mas talvez eu deixe você me tocar de novo. — O homem me encara de maneira presunçosa, e eu acabo deixando meus olhos caírem sobre o meio da calça dele. — Nada aí... ainda, mas falta pouco pra acordar — emenda, fazendo meu rosto esquentar.

— Não vou te tocar de novo.

Dou um passo para trás e cruzo os braços na altura dos seios.

— Não tenho certeza disso — zomba e solta uma risada, o que me faz rir também. É bom ver que ele está “bem” e sorrindo mesmo depois do que aconteceu com o pai. — Vamos, vim buscar você.

— Veio me buscar? — repito de olhos arregalados. — Pra quê? Já estou de pijama, vou dormir aqui, na minha casa.

Ele volta com a expressão de mandachuva e autoritário que sempre me dá vontade de fazer exatamente tudo ao contrário do que ele quer.

— Jolina — repreende.

— Julian — rebato e tento segurar uma risada. — Não pode dormir aqui? Comigo? — arrisco e espero, ansiosa.

Será que um homem poderoso e inabalável como ele vai ceder aos caprichos de uma garota universitária como eu?

— Não, venha — fala e se aproxima de mim de maneira decidida.

— O que... que está fazendo? — balbucio ao vê-lo me agarrar na cintura e me jogar por cima do ombro. — Julian, me coloque no chão. Agora.

Ele me ignora e abre a porta do meu apartamento. De cabeça para baixo, reconheço Nicholas no corredor.

— Pegue os livros dela, a bolsa e algumas roupas — Julian ordena e

Nicholas adentra meu apartamento.

Esmurro as costas largas de Julian e esperneio ao tentar me soltar, mas não tenho sucesso.

— Que bela bunda, você tem, garota. — Sinto um tapa bem dado nas minhas nádegas. — Estava louco pra fazer isso.

Meu rosto formiga.

— Me coloque chão! — grito, mas ele fecha a porta do meu apartamento e caminha para fora do prédio sem dificuldade nenhuma. — Julian, por favor.

— Você vai fugir se eu te colocar no chão.

— Não vou — minto e ele dá uma risadinha irritante, depois volta a alisar minha bunda. — Ei! — protesto.

— O que foi? — rebate meio sacana.

— Não acredito que você fez isso, sério — começo a falar e algo me vem à cabeça. Decido jogar todas as cartas na manga. — Nicholas vai escolher minhas calcinhas. Tem noção disso? Que vergonha.

Julian paralisa nas escadas, já tinha descido meio lance. Sem dizer nada, ele gira nos calcanhares e volta para o meu apartamento. Abre a porta e dá de cara com Nicholas pegando meus livros na estante.

— Pode ir, do resto eu cuido — Julian fala, fazendo um gesto com a cabeça e meio segundo depois, Nicholas sai do apartamento. — Vou te colocar no chão, mas não fuja — me avisa.

Com cuidado, o homem me coloca no chão. Ajeito meus cabelos e faço cara feia, mas ele não se abala nenhum um pouco. Na verdade, parece bem empolgado com alguma coisa.

— Vou escolher suas calcinhas — diz, contendo o sorrisinho. Dá as costas para mim e vai entrando no meu quarto.

Sigo Julian.

— O que pensa que está fazendo?

Sem pedir permissão, ele abre a primeira gaveta da cômoda grande e infelizmente, dá de cara com um monte de calcinhas. Faz uma cara de quem

aprova tudo e começa a escolher um monte de fio dental.

— Gosto das confortáveis também — resmungo, gesticulando com o queixo para as calcinhas em formato de short.

— Tudo bem, acho sexy também.

Depois de escolher minhas calcinhas, Julian pega alguns sutiãs, o que faz o meu sangue ferver e resmungar um monte, mas o homem não se importa. Pego uma bolsa e jogo em cima dele para que guarde tudo.

— Escolha as roupas.

— Olha, quantos dias você acha que vou ficar na sua casa? — rebato, petulante.

— Se eu não estiver enganado, você está prestes a entrar de férias da faculdade. Não quer passar as férias comigo? — pergunta de um jeito estranhamente doce.

Faço um estalo com a língua e pego algumas peças de roupa no guarda-roupa e coloco dentro da bolsa, meio contrariada.

— Alguém precisa vir colocar água nas minhas plantinhas.

— Nicholas fará isso — ele garante.

Começo a rir, porque a visão de Nicholas, um homem daquele tamanho, cheio de músculos colocando água nas minhas plantinhas, é de longe, esquisito. Não combina com a aparência dele.

— Tenho minhas condições, Julian.

Ele anui.

— Seria estranho se não tivesse.

— Sophia e eu sempre fazemos algo juntas. E talvez, eu precise dormir aqui no meu apartamento uma vez na semana.

Julian faz cara feia, claramente discordando de mim, mas quando ergo uma sobancelha, ele cede.

— Fechado, então — falo ao fechar o zíper da minha mochila.

Surpreendendo-me ao sentir Julian me colocar nos ombros de novo com uma mão e pegar minha bolsa com a outra.

— O que pensa que está fazendo?

— Gosto de ter a sua bunda na minha cara — é o que responde, me deixando de bochechas coradas.

Fico em silêncio.

— Não seja tímida, Jolina — sussurra, mas eu continuo calada.

Ele atravessa meu apartamento com passos largos, abre a porta sem dificuldade e joga a mochila para Nicholas, que ainda está esperando no corredor, e pede para que tranque a porta antes de nos acompanhar.

Julian só me coloca no chão quando estamos em frente ao seu carro. Como um cavalheiro, abre a porta para mim e eu faço a única coisa que está ao meu alcance, me acomodo no banco traseiro.

Ele ocupa o meu lado com um estúpido sorriso sedutor estampado nos lábios.

— Vai ser divertido, eu prometo.

— Ainda preciso trabalhar todos os dias — resolvo deixar claro. Não vou faltar meu trabalho de jeito nenhum.

— Tudo bem, não tem problema. — Afrouxa o nó da gravata. — Aliás, amei o seu pijama com estampa de gatinho. É fofo e não vejo a hora de ver você sem.

Sacudo a cabeça e rio.

Julian Lorenzo Carbone com certeza é minha perdição.



Quando entrei para os negócios, eu sempre soube o meu destino, ser o sottocapo da família Carbone. Mas nunca imaginei que fosse assumir o lugar do meu irmão de forma tão trágica.

Ainda é duro pensar que meu pai não está mais entre nós e ver Noah sentado no lugar que sempre foi dele, me deixa com um sentimento estranho no peito. Sei que meu irmão será um ótimo líder, nunca duvidei disso, no entanto, não esperava que meu pai estivesse enterrado a sete palmos do chão quando Noah se tornasse o Don.

— Roubaram outro carregamento, se continuar desse jeito, vamos perder território — Giuliano fala, me fazendo perder toda a paciência.

Os negócios são importantes, mas no momento, eu quero resolver a situação do meu pai. Definitivamente, ele não morreu de causas naturais. Alguém encomendou um profissional para dar um fim na vida do papà e precisamos descobrir quem foi.

— Noah, talvez esteja na hora de voltarmos ampliar os negócios. Drogas, tráfico humano, isso dá o triplo de dinheiro que contrabando de armas. — Giuliano se inclina um pouco para frente, estudando as expressões do meu

irmão. — Já pensou? Em vez de dominar apenas Montréal, você pode ter controle de pelo menos oitenta por cento do Canadá.

— Você esqueceu quem me criou? — Noah pergunta, sério. Vira o rosto para o caporegime mais antigo da família e continua a falar. — Não vou comprar menores e lucrar com prostituição, Giuliano. E antes de ampliarmos qualquer negócio, precisamos primeiro descobrir quem está nos roubando e o mais importante, o que aconteceu com o papà.

Giuliano não fica surpreso. Ele assente com os lábios torcidos, parece com alguém que está tentando esconder a satisfação.

O jeito desse velho filho da puta sempre me incomodou. Meu pai sempre gostou dele e o tratou bem, o que certas vezes, fez Giuliano agir como se entendesse mais do que todo mundo da família.

Noah faz um gesto quase imperceptível com a cabeça, quando Gabriel faz menção de quem quer ter a vez e falar.

— Nas ruas, o que se escuta é que os Fontana estão tentando expandir os negócios e dominar parte do porto.

— O que mais? — meu irmão questiona ao notar a expressão de aflição de Gabriel.

— Parecem que eles estão com os Russos — Gabriel fala, fazendo Noah soltar um suspiro de inquietação.

Giuliano se remexe na cadeira e faz cara de quem comeu e não gostou. Por essa, eu não posso culpá-lo. Ninguém quer ter de enfrentar os Russos por escolha. É sempre uma dor de cabeça e um mar de sangue.

— Se isso for verdade, precisamos ter cuidado — Thomas fala, pensativo. A cabeça dele já deve estar trabalhando em formas de apaziguar a situação.

— Continue me mantendo informado, Gabriel — Noah diz, fazendo o caporegime assentir. — Por enquanto, o que vamos fazer é apertar os trabalhos. Quero que se livrem de todos os nossos depósitos, e só daremos servimos apenas para os nossos homens de extrema confiança. E a partir de hoje, só eu, Julian e vocês saberão os pontos de entrega — é o que diz, dando fim a reunião.

Giuliano e Gabriel se levantam ao mesmo tempo e saem do escritório.

Bato na mesa de madeira com os nós dos dedos e me preparo para ficar de pé e ir embora, quando Noah me intercepta.

— Você e Lina estão sérios agora? — pergunta, de repente.

Thomas mexe os ombros e se apoia de maneira confortável na cadeira. Tem um estúpido sorriso cínico no rosto e os olhos azuis parecem estar se divertindo com a pergunta do meu irmão.

Nós dois fomos criados praticamente juntos e é por isso que tenho vontade de mandá-lo ir se foder com esse sorrisinho de merda.

Antes de ele ser o conselheiro, o cargo era ocupado pelo seu pai, que morreu de câncer no pâncreas há três anos. E agora, Thomas é dono de um dos cargos de mais prestígio da máfia.

— Ela é minha garota — é o que digo, querendo dar o assunto por encerrado.

Noah assente.

— Em respeito ao papai, vamos manter o cassino fechado por mais uma semana — me avisa, e eu não discordo. Não tenho cabeça no momento para resolver processos administrativos dos negócios legais da família.

— Ok.

— Quando voltarmos, quero que você assuma tudo em relação ao cassino, Julian. Não vou ser modesto, você é o mais inteligente entre nós dois. Eu sempre odiei escola e você tem formação acadêmica, parece justo. — Olha de mim para o conselheiro. — O que acha, Thomas?

— Ele sempre foi o garoto dos números.

— Não me chame de garoto — resmungo, fazendo Thomas aumentar sorriso idiota estampado no rosto.

— É isso, então — Noah diz, por fim.

Pouso a mão no topo da cabeça e aliso, concordando com um assentir. Já esperava por isso. Era o que o papai sempre quis, e no fundo, Noah só quer continuar fazendo o que o antigo Don desejou.

Dou uma batidinha de leve no ombro do meu irmão e saio do escritório, deixando para trás o novo Don e Thomas.

Caminho pelos corredores vazios do cassino e sinto um aperto no peito. Me tornar o subchefe da família foi de fato o que eu sempre almejei, mas não parece certo comemorar em um momento como este.

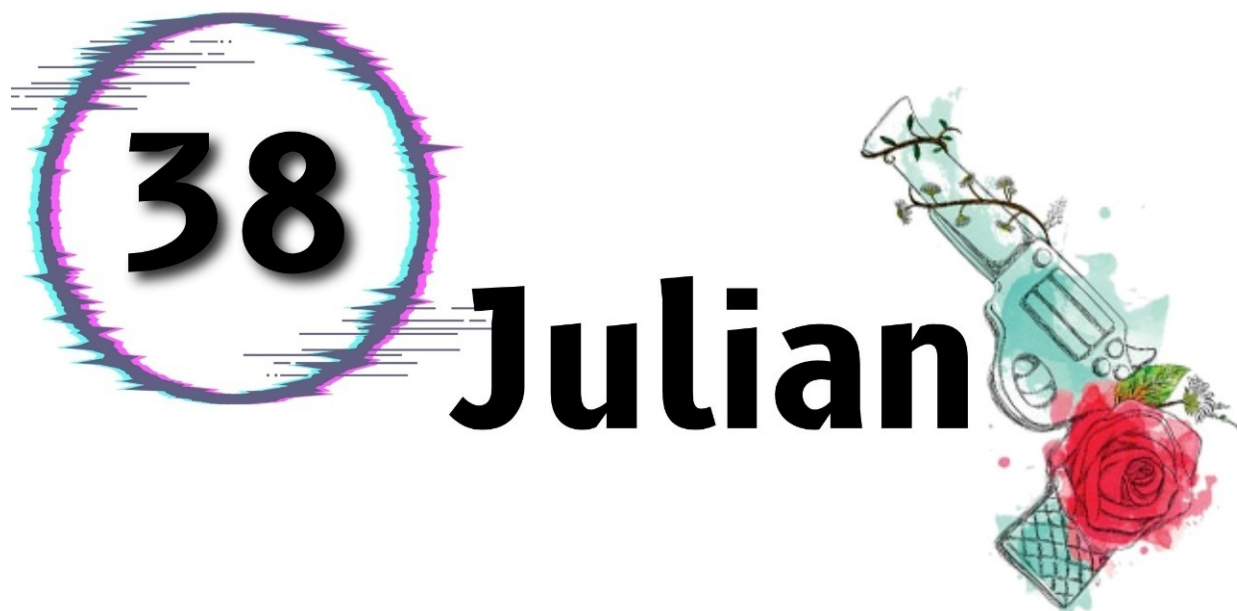
Sinto tanta falta do meu pai.

Olho o terço com crucifixo enrolado no punho. Foi um presente dele. De um jeito bem torto, meu pai foi um devoto ao cristianismo. E é claro, fez com que os filhos acreditassem em Deus também.

Toco o crucifixo com as pontas dos dedos e levo até os lábios ao fechar os olhos por uma fração de segundos. Sempre que carregar o terço comigo, meu pai estará ao meu lado, me guiando ou dizendo que estou completamente perdido.

Sorrio com o pensamento.

Vamos descobrir o aconteceu com o senhor, papà. Eu prometo, depois de fazer minha promessa silenciosa, saio pela porta traseira do cassino.



Confesso que tinha uma certa dúvida se Jolina continuaria na minha casa. Ela é uma garota imprevisível e teimosa. Mas quase consigo sorrir ao vê-la sentada em frente ao piano no hall de entrada, xeretando.

— Não sabia que você tocava piano — falo, tirando o casaco e colocando no cabideiro perto da porta.

Ela me olha por cima dos ombros e sorri.

— Não sei. — Nega com a cabeça. — Sua avó disse que você tocava piano como ninguém e que era o músico da família. — De maneira atrevida, Lina dá leves batidinhas no banco acolchoado, me chamando para sentar ao seu lado.

— Sim, mas é passado.

Sento ao seu lado e a observo de perfil. Ela é tão linda, e já bagunçou toda a minha vida. Não me reconheço mais desde que Jolina cruzou o meu caminho. Por que eu a quero tanto?

Quero que ela abrace meu lado mais sombrio e me aceite, me entenda e permaneça comigo.

— Toque algo pra mim.

Balanço a cabeça, recusando o pedido. Mas é claro que ela não se dá por convencida, então, de forma ousada, pega minhas mãos e coloca em cima das teclas do piano e depois, começa a rir como uma garotinha que acabou de fazer algo errado.

— Vamos lá, toque algo — pede, quando fico quieto, apenas olhando-a nos olhos. — Por favor? — insiste.

— Faz anos que não toco — assumo.

Ela dá de ombros.

— Deve ser como andar de bicicleta.

Direciono a atenção para o piano e hesito por alguns instantes, mas acabo cedendo ao desejo de Jolina. Deslizo os dedos sobre as teclas brancas e começo a tocar uma versão acústica de “*Tiny Dancer*” do Elton John.

Lina fica me encarando, admirada e apesar de me sentir vulnerável e exposto no momento, me sinto bem também, o que é estranho. Mas pela primeira vez em muito tempo, me deixo levar e continuo tocando.

Sem pressa, Lina começa a cantarolar a música e faço o mesmo, juntando minha voz com a dela, mas ao me ouvir cantar, ela fica em silêncio, me contemplando.

“Me abraçe forte, pequena dançarina. Conte as luzes da estrada, me deite em lençóis de linho, você teve um dia ocupado hoje.

Garota de jeans azul, dama de Los Angeles. Costureira para a banda, olhos bonitos, sorriso de pirata. Você se casou com o músico. Bailarina, você devia ter visto ela dançando areia. E agora ela está em mim, sempre comigo. Pequena dançarina na minha mão.”

— Isso foi incrível, Julian. — Ela abre um sorriso largo. — Você tem uma voz incrível. Devia tocar e cantar mais vezes.

Envolvo uma das mãos entre seus cabelos e a puxo para mim.

— Eu sou o subchefe da máfia agora, cantar e tocar piano vai tirar toda a minha credibilidade. Não vou fazer isso de novo.

Lina solta uma risada gostosa.

— Tudo bem, mas você pode tocar pra mim quando eu pedir? Huh? O que me diz? — sussurra de um jeito meigo.

Suspiro e repuxo um meio sorriso.

— Você é a minha ruína, Lina.

— E você é a minha perdição — retruca, me olhando com intensidade. — Eu acho que não consigo ficar longe de você, Julian — acrescenta com a voz baixa.

Prendo uma mecha de cabelo atrás da sua orelha.

— Não fuja de mim, Jolina. Nunca.

Ela aproxima o rosto do meu e envolve as mãos pequenas no meu pescoço, e fecha os olhos por alguns segundos ao encostar a testa na minha. Quando volta a me encarar, eu a beijo com vontade.

Minha língua enrosca na sua e eu sugo de leve, fazendo Lina gemer contra a minha boca e me deixar louco. Mordisco o lábio inferior ao mesmo tempo em que desço com as mãos até a sua cintura e puxo para mais perto, colando os nossos corpos.

— Julian... — ela sussurra. — Aqui não. — Coloca as mãos espalmadas no meu peito e me empurra para trás.

— Jolina, Jolina... você está me deixando louco. Vai pagar caro por estar me fazendo esperar — resmungo e chupo seu lábio inferior, voltando a lançar a língua para dentro da boca dela.

Lina sorri.

— Você fala isso como se fosse ruim — rebate, murmurando de olhos fechados.

Entrelaço os dedos nos cabelos castanhos de Lina e puxo de leve, depois, enfio o rosto no pescoço e sinto o seu cheiro doce, fazendo-a gemer baixo. Sem aviso prévio, passo a língua na pele entre o ombro e pescoço, dou mordidas e depois, começo a chupar devagar.

— Julian, por favor... — ela geme e finca as unhas com força no meu braço, como se estivesse tentando se segurar. Saber que Lina está excitada,

consegue despertar a minha ereção. — Você vai acabar comigo — sussurra com a respiração ofegante.

— Ops — uma voz familiar fala atrás de mim e Lina se afasta num solavanco. — Me desculpe por atrapalhar — Eva emenda, tentando esconder um sorriso.

— Não estávamos fazendo nada demais — Lina fala, me fazendo arquear uma das sobrancelhas. — Eu... eu... hum... preciso ir trabalhar — gagueja ao ficar de pé. Sorri sem jeito e passa por Eva, subindo as escadas quase correndo.

Eva desvia os olhos de mim e dá meia volta, me deixando sozinho.

Estraga prazeres.

Não é segredo para ninguém que eu não sou o cara bom ou o tipo que faz heroísmo. Então, sem vergonha nenhuma, levanto e vou atrás de Lina. Provocá-la é fantástico e me deixa louco de tesão.

Na hora que eu finalmente colocar minhas mãos e boca naquele corpo pequeno e quente, vai ser incrível e só vou parar quando não aguentar mais. Nunca esperei tanto para ter uma mulher e às vezes, meu pau parece implorar para se afundar dentro dela.

Jolina... olha o que você fez comigo.

Quando abro a porta do quarto, ela toma um susto. Está organizando a bolsa para o trabalho e já até trocou de blusa.

— Não posso faltar o trabalho — avisa.

Assinto, me aproximando, como uma animal faminto. Mas a verdade é que estou faminto mesmo. Tenho fome dela. Muita.

Lina entreabre a boca e arfa ao sentir minhas mãos na cintura. A vontade que tenho é de ignorar o fato de ela ter que ir trabalhar e jogá-la na cama para aproveitar cada pedacinho desse corpo sexy e irresistível.

— Precisamos de algumas regras — ela fala, de repente, me deixando confuso. — Não pode me seduzir quando estou prestes a ir trabalhar — emenda, e eu estico os lábios, quase sorrindo.

— Por quê? É tão bom fazer isso.

— Preciso me formar como uma das melhores alunas e o trabalho no museu enriquece o meu currículo acadêmico — explica-se e eu assinto, fingindo entender. — O idiota daquele arqueólogo já faz minha vida difícil, não posso chegar atrasada.

Como no automático, uma das minhas sobrancelhas se ergue ao ouvir que alguém faz a vida de Jolina difícil no trabalho.

— O que você disse? Quem é esse imbecil?

Ela prensa os lábios e sacode a cabeça de um lado para o outro, visivelmente arrependida de ter me dito sobre as dificuldades no trabalho.

— Não faça nada.

— Por que não? Eu posso dar um jeito nisso pra você. Posso fazer sua vida ficar mais fácil no museu.

— Não. Não faça nada, por favor — implora, mas quando fico quieto, ela torna a falar: — Esse trabalho é importante pra mim, Julian. Estou pedindo.

Contraio o músculo da mandíbula e sinto um gosto amargo na garganta.

— Fique tranquila, não vou sair por aí matando qualquer um.

— Obrigada — agradece, com ironia e se afasta de mim, ficando de costas. Sem conseguir resistir, meto a mão na bunda dela e dou um tapa, que ecoa no quarto inteiro. — Ei! — queixa-se, mas noto que está tentando reprimir um riso.

— Você gosta.

— Quem disse isso? — rebate.

— Sua cara — digo o óbvio. — É mentira? — pergunto, e ela abre a boca para responder, mas suspira e decide ficar quieta.

Jolina pega a bolsa e coloca no ombro, dá passos vagarosos até mim e segura meu queixo com as pontas dos dedos e sem aviso prévio, lambe meus lábios e passa a língua sobre o meu queixo antes de lançá-la para dentro da minha boca e me prender um beijo molhado e necessitado.

Fico animado, é claro.

Agarro-a pela cintura, puxando-a contra meu corpo e dando intensidade, ritmo as nossas línguas, que parecem dançar em sintonia. Já estou de pau duro de

novo, a ereção latejando contra a calça e ansiando estar dentro dela.

Lina me corta de supetão.

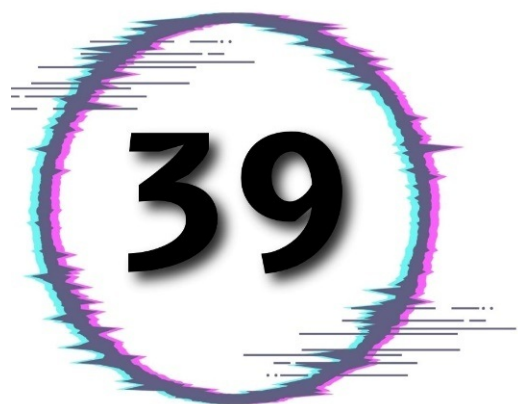
— Posso não dominar muito das artes de sedução como você, mas acho que estou aprendendo a te deixar sem chão.

— Jolina, não brinque comigo — murmuro, sério, excitado, doido para jogá-la em cima da cama e ser feliz.

— Tchau, até mais tarde — é o que fala ao sair do quarto, me deixando sozinho e de pau duro.

E eu achando que era o próprio diabo. Lina também é uma diabinha gostosa que sabe me provocar.

Se eu não comê-la em breve, vou perder todo o juízo.



Lina



Não consigo me acostumar com fato de dormir ou acordar na cama de Julian. Ainda mais, porque não transamos. E ele com certeza não faz o tipo de homem que vai esperar muito tempo por uma mulher.

Toda vez que ele me encara, eu o sinto me despindo com os olhos e viajando em pensamentos eróticos. Minha pele chega a esquentar com o tanto de fogo que aqueles olhos negros e profundos irradiam.

Por sorte, meu ciclo menstrual acabou. Eu não tinha certeza por quanto mais tempo aguentaria ficar ao lado daquela tentação sem aproveitar nadinha.

Não suportava mais ter esse empecilho entre nós. Sentia meu íntimo latejar de jeito frenético sempre que Julian inventava de me provocar com beijos, lambidas, chupadas ou mordidas.

Ele é o diabo.

Já que não podia possuir o meu corpo, fez um esforço danado para me fazer sentir vontade de dar como se eu fosse um animal no cio. Mas preciso confessar que gostava das nossas insinuações.

E aos poucos, acho que estou aprendendo a deixá-lo sem rumo e com uma ereção dentro das calças. Que se parar para pensar, não deve ser grande coisa.

Quão difícil deve ser fazer Julian Lorenzo Carbone ficar duro? Definitivamente, não preciso de muito para isso acontecer.

Ele é um molhador de calcinhas profissional. Ficar duro deve ser quase instinto.

O homem da máfia já tinha saído quando eu acordei. Ele e Noah estão trabalhando bastante desde a morte do senhor Carbone. Não sei se em coisas *ilegais* ou legais. Talvez, os dois. Ou mais de um do que de outro, sei lá.

Eu não faço a mínima ideia de como a sua família “*enxerga*” nossa relação, mas agradeço por todos me tratarem bem e não me acharem uma sem juízo, embora eu seja uma garota completamente sem juízo.

Depois de tomar café com a avó, mãe e irmã de Julian, aceito o convite para acompanhar as duas mulheres mais poderosas da família até a horta nos fundos da casa. O lugar é enorme, é uma espécie de estufa e é tudo tão verde, bem cuidado e bonito.

A senhora Rosa, a avó de Julian se engancha no meu braço e pede para que eu pegue uma cestinha e então, caminhamos pela horta até chegar no pé de tomate.

— É a primeira vez que meu neto traz alguém pra casa, você sabia, bambina? — pergunta, me deixando sem jeito.

Julian é um pegador, ou pelo menos, era. Mas ele nunca trouxe uma mulher para apresentar a família. O que isso significa? Eu sei dos meus sentimentos e a intensidade e proporção que eles estão tomando, mas Julian... ainda é uma incógnita para mim.

Ele gosta de mim ou só está louco para possuir o meu corpo?

Quanto disso é luxúria e quanto disso é algum sentimento mais profundo?

— Julian me contou sobre... Rebecca — sussurro o nome dela, fazendo a mãe dele paralisar com o regador sobre as hortaliças. — Não muito, na verdade. Mas ele a amava. Ele a amava muito. Não sei se Julian é capaz de amar outra mulher desse jeito.

Mesmo que eu esteja apaixonada por ele, não posso me enganar a ponto de

achar que existe um “nós” no futuro. Para Julian, pode ser passageiro. E para mim, bem, pode me marcar para a vida inteira.

A avó dele solta uma risada.

— As crianças de hoje em dia não sabem de nada — é o que diz, começando a colher os tomates maduros. — Não pense tanto, bambina. As coisas acontecem do jeito que tem que ser.

Assinto, mesmo sem saber se entendi muito bem o que ela quis dizer com isso.

— Você precisa entender que os homens dessa família não são tão delicados e nem os melhores quando se trata de demonstrar sentimentos. Meus filhos têm um jeito diferente de expressar o que estão sentindo, Jolina. Só porque não mandam flores, não significa que não estejam pensando em você.

O seu olhar cruza com o meu e eu meio que me sinto na obrigação de assentir. Às vezes, ela é meio intimidadora.

— Não aja como se eu fosse um sargento — retruca, fazendo a senhora Rosa rir e me deixando de bochechas ruborizadas, mas acabo sorrindo ao concordar com um aceno, de novo.

Depois da conversa mais íntima que eu já tive com as mulheres mais importantes da vida de Julian, eu pego minha bolsa e vou encontrar Sophia no centro da cidade antes de trabalhar.

Não sei o quanto posso contar a ela sobre a minha vida amorosa, então, decido que por enquanto, vou ficar calada sobre os trabalhos sórdidos da família Carbone.

— Esse relacionamento de vocês é todo estranho — comenta ao entrarmos numa loja de lingerie. Estou procurando um *baby doll* sexy. Hoje será uma noite especial e eu não quero tentar seduzir Julian com um pijama com estampa de gatinho.

— Eu sei, foge um pouco do convencional — brinco.

— Um pouco? — Arregala os olhos verdes para mim. — Foge completamente do convencional, amiga.

Dou de ombros.

— O que acha desse? — pergunto ao esticar sobre o corpo um *baby doll* vermelho minúsculo e transparente. Entre vesti-lo e ficar pelada não tem diferença.

Sophia nega com a cabeça.

— Não faz o seu estilo.

Enrugo o nariz. Minha melhor amiga tem razão.

Começo a olhar nas araras, atrás de algo sexy e que deixe o homem de queixo caído, mas que combine comigo.

— Você disse que era apenas luxúria, mas tá na cara que tá apaixonada — ela fala, sem rodeios.

Abro a boca para contra-argumentar, mas desisto. Mais uma vez, Sophia tem razão. Eu me apaixonei por Julian e não há nada que eu possa fazer em relação a isso.

Na verdade, há assim. Posso aproveitar os meus dias com ele sem me preocupar com o futuro. Por enquanto, isso parece bom para mim. Parece bom demais para ser sincera.

Em meio a *baby dolls* transparentes e minúsculos, encontro um perfeito para mim. Ele é de seda com detalhes em renda, todo na cor vinho, com caimento até a altura das coxas. Alças finas, decote em V profundo e um robe longo para completar.

— Esse é perfeito — Sophia aprova minha escolha. — Se ele fosse um sugar daddy de meia idade, teria um infarto na hora h.

Reviro os olhos.

— Ele não é meu sugar daddy — digo, na defensiva.

Sophia dá de ombros e fica na minha cola quando vou pagar no caixa. Intrometida do jeito que ela é, acaba colocando uma calcinha de seda da mesma cor da camisola junto das minhas compras.

— O que foi? Vai combinar — diz quando levanto uma sobrancelha, depois me dá uma piscadinha. — Temos tempo pra um capuccino antes de você

começar a trabalhar — comenta ao olhar a hora no relógio de pulso.

Saímos da loja e atravessamos a rua direto para uma cafeteria. Nós nos apuramos no balcão e fazemos o nosso pedido, dois capuccinos com creme de leite extra. Com os copos nas mãos, sentamos em uma das mesinhas altas perto das janelas de vidro.

As ruas de Montreal começaram a ficar movimentadas. O verão ainda não chegou completamente, mas a volta da estação é muito esperada e sempre dá uma animada em tudo por aqui.

— Não esqueça do pompoarismo, vai deixar o homem louco — diz de repente, me roubando uma risada.

Sophia sempre foi muito decidida sexualmente, e graças a ela, aprendi algumas coisas ao longo dos meus anos aqui.

Minhas descobertas ou práticas de pompoarismo nunca deram tantos resultados com meu ex-namorado, já que ele não se importava tanto com o meu prazer. Mas algo me diz que Julian é diferente. Ele não parece o tipo de homem que vai durar apenas dez minutos na cama ou me deixar insatisfeita.

E bem, o homem tem cara de ser insaciável. Isso deve servir de alguma coisa, afinal.

— Já estou praticando — digo, fazendo cara de plena, mas contraindo a minha musculatura íntima desde muito cedo.

Sophia ri ao falar.

— Essa é minha garota.

Ela levanta a mão no ar para que eu dê uma batidinha.

— Minha mãe ligou... — mudo de assunto, de repente, fazendo Sophia esbugalhar os olhos em espanto.

Não posso culpá-la, três anos morando aqui e acho que troquei no máximo quatro ligações com a minha mãe. Por causa do meu pai, ela fingiu que eu não existia, no entanto, nunca desisti dela, mesmo quando me senti sozinha e desamparada morando longe de casa. É minha mãe e a única coisa que sei fazer é amá-la.

— Acho que ela vai se separar do meu pai.

Minha melhor amiga suspira, como se estivesse aliviada.

— Sêrio? Isso é ótimo, Lina.

Faço que sim com a cabeça.

— Sim, mas eu acho que não vai ser fácil — comento, mais para mim que para ela. — Você sabe quem e como meu pai é. Ele não vai facilitar.

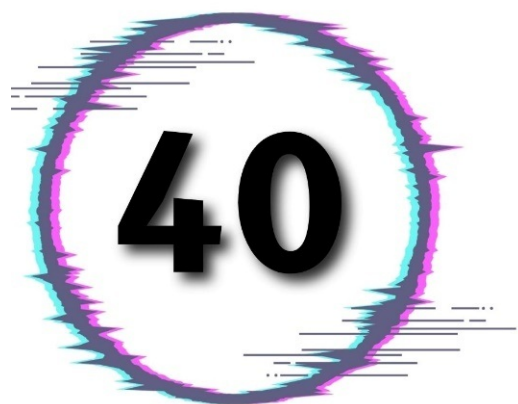
— Divórcios nunca são fáceis, mas amiga, ela vai ficar bem. E bem, o seu pai não pode obrigá-la a ficar ao lado dele.

— Tenho medo de que ele machuque minha mãe. Mais do que já faz — admito em voz baixa.

— Eu sei, mas não pode ficar tão arrasada assim, Lina. Sua mãe é uma mulher forte, como você. E ela é adulta, vai ficar bem. — Solta uma risadinha de leve. — Parece egoísta o que vou falar, mas não se preocupe tanto. Você precisa viver sua vida, amiga.

Ela coloca a mão sobre a minha em cima da mesa e aperta, tentando de alguma forma me reconfortar. Respiro fundo e coloco um sorriso no rosto. Não quero ficar triste e no fundo, Sophia tem razão.

Tudo vai ficar bem.



Lina



Ao chegar na mansão, vejo o carro de Julian na frente da garagem fechada. Entro e dou de cara com Eva no hall. Aproveito para perguntar sobre ele e a minha resposta é que está no escritório com Noah e Thomas.

Agradeço e corro para o quarto, me trancando no banheiro para um banho. Tomo cuidado para não molhar os cabelos, e quando saio do box, abro a sacola com alguns cremes hidratantes, feliz de ter cedido às investidas de Sophia e passar numa loja de cosmético antes de ir trabalhar.

Cheguei cinco minutos atrasada, mas valeu a pena.

Depois de lambuzar o corpo com hidratante com cheiro de morango, coloco a camisola junto do robe, amarro na cintura e solto os cabelos. Estou sexy, bonita, mas mesmo assim, sinto um friozinho na barriga.

Até parece que estou prestes a perder minha virgindade.

Ouço barulho do outro lado da porta. Sinto o coração atropelar os batimentos cardíacos e as bochechas formigarem. Faço respiração de cachorrinho por alguns segundos e destranco a porta, grudando a mão na maçaneta e saindo do banheiro logo em seguida.

Julian está de costas, próxima a mesinha de madeira perto da janela e com

o celular colado ao ouvido.

— ... você não está me ouvindo? Não quero desculpas, Ethan. Você é pago pra fazer o que tem de ser feito. — Faz uma pausa e ouve a pessoa do outro lado da linha. — Cuide do novo carregamento — ele ordena, e se vira na minha direção, os olhos começam a queimar que nem fogo quando dançam pelo meu corpo.

Julian veste roupas normais, camisa de manga longa na cor preta, calças jeans de lavagem escura e chinelos. Embora eu o ache uma tentação de terno e gravata, agora sei que o homem é lindo de qualquer jeito.

— Faça o seu trabalho — é o que diz, e então, desliga, colocando o aparelho em cima da mesa.

— Oi — murmuro.

Os lábios dele esticam em um sorriso lascivo e eu preciso engolir em seco para me manter firme de pé.

Julian abre a boca para falar, quando alguém bate na porta. Eu me apresso e corro até ela, abrindo apenas um pouco. É Eva, segurando uma bandeja com comida. Acho que ele pediu para servir o jantar no quarto hoje.

Abro meio sorriso para Eva.

— Obrigada, mas pode voltar — é o que falo, fechando a porta de uma vez, sem esperar por respostas da parte dela. Tranco-a e tomo coragem para olhar Julian, que está com o cenho franzido e um sorrisinho cínico emoldurando todo o rosto.

— O que você está aprontando, Lina?

Caminho até ele, devagar, sentindo o coração bater tão alto dentro do peito, que até me faz questionar se Julian está ouvindo. Sem tirar os olhos dos dele, desamarro o laço do robe de seda e o tiro, deixando o tecido cair sobre os meus pés.

Ele está sério. As pupilas negras parecem hipnotizadas com a minha imagem, e eu sinto que minha pele está pegando fogo.

— Está com cheiro de morango — comenta.

Sorrio.

— Você gostou?

— Sim — sussurra.

Julian leva uma das mãos até o meu colo e passeia lentamente com os dedos longos sobre o meu decote, o que me faz ficar com a respiração ofegante. Sem pressa, eles vão um pouco mais para esquerda e tocam os meus seios com os bicos já enrijecidos.

— Você é linda — diz, com a voz rouca, sexy.

Sem aviso prévio, o sinto tocar minha cintura com as duas mãos e me puxar contra o corpo. Sou atingida por uma onda de eletricidade, que sobe e desce pela minha espinha, me deixando meio tonta.

— E é minha.

Um gemido escapa da minha garganta quando ele desce com as mãos salientes e alcança minha bunda, apertando com vontade e me fazendo ficar na ponta dos pés. Minha pele arrepia com o toque dele. Me agarro aos seus braços torneados e sorrio, excitada.

Finalmente vou saber o que ele é capaz de fazer com uma mulher na cama.

Ele começa a me fazer dar passos para trás e de repente, sinto a bunda contra a madeira da mesa. Me agarra pela cintura e me faz sentar sobre o material frio. Enlaço minhas pernas na sua cintura, o trazendo para mais perto de mim.

Julian abre meio sorriso, parecendo aprovar minhas coxas em volta do seu corpo.

— Eu quero você — me ouço falando, ou implorando, não sei bem. Talvez, eu esteja implorando.

Gemo quando o sinto segurar a minha bunda com as duas mãos e me puxar para mais perto. Sinto a sua ereção contra o meu íntimo latejante. *Deus*. Ele enfia o rosto no meu pescoço e beija, lambe e morde, fazendo meu corpo todo amolecer.

As mãos grandes sobem um pouco até a cintura, barriga e chegam aos

meus seios, onde ele aperta e me rouba outro gemido arfante. Os lábios dele beijam o limite do meu maxilar, enquanto uma das mãos deslizam sobre o meu corpo quente e em chamas. E então, Julian iguala os nossos rostos antes de colar a boca na minha. Ele me invade com a língua e coloca o meu lábio inferior entre os dele e suga, mordisca e depois volta a chupá-lo, me deixando louca de desejo.

— Você é minha — sussurra ao afastar nossos rostos por um milímetro de distância — Minha. Só minha, Jolina — emenda com a voz arrebatada pelo desejo.

Concordo com um aceno de cabeça, excitada demais para conseguir dizer algo em voz alta.

Ele enfia o rosto no meu decote e a única coisa que consigo fazer é arquear meus quadris contra a ereção de Julian. O homem sobe com o nariz e roça atrás da minha orelha e morde de leve o lóbulo, e eu fecho os olhos, inebriada.

Solto gemidos entrecortados.

De repente, Julian segura meu rosto com força e prende nossos olhos por alguns instantes antes de me capturar num beijo avassalador. Nossas bocas juntas, línguas necessitadas, desesperadas. Meu corpo todo queima, arde de desejo por ele, minhas terminações nervosas gritando, implorando para ser dele.

Mas a verdade é que sou de Julian há muito tempo. Talvez, desde o dia em que ele decidiu que eu era sua responsabilidade e me levou para casa. Desde o dia em que ele fez atrocidades, porque queria me proteger.

Eu sou desse homem.

Inteira dele.

Coloco as mãos na barra da sua camisa e o puxo para cima, ele me ajuda, passando o tecido pela cabeça e jogando no chão. Dedilho com os dedos sobre o lobo uivando tatuado no peito, que pega parte do ombro, depois, o crucifixo desenhado no bíceps.

Nossas bocas e línguas voltam a se grudarem, ávidas, sedentas. Nosso beijo é uma dança gostosa e sensual, que consegue fazer o meu o corpo inteiro entrar em combustão.

Julian afasta os lábios dos meus e lambe o meu queixo, enquanto jogo a cabeça para trás, aproveitando o contato. Ele vai descendo com os beijos pelo pescoço, colo e então, chega no decote, entre os meus seios.

A essa altura, estou tensionando todo o meu corpo contra ele.

As suas mãos deslizam sobre a lateral do meu tronco até amontoar parte da camisola ao redor dos quadris. Os pelinhos da pele se arrepiam quando sinto os indicadores e médios dele na lateral da calcinha e logo, o tecido de seda é puxado para baixo, passando entre as coxas e caindo no chão.

— Vamos ver se você está molhada — sussurra, deslizando uma das mãos entre as minhas coxas. Meu íntimo lateja, ávido pelo toque.

Devagarzinho, sem pressa, como se estivesse me torturando, os dedos de Julian tocam os lábios da minha vagina antes de escorregarem para dentro da minha abertura. Fecho os olhos por uma fração de segundos, suspirando.

— Bem molhadinha, do jeito que eu gosto — fala e de repente, tira os dedos de dentro de mim e os leva até a boca e chupa, me deixando hipnotizada. E depois, volta com a mão entre as minhas pernas e toca meu clitóris com o polegar.

Os movimentos circulares me fazem delirar e os pés se contorcerem de prazer.

— Julian... — choramingo seu nome quando ele para de me tocar.

Os lábios dele se esticam num sorriso de canto, como se estivesse gostando de me ver assim, excitada e implorando para que ele volte a acariciar a parte mais sensível do meu corpo.

Sem aviso, ele me arrasta para o lado ao mesmo tempo em que senta na cadeira, de frente para mim. Olhando-me por cima dos cílios, me dá um sorriso diabólico e arreganha as minhas pernas.

Mordo o lábio inferior, ansiando para ter os lábios quentes dele no meu sexo. Apoio os cotovelos na mesa e Julian envolve as mãos na minha bunda, me puxando para mais perto do rosto.

Sinto a sua respiração contra o meu sexo e isso consegue me deixar ainda

mais louca de desejo.

A fim de me torturar, ele primeiro intercala beijos e lambidas na parte interna da minha coxa esquerda, em seguida, a direita e só então, passeia com a língua na minha virilha, me fazendo girar os olhos de prazer.

— Julian, por favor... — suplico, e o homem parece gostar de me ver implorar para sentir a boca dele no sexo.

Sua língua macia caminha da virilha até abaixo do meu umbigo, mordiscando parte da barriga, enquanto arqueio o quadril na direção dele. Julian faz contato visual intenso antes de finalmente, lambe os lábios da minha vagina.

Gemo alto quando sinto a língua dele tocar a parte mais sensível do meu corpo, me provocando, me deixando louca e sem conseguir pensar direito.

— Que bocetinha deliciosa — sussurra e chupa meu clitóris. — Tão molhadinha. — Com a língua, ele me prova de novo e eu choramingo.

Tento sentar para agarrá-lo pelos cabelos, mas o homem me impede com a mão na minha barriga. E então, sinto um dedo me penetrar e depois outro ao mesmo tempo em que a língua me lambe toda.

Quero me mexer, ir com tudo na direção da mão dele, mas Julian não permite, me prende na mesa e a única coisa que consigo fazer é gemer com a tortura.

Uma tortura deliciosa.

A boca de Julian é precisa, ele sabe o que faz. Ele me chupa com vontade, como se estivesse vivendo para esse momento. E o latejar no meu íntimo, a onda quente percorrendo meu corpo é maravilhosa.

— Porra, Lina. Essa boceta é uma delícia — grunhe, estremecendo contra o meu clitóris. — Tão macia.

— Julian... — choramingo, querendo tocá-lo, mas o homem me mantém presa contra a mesa. Tudo que eu mais quero no momento é enfiar minha mão no seu cabelo enquanto ele continua com a tortura gostosa entre as minhas pernas.

Ele se afasta um pouco, só para depositar beijos entre as coxas e me solta,

me fazendo suspirar. Me inclino para frente e me apoio com os cotovelos, observando o homem e a sua boca gostosa.

E ele volta com os lábios no meu sexo. Me chupando, me encarando com um olhar diabólico. Estico as mãos e enfio os dedos entre os seus cabelos, sentindo contrações percorrerem todo o meu corpo.

— Isso, goza na minha boca — sussurra.

DEUS.

Julian me chupa por inteira, fazendo movimentos circulares com a língua macia e ao mesmo tempo precisa no meu clitóris. Minhas pernas tremerem e eu sei que vou explodir num orgasmo.

— Ah — gemo, deitando o corpo sobre à mesa e me entregando as sensações que me dominam.

A virilha, a vagina e as pernas se enrijecessem com uma forte tensão, e uma onda de energia quente e maravilhosa passa pelo meu corpo e eu aproveito o momento incrível de prazer. Sinto a ponta do pé queimando e contorço, enquanto solto um gemido alto. Aperto os meus seios, sentindo o corpo arder em chamas e o clitóris derreter de uma forma deliciosa na boca de Julian.

E então, eu explodo.

Ele continua entre as minhas pernas, alternando em me lambe e tocar o clitóris inchado com a língua.

— Julian... — sussurro, sentindo o corpo todo mole.

— Linda. — Ele levanta e fica sobre mim, sorrindo de um jeito safado. — Que gozada gostosa.

Ele envolve as mãos por debaixo da minha cintura e me faz sentar, eu abro a boca para pedir um intervalo de pelo menos três minutos, mas ele é mais rápido e fala, como se tivesse lido meus pensamentos.

— Eu mal comecei, Lina. — Pega minha mão e leva até a protuberância da calça jeans. — Olha como você me deixou.

Engulo em seco.

Jesus amado...

Os dedos longos de Julian tocam as alças da camisola e descem até o ombro. Sem resistência, a peça de roupa cai sobre o meu corpo, se amontoando na cintura. Meus seios de bicos rígidos apontam para ele, que se curva sobre mim e os abocanha.

Jogo a cabeça para trás, ficando acesa de novo.

Deus. O homem é um especialista em chupadas.

Entrelaço as mãos nos seus cabelos, puxando e bagunçando tudo. Flexiono o corpo sobre ele, suplicando que chupe mais. Que chupe tudo. Julian muda de um seio para o outro, fazendo barulho, arfando e gemendo com a boca colada em mim.

Ele se afasta um pouco, apenas o suficiente para abrir o zíper da calça e descê-la junto da cueca e tirar os chinelos. A cabeça do pênis brilha e aponta para mim. Fico com água na boca, ávida para sentir o gosto dele.

Então, me arrasto até a ponta da mesa e desço, deixando a camisola cair no chão. Me ajoelho na frente de Julian, sentando sobre os pés. Os olhos dele para mim, queimam de desejo.

Primeiro, passo as mãos nas suas coxas, os polegares brincam de leve com as bolas, o que o faz abrir a boca e soltar um gemido em surpresa. Ele parece gostar do meu carinho.

Sorrio, satisfeita.

Seguro o seu membro quente com as duas mãos e arrebito bem a bunda, dando uma visão significativa a ele. Com os olhos focalizando Julian, eu lambo a cabecinha, depois, o tronco inteiro, lambuzo bem e enfim, o coloco todo na boca.

O homem solta um grunhido.

Chupo e faço movimentos de vai e vem junto das mãos que o rodeiam. O gosto dele é bom, intenso. Senti-lo duro e quente dentro da minha boca é incrível. E o melhor é saber o quanto tenho controle no momento.

Tenho controle sobre ele.

Sugo, provooco com a língua, passeando em volta de todo o pênis e vendo

os olhos dele revirar de prazer.

Sinto as mãos de Julian no meu cabelo, puxando de leve e comando o ritmo por alguns instantes. Ele geme, olhando para mim, contorcendo o corpo e com a respiração pesada.

— Lina... — sussurra meu nome.

É surreal ouvi-lo dizer meu nome num momento tão íntimo, intenso.

Julian vai gozar. Na minha boca. É a primeira vez que um homem vai fazer isso comigo. Tudo bem, o momento é muito excitante para recusar. E vê-lo delirar de prazer por minha causa é perfeito.

Para minha surpresa, ele puxa meu rosto com delicadeza e me levanta, colando os lábios aos meus, me envolvendo um beijo com os nossos gostos. Num movimento ágil, ele me vira, grudando os nossos corpos.

Sinto o seu pau grande e duro contra a minha bunda.

— Espere um pouco — murmura com o nariz roçando no meu cangote e me roubando um gemido entrecortado.

Julian se afasta de mim. Olho por cima do ombro e o vejo ir rumo à cômoda ao lado da cama. Ele abre a primeira gaveta e tira um envelope de papel dourado, rasga o envelope com os dentes e focalizando meus olhos, desliza a proteção sobre o pau.

Volta para mim, e sem dizer nada, passa uma das mãos na minha perna e levanta, colocando em cima da cadeira. Puxa meu quadril para trás e com uma das mãos espalmadas nas minhas costas, me inclina para frente.

Para minha surpresa, ele fica de joelhos, me olhando toda exposta. Acho que agora, não existe mais nada que Julian não tenha visto. A sua língua trabalha um pouco na minha vagina, me provocando e me deixando ainda mais excitada.

Levanta devagar e começa a depositar beijos no meu cóccix e vai subindo pela minha coluna até chegar no meu ombro, onde mordisca e eu solto um gemidinho de surpresa.

Ele segura minha bunda, me abrindo mais ainda e o sinto brincar com a cabeça do pênis na minha entrada molhada antes de se lançar para dentro de mim

num golpe certo. Julian me preenche de forma deliciosa.

Dentro de mim, ele se inclina e beija e dá mordidinhas no lóbulo da minha orelha. Em seguida, Julian começa com os movimentos de dentro e fora. As suas investidas são exigentes, firmes e lentas, como se estivesse se moldando ao meu corpo.

— Ah — gemo, me agarrando a mesa e admirando Julian por cima dos ombros. O olhar dele para mim é ardente, sensual. O meu desejo refletindo o seu e se concentrando nas minhas estranhas.

Começo a contrair meus músculos pélvicos, mantendo a contração por alguns segundos e relaxando logo em seguida. Julian se contorce com a boca entreaberta e parece fascinado com os meus movimentos de contração.

Sorrio, sentindo um sentimento de satisfação.

— Jolina... — arfa ao segurar meu quadril com as duas mãos. — Você é uma delícia.

Julian cola o corpo no meu e posso sentir o seu peso sobre mim. Aperta meu quadril com força e as estocadas dele são firmes, num ritmo incessante.

Ele envolve a mão no meu rosto e me puxa para perto, me envolvendo num beijo sedento. Mordisca meu lábio inferior e depois o chupa, e logo volta a enfiar a língua dentro da minha boca, explorando, marcando território.

Uma das mãos no quadril desce até a minha vagina e quando o sinto tocar no ponto mais sensível do meu corpo, me arqueio toda para ele. Os movimentos circulares no clitóris me fazem tremer de prazer.

E ele continua com o vaivém delicioso.

— Goza pra mim de novo — pede de um jeito, que é irresistível. Tudo que posso fazer no momento é exatamente isso. Gozar para Julian Carbone.

Sinto o seu corpo de agitar e as investidas de dentro e fora aumentam o ritmo, o que achei ser impossível. O couro cabelo arrepia junto dos pelos dos braços e sinto a pele coberta de suor queimar.

— Julian — choramingo.

Meu corpo estremece, arqueia e enrijece.

— Isso, Lina. Goza no meu pau.

Depois de ouvir as palavras dele, faço a única coisa que está ao meu alcance. Eu obedeco. O clímax me invade. Sinto um arrepio na parte mais sensível do meu corpo, que logo se expande por todo o meu ser, como uma energia quente e fria na mesma medida.

E então, meu corpo explode em outro orgasmo maravilhoso.

— Lina — ele grunhe ao gozar, se empurrando com força para dentro de mim e imobilizando o corpo por alguns segundos.

Levanto os olhos para encará-lo. Ele sorri, satisfeito. Suspira e cheira os meus cabelos, depois sai de dentro de mim. E eu me deito sobre a mesa, descansando a perna que estava apoiada na cadeira. Tento acalmar a respiração ofegante e o meu corpo, que parece pesar uma tonelada e o coração também, que não para de bater rápido.

Fecho os olhos por uma fração de segundos, na tentativa de recuperar o fôlego, as forças.

— Vem — ele chama ao deslizar as mãos sobre a lateral do meu corpo e me puxar contra si. O corpo de Julian é quente e estranhamente, já muito familiar. — Vamos pra cama.

Sorrio.

— Já tá pensando em dormir? — zombo.

Depois de dois orgasmos, eu estou desfalecendo. Mas confesso, que amaria brincar mais um pouco, senti-lo com as mãos sobre o meu corpo, me provocando, não seria de um todo ruim.

— Quem falou em dormir? — rebate, me fazendo suspirar. — Eu mal comecei.

Julian me deita na cama e cobre o meu corpo com o seu, me olha nos olhos de um jeito intenso, profundo, sombrio e ao mesmo tempo, meigo e doce. Abro as pernas para encaixá-lo em mim e sinto a sua ereção contra minhas coxas. Ele ainda está duro. Levo as mãos até o seu rosto, alisando a barba com o polegar e sorrindo, feliz.

Ele é tão lindo. Tão diferente de tudo que eu já tive.

— Você é perfeita — sussurra, alisando a pele do meu braço com as costas das mãos. — Tão macia, linda.

Mordo o lábio inferior.

— Eu não sabia que você podia ser tão gentil — murmuro, fazendo o homem esticar o canto da boca num sorriso convencido. — Me beija, Julian.

Sem rodeios, ele faz o que eu peço. Envolve a boca na minha, me prendendo em um beijo quente, molhado, com gosto de sexo e cheio de sentimentos ocultos. As mãos dele roçam minha cintura, a lateral do quadril e vão parar entre as minhas pernas.

Ele engole um gemido meu.

Sem esforço, os seus longos dedos encontram o meu sexo e começam a me provocar com movimentos circulares e até mesmo, exigentes. Conforme a excitação vai dominando meu corpo de novo, vou o beijando com mais força, vontade.

— Preciso te comer de novo — murmura ao afastar nossas bocas e morder o meu queixo.

— Sim — é o que digo, chupando seu lábio inferior e passando uma das pernas em volta da sua cintura.

Antes que ele possa se esticar e pegar outra camisinha, agarro sua bunda com as duas mãos e aperto. Ele fica com a boca entreaberta e me dá meio sorriso maroto. Julian gostou. Ótimo, eu também.

— Jolina, Jolina... você é uma danada, sabia disso?

Sorrio.

— Você me deixa assim.

Julian fica embriagado com as minhas palavras e me envolve num beijo selvagem, sedento. As mãos passeiam pelo meu corpo de novo, me apertam de uma maneira deliciosa, fazendo o meu sangue ferver.

E um pensamento vem de modo espontâneo...

A noite com Julian está longe de ter um fim.



Abro os olhos e vejo os flashes de luz solar cortarem até o meio do quarto. Viro o corpo para lado e admiro Lina deitada na minha cama, com os cabelos esparramados sobre o travesseiro e o edredom cobrindo apenas a bunda redonda e deixando exposta as costas nuas.

Sorrio com a visão.

Sou um homem de palavra. Ontem, eu me mantive dentro de Lina até não aguentar mais, e no fim, ela desabou na cama, esgotada, capotando em um sono profundo e tranquilo. Acabei adormecendo exausto também, mas a minha bateria já havia sido carregada.

Levanto da cama, procurando uma samba canção nas gavetas do guarda-roupa. Aproveito e coloco uma calça moletom e visto a blusa de mangas longas jogadas no chão perto da mesa.

Saio do quarto sem fazer barulho e desço as escadas, caminhando até a cozinha, antes passando pela sala de jantar vazia e vendo Eva recolher a mesa do café da manhã. Ela me lança um olhar sorrateiro e depois, deseja bom dia.

Dou de cara com a nonna no balcão da cozinha.

— Bom dia, bambino.

Aproximo-me para depositar um beijo em cada bochecha. Ela sorri, deixando o rosto adorável e todo enrugado.

— Bom dia, nonna.

— Você está feliz hoje — diz, como se fosse uma grande novidade. — Tem a ver com a Jolina? Eu gosto daquela bambina.

Passo a mão no topo da cabeça e faço cara feia. Só o que me faltava no momento é ter que conversar esse tipo de coisa com a minha avó.

Nego com a cabeça.

— Nonna, não seja tão curiosa — resmungo.

Ela faz um estalo com a boca, desaprovando as palavras que saíram da minha boca e começa a falar um monte em italiano, que eu finjo escutar enquanto sirvo café da cafeteira numa xícara para mim.

Eva entra na cozinha, silenciando a nonna.

— O senhor quer que eu prepare algo? — pergunta, me encarando. — Talvez uma bandeja com frutas, torradas e suco? Para levar ao quarto? — diz de maneira sugestiva.

A mulher trabalha para minha família desde que sou um garoto. E é claro que ela é uma enxerida, a voz é contida, respeitosa, mas em contrapartida, os olhos, de uma forma sutil, parecem me julgar.

— Claro, Eva.

A nonna resmunga mais algumas palavras e sai da cozinha, e enquanto bebo café quente e sem açúcar, espero Eva preparar a bandeja. Ela capricha, quase como se soubesse que a garota adormecida na minha cama precisa se alimentar para recuperar as energias.

— O senhor não jantou ontem — fala, em um tom curioso.

— Eva — repreendo, e ela levanta as mãos em rendição.

— Me desculpe, senhor — fala, e depois com os dedos faz um gesto de zíper na boca. — Quer que eu leve? — quer saber, e me faz notar que o zíper na boca não serviu de nada.

— Não precisa.

Coloco a xícara meio cheia de café em cima da mesa e pego a bandeja com comida. Faço o caminho de volta ao meu quarto e quando termino de subir as escadas, me dou conta de que as únicas vezes que carreguei uma bandeja com comida para uma mulher foi quando eu era criança, querendo fazer surpresa no dia das mães para a mamma.

O que está acontecendo comigo?

— Quem é você e o que fez com o meu irmão? — Romie indaga ao parar de frente para mim, analisando minha bandeja com o cenho franzido. — Você tá diferente.

Bufo, de saco cheio. O que há com as mulheres dessa casa hoje? Preciso voltar para o meu apartamento. Privacidade, sinto saudades disso.

Ignoro Romie e sem dificuldade, entro no quarto e coloco a bandeja em cima da mesa perto da varanda. Recolho as roupas caídas no chão de ontem e jogo em cima de uma das cadeiras, depois volto para cama e noto que Lina está na mesma posição.

Deslizo as pontas dos dedos pelas suas costas e ela se remexe, soltando um gemidinho gostoso de preguiça e abrindo as pestanas. Ela sorri quando encontra meus olhos, e sem saber o motivo, eu me sinto feliz.

Faz muito tempo que não me sinto assim. Feliz de verdade, como se tudo estivesse no lugar certo. O que é bem estúpido, já que faz uma semana que meu pai morreu e as coisas mudaram.

Nada está no lugar.

Mas mesmo assim, olhando Lina agora, eu me sinto feliz.

Ela cobre o corpo com o edredom e senta, os cabelos estão uma bagunça linda e sexy. Faço carinho no seu queixo com os dedos e depois enfio o rosto no pescoço, sentindo o cheiro delicioso dela.

Acho que posso me viciar no cheiro de Lina.

Talvez já esteja...

— Café da manhã? — ela pergunta ao ver a bandeja em cima da cama. — Oba, estou morrendo de fome.

Ainda segurando o edredom, ela se arrasta para fora da cama e corre até a mesa, sentando em uma das cadeiras e bebendo um gole generoso de suco. Sento à sua frente e pego uma maçã, dou uma mordida sem conseguir tirar os olhos de cima de Jolina.

Ela é linda e me hipnotiza.

Lina paralisa e fica pensativa por alguns instantes, como se estivesse vivendo uma briga interna.

— Você pode fazer coisas normais como os outros caras? — ela pergunta, e eu uno as sobrancelhas, sem entender.

— Como assim?

Ela dá de ombros e arranca uma uva do cacho.

— Sei lá, ir ao cinema, jantar fora, sair com os amigos. Essas coisas simples. Você pode fazer... ou é muito... — a frase dela morre e de repente, vejo um lampejo de medo passar por eles.

Eu sei aonde ela quer chegar.

— Olhe pra mim — ordeno, e ela obedece. — Pare de ficar pensando nesse tipo de coisa. Nada de ruim vai acontecer — digo, convicto.

Não vou deixar nada de ruim acontecer com Jolina. Eu sou capaz de virar o mundo do avesso para mantê-la segura. E isso significa que vou fazer muita coisa errada e talvez, um dia, ela me odeie. Mas se ela estiver bem e saudável, posso lidar com todo o resto.

Ela abre um sorriso meigo.

— Tem o aniversário da Sophia, estou pensando em fazer uma festa, coisa pequena, mas você tá convidado.

Assinto, escondendo um sorriso. Depois de Rebecca, eu nunca fui de fazer planos futuros com as outras mulheres. Mas Lina fazendo planos comigo, me deixa com uma sensação estranha no peito. Uma sensação estranha, mas boa.

Porra, ela é minha caralho.

Minha.

Só minha.

— Tenho muito amigos homens, não fique com ciúme, ok? — fala, mudando meu humor da água para o vinho e me deixando com um gosto amargo na boca.

— Muitos? — pergunto com desdém.

Ela dá de ombros e depois concorda com um aceno de cabeça.

— Sim. Você não sabia? Os homens se interessam por antropologia mais do que as mulheres. Por isso que na minha turma tem poucas garotas — comenta, séria.

Não consigo desfazer a cara amarrada. Não estou gostando muito de ter conhecimento sobre esse tipo de informação. Imaginar Jolina cercada por um monte de homens, não é algo que me deixa feliz.

Me deixa irritado para falar a verdade.

Ela explode em uma gargalhada.

— Não se preocupe, tô brincando.

Solto uma risada seca e tomo um pouco de suco de laranja do copo dela.

— Você acordou bem saidinha, não é?

Ela dá de ombros, sorrindo.

— É divertindo te deixar nervoso... hum, você fica sexy — sussurra, mordendo o lábio inferior.

Suspiro, tentando controlar a vontade de jogar a bandeja do café da manhã de lado e colocá-la em cima da mesa para fodê-la de novo, até ficar exausto mais uma vez.

— Pensou no lugar? — quero saber. Mudar de assunto vai me ajudar a controlar os instintos primitivos que querem tomar conta de mim.

Ela nega com a cabeça, mastigando a fruta e passando geleia numa torrada.

— Ainda não.

Uma ideia surge na minha cabeça.

— Talvez, eu tenha um lugar pra vocês.

— Sério?

Concordo com um aceno de cabeça. Ela fica de pé, se inclinando sobre a

mesa para me beijar. O movimento faz com que o edredom caía no chão, me dando uma visão significativa do corpo pequeno e delicioso de Lina.

É claro que isso é suficiente para me fazer perder a cabeça e avançar em cima dela. A boca dela abre e a minha língua passa para dentro sem resistência. Ela envolve as pernas na minha cintura e as mãos no meu pescoço, enquanto a levo para cama de novo.

— Você sabe como fazer um homem perder a cabeça, Jolina Magdayao — digo num sussurro contra a sua boca, fazendo a garota sorri e morder meu lábio inferior, depois sugá-lo.

Sinto a ereção latejar contra as pernas dela.

Jolina é minha ruína.



Embora eu prefira ficar deitado trabalhando com as mãos, boca e pau no corpo de Lina, o dever me chama.

Desde a morte do papà e as descobertas que Liam fez, Noah e eu sabíamos que a segurança da mansão tinha sido corrompida. Não gosto de estar errado, mas Thomas tinha razão. Como mudar todo o pessoal interno tão de repente? Os homens que cuidavam da segurança do meu pai são de confiança.

Ou pelo menos, eram.

Não importa se a família é pequena ou a maior da cidade, todos são derrubados por alguém de dentro.

Nicholas ficou responsável de descobrir se há algum traidor entre os nossos homens. Agora, ele comanda um grupo de soldados e colocou os melhores e mais confiáveis para trabalhar como seguranças também.

Os problemas não param de surgir. A família Fontana finalmente mostrou as garras, decidindo que o acordo de “paz” feito anos atrás, morreu junto com o papà. Eles não acreditam que Noah e eu possamos cuidar dos negócios, então, decidiram que querem o que é nosso.

É uma droga, mal tinha enterrado meu pai e parece que estou me

preparando para entrar em uma possível guerra.

Ainda não consegui descobrir a ligação da família Fontana com Mason ou o motivo de terem o escondido quando estava na minha mira, ou quem o pagou para acabar com a vida de Lina.

Odeio essa sensação de estar no escuro, sem conseguir conectar a porra da coisa toda e resolver o problema de uma vez.

Não sei por quanto tempo vou conseguir fazer com que Lina fique na minha casa, segura e sob as minhas vistas. Ela é teimosa, não faz o tipo obediente. A qualquer momento a garota pode mudar de ideia e voltar para o próprio apartamento.

E mesmo que coloque homens para vigiá-la, a universitária aprendeu direitinho a despistá-los quando tem vontade. É ridículo, mas ela consegue fazê-los de idiotas. Jolina é pior que Romie quando o assunto é segurança. As duas acham que é exagero e preferem se virar sozinhas.

— Não podemos ir sozinhos contra os Russos e os Fontana. Talvez esteja na hora de cobrarmos favores — Noah fala, pensativo. — Preciso de um encontro com o chefe da família Marino.

As reuniões começaram a ficar mais íntimas. Apenas, o Don, eu e Thomas. Quanto menos pessoas souberem dos nossos planos, menos chances de sermos traídos outra vez.

— Por causa do lance da Venezuela, acredito que não seja difícil solidificar a aliança — Thomas comenta.

— Mas precisamos ter cuidado, senão tudo pode virar uma chacina — digo. Não que eu me importe de verdade se muitos ou todos da família Fontana morrerem, mas meu pai nunca gostou de tirar vidas inocentes.

E quando as coisas saem do controle, essas vidas são as primeiras a se perderem, infelizmente.

— Julian tem razão — o conselheiro diz, me fazendo erguer uma sobrancelha.

Não é todo dia que Thomas diz que tenho razão em alguma coisa. Assim

como Noah, ele foi criado como um irmão mais velho, pronto para discordar de todas as palavras que saem da minha boca.

— Prepare tudo, Thomas, vamos até Nova Iorque o mais breve possível. Precisamos dar um jeito na família Fontana antes que as coisas saiam do controle. Nós não vamos perder os negócios.

Ele assente, levantando e fechando o botão do terno, depois saí do escritório subterrâneo.

— Nunca entendi o motivo de você gostar tanto desse lugar — Noah diz, olhando ao redor do escritório.

Ele não era de vir muito aqui. Estava ocupado demais com os problemas sérios da família, enquanto eu precisava lidar com as coisas pequenas e manter a cabeça no lugar. Não é um grande escritório, mas foi a primeira e talvez única, ação boa que eu fiz na vida.

O dono me procurou assim que me tornei caporegime. Ele estava falindo, mas queria manter o negócio, porque estava na família há quatro gerações. A pizzeria não fica num bairro nobre e sempre tinha assaltados por perto, o que afugentavam os clientes.

Ele se ofereceu para pagar por proteção, mas em vez disso, fiz um investimento. Dei uma limpa pelo quarteirão e fiz um escritório subterrâneo para mim. E todo fluiu bem.

— Como está o dono? — pergunta, de repente.

— Doente. Câncer no pulmão.

Noah enrugou o nariz.

— Droga.

— Acho que o filho mais velho vai assumir o negócio.

Meu irmão anui.

Vou até a miniadega escondida perto da estante de livros e tiro o vinho mais caro de dentro. Não tenho taças, então pego os copos de vidro limpos em cima da pia e sirvo para nós.

— Tome cuidado — é o que Noah fala ao erguer o copo para brindar

comigo. — Não posso perder você também — acrescenta, me encarando.

No momento, ele é apenas o meu irmão mais velho e não o novo Don da família Carbone.

— Você também, Noah.

Depois do brinde, bebemos vinho em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos.



— Ai. Meu. Deus — Lina fala pausadamente, embasbacada ao descer do carro. — Podemos mesmo fazer isso?

Saio do veículo e dou a volta até ela, erguendo a mão para que entrelace seus dedos aos meus. De mãos dadas, caminhamos pela via principal da entrada do hotel cassino. Embora não esteja funcionando, as luzes foram todas ligadas, o que nos proporciona uma vista incrível do lugar.

Chegamos em frente às imensas portas de vidro e eu faço um gesto para que o segurança no saguão nos deixe entrar.

— Boa noite, senhor Carbone — diz ele, sorrindo. — Boa noite, senhorita — cumprimenta a garota de forma cortês.

Ela devolve a simpatia do homem com um sorriso genuíno.

No saguão, Lina admira a bola de labirinto colorida de vidro no teto. São quase oitenta e seis metros quadrados de vidros pendurados.

— Isso é quase uma obra de arte — comenta, quase me roubando um sorriso. — Esse lugar tem quantos andares?

— Quinze — respondo. — Vem. — Puxo-a na direção do cassino.

— Puta que pariu — Lina xinga.

As paredes possuem cores fortes e o piso é escuro, deixando o ambiente quase intimidador à primeira vista. A sala é gigante, tem mais de seiscentos metros quadrados. São mais de quarenta mesas de pôquer espalhadas, ainda há espaço para os caça-níqueis, roleta, jogos de dados, blackjack, palco para música ao vivo e um bar.

— Parece que eu tô em Las Vegas — murmura. — E olha que eu nunca fui lá — acrescenta e ri.

— Gostou?

— Podemos mesmo fazer o aniversário da Sophia aqui? — indaga com as sobrancelhas franzidas. — Parece muito, Julian.

— Não se preocupe. Desde que seus amigos não destruam a propriedade da minha família, podemos usar.

Lina abre um sorriso largo, ficando na ponta dos pés e me dando um selinho com gosto de gloss de morango, depois se solta de mim e vai até um caça-níquel próximo de nós.

— Você tem alguma moeda? Deixei minha bolsa no carro — murmura, encolhendo os ombros.

Aproximo-me dela, tiro a carteira do bolso e lhe dou uma nota de dez dólares.

— Exibido — retruca, pegando a nota com a ponta dos dedos.

Rio.

— Não ando com moedas.

Ela morde o lábio inferior e com uma carinha travessa, enfia a nota na máquina e me dá uma olhadela antes de apertar o botão. *Tenho uma garota ambiciosa*, é o pensamento que me vem à cabeça quando noto que Lina resolveu fazer a aposta máxima.

Cruza os dedos e fecha os olhos para as bobinas^[15], esperando o resultado.

De maneira surpreendente, o caça-níquel faz uma combinação de quatro números sete e um wilds.^[16] A máquina começa a tocar a música animada,

anunciando a vitória do jogador.

Lina abre primeiro um olho e depois o outro. Fica boquiaberta quando vê os números do valor ganho subirem sem parar. Não é muito. Já vi homens jogando o valor que ela ganhou e não receberem nada em troca, mas para uma principiante, é um prêmio bem gordo.

— Isso é sério? — questiona, atônita.

— Parabéns. Não vi isso acontecer muitas vezes. — Sorrio. — Por favor, não jogue outras vezes, você vai falir o meu cassino — zombo.

Ela começa a rir.

— Meu Deus, Julian! E acabei de ganhar mil dólares — fala, perplexa.

Pigarreio e ajeito o nó da gravata.

— Na verdade, eu acabei de ganhar mil dólares. A nota que você apostou era minha — brinco.

— O dinheiro era o seu, mas a sorte é minha — resmunga, apertando no botão para receber o pagamento. — Mas como sou uma boa garota, vou devolver os seus dez dólares, senhor — acrescenta a última palavra com desdém.

Faço um estalo com a língua, negando.

— O prêmio é meu, no entanto, você pode me pagar de outras formas — digo, sugestivo e cheio de segundas intenções.

Lina dá de ombros.

— Vou pensar no seu caso — rebate.

— Jolina Magdayao, parabéns. Você está me devendo mil dólares. Cuidado, eu posso cobrar com juros.

Ela revira os olhos, tentando reprimir uma risadinha. Quando o *voucher* sai da máquina, a garota parece se dar conta de algo e fica de expressão amuada. Levo uma das mãos até os seus cabelos e prendo uma mecha atrás da orelha.

— O que aconteceu?

— O caixa tá fechado, não vou conseguir pegar o meu dinheiro — resmunga, me fazendo rir.

— Não se preocupe... — Tomo o seu rosto com as duas mãos e focalizo os

olhos de jaspe. — Trago você aqui depois.

Concorda com um aceno de cabeça, sorrindo.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Você tem sido muito... hum, generoso, gentil. — Contorna minha cintura com as mãos e ergue o queixo para mim. — Quem diria que um homem da máfia podia ser tantas coisas desse tipo? — zomba.

Aperto-a contra meu corpo, roubando um gemido involuntário dela.

— Por que mesmo quando você faz um elogio, sinto que está implicando comigo?

— Por que talvez eu esteja? — retruca.

Enfio meus dedos por entre os seus cabelos e trago o rosto delicado para mim, envolvendo Lina em um beijo lento e ao mesmo tempo, intenso. Empurro-a contra o caça-níquel e deslizo as mãos pelas laterais do corpo pequeno e quente contra mim.

Meu corpo reage de imediato e a ereção latejante surge no meio das calças. Lina geme na minha boca quando sente a volume contra coxa e me puxa mais ainda para si.

Antes que possa me empolgar demais e fazer alguma coisa, ela me interrompe.

— O que foi?

— Os botões da máquina... minha bunda tá doendo — balbucia com as mãos espalmadas no meu peito e me empurra de leve para trás, saindo de perto do caça-níquel. Ela começa a rir, e eu acabo não resistindo e rio também.

Nunca fui o tipo que dá tantos sorrisos, mas percebi que é fácil fazer isso quando essa garota está ao meu lado.



Lina



Dias depois...

Arrastando uma Sophia vendada e resmungona, eu passo pelas portas e levo-a até o cassino, onde os nossos amigos mais íntimos e os homens de Julian, é claro, esperam.

O homem é viciado em segurança, por isso há pelo menos seis deles usando terno preto espelhados pela sala. Não sei se os homens estão aqui para proteger o cassino dos nossos amigos, ou nos proteger de algum possível evento que não esteja nos planos.

De qualquer forma, não quero nem pensar na segunda possibilidade.

— O que você tá aprontando? — ela resmunga mais uma vez. — Tá me cheirando a coisa cara. Eu disse que não queria nada extravagante.

Rio.

— Pronta? — pergunto.

— Sim, acho que sim.

Desfaço o nó da venda e tiro dos olhos de Sophia. Mesmo que tenha passado o caminho inteiro reclamando, está com um sorriso grande emoldurando

o rosto e ainda tem as pestanas fechadas.

— Abra — encorajo.

Devagar, ela abre os olhos e fica boquiaberta enquanto nossos amigos gritam “*surpresa*”. Sorrindo, ela envolve uma mão no meu pescoço e me dá um abraço de lado, depositando um beijo exagerado na minha bochecha.

— Eu não acredito, Lina. Você é a melhor, sério.

Dou de ombros e a empurro para próximos dos convidados, que esperam animados para cumprimentar a aniversariante.

É uma festa íntima, fora os homens de Julian, somos em dez. Não tem nenhuma decoração elaborada, além de uns balões nas cores rosa e branco em cima de uma mesa de pôquer e o bolo de unicórnio. Mas o bar está funcionando e os barmen já prepararam algumas bebidas malucas para os nossos amigos. E o restaurante que fica na entrada da sala da jogatina está aberto, exclusivamente para nós.

E o toque especial. Música ao vivo. Julian pediu para uma das cantoras do cassino animar a noite do aniversário de Sophia. Como se não fosse o bastante, a mulher em cima do palco está cantando “*Criminal*” da Britney Spears.

A música parece ter sido feita para mim.

“Mas, mamãe, eu estou apaixonada por um criminoso. E esse tipo de amor não é racional, é físico. Mamãe, por favor, não chore, eu ficarei bem. Pondo a razão de lado, não posso negar, eu amo aquele cara.

E ele tem meu nome tatuado no seu braço, é o seu amuleto. Então, eu acho que está tudo bem. Ele está comigo.”

— Eu sei que ele fez isso por você, mas nossa, porra, que demais — minha amiga fala ao se aproximar de mim e me tirar do meu devaneio. Ela está tomando um shot colorido, que não faço a mínima ideia do que seja, mas parece ser forte. — Aquele homem sabe como impressionar uma mulher, porque eu tô impressionada.

Começo a rir.

— Feliz aniversário!

— Obrigada, amiga, de verdade.

Envolve os braços no meu pescoço e me aperta contra o corpo. Quando nos afastamos ela grita animada, me fazendo rir de novo. A noite mal começou e já parece louquinha. Tudo bem, hoje é o dia dela, Sophia pode tudo.

E eu como melhor amiga preciso ficar de olho nessa maluca.

Caminho até o bar e peço uma cerveja, que o barman serve em uma caneca de vidro transparente. Tomo um gole generoso, mas não muito. Não quero ficar bêbada hoje e sei que não sou uma das pessoas mais tolerantes para o álcool.

Jasper, que foi a segunda pessoa na universidade com quem fiz amizade e sentou junto de mim e Sophia nas aulas por muitos semestres, se acomoda no bar, ao meu lado.

Ele é um cara bonito. Certinho, estudioso. O tipo de rapaz com quem as garotas deveriam se envolver. Está na cara que Jasper vai dar estabilidade emocional para uma garota e fazer o possível para o relacionamento ser saudável.

No bar, ele pede o mesmo que eu.

— Você tem contatos, Lina — brinca.

— Sou uma mulher poderosa, nunca duvide disso — digo, arrebatando uma risada dele.

Nós brindamos quando a cerveja dele chega. Jasper bebe um gole, eu não.

— Quem teve a ideia? Esse lugar é incrível. Eu vim aqui algumas vezes com meus amigos.

Semicerro os olhos e penso no que responder. Não posso dizer que *meu namorado* deu a ideia, porque parece compromisso demais e eu não sei o que Julian e eu somos. Mas dizer que somos *amigos* parece raso, como se faltasse algo.

O que ele e eu somos?

O que existe entre nós é uma amizade colorida?

— Apenas aconteceu — é o que eu digo e encho a boca de cerveja, a fim de dar o assunto por encerrado.

Mais amigos se aproximam e logo estamos em uma conversa animada sobre como Sophia é âncora de muito de nós. Talvez ela não saiba, mas é a minha também. A primeira pessoa que me acolheu em Montreal e me fez sentir esperanças de que no final tudo ficaria bem.

Meus olhos captam Nicholas ao longe falando com alguém no celular. Coitado. Mais uma vez sendo babá. E o pior, sendo babá de vários universitários. Peço outra cerveja ao barman, e quando ele me entrega, pego a minha e vou até ele.

— Pra você — falo ao oferecer a bebida. Nicholas fica sem jeito e hesita em pegar a caneca.

— Não posso beber, estou trabalhando — é a sua desculpa.

— Não me faça voltar com essa cerveja, por favor — rebato.

Ele assente, sério, mas pega a bebida.

— Obrigado.

Bate a cerveja na minha, num brinde silencioso. Ele bebe tudo de uma vez, me deixando de os olhos arregalados.

— Não fico bêbado fácil — se explica.

— Ah, certo — é o que murmuro e decido beber toda a minha cerveja também. — Cadê o mandachuva? — quero saber.

— Você ainda o chama assim?

Sorrio e anuo.

— É claro, ele não deixou de ser mandão — brinco, e ele acaba sorrindo, deixando o rosto com a expressão leve. — Você precisa de algo? — pergunto, pegando a caneca de vidro das suas mãos. — Ou os homens de preto?

Ele nega com a cabeça.

— Estamos bem, Lina. Aproveite a noite e se divirta.

— Obrigada.

Tento dar uma batidinha no ombro dele antes de me virar e voltar ao bar. A essa altura do campeonato, Sophia e nossos amigos estão perto do palco, dançando com suas bebidas coloridas nas mãos.

Peço outra cerveja.

Para quem não queria beber muito, estou indo por um caminho perigoso. Estou prestes a tomar um gole da cerveja, quando Sophia corre até mim, mas antes deixando a sua bebida em cima de uma mesa de pôquer. Pega minha mão e me puxa para perto dos nossos amigos. Rindo, ela começa a me fazer dançar ao som de uma música sexy que eu não conheço.

Depois de algumas músicas dançadas, me dou conta de que Julian chegou. Está no bar, tomando alguma bebida e olhando para mim. Ele usa blazer e calças da mesma cor e uma blusa de gola alta.

Sexy.

Passo as mãos nos cabelos e vou até ele. O caminho é mais longo do que eu me lembrava e os olhos dele não me deixam nenhuma vez. Sorri convencido quando estou a poucos passos de distância.

— *Dio, come sei bella, Jolina*^[17] — sussurra em italiano, a voz rouca e sexy.

Sorrio, sentando na banquetta do bar ao seu lado. Peço outra bebida ao barman e olho Julian de soslaio ao mesmo tempo em que tento esconder um sorrisinho.

— Não entendo tantas palavras em italiano, mas acho que você disse que eu tô bonita. Obrigada.

Sem dizer nada, ele leva a mão perto do meu rosto e coloca uma mexa de cabelo atrás da orelha e brinca com o brinco pequeno, fazendo meu coração dar piruetas desajeitadas dentro do peito.

— Você não mentiu, tem muitos amigos homens.

Rio.

— Tem mais homens seus aqui do que amigos meus — retruco.

Ele está prestes a dizer algo, quando Sophia surge de repente. Já está bem alegrinha e com as bochechas coradas, e segurando uma caneca de cerveja. Quando foi que ela trocou o shot de bebida colorida pela cerveja? De qualquer

forma, é tão bom vê-la se divertindo e feliz.

Estreita os olhos no rumo de Julian.

— Feliz aniversário, Sophia — é o que ele diz.

— Obrigada, Julian. — Bebe um gole generoso da bebida antes de começar a tagarelar. — Eu sei que não fez isso por mim, mas obrigada. Eu gostei.

— É melhor você parar de beber ou pode começar a gostar de mim — o homem rebate num tom presunçoso.

Sophia revira os olhos.

— Não fique animado, não é pra tanto — fala ao erguer uma sobrancelha para ele e sair de perto de nós, voltando para onde nossos amigos estão dançando e bebendo.

— Que dupla vocês dois... — murmuro, pegando minha caneca e bebendo um gole generoso de cerveja.

— Prefiro eu e você.

Me engasgo com a bebida com sinto os longos dele traçarem círculos invisíveis na minha coxa exposta. Minha pele inteira arrepia e eu sinto o rosto queimar com o contato. Olho-o por cima dos cílios. Ele abre um sorriso lascivo.

— Tentando me seduzir? — pergunto.

— Eu não sei. Está funcionando?

Sorrio.

— Não posso deixar Sophia sozinha aqui — aviso. — É aniversário dela, não seja egoísta.

— Ela nem vai perceber que você sumiu — diz com a voz baixa, me provocando. Os dedos continuam traçando círculos e vão subindo aos poucos sobre a minha coxa, fazendo o coração acelerar de novo. — Acho que Sophia vai ficar bem. E mesmo assim, você não vai dormir comigo hoje por causa dela. Não acha que eu mereço algumas horas sozinho com você? — emenda ao tentar esconder um sorriso travesso.

— Julian...

Ele enfia uma mão entre os meus cabelos e aproxima o rosto do meu ouvido, dá uma mordidinha no lóbulo antes de falar.

— De qualquer forma, você ainda vai estar aqui, Jolina.

Quando afasta o rosto de mim, como se fosse por instinto, minha boca procura a sua e eu o beijo, me entregando. E no momento em que as nossas línguas se tocam, dando intensidade ao beijo, eu sei que irei para onde ele quiser esta noite.



Ao sairmos do elevador, levo Lina até final do corredor, onde abro a porta com um cartão magnético. Ela entra depois de mim, abismada com a suíte, que tem decoração luxuosa e cores quentes. Animada, caminha até próximo das janelas que vão do chão ao teto e admira a vista da cidade de Montreal.

— Gostou?

Lina me lança um olhar por cima dos ombros e assente depois de ouvir minha pergunta.

— A vista é linda, Julian.

— A vista que tenho daqui também é linda — falo, contemplando as costas dela. — Impressionante.

Ela ri, balança a cabeça e vem até mim. De maneira atrevida, me puxa pela barra do blazer até o grande sofá e só me solta quando nos deitamos no móvel macio. Lina segura meu rosto com as duas mãos e suspira.

— Eu acho que estou apaixonada por você — sussurra, me deixando com uma sensação estranha no peito. — Não se sinta na obrigação de dizer o mesmo — fala rápido ao notar que abri a boca para dizer algo. — Só me beije, Julian.

Eu colo os lábios no dela e a beijo com intensidade, desejando cada

pedacinho dessa garota que conseguiu bagunçar tanto a minha vida, meus sentimentos. Eu a beijo, desejando todos os lados dela, tristes e felizes, seu coração e alma.

Sinto meu corpo ficar enrijecido, mal conseguindo me conter. As mãos de Lina passeiam pelas minhas costas enquanto entrelaça uma das pernas na minha cintura e me aperta contra o próprio corpo.

— Vamos tirar esse vestido? — sussurro e a puxo para sentar. Devagar, corro com os dedos sobre o ombro dela e sigo até as costas, encontrando o zíper e descendo até o limite da sua bunda.

Lina fica de pé, de frente para mim. Me olhando de maneira profunda, ela passa o vestido pelos ombros e o deixa cair no chão, revelando os seios de mamilos rígidos e a calcinha de renda branca.

— Não — digo, quando ela faz menção de que vai tirar os saltos altos. — Você está sexy pra caralho assim.

Ela morde o lábio inferior e sorri.

Levanto também, e sem tirar os olhos dela, tiro o blazer e depois, passo a blusa de gola alta pela cabeça. Desafivelo o cinto da calça e desço, mas antes, tirando os sapatos e meias.

Lina desliza os dedos sobre o meu abdômen e me empurra para sentar no sofá. Ajoelha-se à minha frente e se encaixa entre as minhas pernas, me encarando com uma carinha travessa.

Enfio as duas mãos entre os cabelos de Lina e puxo de leve, roubando um gemido entrecortado dela, que devoro com um beijo sedento. Coloco o seu lábio inferior entre os dentes e mordisco, depois sugo, sentindo o meu pau latejar contra a cueca.

Ela cola os seios em mim, eriçando o meu corpo. Passeio com a língua sobre o seu queixo, fazendo-a jogar a cabeça para trás, toda entregue a mim. Mordisco o limite do maxilar e em seguida, o lóbulo da orelha.

Lina geme meu nome.

Desço com a boca até o pescoço, fazendo uma trilha com beijos e lambidas

até os seios empinados, que apontam para mim. Abocanho um, provocando o mamilo endurecido e sugando, depois o outro, e sinto as unhas de Lina arranharem minhas costas.

Deslizo as mãos sobre os seus braços e ombros nus, e volto a beijá-la com vontade, sentindo a pele arrepiar com o meu toque, o que me deixa louco de tesão.

Os dedos de Lina correm pela minha coxa até encontrar a barra da cueca boxer e puxar um pouco, revelando a ereção. Ela toca com as duas mãos, uma pegada forte, que me faz estremecer ao mesmo tempo em que escapa um gemido rouco da minha garganta.

Olhando-me por cima dos cílios, Lina massageia o meu pau. As mãos sobem e descem, mantendo um ritmo gostoso, mas sem pressa. Inclina-se um pouco e o lambe todo antes de colocar a glândula na boca e chupar de leve.

— Porra — falo baixo e grunho de prazer.

Lina coloca todo o meu pau dentro da boca e começa a chupá-lo ao mesmo tempo em que o sinto pulsar de excitação. Os músculos da panturrilha contraem e a respiração fica acelerada à medida em que ela aumenta o compasso, sedenta.

Estremeço.

Dou uma bela olhada na bunda empinada usando fio dental e estico uma das mãos para tocar suas costas nuas.

Que gostosa e é toda minha.

Acabo envolvendo uma das mãos nos seus cabelos, mas deixo Lina comandar. Ela sabe o que faz e é dona de uma boca incrível, molhada e macia, que está me deixando cada vez mais duro e latejante entre os lábios bem desenhados.

— Jolina... puta que pariu — gemo entre os dentes ao senti-la passar a língua na cabeça do meu pau e abocanhá-lo de novo, chupando, provocando e me encarando. Ela parece gostar de me ver sentindo prazer.

Delícia.

Ela acelera o movimento com a boca, engolindo todo o meu pau com

vontade. Isso me faz respirar pesado e acabo deixando escapar outro uivo de dentro da garganta. Eu o sinto pulsar entre os lábios de Lina e as pernas começarem a tremer.

— Eu vou gozar, Lina. Pare — peço, sentindo o corpo todo estremecer com a aproximação do orgasmo.

É claro que estou louco para vê-la engolir minha porra até a última gota. Gozar nessa boca atrevida, com certeza deve ser uma das sete maravilhas do mundo. Mas eu não sei se ela...

— Lina, pare... Lina... ah, caralho.

Ela não para e nem diminui o ritmo, então eu solto os seus cabelos e deixo o resto acontecer. Fecho os olhos e gozo gostoso na boca deliciosa de Lina. Ela suga tudo, até não ter mais nada, e só então, a sua boca quente deixa o meu pau.

— Ah, Lina, que delícia.

Abro os olhos e sorrio satisfeito, seguro-a pelo queixo e a trago para mim, beijando-a na boca e amando sentir o meu gosto, meu cheiro impregnado nela. Jolina é minha e agora está marcada. Sugo a sua língua, depois o lábio inferior só para mordê-lo e roubar um gemidinho dela.

— Vem aqui, vem, danada. Monta em cima mim.

Ela sorri ao ficar de pé, mas antes de fazer o que eu quero, dá uns dois passos para trás e tira devagarzinho a calcinha de renda, como se estivesse me provocando. Isso me deixa louco e mais excitado. Deslizo uma das mãos sobre o meu pau e massageio, respirando fundo e pesado.

Com um sorriso tímido e ao mesmo tempo, travesso, ela joga a calcinha em mim. Levo a renda até o nariz. Tem um cheiro delicioso. Os olhos de Lina ficam mais escuros, ardendo em chamas.

Volta a ficar próxima de mim e eu jogo o corpo para frente, agarrando com as duas mãos a bunda dela e a trazendo contra o meu rosto. Enfio a língua dentro da bucinha lisa, sentindo o quanto ela está molhada.

As mãos de Lina agarram os meus cabelos ao mesmo tempo em que geme alto e arqueia o quadril para mim, me permitindo lamber tudo. Ao levantar os

olhos, vejo que ela aperta um dos seios e tem a boca entreaberta.

Continuo com a língua no clitóris, provocando com movimentos precisos, aproveitando, me deliciando com o gosto viciante dela.

— Ah, isso é tão bom — sussurra, arfante.

Devagar, corro com as mãos da bunda até a panturrilha, sem tirar a boca da bucinha molhada dela, faço o mesmo caminho de volta, e ela arqueia um pouco os pés, se contorcendo de prazer.

De repente, Lina puxa meu cabelo com força e me afasta. Me encara sobre o véu de luxúria e me empurra para o encosto do sofá. Sem dizer nada, ela vem para cima de mim, ficando de cócoras antes de sentar no meu pau.

— Lina, eu preciso... — ela me cala ao levar o indicador até os meus lábios e diz:

— Estou tomando anticoncepcional.

Dito isso, ela encaixa em mim num solavanco, de uma forma perfeita e que me faz perder as estribeiras. Meu pau lateja dentro dela enquanto as minhas mãos passeiam pelas curvas deliciosas do seu corpo.

Um rugido escapa do meu interior quando Lina começa sugar meu pau com a vagina. É como uma massagem gostosa de forma ordenada, me impedindo de sair dentro dela.

— Eu adoro quando você faz isso — digo, alisando as coxas em torno de mim. — Me deixa louco — acrescento.

Lina sorri satisfeita. Segura meu rosto com as duas mãos e os lábios ávidos procuram os meus. Nos beijamos com intensidade, línguas entrelaçadas, gemidos entrecortados e os nossos corpos em movimentos ritmados.

Isso é o paraíso.

Agarro a bunda que sobe e desce em cima de mim e aumento o compasso. Ela geme, parecendo aprovar a nova velocidade. Crava as unhas nos meus ombros e me olha com uma carinha de safada, mordendo o lábio inferior.

— Ah, isso — fala ao jogar a cabeça para trás por um fragmento de segundos. — Ah, Julian — choraminga.

Inclino-me um pouco e começo a brincar com a língua em volta do seu mamilo e logo ela entrelaça os dedos nos meus cabelos, me puxando e gemendo de um jeito que me deixa louco.

— Ah, caralho. Você é tão gostosa. Porra.

— Julian... — arfa.

Ergo a cabeça e mordo o seu queixo antes de sugar o lábio inferior. Levo uma das mãos até a barriga de Lina e desço o polegar até encontrar a parte mais sensível do seu corpo. Começo a massageá-lo e isso faz com que ela estremeça sobre mim.

Linda.

Os meus movimentos sobre o clitóris inchado ficam mais precisos e Lina aperta meu ombro, choramingando e me pedindo para não parar. Nunca fui o tipo que segue ordens, mas agora, eu farei qualquer coisa por ela.

Sem a minha ajuda, Lina começa a dar cavalgadas intensas, que me fazem até perder o rumo. Meu pau pulsa dentro dela, sofrendo uma tortura deliciosa de sobe e desce que essa garota comanda.

Continuo com o polegar no seu sexo, provocando e vendo-a estremecer sobre mim no mesmo instante em que sinto espasmos por todo o meu corpo.

— Eu acho... eu acho... — ela está tão extasiada com o momento, que não consegue terminar a frase.

— Isso, goza no meu pau — murmuro.

Lina deixa escapar um grito e as pernas em volta de mim começam a tremer. Sinto os músculos da minha panturrilha se contraírem, e eu sei que não vou conseguir segurar por mais tempo também.

Contorno a sua cintura com as mãos e acelero o ritmo mais ainda. Meu pau trepida dentro dela e o coração acelera, então o corpo fica rígido por alguns segundos e eu gozo, apertando Lina contra mim.

Ela se afasta um pouco e encosta a testa suada na minha, depois sorri. Ainda não saiu de cima de mim, e aos poucos, sinto a mexer o corpo novamente, de leve, me provocando.

— Lina — murmuro, passeando com as mãos sobre as coxas e a bunda. —
O que eu faço com você?

Abre um sorriso e morde o lábio inferior.

— Agora? Eu tenho algumas coisas em mente — responde, jogando o corpo para cima de mim e lambendo minha orelha.

Respiro fundo, gemendo. O corpo começando a ficar em alerta de novo.

Na verdade, eu não sei se ele deixou de estar, já que ainda tenho Lina rebolando em cima de mim.

— Você vai acabar comigo, Jolina Magdayao.

Ela sorri de novo.

— No bom sentido? — questiona.

Minha vez de sorrir.

— No bom sentido — digo, envolvendo minha boca na sua e chupando o lábio inferior e em seguida, entrelaçando nossas línguas em um beijo sedento.



Depois de algumas horas fazendo sacanagem na cama e banheira, respectivamente, Lina me fala que precisamos descer. Ela corre para o chuveiro e eu vou junto, tentando provocá-la e fazê-la ficar mais um pouco.

Não dá certo.

Rápido ela sai do box do banheiro, me deixando sozinho e de cacete duro. Deixo que a água quente relaxe o meu corpo por alguns minutos e logo em seguida, vou para o quarto também.

— Pode fechar o zíper do meu vestido? — pergunta, virando de costas para mim.

— Você está me pedindo algo impossível.

Ela ri.

— Julian, por favor?

Respiro fundo, tentado a não fazer o que ela me pede e jogá-la na cama, provocá-la até que não resista mais e fique mais algumas horas aqui, comigo. Mas, acabo me comportando e fecho o zíper.

Começo a me vestir, catando as roupas espalhadas pela suíte. Lina pega o secador para usar nos cabelos quando o celular notifica uma nova mensagem. Os

olhos dela vacilam por alguns segundos ao tocar na tela do smartphone.

— Aconteceu alguma coisa? — quero saber.

Ela não me responde de imediato, fica encarando a tela do aparelho antes de digitar uma resposta de volta e engolir em seco. Vira o rosto para mim e abre um sorriso melancólico, que me deixa com um aperto no peito.

— É minha mãe — murmura.

— Ela está bem?

Ela começa a assentir, mas em seguida, balança a cabeça de um lado para o outro, negando.

— Hum... — Noto os olhos de jaspe brilharem, mas não chora. — Ela e o meu pai estão se separando. — Prensos os lábios e respiro fundo. — Na verdade, ela está deixando o meu pai, mas ele não é o tipo de homem que vai aceitar algo assim tão facilmente.

Minha garota não fala muito sobre os pais, mas pelo pouco que me contou, eu tenho certeza de que o imbecil não é alguém que vai aceitar uma separação de bom grado. Ele não merece ser pai de alguém como Jolina. Ela é demais para ele.

— Eu sinto muito — é a única coisa que consigo dizer.

Lina deixa os ombros caírem e senta na beirada da cama, deixando o celular e o secador de lado. Passa as mãos entre os cabelos molhados e suspira, angustiada.

— O que você não está me contando?

Ela me olha e abre a boca, mas fecha um segundo depois. Morde o lábio inferior e dá de ombros.

— É complicado.

Sento ao seu lado com meu instinto protetor ativado. Não gosto de vê-la assim, me incomoda num nível absurdo. Me deixa furioso para ser sincero. O que está fazendo minha ficar tão perturbada?

— Você já deve imaginar que meu pai... ele é diferente. Não era como seu. Enrugos a testa, confuso.

— O que quer dizer com isso?

Ela respira fundo, ajeitando a postura.

— Eu vi naquele dia... no jantar. Seu pai, ele amava vocês. Ele tinha orgulho da família e parecia disposto a fazer qualquer coisa por vocês. — O queixo dela treme, mas a garota faz esforço para abrir um sorriso. — É claro que meu pai ele... ele não me ama. Nunca amou.

Sinto como se alguém tivesse me dado um soco no estômago e não consigo fazer nada, além de me perder nos olhos marrons de Jolina,

— Pra começo de conversa, eu sou uma decepção, porque não nasci homem e bem, minha mãe não conseguiu engravidar de novo depois de mim. Eu sentia que ele meio que me culpava por não ter bolas. — Respira fundo e passa a língua no lábio inferior. — Ele nunca foi amoroso ou gentil. Sempre me tratou como estorvo e minha mãe era cega de amor, então, ela acreditava que era o jeito dele de amar. De nos amar.

— Lina... — sussurro, mas ela nega com a cabeça, segurando as lágrimas.

— Minha mãe sempre o perdoou por tudo e isso me irritava tanto. Por isso, eu não tenho tantas lembranças boas do meu país natal. Não gosto muito de lembrar dos anos em que eu vivi lá.

— Sinto muito.

Ela abre um sorriso abatido para mim.

— Eu sou fraca, não é? Fugi de lá porque sou fraca. Mas eu não aguentava aquela vida ou vê-la daquele jeito. E é claro que meu pai não aceitou bem a notícia da minha partida. Me disse palavras cruéis antes de me permitir sair de casa, e como você já sabe, não preciso nunca mais voltar pra lá.

Levo ar até os pulmões e estalo os dedos na tentativa de manter estável, no controle, mas a raiva vai se apoderando de mim, me envolvendo em um abraço apertado e pronto. Fico puto. A vontade que tenho é de ir atrás do pai de Jolina e fazê-lo pagar por estar fazendo-a sofrer agora.

— É triste, não é? Quando penso no meu pai, eu só lembro dele batendo na minha mãe. Uma filha não tinha que guardar lembranças assim de um pai —

murmura e deixa que algumas lágrimas escapem.

De maxilar cerrado, eu a puxo para mim. Ela descansa a cabeça no meu peito e chora sem fazer barulho. Meu coração dói dentro do peito e eu estou tão irritado, que sinto meu sangue em lavas.

— O que sua mãe vai fazer? — me ouço perguntando.

— Eu não sei. Ele não quer dar o divórcio, porque isso vai manchar a reputação dele. Precisa manter o status de família perfeita.

— Como assim?

Ela se afasta de mim e limpa os olhos vermelhos com as costas das mãos.

— Meu pai é... — Prensa os lábios, parece estar escolhendo as palavras. — Político. Hum, não é grande coisa — se apressa em dizer e fica de pé, pegando o secador e caminhando para pia do banheiro.

Sigo-a.

— Jolina...

A garota respira fundo e bufa, me olhando através do espelho, mas fica quieta.

— Me diga.

— É que agora, ele é o vice-presidente das Filipinas.

Fico abismado.

— O quê?

Preciso ter uma conversa séria com Liam. Quando eu pedi que procurasse coisas relevantes sobre Jolina, a fim de tentar entender o porquê de alguém querer acabar com a sua vida, não tinha nada sobre ela ser filha do vice-presidente.

Não tinha muito, na verdade. Só que os pais são vivos, ela tira boas notas, não tinha passagem pela polícia, o dia exato que chegou em Montreal e onde trabalha. Mas nada sobre ela ser filha do vice-presidente das Filipinas.

— Pois é, eu sei. — Dá de ombros. — Ele adora manter as aparências, por isso não vai dar o divórcio pra minha mãe.

— Ele não veio atrás de você? Nunca? — questiono, intrigado.

Lina se vira para mim e cruza os braços na altura dos seios antes de me responder.

— Não. Ele não gosta de mim, é orgulhoso demais e no meu país natal, as pessoas pensam que ele me mandou estudar medicina nos Estados Unidos. Foi assim que ele resolveu o problema dele.

— Porra — resmungo.

Ainda estou assimilando tudo que acabei de ouvir. É informação pra caralho e me pegou de surpresa. E que cretino filho da puta. Como não gosta da própria filha? Como pode tratar a esposa como lixo? Fico enfurecido só de pensar no assunto.

— Podemos não falar mais sobre isso? Sobre ele? Você pode fingir que eu não tenho um passado tão triste?

Assinto, mas abro a boca para falar.

— Eu posso ajudá-la... se você quiser.

Os braços caem sobre o corpo e ela se aproxima de mim, parando um passo de distância. Os olhos me observam, ansiosos. Seguro-a pelos ombros e tento sorrir, mesmo morrendo de vontade de socar o primeiro imbecil que me tirar do sério.

— Conheço alguém — começo, e ela assente de lábios colados. — Posso tirá-la do país com uma identidade falsa. Ela pode vir aqui, mas não recomendo que fique por muito tempo. Procurá-la em Montreal deve ser a primeira coisa que seu pai vai fazer, mas posso dificultar as coisas.

Ela chora em silêncio e joga os braços em volta do meu pescoço, me abraçando forte. Engulo em seco, sentindo um desconforto no peito. O que é isso? Aperto-a contra mim e fungo em seus cabelos molhados.

— Obrigada, Julian. De verdade — sussurra.

Afasto-a um pouco e limpo as lágrimas que fazem caminho até a bochecha com os meus polegares. Ela é linda até mesmo chorando, mas não quero que volte a chorar assim, me deixa inquieto e com raiva.

— Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Concorda com um aceno de cabeça e me dá um selinho molhado.

— Eu confio em você, Julian.

As palavras me deixam tenso, mas gosto de tê-las ouvidos. Lina confia em mim. Talvez, eu não mereça isso, mas que se dane. Ela confia em mim e eu vou fazer qualquer coisa para vê-la feliz e segura.



Lina



Com tropeços e risadas, entro no meu apartamento com Sophia pendurada no pescoço. Ela está muito bêbada. Faço um esforço enorme para colocá-la sentada no sofá e antes mesmo de recuperar o fôlego, minha amiga levanta e diz que precisar ir ao banheiro.

Ofereço ajuda, mas Sophia nega e caminha se segurando nas paredes, rindo que nem uma garotinha que aprontou algo.

— Não durma no banheiro — falo.

— Sim, mamãe — retruca, me fazendo rir.

— Quer comer algo?

— Ah... acho que não — murmura, rindo. — Se você falar de comida mais uma vez eu vou vomitar. Meu estômago tá revirando.

— Não seja dramática, amiga.

— Estou falando sério.

— Eu não queria ser você amanhã — cantarolo. — Sua cabeça vai estar péssima — acrescento, escondendo um sorriso.

— Ei, não seja má, estou bêbada, mas ainda conseguido ouvir tudo que sai dessa boca.

Sacudo a cabeça e joo minha bolsa em cima do sofá. Estou pronta para dar alguns passos até a cozinha e beber água, quando ouço Sophia abafar um grito. Preocupada, corro até o banheiro de porta aberta e a encontro no chão, a boca e os olhos entreabertos.

Ajoelho-me diante dela, me esforçando para levantá-la. Ela tenta falar alguma coisa e aponta para algo atrás de mim. Nem tenho tempo de me virar nem nada. Sinto uma picada fina no pescoço e não demora nem um minuto para os meus olhos pesarem e eu adormecer ao lado de Sophia no chão do banheiro.

As coisas acontecem rápido e tudo parece um borrão preto.

Sinto tanto medo ao ouvir vozes masculinas no meu apartamento, mas não consigo fazer nada a respeito.

Borrão.

Sou arrastada para longe de Sophia, tento balbuciar alguma coisa, no entanto, nenhum som sai da minha boca.

Borrão.

Mais uma vez, tento falar e abro a boca, mas não consigo. Não consigo falar ou me mexer por conta própria. Meu corpo parece pesar uma tonelada.

Borrão.

Alguém me carrega nos braços. Bato os cílios, tentando enxergar alguma coisa. É tudo em vão.

Borrão.

Estou deitada no banco de trás de um carro, tenho um vislumbre de parte das ruas através da janela de vidro e uma música irritante toca ao fundo.

Borrão.

Com o coração apertado e os olhos ardendo em lágrimas, eu adormeço.

Dessa vez, de verdade. Sem borrões ou pequenos vislumbres do que está acontecendo comigo. Mas não precisa ser uma expert para saber que está acontecendo.

Eu fui sequestrada.



Lina



Horas depois...

Abro os olhos devagar e tento me adaptar a claridade. Estou deitada em cima de colchão fino num galpão caindo aos pedaços e o lugar inteiro fede a mofo. A cabeça dói tanto, que me deixa enjoada.

O coração dá um salto dolorido dentro do peito quando vejo uma mesa e dois homens sentados em cadeiras próximo a mim. Um deles segura um rifle e o outro, uma pistola, e ambos estão com uma expressão antipática estampado no rosto.

— Não tente nada — o homem com o rifle avisa, arrogante. — Ou vai ser pior pra você, gracinha. Fique quieta e não faça barulho. Odeio mulher barulhenta.

Os dois começam a rir.

Cretinos.

Tomo um susto quando sinto braços me puxarem. Olho para trás e me deparo com Romie. Ela tem o rosto todo vermelho e inchado de chorar. Me envolve num abraço estremecido e chora entre os meus cabelos.

Por um momento duvido se estou acordada de verdade ou apenas alucinando com alguém familiar.

— Romie... — Aperto-a contra meu corpo, tentando entender o que está acontecendo. — Você tá bem?

— Pensei que não fosse acordar. Eu tô com tanto medo — admite.

Respiro fundo, tentando me lembrar dos últimos acontecimentos.

— Onde você estava? Antes daqui? — sussurro, mas tenho certeza de que os homens armados estão ouvindo.

— Na casa de uma amiga e depois, sei lá, ficou tudo preto e eu acordei aqui.

Ai meu Deus! Sophia. Sem conseguir me conter, começo a chorar em silêncio, preocupada e rezando para que nada de ruim tenha acontecido com a minha melhor amiga.

— Você viu a Sophia?

Romie nega com a cabeça em resposta.

— Só eu e você aqui... — fala baixo, segurando as lágrimas.

— Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem — minto.

Romie fica calada. Ela não é mais uma criança, sabe que estou mentindo. No entanto, a esperança mentirosa de que vamos ficar bem é tudo que nós temos. É tudo que eu tenho.

Ouçó burburinho de conversas e de repente, um homem entra no galpão caindo aos pedaços. Ele para a uns dois passos de distância de nós. Não consigo reconhecê-lo, pois está usando capuz e uma máscara preta, mas há algo nos olhos deles que me é familiar.

— Oi, Lina — diz ao tirar a carapuça da cabeça, e em seguida, a máscara. Fico boquiaberta. — Espero que a estadia esteja sendo confortável — emenda num tom cheio de sarcasmo.

— Dimitry — sussurro.

Ele enrug o nariz e nega com a cabeça.

— Meu nome não é Dimitry — fala com naturalidade. Romie alterna os

olhos de mim para ele, parece mais assustada ainda. — As pessoas me chamam de demônio, mercenário, assassino de aluguel... ah, tenho tantos nomes. Mas na verdade, eu me chamo... — interrompe a própria frase e nega com a cabeça. — Não tô a fim de te dizer o meu nome. Não vai adiantar de nada de qualquer forma.

Ele não parece em nada com o homem que eu conheci perto do metrô. O Dimitry que pediu meu número de celular era apenas um fingimento, uma invenção do monstro à minha frente.

— Era você na minha casa? Como sabia meu endereço? — arrisco, a voz embargada. — Cadê a minha amiga? O que você fez com ela?

O russo suspira, impaciente.

— O que você acha, Lina?

Meu coração aperta.

— Cadê a Sophia? — repito.

— Não se preocupe, não fui pago pra acabar com ela. — Arregaça as mangas do casaco e olha a hora no relógio de pulso. — Ela já deve ter acordado numa hora dessas.

Prengo os lábios, de certa forma, um pouco aliviada por Sophia está segura.

— E Lina, da próxima vez — fala, me fazendo olhá-lo. — É claro que não vai ter próxima vez. — Ri sozinho. — Mas garota, não devia ter sido tão cordial com um estranho e nem o deixado pegar o seu celular. Foi um grande erro.

— Desgraçado — digo entre os dentes, irada na mesma intensidade em que estou com medo.

— Ok, eu gosto dessa versão. — Respira fundo e mantém a atenção fixa em mim. — Você foi o trabalho mais fácil que eu tive, Lina. Tão fácil monitorar os seus passos, a presa mais tranquila que eu tive.

— O que você quer com a gente? — Romie pergunta antes que eu tenha oportunidade falar algo. — O que você quer? — Ela tem a voz trêmula e os olhos brilhando com as lágrimas. — Minha família vai te matar. Você vai se

arrepender de ter feito isso — ameaça.

O homem russo começa a rir. Ele está se divertindo com a situação, acho que está acostumado a brincar com a vida das pessoas.

Ele inclina o corpo e fica de frente para mim, o rosto bem próximo. Contraio a mandíbula e faço um esforço muito grande para não desviar dos olhos sombrios dele.

— Bem, você... — Aponta para mim. — É importante pro subchefe da família Carbone. — Encaminha a atenção até Romie. — E você é importante também, pro subchefe e o chefe da família Carbone. Por isso estão aqui. — Volta a ficar com a postura ereta e se espreguiça. — Preciso dar um fim em vocês, como eu fiz com o Francesco Carbone.

Ouvir aquilo faz os meus pelos se arrepiarem de um jeito tenebroso. Não consigo lutar contra as lágrimas e elas caem sobre o meu rosto, fazendo caminho até a boca. Sinto a garganta áspera e o coração bate tão rápido, que meu peito dói.

— Você matou meu pai? — Romie grita, mas não ousa sair do lugar. — Você matou meu pai. Por que fez isso? Por quê? — Ela chora.

— Ah, tenha dó. Ele teve uma morte pacífica — o russo resmunga, com se não fosse nada. — Eu não pude fazer muito. Tinha que parecer morte de causa naturais. Que saco! — As narinas dele expandem. — Pare de chorar, isso me irrita.

— Seu filho da puta — Romie vocifera, parece pronta para voar no pescoço do homem. Desesperada, me levanto para ir até ela, mas Dimitry ou sei lá como se chama, coloca a mão forte no meu ombro e me obriga a sentar de novo sobre o colchão.

— Fique quieta, Lina. Não me estresse — fala, a voz ríspida e perigosa. Prendo o lábio inferior e deixo que as lágrimas continuem caindo sobre o rosto, sem saber o que fazer. — Você também, princesinha da máfia. Não ouse gritar comigo de novo.

Alguém entra no galpão e quando está próximo para vermos o rosto,

Romie se levanta e corre até ele. Eu o reconheço, já o vi algumas vezes na casa de Julian, é um dos homens da família Carbone.

— Giuliano! Giuliano! Graças a Deus, obrigada. Você veio salvar a gente — ela choraminga, mas sorri entre as lágrimas.

Sem fazer qualquer expressão facial, ele dá um empurrão nela, que fica sem entender toda a situação. O cara com a pistola fica de pé e pega Romie pelo braço, depois a joga em cima do colchão, perto de mim.

O homem de cabelos grisalhos para perto de nós e nos observa, com o olhar sombrio e a expressão dura. Ele não está aqui para nos salvar e quando Romie percebe isso, fica arrasada.

— Seu cretino filho da puta — Romie xinga.

Ele dá um passo na direção dela e se prepara para lhe acertar um tapa no rosto.

— *Ei!* — grito, impedindo que ele a toque. — Não ouse bater nela — falo entre os dentes.

De onde tirei essa coragem? Não faço a mínima ideia. Tudo bem, provavelmente hoje é meu último dia de vida, mas não vou abaixar a cabeça para um homem que bate em mulheres indefesas.

Nunca.

Giuliano dá alguns passos até mim e passa uma das mãos no meu cabelo, mas tento me esquivar. Ele agarra meu braço e me faz ficar de pé. Sinto as pernas bambas, mas me mantenho firme.

— Eu não sei o que ele viu em você. — Me analisa de baixo para cima. — Mas eu sou grato por você ter entrado na vida do Julian.

Franzo o cenho.

— O quê? — sussurro, fazendo Giuliano sorri.

— Você é a primeira garota por quem ele se interessa de verdade depois daquela enfermeira. Jolina Magdayao, não tem noção de como você tornou as coisas mais... digamos, interessantes.

— Do que está falando? — rosno ao tentar me soltar dele, mas não

consigo.

Giuliano semicerra os olhos e abre um sorriso doentio para mim.

— Ele não te contou? De como ficou destruído depois da enfermeira? — indaga, os olhos sombrios e horripilantes dançando pelo meu rosto. — Julian foi uma dor de cabeça naquela época.

Aperto um lábio contra o outro, incapaz de dizer alguma coisa.

— No dia em que ele te levou pra própria casa, eu sabia que você seria a destruição dele. Você é a minha peça-chave. Preciso te agradecer por isso.

Ele segura meu rosto com as mãos imundas, aperta com força e volta a falar.

— Quando ele receber a notícia da sua morte, isso vai causar o estrago que eu preciso. E eu vou ficar muito feliz de finalmente conseguir acabar com aquela família de merda.

Por um segundo, ele afrouxa os dedos que me tocam e eu consigo cuspir na cara dele.

Giuliano ri e limpa o rosto com as costas das mãos.

— Será que devo aproveitar você antes que vá dessa pra melhor? — pergunta com a voz asquerosa e fazendo ondas horripilantes assolarem o meu corpo.

— Cretino! — Romie xinga ao se levar de novo e correr para cima dele, tentando acertar uma tapa, mas o homem apenas estica o braço para freá-la. — Você vai morrer. Você vai morrer — ela ameaça.

O traidor faz um gesto de leve com a cabeça para o russo, que caminha até a mesa com cadeiras e pega uma seringa, que eu nem havia notado estar ali. Começo a protestar, mas ele nem olha para mim e Giuliano me segura, me impedindo de correr até Romie.

Sem piedade, o russo injeta algo no braço dela, que adormece em questão de segundos. Ele a deita no colchão fino como se a garota fosse um pedaço de nada, e eu choro, desesperada.

— Não fique assim, Lina — o russo diz. — Ela tá no paraíso. Vai morrer e

nem vai sentir nada. Existe forma melhor de morrer? Não, definitivamente, não existe.

Nego com a cabeça, atordoada com as palavras que acabei de ouvir. Isso não pode ser real. Não é real. É um pesadelo. É a droga de um pesadelo e eu estou presa nele.

— Andrei, cale a sua boca — Giuliano fala, fazendo o russo ficar irritado.

— Eu disse pra não dizer a porra do meu nome — resmunga. — Por isso que eu não gosto de italianos.

— Me respeite, garoto.

— Ok, *capitão* — Andrei fala com desdém. — Mas mesmo assim, ainda não gosto da raça de vocês.

A expressão impaciente e de desgosto de Giuliano não abalada em nada o mercenário.

— Por que está fazendo isso? — me ouço perguntando. — Eu achei que vocês fossem uma família.

Giuliano me segura pelos braços de novo e me encara diretamente nos olhos. Ter os nossos rostos nivelados, me deixa inquieta, angustiada. Desvio a atenção da expressão mortífera e tento olhar para tudo que é lado, menos para ele.

No entanto, o homem é um bruto. Agarra meu rosto com as pontas dos dedos nojentos e me faz olhá-lo nos olhos.

— Eles não são minha família, garota — fala com os dentes cerrados. — Eu dediquei minha vida inteira a eles e achei que tinha perdido um filho lutando por essa família de merda. Mas você sabe o que eu descobri? Que o Don Francesco mandou matar o meu filho e mentiu pra mim por todos os esses anos.

Estremeço, mas fico quieta.

— Ah, essa história de novo — Andrei fala cheio de desdém. — Não tô recebo pra isso.

Giuliano solta o meu rosto e lança um olhar fatal para o russo.

— Cale a porra da boca — rosna, fazendo Andrei levanta as mãos em rendição e sentar em uma das cadeiras próximas à mesa. — Eu preciso destruir a família Carbone, Jolina. Pelo meu filho.

— Você fala como se fosse inocente — eu digo antes que meu cérebro processe as palavras. — Quantas pessoas você matou? Quantos filhos você matou? Huh? Não pensou na dor desses pais? A sua dor... não é a única que importa.

Ele solta uma risadinha sarcástica.

— Você também não é inocente, garota. Tem sangue nas suas mãos.

Aperto o músculo do maxilar.

— Do que está falando? — crispo.

— Seu ex-namorado — começa a falar, sorrindo de maneira doentia. — Ele era um idiota, mas morreu por sua causa.

Engulo em seco e fico em silêncio, sem ter vontade de dizer alguma coisa sobre o assunto. Mason morreu por minha causa? É claro. Mas não vou me culpar por isso. Ele não merece isso.

— Eu mandei Mason acabar com você, mas é claro que ele fracassaria, nunca duvidei disso. O cara era um burro. Bastou ameaçá-lo e depois oferecer dinheiro e ele virou minha cadela. E eu sabia que Julian não o deixaria viver. Então, a morte de Mason, é culpa sua também.

Dominada pela raiva e adrenalina que percorre meu corpo, acerto um tapa forte no rosto do velho. Definitivamente, eu fiquei doida. Provocando o homem que quer me matar.

A única coisa que ele faz é rir de mim.

— Você é muito atrevida, Jolina. Não daria uma boa esposa — grunhe.

Reviro os olhos e rio seca também.

— E você não é um bom pai, já que deixou matarem o seu filho. A culpa disso tudo é sua — retruco.

É o meu fim...

Os olhos de Giuliano vacilam por uma fração de segundos, mas logo a

expressão sombria está de volta. Ele me agarra pelos ombros, me sacudindo com força e fazendo meu coração acelerar.

— Não ouse me provocar, você não me conhece, não sabe do que sou capaz. Eu posso ser cruel, Jolina. Posso fazer você sofrer antes de morrer. Quer mesmo se privar de uma morte tranquila?

Minhas narinas expandem, mas não ousa recuar. Mantenho os olhos firmes nos de Giuliano.

— Eu não tenho medo de você — digo. Estou mentindo é claro, mas fico feliz da minha voz ter soado com segurança. — Você é apenas um covarde.

O velho fica puto.

Acho que está prestes a me bater, mas o seu celular começa a tocar, o que faz Giuliano largar meus ombros e se afastar de mim, enfurecido. Sinto o coração tão acelerado, que é difícil respirar.

— Você quer dormir? Como ela? — Andrei pergunta de repente, chamando minha atenção. Ele tem o indicador apontado para Romie, que dorme em um sono profundo. — Posso fazer isso por você.

Meus olhos ardem.

— Por quê?

— Porque sou legal — é o que me diz, mas quando fico calada, ele revira os olhos e volta a falar. — As mulheres são sempre as piores. Vocês não sabem a hora de parar. Resistem demais ou imploram. E bem, tenho um voo hoje de tarde. Eu preciso fazer o meu trabalho antes de ir embora. Preciso deixar tudo limpo.

Engulo em seco, apavorada. Ele fala com tanta facilidade, como se matar alguém não fosse algo tão ruim e horripilante.

— Não quero dormir — murmuro com a voz embargada.

— Tudo bem, você quem sabe, gatinha.

Me dá um sorriso medonho e pisca.

Dou as costas para ele e caminho até Romie, que está deitada em cima do colchão. Confiro o seu pulso ao mesmo tempo em que penso como podemos

escapar daqui. Mas infelizmente, não existem alternativas.

Há dois homens armados no galpão e um assassino de aluguel nos observando.

Como podemos fugir disso?



Não passa das cinco da manhã quando sou acordado com batidas fortes na porta do quarto.

— Julian? — Nicholas chama. — Precisamos de você... — ele hesita um pouco, mas logo torna a falar. — Lina foi sequestrada.

Dou um pulo da cama, totalmente desperto. Caminho rápido até a porta e torço para ser a porra de uma brincadeira de muito mau gosto. E se for, alguém vai pagar caro por tirar o meu sossego.

— Espero que esteja mentindo — resmungo.

Nicholas solta um suspiro de enfado. Está usando roupas normais, o que me faz concluir que vestiu a primeira coisa que viu antes de vir para cá.

— Não estou.

Contraio o músculo da mandíbula ao mesmo tempo em que fecho as mãos em punho e esmurro a parede. Respiro fundo, tentando manter a cabeça no lugar e pensar em linha reta, bolando estratégias para ter minha de garota de volta.

Desço as escadas com Nicholas na minha cola e vou até o escritório. Lá, se encontram alguns dos nossos homens mais confiáveis e uma Sophia de

maquiagem toda borrada e olhos inchados.

— Julian — ela fala assim que me vê. — Precisamos ir à polícia, mas eles não me deixam sair daqui. Que merda é essa? Por que eu tô aqui? Eu preciso ir à polícia.

Aproximo-me dela, mas a garota recua, me encarando com os olhos afiados e os lábios prensados.

Sophia está irritadíssima.

— Tem a ver com você, não é? — indaga e eu fico calado. Como não tem respostas, ela vem para cima de mim e começa a desfrear socos no peito com força. — Seu cretino! É culpa sua, não é? É culpa sua — berra.

Um dos meus homens a segura, afastando-a de mim e ela começa a gritar, espernear. Faço um sinal com a mão para que a solte, e no mesmo segundo, ele me obedece.

— Me conte o que aconteceu — falo. Sophia faz cara feia e continuando calada. — Sophia, eu preciso saber o que aconteceu — digo com a voz firme.

A garota balança a cabeça e começa chorar em silêncio.

— Tinha alguém no apartamento dela, um homem. Quando eu o vi, tentei gritar, mas ele tampou minha boca e injetou algo em mim. Depois, eu tentei avisá-la, mas ele conseguiu pegá-la. E quando acordei, eu estava sozinha. Ela foi sequestrada, não é? É claro que sim. Ai meu Deus, que merda é essa?

Meu peito sobe e desce, o coração acelerado e a raiva tomando conta do meu ser. Passo a mão no topo da cabeça, pensando no que fazer. Com certeza vou acabar com o desgraçado que resolveu sequestrar Lina.

— Já coloquei homens nas ruas — Nicholas avisa e eu assinto.

— Por que não tinha homens cuidando da segurança de Lina? — quero saber. Nicholas abre a boca, mas fecha. Ele não tem respostas. Solto uma risada sarcástica. — Se não encontrarmos Lina nas próximas horas, os homens que deviam estar cuidando dela... vão pagar caro por isso.

Saio do escritório, irritado. Nicholas me segue, em silêncio. Antes de chegar as escadas, dou de cara com a minha mãe descendo os degraus aos

prontos e com o celular na mão.

Respiro fundo e fecho os olhos.

— Mamma... — sussurro.

— É a Romie — começa a falar, choramingando. — Levaram a minha garotinha, Julian. Levaram...

Massageio minhas têmporas, odiando Noah por ter resolvido ir à Nova Iorque agora.

— Como assim? Ela não está em casa?

Ela nega com a cabeça.

— Romie foi dormir na casa de uma amiga, mas tinha homens e a levaram. Levaram minha filha, Julian. Minha menina.

Puxo a mamma para um abraço e deixo que chore em meus braços. Deposito um beijo no seu emaranhado de cabelos e aperto contra meu corpo.

— Vou encontrá-la, mamma.

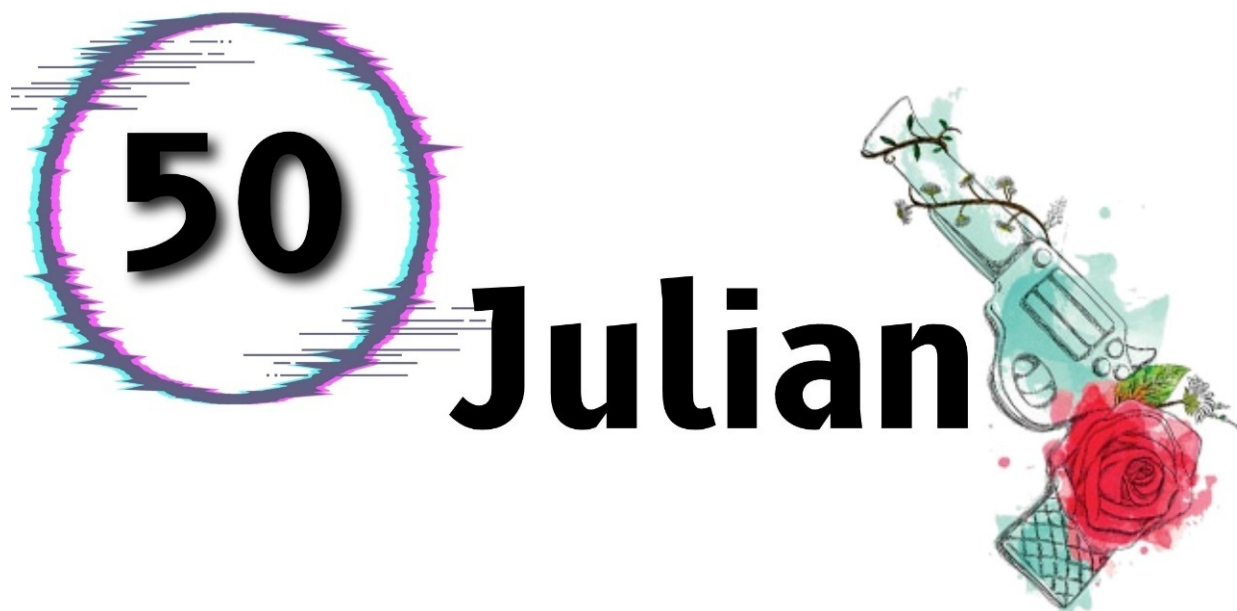
— Traga minha garotinha, Julian. Eu não posso perdê-la também — sussurra, chorando. — Por favor, filho.

— Tudo bem, mamma.

Troco um olhar com Nicholas e faço um gesto quase imperceptível com a cabeça, que ele entende sem pestanejar. Meu melhor amigo pega o celular de dentro do bolso da calça e liga para Liam.

É uma droga, mas a essa altura do campeonato, eu torço para que Romie ainda esteja usando o colar que dei de presente de aniversário e que as duas estejam juntas.

Eu preciso encontrá-las.



Liam é excepcional.

Em menos de dez minutos encontrou Romie. Ela ainda está em Montreal, em um galpão de uma fábrica abandonada, que fica a quase meia hora de distância de onde estamos.

Dispenso Liam, mas antes oriento a não falar para ninguém o que estava fazendo aqui.

— Não está pensando em ir lá sozinho, não é? — Nicholas indaga assim que Liam sai do escritório.

— Você sabe o que vou fazer, por que ainda pergunta? — retruco.

— Precisamos de reforços. Não pode ir sozinho.

Nego com a cabeça.

Meus instintos dizem para não deixar ninguém, além de Nicholas saber de toda a situação. Por algum motivo, eu não confio em William ou Gabriel para me ajudarem a resgatar minha irmã e Lina.

Meu pai me ensinou que os instintos também são importantes e que nunca erram. Hoje, serei guiado pelo que aprendi com meu pai. Não posso correr o risco de perder uma das duas.

Nunca vou me perdoar por isso.

Droga. Eu espero que Lina esteja com Romie. Se as duas não tiverem juntas, Montreal vai virar um inferno, porque só vou parar quando elas estiverem seguras.

— Vou com você — Nicholas avisa. — Os homens que me trouxeram Sophia são confiáveis. Deixem que nos ajudem.

— Só eu e você — é o que digo.

Ele suspira, mas assente. Meu amigo visivelmente não concorda comigo, mas ele é leal demais para ir contra a minha vontade. Ótimo. Lealdade é um sinal de confiança. E a última coisa que eu quero no momento é discutir com uma das pessoas que eu mais confio na vida.

Saio do escritório e caminho na direção da academia subterrânea da casa. Nicholas me segue. Abro a porta e desço as escadas e vou direto na porta escondida atrás de um armário. Nicholas me ajuda a afastá-lo e eu digito a senha na fechadura eletrônica.

A porta se abre.

Meu pai sempre gostou de segurança e para ele, ter um pequeno arsenal de armas escondido em casa era sinônimo de manter a família segura. Ninguém além de Noah e eu têm acesso a esta sala.

— Só estive aqui uma vez — Nicholas fala. — No meu aniversário, seu pai me deu uma arma de presente. Disse que eu podia escolher qualquer uma.

Sorrio.

— Ele te considerava um filho — comento ao abrir um dos armários e pegar dois coletes táticos.

— Eu sei. Ele era um pai pra mim também — sussurra.

Jogo um colete para Nicholas, que pega no ar.

— Pegue o que quiser — digo e ele assente.

— Vou te dar cobertura — avisa ao escolher um rifle. Lanço um olhar para ele por cima do ombro e assinto. — Vamos trazer as garotas de volta, Julian.

— Vamos.

Vou trazer as garotas de volta nem que isso seja a última coisa que eu faço em vida.



Nicholas estaciona a van na rua de trás da fábrica abandonada. Confiro a pistola em punho e ele faz o mesmo com o rifle antes de descer do veículo. Nós dois contra sei lá quantos.

É um péssimo plano, no entanto, é o único que tenho no momento.

Minha vida é baseada em estratégias, mas no momento, a única coisa que consigo pensar é que quero entrar de uma vez no galpão e acertar com a minha arma o maior número de homens que eu puder.

No entanto, Nicholas está com a cabeça no lugar e diz que precisamos avaliar a situação primeiro.

— Olhe pra mim — meu amigo diz ao segurar meu pescoço com força. — Estamos juntos e isso quer dizer que eu não vou te deixar morrer hoje.

Aperto a mandíbula, pronto para retrucar, mas ele é mais rápido.

— Vou verificar o perímetro.

— Esse é o seu plano? — resmungo.

— É melhor do que entrar de qualquer jeito. Temos vantagem, mas somos apenas dois, vamos aproveitar isso.

— Certo — concordo, contrariado.

Ele está certo, mas isso não significa que eu esteja feliz com a merda desse plano.

Nós dividimos. Ele sobe até a caixa d'água da fábrica para verificar com quantos homens nós precisamos lidar, e eu espero nos fundos do galpão,

escondido atrás de uma caçamba velha.

— Quatro homens armados do lado de fora do galpão... — Nicholas fala comigo através do mini comunicador de ouvido depois de alguns minutos. — Três homens dentro. Não estou vendo Romie, mas consigo ver Lina.

Engulo em seco, sentindo o coração na garganta.

— Ok.

— Vou cobrir sua retaguarda. Você tem menos de um minuto, Julian.

— É o suficiente — retruco.

Os sons de risadas e conversas chegam até mim pelo ar e eu sinto o sangue do corpo todo ferver, mas me controlo para não aparecer atirando para tudo que é lado e acabar com a nossa vantagem.

— Nossa missão é buscar as garotas e destruir qualquer um que esteja envolvido nisso — lembro Nicholas.

— Certo.

— Não erre, Nicholas — digo.

— Eu nunca erro — fala, presunçoso. — Pronto? — quer saber.

— Sim.

Em questão de segundos, ouço tiros e eu começo a correr para frente do galpão e vejo dois homens caídos no chão. Os outros em pé estão de costas para mim, então os derrubo ao acertá-los sem dificuldade. Antes que possa entrar, surge mais um filho da puta, apontando uma arma para mim.

Nicholas o derruba.

Ele tem uma mira perfeita.

Entro no galpão e vejo um homem loiro sentado em uma cadeira perto de uma mesa, e outro apontando um rifle para Romie, que está caída no colchão fino, e Lina, que está sentada ao lado.

Quando meus olhos encontram os dela, é por pouco que não perco o fio da meada. Minha vontade é de acabar com os dois sem pensar duas vezes. No entanto, não posso arriscar que alguma delas saia machucada daqui.

— Coloque sua arma no chão se não quiser ver as duas morrerem —

ameaça.

Contrariado, faço o que ele pede.

— Tenho o filho da puta do rifle na minha mira — Nicholas fala para mim.

Abro um sorriso.

— Ok — sussurro.

— Ok? — O homem loiro pergunta. — Por que está sorrindo? Tenho um homem com uma arma apontada para as suas garotas.

Nicholas o acerta e ele cai ao lado de Lina. Ela não grita, mas observa o corpo com os olhos arregalados e a boca entreaberta. Minha garota está apavorada.

— Não mais — digo e me abaixo para pegar minha arma. Quando levanto, vejo o loiro rindo. Ele está em pé com uma arma apontado para Lina enquanto me encara.

Sem pensar duas vezes, atiro e ele cai no chão, mas solta uma risada esganiçada, como se a merda da situação fosse divertida.

— Uau. Essa doeu — zomba.

Droga.

O desgraçado também está usando colete.



Lina



Tem um homem morto ao meu lado.

Um homem morto.

Ao meu lado.

Não consigo respirar. O coração bate tão rápido, que o meu peito dói, como se tivesse levado um soco. Meu corpo começa a tremer e sinto ondas de frio horripilantes passarem por mim.

Não consigo respirar.

Acho que estou morrendo.

Ouçó barulho de tiro e é isso que me faz desviar as vistas do homem morto ao meu lado. Andrei está caindo no chão e Julian caminha na direção dele com a arma em punho. Antes que o russo tenha a oportunidade de disparar a arma própria, o mafioso dá um chute na mão dele.

— Vou matar você, seu merda — Julian diz, enfurecido. — Você acabar com você por ter pegado minha garota e minha irmã.

Andrei é louco. Não tem medo de nada, por isso está rindo, como se estivesse se divertindo. Ele dá uma rasteira em Julian, que cai no chão e derruba a arma. Os dois começam a trocar socos e tudo acontece tão rápido, que num

momento Julian está por cima desenfreado golpes, e no outro, por baixo, apanhando.

O russo mostra a faca que tinha escondida no pulso e fala algo para Julian que tenta acertá-lo, mas não consegue.

E como num piscar de olhos, Julian é esfaqueado na barriga.

Ele solta um gemido rouco de dor, mas ainda tenta acertar Andrei, que continua por cima, machucando Julian ao mesmo tempo em que diz que vai matá-lo.

Com dificuldade, eu tiro o rifle do homem morto. Olhar o corpo ensanguentado ao meu lado, me faz tremer e piora a minha respiração.

Eu não sei o que fazer, mas tento mirar no Andrei, o que é difícil, pois não consigo parar de chorar. Nem sei se está ou não travada, mas quando aperto o gatilho, dispara. O impacto é grande e me faz cair para trás.

Meu peito volta a doer. Dessa vez, é mil vezes pior, como se algo dentro de mim estivesse queimando, sufocando. Não consigo respirar. Não consigo nem mexer o meu corpo.

— Lina. Lina — Julian se aproxima de mim. Ele está sangrando. Abro a boca para falar, mas minha voz não sai. — Respire. Respire. Você está tendo um ataque de pânico. — Julian passa as mãos no meu rosto e me ajuda a sentar.

— Julian... — é o que consigo dizer e sai como um sussurro.

— Respire. Expire. Respire. Expire — ele ordena.

Tenho dificuldade, mas faço o que ele pede. Fecho os olhos, tentando respirar fundo e aos poucos, o aperto, a queimação no meu peito vai diminuindo.

— Você está bem agora, Lina.

Olho para Julian, ainda assustada. Ele passa os braços em volta de mim e me abraça forte. Quando me solta, olho para o lado e vejo o Andrei caído no chão e Nicholas em pé, conversando com alguém no celular.

— Eu o matei — digo, chorando.

— Você não fez nada.

— Eu o matei — repito, sentindo o meu peito arder. — Eu matei um

homem — acrescento, atordoada.

— Shhhh, você não fez nada — sussurra, me apertando contra o peito. —
Você não fez nada, Lina.



Perdi a noção do tempo.

Julian me trouxe para casa dele e me disse para tomar banho, depois que entrei no banheiro, não consegui fazer nada além de sentar no chão perto da banheira. O homem caído morto ao meu lado, Julian sendo esfaqueado, eu atirando em Andrei... as cenas ficam se repetindo na minha cabeça como se estivesse em um loop infinito.

Quando a porta do banheiro se abre, eu tomo um susto.

É Julian.

Ele não está mais usando colete, mas a blusa ainda tem sangue. O homem se ajoelha ao meu lado e passa as mãos nos meus cabelos antes de me beijar a testa. Sem dizer nada, me levanta e começa a me despir.

Enche a banheira com água morna, depois segura minha mão e me ajuda a entrar. Sento e na hora que minha pele entra em contato com água, o corpo todo estremece. Ainda em silêncio, Julian pega uma esponja e passa pelo meu corpo com delicadeza, tirando as impurezas desse dia tão louco e horrível.

Quem dera se o banho pudesse apagar as últimas lembranças cravadas na minha cabeça.

Julian ensaboia todo o meu corpo e depois lava o meu cabelo. Quando termina de enxaguar, me levanta e me coloca dentro de um roupão, e em seguida, me tira do banheiro. Eu acho que se não fosse por ele, ainda estaria

sentada no chão, sem fazer nada.

— Se vista — murmura ao apontar para roupas limpas dobradas em cima da cama. — Eva vai trazer algo pra você comer.

Prengo os lábios e assinto.

— Você tá bem?

Ao ouvir minha pergunta, ele olha para o lado esquerdo da barriga e abre meio sorriso.

— Não se preocupe comigo, Lina. Eu estou bem.

— E Romie?

Assento.

— Ela tá bem.

— É verdade? Mason... ele queria me matar? — me ouço dizendo.

Ele enrugando o nariz, depois pausa as mãos no meu ombro e faz carinho de leve.

— Quando você estiver melhor, nós conversaremos — é o que diz ao depositar um beijo na minha testa e caminhar rumo ao banheiro, se trancando lá dentro.

Pego as roupas limpas em cima da cama e visto. Coloco a toalha no cabelo e deito na cama, sentindo o coração pesar uma tonelada. Eu começo a chorar em silêncio. Tanta coisa aconteceu nas últimas horas e eu não sei como digerir tudo.

Ouçoo alguém bater na porta, mas não tenho forças e nem vontade para levantar. Eva diz que está entrando e eu prengo os olhos, fingindo dormir, e só volto a abri-los quando escuto a porta se fechando.

Fico quieta na cama, pensando na minha vida. Como eu era apenas uma garota comum e agora, estou apaixonada por um mafioso e ao que parece, quase morri por isso.

No fundo, eu sabia que um dia isso aconteceria.

A porta do banheiro se abre e eu volto a fechar os olhos. Não quero conversar com Julian. Não quero falar com ninguém. Ele se aproxima de mim e me cobre com o edredom, beija minha cabeça antes de sair do quarto.

Volto a chorar.

Eu amo Julian, mas ele é demais para mim.

Acho que não consigo continuar com isso.

Não consigo continuar com ele.



Lina



Tenho um pesadelo com os últimos acontecimentos.

O homem continua caindo sem vida ao meu lado, mas dessa vez, ele atira em Julian antes e de repente, estou em uma poça de sangue e não consigo me mexer, nem respirar ou gritar.

Acordo de uma vez. O coração acelerado e estou suando frio. Sento e na penumbra do quarto, tento encontrar o abajur para acendê-lo. Tiro a toalha do cabelo e caminho até o banheiro.

Meu reflexo no espelho é deprimente.

Estou acabada.

Depois de pentear os cabelos e lavar o rosto, volto para o quarto e calço as pantufas ao lado da cama. Os olhos pousam rápido em cima da comida em cima da mesa, mas a última coisa que eu quero no momento é comer.

Abro a porta e saio do quarto. O corredor é um silêncio total. Devagar, desço as escadas e ouço burburinho na sala. Reconheço a voz de Julian, mas ele está irritado. Acho que nunca o vi assim antes.

— ... encontre Giuliano — esbraveja e isso estala algo dentro de mim. O traidor. Eu fiquei tão perdida, que não tive oportunidade de falar nada para

Julian. — Ele ultrapassou todos os limites. Não tem perdão.

Quando chego no último degrau, Nicholas e os outros homens no hall, me olham e isso faz com que Julian se vire. No momento em que nossos olhos se encontram, eu sei o que preciso fazer.

Vai partir o meu coração e provavelmente o dele também, mas não vejo outra saída.

É o fim para nós dois.

Nosso romance sempre esteve condenado ao fracasso.

— Vão — ele ordena e os homens, inclusive, Nicholas, saem sem pestanejar. — Você tá bem?

Nego com a cabeça.

— Julian, o Giu...

— Eu sei — ele me interrompe ao cortar nossa distância e parar diante de mim. — Romie me contou tudo.

— Ah — sussurro. — Me desculpe não ter falado, eu esqueci.

Julian sacode a cabeça e de repente, toma meu rosto com uma das mãos, tento ignorar o pequeno choque que passa por mim, mas é impossível.

Meu coração começa a doer. Eu o amo, mas não acho que consiga viver ao lado dele. Julian precisa de uma mulher forte como ele, que não vai pirar com qualquer acontecimento desse tipo. Infelizmente, essa mulher não sou eu.

Sou uma pessoa comum, que está pirando por ter visto um homem morrer bem na minha frente e por ter atirado em outra pessoa.

— Eu matei Andrei? — me ouço perguntando, o coração acelerado e com medo. — Eu fiz isso, não é?

— Não.

— Tem certeza? Não tá mentindo pra mim?

— Não, Lina. Você não matou Andrei — fala e eu respiro fundo, assentindo. — Vá comer alguma coisa.

— Não estou com fome. — Levanto os olhos para encará-lo. — Precisamos conversar.

— Fale.

— Aqui? — questiono, sentindo um desconforto no peito.

A expressão de Julian fica dura ao perceber que algo de ruim está por vir. Entrelaça os dedos aos meus e me puxa até uma porta de madeira que eu nunca nem tinha reparado. Ao entrarmos, noto que é um escritório.

— O que aconteceu? — pergunta assim que tranca a porta atrás de nós. — Converse comigo — fala baixinho, passando as mãos no meu rosto. Fecho os olhos e aproveito o toque dele por alguns segundos.

— Eu acho que não consigo — murmuro.

— Não consegue o quê?

Abro os olhos e noto que ele tem o maxilar cerrado. Parece bravo e triste na mesma medida. Julian é esperto, sabe muito bem do que estou falando, mas parece não acreditar em mim.

Então, começo a falar as palavras em voz alta.

— Não consigo ficar com você. É demais pra mim.

— Jolina... — murmura.

— Eu amo você, mas não consigo. Eu achei que pudesse lidar com tudo, com a sua vida, com o seu mundo, mas a verdade é que... é demais pra mim, Julian. Nós somos de mundos completamente diferentes.

Ele se afasta de mim, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Não diga isso, Lina.

Engulo em seco.

— Você não precisa de mim.

— O quê? — retruca, a voz firme. — Eu não preciso de você?

— Não precisa. Você precisa de alguém que consiga lidar com todas essas merdas e Julian, você sabe, essa pessoa não sou eu.

Ele volta a ficar próximo de mim. Segura meu rosto entre as mãos e prende meus olhos aos seus. Os dele estão tristes e brilham, o que me parte o coração. Julian está com medo de me perder. Isso consegue acabar comigo.

Ele não precisa de mim, mas ainda não consegue enxergar isso.

— Pare de falar besteira, Jolina.

— Eu te amo, Julian Lorenzo Carbone — sussurro e sorrio, mas ele fica sério. — Mas não posso ficar com você. Seu mundo é perigoso demais pra mim e eu não sei lidar com isso.

— Lina... eu vou proteger você.

— Não — sussurro. — Não quero ser alguém que você sempre terá que proteger. Você precisa de alguém que consiga proteger você também, Julian. E... infelizmente... essa pessoa não sou eu.

— Jolina, por favor — pede.

Choro em silêncio.

É a primeira vez que ele está pedindo alguma coisa e isso acaba de vez comigo. O momento é tão triste. Julian está me pedindo para ficar, mas eu não posso. Não sei lidar com o mundo dele.

— Me desculpe.

Seguro suas mãos e respiro fundo antes de tirá-las do meu rosto.

— Não faça isso.

— Me deixei ir, Julian. Por favor.

— Jolina! — repreende num tom firme.

— Você precisa me deixar ir. Se você gosta de mim, vai me deixar ir.

— Eu amo você — fala, fazendo meu coração acelerar. — Por isso, não posso deixá-la ir. Não posso fazer isso. Eu não consigo fazer isso. Você não entende? Não consigo deixar você ir.

Nego com a cabeça.

— Se você me ama, vai me deixar ir, Julian. Vai tem que me deixar ir.

— Lina... vamos conversar — pede, outra vez.

Prengo os lábios e nego com a cabeça.

— Sinto muito, Julian — é o que digo antes de sair do escritório e deixá-lo sozinho.

Choro em silêncio, mas não volto atrás. Eu fiz a coisa certa. É assim que as coisas têm que ser. É, eu preciso ir embora e viver minha vida como se ele não

tivesse existido. Julian é demais para minha vida.

Eu preciso esquecer Julian Carbone.

Eu vou esquecê-lo.



Uma semana depois...

De olhos fechados, sinto Lina se remexer ao meu lado na cama e em seguida, as mãos pequenas dançarem sobre o meu abdômen, descendo até o elástico da minha cueca, que cobre minha ereção matinal.

Sorrio.

Essa danadinha.

Resolvo abrir as pestanas e quando faço isso, vejo-a indo para cima de mim, puxando a cueca boxer para baixo sem acanhamento. Me olhando por cima dos cílios, ela se inclina para frente, jogando a bunda para trás, o que me dá uma visão magnífica do corpo todo arrebitado.

Suspiro quando Lina começa passando as mãos nas minhas coxas, encostando os dedos nas virilhas e depois, agarrando meu pau ereto.

Ela primeiro brinca com a língua, lambendo, lubrificando e só depois, o engole todo, me fazendo grunhir de tesão. Volta a tirá-lo da boca e chupa a cabeça do pênis, me fazendo arquear os quadris. Lina abocanha de novo e faz movimentos perfeitos, ritmados com a boca e as mãos no meu pau.

Sinto o corpo estremecer.

Enfio os dedos entre os seus cabelos, puxando de leve, e vez ou outra, comandando o ritmo. Depois de lambuzar todo o meu pau com a boca, ela vem para cima de mim, levantando parte da camisola e sentando, encaixando de forma perfeita no meu corpo.

Nós gememos juntos com o contato e ela começa com um movimento lento, mas a bucetinha dela continua chupando meu pau ao mesmo tempo em que aperta de forma deliciosa e solta, aperta e solta.

Nossa, eu amo quando ela faz isso.

— Você me deixa louco — grunho, colocando as mãos no seu quadril.

Ela começa a quicar em cima de mim, dando intensidade aos movimentos e eu arqueio de prazer...

De repente, meu celular começa a tocar e eu percebo que estava sonhando. Sento na cama e noto minha ereção. Se não fosse pelo toque do celular, acho que teria gozado dormindo.

Pareço a porra de um adolescente.

Pego o aparelho em cima da cômoda ao lado da cama e vejo nome do subchefe da família Marino saltitar na tela. Levanto num pulo, completamente desperto. Se ele está me ligando a essa hora da manhã, deve ter notícias.

Espero que boas.



Com ajuda da família Marino, o problema com os Fontana foi solucionado. E os russos foram embora quando perceberam que estavam em menor número. É claro que não ter conseguido dar um jeito neles, significa que

podemos ter problemas no futuro.

Demorou um pouco, mas conseguimos encontrar o nosso traidor.

Não tinha mais onde ele se esconder, já que Montreal agora é nossa. Completamente nossa.

Mas olhar Giuliano, o *capitão*, é como um lembrete de que ele mandou matar meu pai, traiu toda a nossa família ao se juntar com os Fontana, sequestrou minha garota e minha irmã. É difícil controlar a raiva e não acabar de uma vez com ele. De qualquer forma, já havia extravasado um pouco dos meus sentidos no rosto dele.

O velho está amarrado numa cadeira. Não parece arrependido do que fez e nem é o tipo que vai implorar pela vida. Na verdade, acho que ele mataria Noah e a mim na primeira oportunidade que tivesse.

— Faça o que tem que fazer, garoto — ele diz num tom sarcástico na direção de Noah. — Você é igual ao seu pai. Eu dei tudo pra essa família e no final, ele matou meu filho.

— Você está esquecendo que o seu filho era um burro do caralho, irresponsável e que várias vezes colocou a nossa organização em risco, porque não conseguia ficar de boca fechada. Além de ter desobedecido muito ao meu pai e roubado dinheiro dos negócios da nossa família — digo, irado.

— Ele tinha que morrer, Giuliano. Meu pai fez o certo. Nossa família teria sido destruída, porque seu filho era imprudente demais — Noah fala.

Giuliano ri com os dentes vermelhos de sangue e diz:

— Seu pai matou meu filho e escondeu de mim. Por seis anos. A merda de seis anos.

Noah assente com a maxilar cerrado.

— Meu pai escondeu a verdade, porque não queria que você perdesse a cabeça. Você era importante pra nós — meu irmão diz, sério.

Ele ri de novo.

— Seu pai era um cretino — ele retruca, debochado.

— E você teria feito o mesmo se fosse com o filho de outra pessoa,

Giuliano — digo, começando a perder a paciência.

O nosso traidor assente, depois cospe sangue.

— Mas esse é o detalhe, ele era meu filho. Tenho certeza que o Don jamais faria algo com vocês se a situação fosse contrária — Giuliano diz, convicto.

— Essa é a diferença entre nós e o seu filho. Meu irmão e eu jamais faríamos algo do tipo — rebato, exasperado.

Noah estica o braço, me impedindo de acertar o velho com outro soco.

— A diferença entre meu filho e vocês é simples... vocês são mais burros. Traficar garotas sempre deu muito dinheiro. Se fizessem isso, seriam dono do país inteiro, não apenas Montreal. Mas insistem em ter um pé no mundo do crime e outro no mundo legal. Por isso, não vão durar muito tempo. Não sem o pai de vocês. E eu posso não ter conseguido destruí-los, mas pelo menos acabei com o famoso Francesco Carbone. Não é suficiente, mas me contento com isso.

Não consigo me conter e acerto outro soco no rosto dele.

— Não ouse falar do meu pai de novo — rosno entre os dentes.

— E a sua garota? Eu soube que ela deixou você — zomba, rindo.

Estou me ajeitando para acertar o filho da puta de novo, quando Noah é mais rápido e fala num tom sério.

— Cale a boca, Giuliano. Não deveria nem estar falando agora.

O nosso traidor cospe sangue no chão e olha para o chefe da família Carbone com desdém.

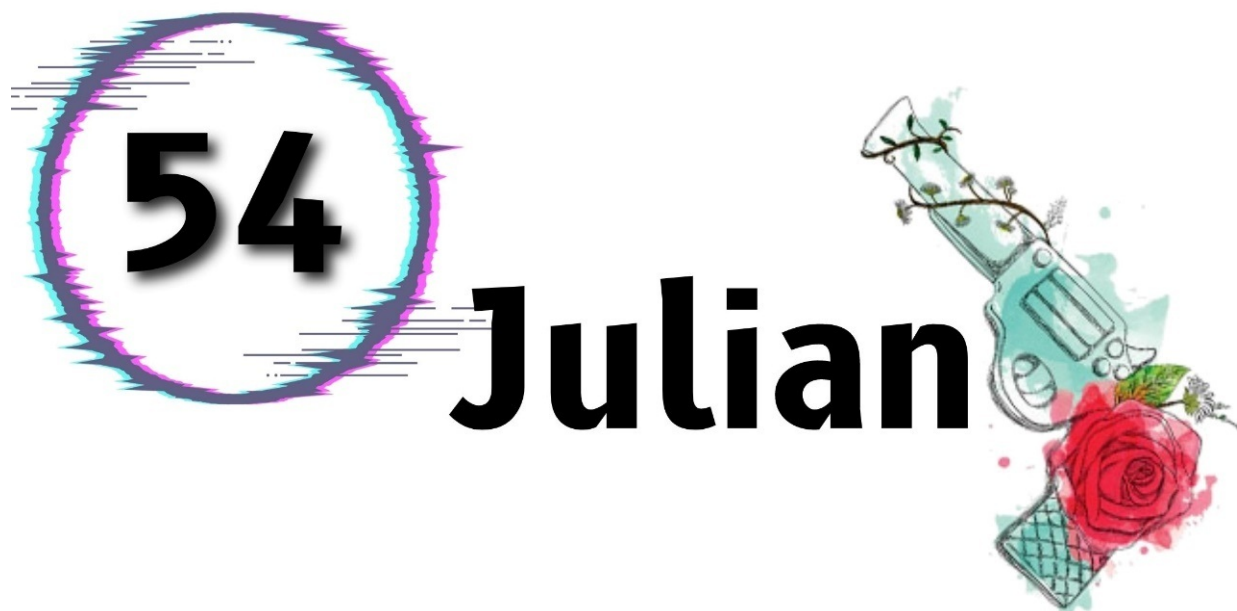
— Me mate logo de uma vez. Sabemos qual o meu destino e que não vou implorar pela minha vida.

— Você tem razão, Giuliano. Que você apodreça no inferno por ter traído nossa família.

Quando subchefe, meu irmão sempre foi do tipo pacífico, tentava resolver as coisas da melhor forma possível. No entanto, as coisas mudam quando te roubam algo que é importante.

Noah troca um olhar com Nicholas, que se aproxima e entrega uma 9 mm. Ele aponta bem no centro da testa de Giuliano e sem pestanejar, dá um fim a

vida do nosso traidor.



A nossa organização foi reestruturada. Demos um fim nos traidores e promovemos alguns dos nossos homens. Nem de longe as coisas estão do jeito que imaginávamos, mas por enquanto, os negócios estão tranquilos. E as ruas também.

No entanto, minha vida amorosa está uma verdadeira merda.

Não consigo para de pensar em Jolina.

Claro que minha vontade é de ir até ela e fazê-la ficar comigo, mas eu ganharia o ódio dela em vez do amor. Preciso aprender com os erros de Noah, mesmo que as situações sejam diferentes.

Hayley odeia meu irmão. Não existe nada no mundo que vá fazer a mulher amá-lo. E bem, ele não é o homem mais esforçado do mundo para conquistar a esposa também. Então, os dois vivem assim, ela o odiando e ele fingindo que não é nada demais ou que um dia isso vai passar.

Não quero isso com Lina.

Ela foi a única que conseguiu entrar no meu coração depois de Rebecca. Não quero perdê-la para sempre.

O celular começa a tocar, afugentando meus pensamentos.

Atendo ao ver o nome de Nicholas piscando na tela do smartphone.

— A senhora Manilyn acabou de embarcar — ele diz. — Total descrição, como pediu. Quando chegar em Montreal, vai estar tudo pronto.

Respiro fundo, aliviado.

— Certo.

— Vá buscá-la no aeroporto, Nicholas e... você sabe.

— Levarei a senhora Manilyn até Jolina, não se preocupe.

— Bom trabalho.

— Obrigado.

Encerro a ligação ao mesmo tempo em que alguém bate na porta e abre devagar. É minha mãe. Sorrio ao levantar da cadeira acolchoada e caminhar até ela, que segura meu rosto com as duas mãos e deposita um beijo em cada bochecha.

— Por que não me disse que estava vindo, mamma?

— Decidi vir de última hora. — Noto seu peito e subir e descer. — Eu me sinto culpada, seu pai amava tanto esse lugar e eu não vim muitas vezes aqui — admite com a voz triste e os olhos começando a brilhar.

Balanço a cabeça.

— Não diga isso, mamma. Ele a amava mais do que qualquer outra coisa.

Ela solta uma risada tímida.

— Está dizendo isso para me fazer sentir melhor? — retruca.

Sorrindo, conduz o minha mãe até o sofá da sala.

— Quer beber algo?

— Não, *mio figlio*.^[18]

Sirvo um pouco de uísque para mim antes de me juntar a ela no sofá. Ela faz um estalo com a língua ao olhar com reprovação o copo em minhas mãos e sacode a cabeça, descrente.

— Você anda bebendo demais, Julian.

Suspiro.

— Eu sempre bebi, mamma.

— Não como ultimamente — rebate. — É por causa de Jolina, não é? — pergunta e faço careta, depois nego com a cabeça. Ela não acredita, é claro. — Se você gosta daquela *ragazza*,^[19] vá buscá-la.

Bebo o líquido do copo de uma vez e o coloco em cima da mesinha de centro.

— Mãe, por que você ficou com o meu pai? — quero saber.

Ela ri.

— Que pergunta é essa. Não tente mudar de assunto.

— Responda, mamma.

Ela suspira e endireita os ombros, depois abre um sorriso apaixonado. Mesmo depois de tantos anos e que o meu pai não esteja mais aqui, minha mãe ainda o amo. Muito.

— Eu sabia que seria um desafio, todos dias. E bem, ele era lindo, protetor, gentil. — Faz uma pausa e passa uma das mãos nos cabelos. — Gentil do jeito dele, é claro. E eu o amava. Eu sabia que a vida ao lado dele seria difícil, mas não conseguia deixá-lo.

Minha mãe amou tanto o meu pai, que ficou com ele mesmo apesar de tudo. E Jolina, ainda não está preparada para viver uma vida ao meu lado.

— Vocês se amavam muito — comento.

— Sim — concorda. — Eu sinto tanta falta dele — sussurra e pisca rápido, tentando segurar as lágrimas.

— Eu sei, também sinto, mamma — assumo em voz baixa.

Ela ajeita os cabelos e me dá um sorriso gentil.

— Venha jantar esta noite, certo? Sinto falta de tê-lo sob o mesmo teto que eu. A casa está tão vazia sem você.

— Até anteontem eu estava morando com você, mamma.

— Eu não sabia que existia um tempo certo para começar a sentir saudades — resmunga ao se levantar. — É assim que as coisas funcionam hoje em dia? —

fala com desdém.

Tento esconder o riso.

Ah, mãe. O que tem de linda tem de dramática.

Fico de pé também e seguro seu rosto entre as mãos. Ela sorri de novo e envolve os braços em volta do meu corpo, me prendendo em um abraço apertado. Aliso os cabelos da mamma e deposito um beijo no topo da sua cabeça.

— Fique bem, ok? Tenho certeza de que é o desejo do papà. Ele amava quando a senhora sorria.

Ela respira fundo entre os meus braços.

— Eu sei, eu sei. Estou tentando ficar bem. — Se afasta um pouco e olha nos meus olhos. — Venha para o jantar. Sua avó também precisa de você. Ela só tem vocês agora.

Dou um beijo em cada bochecha, fazendo-a sorrir.

— A nonna tem a senhora também.

— Eu sei, mas vocês se parecem mais com o Francesco do que eu — brinca, me roubando uma risada. — Esteja em casa às sete e ponto.

Assinto, concordando.

Não importa em qual lugar da hierarquia eu esteja, a mamma é alguém que sempre me fará abaixar a cabeça.



Lina



Esquecer Julian Lorenzo Carbone é mais difícil do que eu pensava. Mesmo depois de ter enfiado minha cabeça no trabalho e nos livros, sempre que a mente dá boeira, eu me perco em pensamentos com ele.

O homem é insistente.

E eu sinto tanta falta dele, mas acho que é melhor assim.

Sophia concorda comigo. Depois de ter sido sequestrada, eu tive de contar a ela o que Julian é. Minha melhor amiga ficou horrorizada e disse que eu tenho que me manter a mil metros de distância do homem.

É claro que tentei argumentar. Julian é perigoso? É claro que sim, no entanto, existe um lado bom nele também. Mas isso só fez Sophia achar que preciso me desintoxicar ou de uma lavagem cerebral.

Talvez ela tenha razão.

Talvez não.

Ai que droga.

— Pare de pensar nele — Sophia fala, chamando minha atenção.

Nós estamos em um café no centro de Montreal. Ela acha que para esquecer Julian de vez, eu preciso conhecer alguém novo, por isso, colocou na

cabeça que vai me apresentar um amigo.

E cá estamos nós.

Ela não sossegará enquanto não me tirasse de casa de qualquer forma.

— Quando você diz pra não pensar nele, é aí que minha cabeça vai trabalhar nisso e fazer o contrário — resmungo. — E de verdade, eu não quero conhecer ninguém.

— Ele é um cara bacana e o melhor... não trabalha com nada ilegal.

— Sophia! — repreendo.

Minha melhor amiga levanta as mãos em rendição.

— Eu sinto muito — murmura, fazendo bico. — Não precisa namorá-lo, basta conhecê-lo. Quem sabe rola amor à primeira vista? — fala a última frase como se estivesse testando as palavras.

Reviro os olhos, mas começo a rir.

Cinco minutos depois, o meu pretende chega. Ele é bonito e parece ser um cara legal, mas não tem nada a ver comigo. Parece certinho demais. Ai, meu Deus! O que está acontecendo comigo? Desde quando, o homem ser certinho demais é defeito para mim?

— Bom, eu preciso ir — Sophia dá aquela desculpa esfarrapada. Fuzilo-a com os olhos. — Cuide bem da minha melhor amiga, Elliot. — Pisca para ele.

Suspiro.

Elliot parece animado em ficar sozinho comigo. E eu odiando tudo.

— Ela é muito sutil — digo, fazendo o meu pretende rir.

— Sophia é uma ótima garota.

— Sim, eu sei — murmuro.

É uma ótima garota. A melhor amiga que todo mundo precisa ter. E ela tem razão, eu preciso esquecer Julian de uma vez por todas, mas ninguém manda no que o coração quer. Eu não consigo arrancá-lo do peito como se fosse um curativo tampando uma ferida.

Tomo um susto quando Nicholas senta no lugar da Sophia. Ele olha Elliot de um jeito estranho e depois, me encara com uma sobrancelha erguida.

— Oi, sou Nicholas — ele diz, oferecendo a mão em um aperto firme. Por instinto ou idiotice, procuro Julian na rua através das janelas de vidro. Infelizmente, só encontro um carro estacionado em mais homens de preto.

— Ah, oi. Eu sou Elioot.

— O que tá fazendo aqui? — pergunto a Nicholas, tentando manter o nível da voz. — Vá embora.

— Não posso. — Respira fundo e volta a atenção para Elliot. — Você não tem chance, garoto. Jolina é comprometida.

— O quê? — Elliot e eu perguntamos ao mesmo tempo. — Nicholas, saia agora ou eu vou chutar a sua bunda — ameaço.

— Você tem namorado? — Elliot quer saber.

— Sim — Nicholas responde.

— Não — retruco. — Não mais — emendo. Massageio as têmporas com as pontas dos dedos, implorando por paciência. — Me desculpe, Elliot, mas Nicholas tem razão, você não tem chance. Sophia acha que preciso conhecer gente nova e eu só estou aqui por causa ela.

— Uau — é o que Elliot diz, chateado. — Acho melhor eu ir embora — diz ao levantar.

Nicholas assente.

Sem olhar para trás, meu pretendente sai da cafeteria.

— Você anda me seguindo? — pergunto entre os dentes.

— Parece surpresa. Acha mesmo que Julian deixaria de cuidar de você? — responde, sério.

— Cuidar é uma coisa, afugentar meu pretendente é outra — rosno.

— Ah, isso... bem, isso é coisa minha. Julian não teria sido tão legal — é o que fala, me fazendo revirar os olhos, injuriada. — Eu vim aqui porque preciso dizer algo.

— O que é?

Faço cara feia e tomo um gole do meu café, controlando a vontade de mandá-lo ir à merda.

— Sua mãe está vindo.

Engasgo-me com o líquido quente e tusso em cima da mesa. Nicholas pega o guardanapo e limpa a mesa suja de baba de café.

— O que disse?

— Ela está vindo. Vou buscá-la e levá-la até você, mas ela não pode ficar por mais de uma semana. Julian conseguiu identidade falsa e ela vai morar um tempo em Los Angeles.

Engulo em seco. O coração acelerado e os olhos ardendo por conta das lágrimas.

— Já? Ela não me disse nada. Quando ela chega? — quero saber.

— Ela quis fazer surpresa. Sua mãe chega amanhã, depois do meio-dia mais ou menos.

Ao ouvi-lo, olho a hora no meu relógio de pulso. São quase dezoito horas agora. Amanhã, meio-dia. Falta tão pouco e ao mesmo tempo, parece tantas horas até eu finalmente conseguir abraçá-la depois de três anos.

— E o meu pai?

— Não está feliz, é claro — é o que fala. — Mas ele não vai encontrá-la, não se preocupe. Enquanto estivermos protegendo sua mãe, ele não vai tocá-la.

Mordo o lábio inferior e assinto.

— Obrigada — sussurro. — Diga ao Julian que sou muito grata.

— Ele não fez isso pra receber um obrigado — começa a falar. — Julian fez isso porque você é importante pra ele.

Meu coração bate tão alto dentro do peito, que me pergunto se Nicholas pode ouvir.

— Eu sei — admito.

Nicholas abre meio sorriso e assente. De maneira inesperada, passa a mão na minha cabeça antes de levantar e ir embora, me deixando sozinha no café. Permito que as lágrimas escapem dos meus olhos e respiro fundo.

Como esquecê-lo? Como fazer isso se ele ainda continua tão presente na minha vida? Por que ele não para de cuidar de mim? Por que não para de fazer

coisas por mim? Droga.

Como vou tirá-lo do meu coração?

— Meu Deus, eu saio por dez minutos e você coloca tudo a perder? — Sophia fala atrás de mim. Eu sabia que ela não tinha ido longe demais. Limpo as lágrimas com as costas das mãos e tento sorrir, mas ela nota meus olhos vermelhos. — Por que está chorando? — indaga ao sentar ao meu lado.

— Minha mãe está vindo pra cá — digo.

Sophia abre um sorriso largo e joga os braços em volta do meu pescoço.

— Que notícia maravilhosa, amiga.

— Sim, é. — Afasto-me dela e seco as lágrimas que ousaram cair de novo. — Julian cuidou disso.

— Ah, não — resmunga.

— Sophia... — Pego a sua mão em cima da mesa e a olho com intensidade. — Ele não é tão ruim, e não vou mentir, eu amo Julian. Não sei se vamos ficar juntos de novo, mas você pode só ser minha amiga e ficar comigo? Eu não preciso de um cupido agora, só preciso de alguém que fique ao meu lado, esperando os pedaços do meu coração partido se juntarem outra vez.

Os olhos de Sophia brilham, porém, ela não chora. Volta a me abraçar e dessa vez, me aperta forte, como se não fosse capaz de me soltar.

— Me desculpe. Prometo que vou ficar quieta, esperando o seu coração partido sarar.

Rio entre as lágrimas.

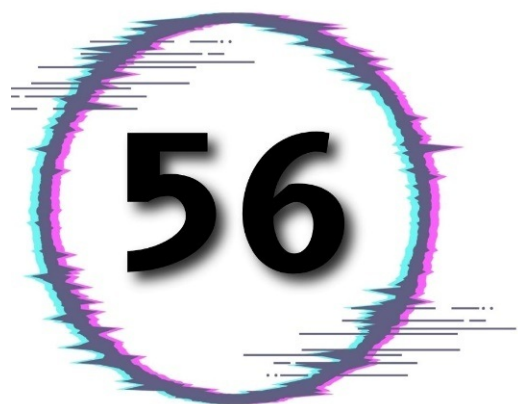
— Obrigada.

Aperto-a contra mim e suspiro, aliviada. Mesmo que ela seja maluquinha, eu a amo tanto. Não consigo ficar brava com Sophia, ainda mais quando sei que está fazendo o que acha ser o certo.

E me fazer esquecer Julian parece o certo para ela. Parece o certo no momento. Mas esquecê-lo não é algo que esteja sob o meu controle.

No fundo, eu sei a verdade.

Esquecer o homem da máfia não é algo que eu queira fazer.



Lina



Depois de saber que minha mãe está vindo, a única coisa que eu consegui fazer foi esperar em casa. As horas resolveram se arrastar e o tempo parecia uma eternidade. Apesar da vida não está do jeito que eu desejava, estou feliz de ela ter conseguido se livrar das garras do meu pai.

Espero que agora minha mãe seja feliz.

Minha noite de sono foi turbulenta demais. Eu sonhei com minha mãe e com Julian. Eu estava tão feliz na minha fantasia, que levantei da cama com um sentimento esquisito no peito.

Droga.

Eu sinto tanta falta dele, que estou começando a me odiar por isso.

Por que eu tive que amá-lo desse jeito?

As lembranças do dia em que eu terminei com ele preenchem minha cabeça. Ele ficou tão triste e aquilo acabou comigo. Acho que foi ali que o meu coração se quebrou em tantos pedaços, que agora, parece impossível de consertá-lo.

Nem tinha notado, mas parei de andar e estou congelada no lugar, no meio da sala, incapaz de chacoalhar as lembranças da minha mente.

Meu celular notifica uma mensagem e é isso que me faz sair do êxtase. Pego o aparelho em cima da mesinha de centro e acabo derrubando um dos meus livros no chão. É Nicholas avisando que já pegou minha mãe no Aeroporto e já estão a caminho.

Fico tão feliz, que me jogo no sofá, sorrindo. Me inclino para pegar o livro caído perto da mesinha e quando o agarro com uma mão, noto o voucher de mil dólares sair de dentro do livro e tocar o chão.

Meus lábios se esticam em um sorriso.

Pego o voucher com as pontas dos dedos e o observo, como se ele fosse capaz de me dar as respostas e ajeitar minha vida bagunçada. Como se o pedaço de papel entre os dedos fosse capaz de me dizer o que fazer.

É claro que ele não diz, mas acabo me sentindo incentivada para fazer algo.

Digito uma mensagem de texto para Julian.

“Minha mãe já está chegando. Obrigada, Julian. Isso é importante para mim. Espero que você esteja bem.”

Espero ávida por uma resposta, mas o homem decide se fazer de difícil e não me manda nada de volta. Tudo bem, talvez ele esteja ocupado demais.

Ou tentando me dar um gelo.

Pensar que ele está me dando um gelo me incomoda um pouco. Muito, na verdade. Droga. O que tenho na cabeça? Fui eu mesma quem dispensou Julian. O que eu esperava? Que ele ficasse sofrendo por mim?

Talvez um pouco...

No entanto, Julian Lorenzo Carbone não faz o tipo de homem que vai ficar sofrendo por uma mulher. Eu sei muito bem como ele vai me superar. Talvez esteja comendo aquela ruiva ridícula. Que cretino. Imbecil.

Pronto.

Eu estou puta da vida.

Envio outra mensagem para ele.

“Por favor, senhor Carbone, ignore minha última mensagem. Foi um momento de colapso, insanidade mental. Eu não deveria estar tentando conversar com você. Então, tchau.”

— Babaca — resmungo quando noto que ele não vai me responder de jeito nenhum. — Idiota — emendo, em um rosnado.

Deixo o celular em cima da mesinha de centro e fico de pé, procurando o que fazer, mas não encontro nada. Meu apartamento está perfeito.

Ontem quando cheguei em casa, fiquei tão ansiosa com a notícia de que minha mãe estava vindo, que dei uma faxina daquelas.

Não existe mais o que limpar nesse apartamento.

Não existe nada que eu possa fazer no momento.

Então, sento no sofá e espero minha mãe.



Lina



Depois de intermináveis horas, ok, talvez não tenham sido tantas horas assim, Nicholas chega com a minha mãe. Quando meus olhos encontram os dela do outro lado da porta, eu já estou em prantos.

— *Aking mahal*^[20] — ela diz ao envolver os braços no meu pescoço. — Me desculpe por ter demorado tanto. Me desculpe, querida.

— *Nanay*^[21] — choramingo contra os seus cabelos. — Eu senti tanta sua falta — emendo.

Ela se afasta um pouco e segura meu rosto entre as mãos, sorrindo entre as próprias lágrimas.

Nicholas pigarreia, interrompendo o nosso momento. Minha mãe dá um passo para trás e o homem entra com as duas malas grandes e as acomoda perto do sofá. Peço um segundo a minha mãe e o acompanho até fora do apartamento.

— Muito obrigada. Sério.

Sem pensar muito, jogo meus braços em Nicholas e o abraço. No começo ele fica sem jeito, mas acaba me abraçando de volta. Quando recuo, noto que ele tem um sutil sorriso nos lábios.

— Não era pra eu estar recebendo os abraços — comenta, sugestivo.

— Eu mandei mensagem agradecendo, mas ele não me respondeu. Deve estar ocupado demais com a ruiva — resmungo, e o sorriso de Nicholas aumenta, como se ele soubesse de algo que eu não sei. — O que foi?

— Nada. — Passa a mão no topo da minha cabeça e eu reclamo, porque me faz parecer uma criança. — Aproveite os dias com sua mãe. Essa semana é de vocês, mas ela vai precisar ir pra Los Angeles.

— Eu sei, mas uma semana parece pouco — admito.

— Você pode visitá-la em Los Angeles, Lina.

Sorrio e assinto.

— Certo, obrigada. Tchau. — Faço um gesto com a mão e entro no apartamento de novo. Minha mãe está voltando do meu quarto. Acho que já inspecionou o lugar inteiro. — Gostou?

— É tão pequeno. É aqui que você tem morado?

Se ela soubesse que o apartamento é muito melhor que o dormitório em que vive por um ano. Esse lugar pequeno se tornou o meu lar e para mim, é muito confortável. Na verdade, nas noites em que me senti sozinha, parecia grande demais para apenas uma pessoa.

— Sim. Eu amo aqui, mãe.

Ela concorda e vem até mim, estendendo as mãos, que seguro no ar e nós duas sentamos no sofá. Mamãe abre um sorriso triste enquanto observa o meu rosto e sem dizer nada, me puxa para um abraço apertado.

— Eu te amo tanto, mãe.

— Me desculpe — sussurra. — Eu falhei tanto com você, Jolina. Seu pai... eu não devia ter o deixado me afastar tanto de você. Me perdoei por isso, por favor. Prometo ser uma mãe melhor a partir de hoje.

— Tudo bem, mãe, é passado — retruco.

— Sim, mas... — Arreda um pouco e toma meu rosto com uma das mãos. — O passado também tem a capacidade de fazer doer. E eu não quero o passado doa em você.

— Mãe...

— Me perdoa, Jolina. Nunca mais vou deixar o seu pai ou algum um homem me afastar de você. Eu prometo. — Pega minhas mãos e beija, me fazendo sorrir. Me joga em cima dela, derrubando-a em cima do sofá e ela solta uma risada gostosa de se ouvir. — Ainda continua uma moleca — diz, alisando meus cabelos.

— Seremos felizes agora, mãe.

— Eu sei, meu bem. Seremos sim — murmura e eu começo a chorar. Estou feliz, emocionada e de coração partido. Que combinação perfeita. — O que foi? São lágrimas de felicidade? — quer saber.

Sento no sofá e rio ao mesmo tempo em que tento limpar o meu choro.

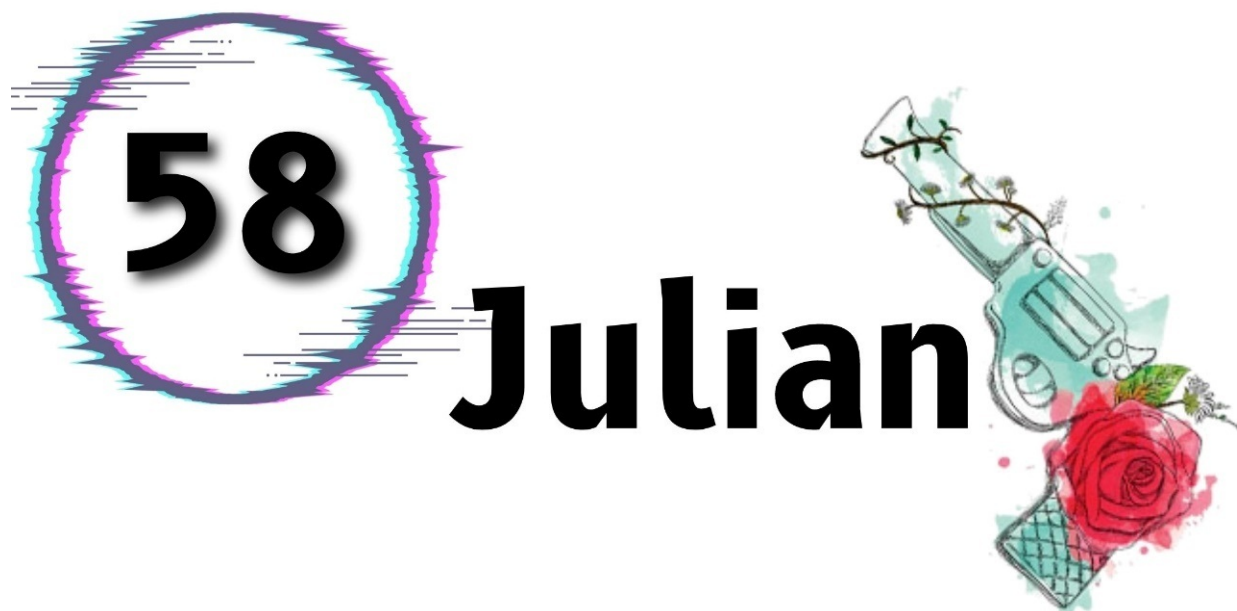
— Também, *nanay*. Também.

— Tem certeza?

— Sim.

— Ok, mas agora, eu preciso que me esclareça as coisas, filha — começa a falar e eu fungo, concordando com um aceno. — Quem são os homens bonitos que me trouxeram aqui? Quem me ajudou a sair das Filipinas sem o seu pai ficar sabendo?

Levo ar até os pulmões, me preparando para explicar as coisas a minha mãe.



Cancelo toda a minha agenda do dia e decido de última hora ir ao Aeroporto buscar a mãe de Lina.

Parece a coisa certa a se fazer.

Nicholas preparou uma plaquinha com o nome da mãe da *minha* garota. Eu fico meio inquieto com isso. Talvez, com um pouco de ciúmes. Ou pode ser o estresse de não ter Lina comigo.

— Nervoso? — meu melhor amigo quer saber.

— Por que eu estaria? — retruco, ranzinzo.

Nicholas balança a cabeça de um lado para o outro antes de dizer.

— Esquece.

Alguns minutos mais tarde, chegamos ao aeroporto. Nicholas e eu caminhamos até o portão de desembarque, e o soldado que veio dirigindo, espera no carro.

Não falarei isso para o Nicholas, mas sou capaz de reconhecer a mãe de Jolina.

Primeiro, porque eu vi fotos da Manilyn. Eu precisei disso para mandar emitir os documentos com a nova identidade dela. Segundo, porque ela é muito

parecida com a *minha* garota.

Minha garota.

Porra. Eu sinto tanta falta dela.

Lina não sabe o esforço que estou fazendo para ser um cara legal e não ir atrás dela. Cada terminação nervosa do meu corpo me diz que devo fazê-la entender que o melhor é ficarmos juntos. Que ela é o que eu preciso.

Até quando vou conseguir me controlar? Não faço a mínima ideia. Uma semana sem vê-la e parece que estou vivendo a merda de uma eternidade entediante.

Volto para realidade quando vejo a mãe de Lina passar pelo portão de desembarque. Ela é bonita e muito parecida com a filha. Ao notar a placa com o nome, a senhora Manilyn assente, tímida.

— Oi, eu sou Manilyn, prazer — ela diz, no nosso idioma e com um sotaque que é tão parecido com o de Lina.

— Oi, senhora Manilyn. — Estendo a mão em cumprimento. — Eu sou Julian Carbone, e esse é Nicholas Farley.

A senhora Manilyn assente ao dizer:

— Ah, certo.

— Somos amigos da Jolina — Nicholas comenta.

Ouvir que sou apenas um amigo de Jolina me deixa com um gosto amargo na boca. Amigo? Eu? Apenas, amigo? Isso me soa errado de tantas maneiras que é impossível descrever com palavras.

Nicholas começa a puxar o carrinho com as malas e nós caminhos até o carro. Apesar de parecer meio desconfortável, a senhora Manilyn se acomoda no banco de trás e tenta sorrir para nós.

— Então... como conheceram minha filha? — ela quer saber.

Nicholas que sentou no banco do carona, lança uma olhadela para mim ao mesmo tempo em que tenta esconder um sorrisinho insolente. Afrouxo o nó da gravata, pensando em como responder à pergunta.

— Bem... — começo a falar. — Num restaurante — digo meia verdade,

fazendo-a assentir.

— Ah, sim, entendo. — Olha para mim. — Obrigada por me ajudar. Não sei o que precisou fazer para me trazer aqui, mas tem minha gratidão.

Sorrio de lado.

— Não por isso.

O celular no meu terno vibra. Pego o aparelho e vejo uma mensagem de Jolina.

“Minha mãe já está chegando. Obrigada, Julian. Isso é importante para mim. Espero que você esteja bem.”

Antes que possa responder o sinal de bateria fraca pisca na tela do smartphone e o aparelho desliga.

— Queria que Jolina fosse comigo para Los Angeles — ela fala, pensativa.

Tento não demonstrar como isso me deixa inquieto. Lina morando em outro país, tão longe de mim. Não sei se consigo. É demais para mim.

— Mas eu conheço a minha filha, ela não largaria a faculdade para me seguir. Eu não fiz isso quando ela me pediu, não posso pedir que faça o que eu não fiz, certo? — Solta uma risada triste. — E ela sempre quis morar aqui.

Ergo uma sobrancelha, levemente curioso.

— Sério?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Há uns oito anos, meu falecido irmão viajou para Georgian Bay.^[22] Foi a última viagem que ele fez antes de... antes de morrer.

— Eu sinto muito — sussurro.

— Está tudo bem. — Dá um sorriso fraco. — Ele gostava desse negócio de mergulho, e quando veio para cá, foi ao *Fathom Five National Marine Park* ^[23] e observou os barcos naufragados no fundo do mar. Ele deu um cartão-postal para Jolina. — Manilyn abre um sorriso meigo. — Ele falou que aqui era um lugar

incrível e que tinha conhecido pessoas maravilhosas, que levaria para vida inteira.

A mãe de Lina faz uma pausa e respira fundo, entrelaçando os dedos das mãos.

— Ele contou a ela, que tinha escutado uma música em um bar. Eu me lembro da letra, porque Jolina cantou por tantos anos — fala e ri.

Eu acabo rindo também. Isso é bem a cara dela.

— *Porque dizem que lar é onde o coração está gravado. É aonde vamos quando estamos sozinhos, é aonde vamos para descansar. Não é só onde encostamos a cabeça, não é só onde fazemos a cama. Desde que estamos juntos, importa para onde vamos?* ^[24] — Manilyn cantarola baixo, me roubando meio sorriso.

— É uma música linda — comento.

— Sim, é sim. — Sorri para mim. — Meu irmão disse a Jolina que se um dia ela achasse que precisava ir embora, o medo não podia impedi-la disso. E que ela não precisava se sentir culpada. Às vezes, eu acho que ele conhecia minha garota melhor do que eu.

— Ela ama você — digo, repente.

— Eu sei. Por causa do meu marido, eu a ignorei por tanto tempo e mesmo assim, ela não desistiu mim. Sou sortuda por tê-la comigo. — Algumas lágrimas escapam dos seus olhos e ela limpa quase que de imediato. — Ah, droga. Estou emotiva demais — brinca.

— Tudo bem.

— Obrigada, Julian — fala e olha as ruas de Montreal através da janela de vidro.

Vamos o resto do caminho em silêncio, mas de nenhum jeito é constrangedor. Minha cabeça é preenchida por uma Jolina jovem, serelepe, sonhadora e que cantarola uma música para cima e para baixo.

Sorriso.

É tão linda e pura.

Como alguém pode ser assim? Como alguém pode ter tomado meu coração de tal forma? Eu acho que Lina é minha ruína na mesma intensidade que é minha salvação.

Chegamos ao nosso destino e eu decido esperar no carro. Nicholas tira a bagagem de Manilyn do porta-malas e a leva até a filha. Observo os dois subirem as escadas e depois sumirem prédio adentro.

Pego o celular de dentro do terno só para lembrar que está desligado.

Solto uns resmungões.

— Eu tenho um carregador portátil, o senhor quer? — o saldado que está dirigindo pergunta, depois de ver minha cara amarrada.

— Sim, claro.

Ele abre o porta-luvas e me entrega o carregador. Enfio a entrada USB no smartphone e espero. Assim que o celular liga, sou notificado com uma nova mensagem de Lina.

Sorrio ao ler o que ela mandou.

“Por favor, senhor Carbone, ignore minha última mensagem. Foi um momento de colapso, insanidade mental. Eu não deveria estar tentando conversar com você. Então, tchau.”

Meus dedos ágeis respondem Lina.

“Também sinto saudades.”

Nicholas entra no carro e se acomoda ao meu lado. Ele tem meio sorriso no rosto, como se soubesse algo que eu não sei.

— Ela está brava — avisa.

Enrugo a testa.

— Por quê? — questiono.

— Você não respondeu a mensagem que ela mandou.

Mordo o lábio inferior, tentando esconder um sorriso.

— Ah, isso — é o que digo.

Nicholas abre a boca para falar algo quando o celular dele nos interrompe.

— Vá em frente — articulo, me ajeitando no banco do carro.

Observo Nicholas de soslaio. Ao ouvir a pessoa do outro lado da linha, noto o músculo do seu maxilar contrair. Ele encerra a ligação ao dizer “Ok”.

— O que aconteceu? — quero saber.

Ele solta um suspiro, de repente, parece cansado e em seguida, cruza o olhar com o meu.

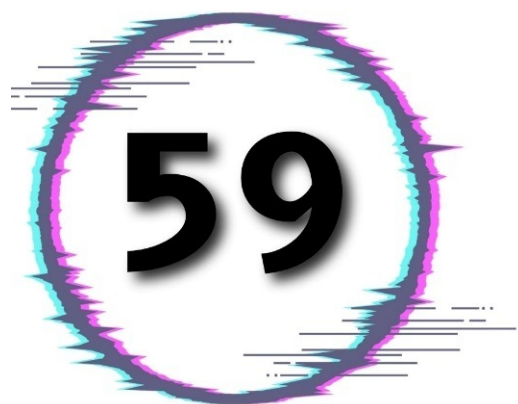
— Minha mãe... ela morreu, Julian. Minha irmã está sozinha agora. Ela não tem ninguém.

Assinto.

— Talvez esteja na hora de voltar pra casa, Nicholas.

— Aqui é minha casa — retruca, rápido.

— Eu sei, mas lá também é, Nicholas. E sua irmã... é sua família também. Não pode deixá-la sozinha.



Lina



A semana com a minha mãe passou voando. Nem acredito que já estamos a caminho do aeroporto. Tento sorrir, não quero parecer triste. Ficar um tempo em Los Angeles vai ser bom para ela.

E quando a poeira baixar ou eu me formar, o que vier primeiro, nós decidiremos o que fazer.

— Não se preocupe com nada, senhora Manilyn. Quando chegar em Los Angeles terá pessoas esperando pela sua chegada — Thomas fala ao se remexer no banco do carona, fazendo minha mãe entrelaçar os dedos aos meus e apertar de leve.

Thomas está nos acompanhando hoje, porque Nicholas precisou voltar para Toronto por causa da morte da mãe. É estranho, eu encontrei minha mãe e ele perdeu a dele. E eu nem tive tempo de dizer que sinto muito pela sua perda.

— E quando a senhora estiver preparada para assumir a sua identidade de novo, o advogado de confiança que temos nos Estados Unidos vai entrar com os papéis do divórcio por procuração.

— Obrigada, Thomas — ela fala.

— Não precisa se apressar. Leve o seu tempo, ok? Estaremos prontos

quando a senhora estiver.

— Ok, obrigada, de novo.

Ela me olha e sorri.

— Mãe, me ligue todos os dias, certo?

— Acho que os papéis se inverteram. Parece que agora você é minha mãe — ela zomba, me roubando uma risada. — Vou ligar todos os dias.

Para minha tristeza, chegamos ao aeroporto mais rápido do que eu gostaria. Thomas e outro homem ajudam com a bagagem no porta-malas e colocam em um carrinho. Entrelaço meu braço na minha mãe e vamos fazer o check-in, que não demora nada.

Desde que minha mãe colocou os pés em Montreal as horas começaram a passar como num piscar de olhos.

Antes de ir para o portão de embarque, ela segura meu rosto com as duas mãos e me beija a testa, sorrindo.

— Sobre aquilo que conversamos... — mamãe começa a falar. — Precisa seguir o seu coração, querida. Não fuja dos seus sentimentos, eles podem te sufocar alguma hora.

Nego com a cabeça.

Foi uma péssima ideia contar a ela sobre o meu coração partido. Tudo bem, preciso de um desconto, eu não tive escolha. Minha mãe não sossegaría enquanto eu não dissesse o que estava me incomodando.

E poxa, ela é minha mãe. Senti falta de conversar com ela e falar sobre garotos, essas coisas idiotas, mas que me mexem tanto a gente.

— Mundos diferentes, lembra? Eu e ele... nunca vamos dar certo, mãe. O máximo que pode acontecer é chocarmos um contra o outro, colidirmos. E o estrago vai ser grande, mãe. Pior do que agora.

Ela alisa meus cabelos com carinho.

— Ah, querida. Você não entende as coisas, né? Mundos diferentes nem sempre são uma confusão. Às vezes, eles são o contraste um do outro e podem crescer juntos, em harmonia. Não esqueça disso. Promete?

Mordo o lábio inferior e tento sorrir.

— Você tem certeza? — murmuro.

— Sim, tenho.

— Eu tenho medo, mãe.

— Todo mundo tem, filha. Mas, você precisa decidir se vai deixar o medo te impedir de viver ou não.

Aproxima o rosto do meu e beija minha bochecha, depois me envolve em um abraço de urso, que enche meus olhos de lágrimas. Não quero soltá-la, mas preciso. Quando faço isso, pisco rápido, me impedindo de começar a chorar igual a um bebê.

— Eu ligo quando chegar, querida.

— Boa viagem, mãe. Eu te amo tanto.

— Também te amo.

Ela morde o lábio inferior ao tentar segurar as próprias lágrimas e se vira, arrastando o carrinho com as malas na direção do portão de embarque. Observo-a sumir entre as pessoas e choro.

— Ela vai ficar bem, Jolina — Thomas fala, tentando me reconfortar. Não sei o motivo de ele estar sendo tão legal comigo. Nós nos vimos duas ou três vezes e nunca trocamos nenhuma palavra. — Vou levar você pra casa.

— Obrigada.

Em silêncio, caminhamos até o carro estacionado e eu me acomodo no banco atrás, sozinha. Olho para o lado em que minha mãe estava sentada e respiro fundo, tentando ser forte.

Thomas atende uma ligação, o que me faz olhá-lo.

— Estou a levando pra casa. Sim, não se preocupe — é o que diz e espera alguns segundos antes de desligar.

Ele não precisa me dizer quem é, eu já sei. Com certeza é Julian. Confesso que gostaria que fosse o mandachuva no lugar de Thomas. Acho que estou precisando de colo. Precisando do colo de Julian.

Merda, sinto tanta falta dele.

Meia hora mais tarde, Thomas estaciona o carro em frente ao prédio em que moro e eu agradeço a carona antes de descer do veículo. Sorrio ao ver Sophia sentada nas escadas. Quando ela me nota, corre para me abraçar e eu fico feliz de tê-la comigo agora.

— Achei que estivesse precisando de colo.

Choro em silêncio e murmuro:

— Obrigada, você é a melhor.

Sophia concorda com um aceno de cabeça.

— Aquele não é Julian? — questiona ao olhar para algo atrás de mim. Viro-me rápido, mas só vejo a porta do carro bater e depois o veículo sair em disparada. — Tenho certeza de que era ele.

Meu coração acelera e o que minha mãe falou sobre mundos diferentes preenche minha cabeça.

— Vamos, garota. Vamos tomar algumas cervejas e ver alguns filmes melosos — Sophia diz, chamando minha atenção e me puxando para subir as escadas. — Precisamos nos desidratar um pouco.

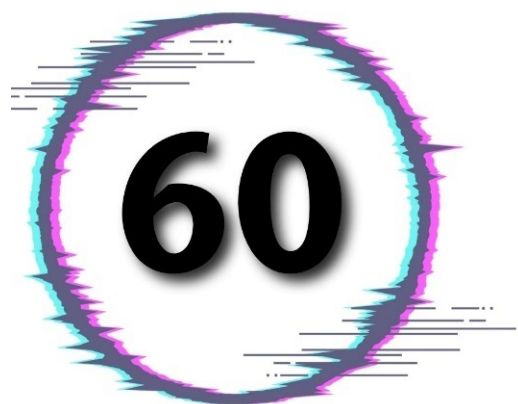
Rio entre as lágrimas.

É tão bom tê-la comigo, mesmo que seja para chorar.

— Você precisa. Eu me sinto uma torneira com problema de vazamento.

— Já está fazendo piada? Parece que minha garota está voltando — comenta de forma reflexiva antes de explodir em uma risada gostosa.

Acho que ao lado de Sophia, eu vou ficar bem.



Lina



Minha mãe tem razão.

Mundos diferentes podem viver em harmonia.

Decidida, pego minha bolsa e saio do apartamento. Vou atrás de Julian.

Precisamos conversar sobre o nosso relacionamento. Sobre nós. Eu achei que conseguiria viver sem o mandachuva, mas a verdade é que cada terminação nervosa do meu corpo quer ele. Minha alma quer Julian.

É claro que ainda tenho medo, não sei onde o nosso amor vai nos levar. Somos tão diferentes, mas talvez, sejamos o equilíbrio um do outro. Como a luz e a escuridão. E pensar nisso, me deixa feliz e me faz acreditar que podemos ficar bem juntos.

Podemos encontrar uma forma de viver em harmonia.

Assim que coloco os pés na rua, vejo dois homens de preto dentro de um carro estacionado. *Meus seguranças particulares.* Atravesso a rua e bato no vidro e espero o homem descer a janela. Ele fica meio sem jeito perto de mim. Acho que me vigiar era tipo uma missão secreta.

— Me leve até Julian — embora não seja minha intenção, a voz soa autoritária.

Ele assente, em silêncio.

Abro a porta traseira e me acomodo no banco de trás. Os homens ficam imóveis que nem uma estátua de mármore e não dizem nada, apenas dirigem até o meu destino. Me pergunto o que Julian disse a eles sobre mim ou que ordens o mandachuva deu aos seus homens.

Protejam a Jolina com suas vidas.

Fiquem de olho na Jolina e me reportem qualquer tropeço que ela der.

Intimidem qualquer homem que chegar perto dela.

Ordenar essas coisas é bem típico dele.

Começo a rir, sozinha.

O homem do banco do carona me olha por cima do ombro, enquanto o outro me observa através do retrovisor. Fecho a cara numa expressão séria e eles desviam no mesmo segundo.

Quando os homens estacionam em frente ao prédio de Julian, meu coração bate alto dentro do peito e eu sinto as borboletas no meu estômago se agitarem, como se estivessem participando de um concurso de dança ritmada.

Respiro fundo. Tentando acalmar meus batimentos cardíacos, entro no prédio. Chamo o elevador e espero, antes que as portas de metal se abram, eu noto que os dois homens estão na minha cola.

— Eu sei o andar dele, vou subir sozinha — aviso, erguendo os ombros de maneira confiante.

O que eu queria dizer é: *não preciso de babá e eu já aprendi a andar sozinha.*

Sorrio para os dois.

Eles recuam um passo e assentem sincronizados.

— Sim, senhorita — um deles fala.

Entro no elevador e aperto o botão do andar de Julian. As portas se fecham e eu relaxo a postura. Até chegar aonde eu quero, o tempo parece uma eternidade, o que me deixa mais ansiosa ainda.

Nervosa também.

— Aqui vamos nós, garota — murmuro ao caminhar pelo corredor, na direção do apartamento de Julian.

Tenho uma surpresa horrível quando vejo a Bella Thorne fechar a porta do mandachuva. Nossos olhos se encontram e ela abre um sorriso provocante para mim. Sinto o sangue do meu corpo ferver de raiva.

— Ora, ora, o que temos aqui? — pergunta ao parar na minha frente e cruzar os braços na altura dos seios exuberantes. — Ficou com saudade dele também?

— O que está fazendo aqui? — disparo, enciumada, irritada, me segurando para não voar em cima da mulher.

— Você sabe. — A ruiva lambe o lábio inferior e depois morde. — Julian é uma boa foda e eu precisava disso. — Pisca para mim. — Vai lá, garota. Aproveite minhas sobras, mas preciso dizer... — Aproxima o rosto do meu ouvido e sussurra: — Ele está acabado.

Contraio a mandíbula e respiro devagar. Olho para a ruiva e passo por ela, esbarrando com força e de propósito no seu corpo esguio. Em frente ao apartamento de Julian, aperto a campainha várias e várias vezes.

Um homem desconhecido abre a porta e arregala os olhos. Com certeza, ele deve saber quem eu sou.

— Cadê o Julian? — pergunto, já entrando no apartamento. Estou irada e soltando fogo pelas ventas.

Na sala, encontro o cretino com mais dois homens. Pela expressão dele, não esperava me ver aqui e agora. Os lábios dele se esticam em um sorriso, o que me deixa mais furiosa ainda.

— Precisamos conversar — falo, cruzando os braços na altura dos seios. — Agora — enfatizo.

Apenas uma olhada de Julian é suficiente para os seus homens entenderem e saírem do apartamento como em um piscar de olhos.

— Lina... — ele começa a falar ao me ver aproximar, mas nem tem chance de continuar, porque eu o acerto com a minha bolsa grande. — O que foi isso?

— questiona.

Solto um risinho seco.

— Seu cretino! — esbravejo ao mesmo tempo em que desenfreio porradas nele com a bolsa. — Eu te odeio. Te odeio tanto.

— Lina, eu posso pelo menos saber o porquê estou apanhando?

— Não finja que você não sabe — retruco, e acerto a cabeça dele com a minha bolsa. O homem fica irritado, mas que se dane, eu estou puta também. — Você é um cachorro. Um cafajeste.

Tento acertá-lo de novo, mas dessa vez, o homem me impede, tirando a bolsa de mim e a jogando no sofá. Acho que Julian me deixou bater nele, tudo bem, ele mereceu as pancadas de qualquer forma.

— Por que está tão agressiva? — quer saber.

— Eu sou tão idiota, Julian — falo, irada. — Foi assim que você me superou? Comendo a Bella Thorne? Você estava comendo aquela ruiva, não é?

O filho da mãe franze a testa e finge está confuso.

— O quê? Do que está falando?

Bufo.

— Não minta pra mim. Eu acabei de vê-la no corredor. Não adianta mentir, eu sei a verdade. Você estava com ela.

Ele coça a nuca ao dizer.

— Ah, isso. Eu posso explicar.

Aproximo-me dele e soco o seu peito, mas ele só me deixa fazer isso uma vez, pois logo me segura pelo pulso e eu tento ignorar a carga de energia que o toque dele emana para o meu corpo.

— Nunca mais quero ver você na minha vida — murmuro entre os dentes, sentindo o coração apertar. — Eu te odeio tanto.

Julian me puxa contra o corpo dele e solta meus pulsos só para depois segurar meu rosto com as duas mãos. Tento desviar dos olhos negros e profundos, mas o homem ergue meu rosto na direção dos seus olhos.

Meu corpo traiçoeiro reage.

É incrível. Em um momento quero batê-lo até extravasar toda minha fúria e no outro, gosto de estar assim, bem pertinho dele, sentindo o calor do seu corpo, o cheiro. Tudo.

— Me escute.

— Não estou a fim — resmungo igual uma adolescente birrenta. — Me solta, quero ir embora — minto.

É tão bom sentir o calor dele contra mim, que a última coisa que eu quero fazer é ir embora, mas preciso manter a minha pose de forte e fria.

Graças a Deus, Julian me ignora e não me solta.

— Eu não transei com a Lily.

Prengo os lábios e nego com a cabeça, decidida a não acreditar nas mentiras dele. Ok, estou gostando de tê-lo tão próximo de mim, mas isso não o faz ser menos mentiroso. Ele é um canalha gostoso.

Ai, droga.

— Mentiroso — retruco ao encontrar minha voz.

— Eu estava trabalhando. Passei a noite fazendo isso — fala e olha para a mesinha de centro. Acompanho o olhar e noto que o móvel está uma verdadeira bagunça de papéis e pastas abertas. — Meus homens podem testemunhar a meu favor — zomba.

Giro os olhos.

— Eles são pagos pra fazerem o que você quer. Podem mentir também — rosno.

— Eu não minto, Lina. Nunca menti pra você. — Julian fica reflexivo por um momento e repuxa o canto da boca, quase sorrindo. — Talvez, uma vez.

Sinto meu coração apertar.

— Quando? Em que momento mentiu pra mim?

— Quando te trouxe pra minha casa depois do acidente com a moto. Eu disse que você podia ir embora quando quisesse, mas eu menti. Não permitiria que fosse pra longe de mim.

— Não tente mudar assunto — retruco. — Você estava transando com

aquela ruiva ridícula.

— Eu não transei com a Lily — alega.

— O que ela estava fazendo aqui, então? — esbravejo. — Ela disse que você é uma boa foda e que precisava disso — emendo, me sentindo ridícula.

Tento me soltar das mãos de Julian, mas isso só faz com que ele me aperte ainda mais contra o próprio corpo.

— Sim, é verdade, ela veio atrás de mim, mas eu a mandei ir embora. Eu não fiquei com nenhuma outra mulher depois de você, Jolina.

— Não sei se posso acreditar em você — sussurro. — Quero ir embora. Me deixe ir.

— O que veio fazer aqui? — quer saber. O cretino ainda me mantém preso nos seus braços. — Me diga — fala baixinho ao colocar uma mexa de cabelo atrás da minha orelha.

Engulo em seco.

— Eu vim dizer pessoalmente que não quero nenhum tipo de contato com você — minto.

Julian não acredita, pois tem a silhueta de um sorriso convencido no rosto.

— Hum, entendi. O que mais?

Prendo a respiração por uma fração de segundos ao vê-lo aproximando o rosto de mim. A boca dele está tão próximo, que me deixa ansiosa e com a garganta seca.

— Eu vim dizer que... que você é... — não consigo terminar a frase, Julian está muito próximo e eu não consigo tirar as vistas dos lábios convidativos dele.

— Hum, veio dizer o quê? — segreda e roça o nariz no meu, fazendo minha respiração ficar ofegante. — Hãh?

Abro a boca para articular alguma mentira esfarrapada, mas não tenho tempo de dizer nem um “a”, pois logo Julian gruda os lábios nos meus e me arrebatava num beijo molhado.

Parte de mim quer muito resistir, mas o cretino beija tão bem e tem uma pegada tão firme, que acende todo o meu corpo e me faz até esquecer o porquê

eu estava brava com ele.

Aos beijos, ele me guia até a ilha da cozinha e me prende. Os olhos ardendo em desejo encontram os meus e devagarinho, Julian desliza as mãos sobre a lateral do meu corpo até encontrar a barra do meu vestido.

Sobe o tecido leve até altura da minha calcinha e confere o que estou usando.

Quero perguntar o que ele pensa que está fazendo, mas não consigo. Estou excitada, trêmula demais para conseguir dizer alguma coisa em voz alta. É isso, ele conseguiu, estou entregue.

— Renda... eu gosto — sussurra ao roçar no nariz no meu pescoço. — Senti tanta falta de você. Da sua pele, do seu cheiro... não pensei outra coisa.

— Ah — gemo quando o sinto tocar de leve a parte interna da minha coxa, e devagarzinho, os dedos roçam o meu sexo por cima da calcinha. *Droga*. Sinto que estou prestes a derreter na mão dele.

Julian arreda um pouquinho a renda e com delicadeza, ele escorrega com um dedo para dentro de mim, me roubando um gemido entrecortado.

— Uau. Tão molhada. Está do jeito que eu gosto — sussurra, fazendo minha respiração acelerar.

Sem pressa, os dedos dele vão me provocando até encontrar o meu clitóris. Sinto as pernas ficarem bambas, e para conseguir me manter em pé, preciso me segurar na ilha da cozinha com força.

Fecho os olhos, jogando a cabeça para trás e aproveitando a tortura deliciosa.

— Senti saudade disso? — ele pergunta, a voz rouca e sexy de uma forma inebriante. — Porque eu senti tanta falta de te tocar. Pensei tanto em você, Lina.

— Hum, é? — murmuro. — Eu também senti saudade — emendo, arfante.

De repente, a boca dele cobre a minha e nós nos beijamos enquanto ele me toca de um jeito delicioso. Julian pressiona a ereção contra o meu corpo e eu sorrio. Esse homem vai acabar comigo.

Me agarro a ele no momento em que segura minha cintura com as duas mãos e me faz sentar na ilha. Sem deixar meus olhos, as mãos salientes descem mais um pouco até encontrarem a lateral da minha calcinha, e então, ele passa a renda pelas minhas coxas devagar, estudando as minhas expressões.

Sem dizer nada, Julian levanta a barra do meu vestido até a cintura e afasta um pouco as minhas pernas, me fazendo engolir um gemido. Em seguida, se abaixa, ainda olhando para mim.

E então, aproxima o rosto na parte mais sensível do meu corpo e passa a língua por todo o sexo, descendo sem pressa, me lambendo toda e depois, chupando com vontade. Levo as mãos até entre os seus cabelos e abro mais as pernas, inclinando meu quadril para ele.

— Julian...

— Você tem um gosto tão bom — sussurra contra o meu clitóris e a vibração da sua voz, faz o meu corpo todo estremecer. — É uma delícia.

Sinto um dedo me penetrar de leve e depois outro. Arfo, extasiada. Julian me suga e lambe ao mesmo tempo em que seus dedos trabalham em uma dança perfeita e sincronizada de estar dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora...

Puxo os seus cabelos e observo me chupar. Ele faz isso com tanta vontade e é tão bom vê-lo aqui, me dando prazer. Julian ergue os olhos para mim e me olha de um jeito sexy. Gemo seu nome e estico os pés, as pernas ao sentir meu corpo todo começar a tremer.

Jogo a cabeça para trás quando minha pele arrepiada e contrações percorrem por todo o meu corpo de uma maneira única, deliciosa. Me permito e me perco no prazer, gozando na boca de Julian.

Mesmo depois de me fazer atingir o clímax, ele continua me lambendo, saboreando o meu gosto.

Meu Deus! Isso é excitante pra caralho.

O homem sai de entre as minhas pernas e abre um sorriso excitante.

— Você é coisa mais deliciosa que eu já provei — fala ao me puxa para a beirada da ilha. — Meu vício — emenda com um sussurro e beija minha boca.

Meu gosto impregnado nele. É tão sexy.

Ele desce a calça moletom que está vestido, depois a cueca boxer, liberando o pênis grosso. Mordo o lábio inferior, ansiando senti-lo dentro de mim. Corta a nossa mínima distância e encaixa o corpo no meu.

Julian deixa escapar um gemido rouco quando entra em mim.

Toco seu rosto com as duas mãos e o faço me olhar. Nossos lábios se encontram e o beijo é delicioso, sedento, ardente, necessitado, que combina com o ritmo de vaivém, que ele faz para estar dentro e fora de mim.

Ele começa a esfregar o polegar no meu clitóris inchado e sensível, e engole um gemido meu com outro beijo. A mão livre passeia pela minha cintura e seio esquerdo, me apertando ao mesmo tempo em que me puxa contra ele.

Agarro os cabelos de Julian, mal conseguindo me conter, enquanto ele começa a explorar com a língua a pele do meu pescoço.

Pouco a pouco os nossos movimentos vão ficando mais rápidos, intensos e fortes. É delicioso e instigante. É perfeito. Do jeito que tem ser. E o mais incrível, parece certo. Nós, o nosso amor, parece certo.

E eu sinto outro orgasmo se aproximar.

— Julian, eu acho... — não consigo terminar a frase, porque ele me arrebatava com um beijo selvagem.

— Goza pra mim, meu amor.

Fecho os olhos e finco as unhas nos seus ombros largos, me agarrando toda a ele e deixando que sensação maravilhosa tome conta de mim.

Isso é tão bom.

Gemo alto o seu nome e isso faz com que Julian aumente o ritmo de vaivém, afundando de maneira intensa dentro de mim.

O orgasmo começa a tomar conta de cada parte do meu corpo mais uma vez e eu chamo por Julian quando chego ao ápice do prazer. Logo depois, ele chega lá também, soltando um uivo e contraindo o corpo por um segundo.

Sem sair de dentro de mim, ele encosta a testa suada na minha e sorri. Os olhos negros e cativantes me encontram, e então, o homem me beija, enroscando

as nossas línguas e me fazendo suspirar.

— Volta pra mim — ele murmura, fazendo meu coração acelerar. — Acho que posso ficar louco sem você, Jolina.

— Eu te amo, Julian. Eu te amo tanto.

Ele me beija de novo, mordiscando meu lábio inferior e sugando logo em seguida.

— Eu amo você — o mafioso diz, me roubando meio sorriso. — Eu prometo que dessa vez, vou te proteger de tudo. E nada do que aconteceu, vai se repetir. Pode confiar e voltar pra mim?

— Hum, é difícil pensar em coisas sérias quando você ainda está meio pelado e dentro de mim, Julian — brinco.

O homem começa a se mexer de novo, dentro e fora, dentro e fora, é como uma dança, só que muito excitante.

— Assim está melhor? — pergunta, provocativo.

Concordo com um aceno de cabeça, jogando os braços em volta do seu pescoço e reprimindo um gemido quando sinto o meu corpo queimar em chamas mais uma vez.

— Precisamos deixar algumas coisas claras.

— O quê? — ele quer saber.

— Não quero ser alguém que você vai sempre proteger. Quero aprender a me defender sozinha.

— O que isso quer dizer? — questiona ao deslizar as mãos pela minha cintura e me apertar. — Huh?

Gemo, e é por um triz que não perco o fio da meada.

— Me ensine a usar uma arma — digo, de repente.

Antes de decidir vir atrás dele, andei pensando muito. E se vou ficar com um mafioso, eu quero saber me defender também. Não nasci para ser o tipo de garota que sempre é resgatada. Eu posso me resgatar sozinha. E quem sabe, resgatar Julian também se precisar...

Mas de verdade, eu espero que não precise.

Ao se dar conta das minhas palavras, Julian faz uma cara feia e até parece que falei o pior xingamento do mundo. O homem sai de dentro de mim e eu até choramingo. Estava tão gostoso.

Ele passa as mãos entre os cabelos e balança a cabeça de um lado para o outro, negando.

— É perigoso.

— Eu fui sequestrada. O que pode ser mais perigoso que isso? — retruco ao erguer uma sobrancelha. — Vai me ensinar ou não?

— Lina... — começa a falar, mas eu o interrompo.

— Eu amo você, Julian, e sim, quero ficar com você. Mas não posso fazer isso vendada. Preciso saber me defender. — Respiro fundo. — Pensei em fazer aulas de artes maciais também.

Ele ergue uma sobrancelha, cético.

— Não está falando sério.

Anuo.

— Sim, eu estou. — Abro um sorriso largo. — E se você não concordar com as minhas condições, nunca mais vai brincar aqui. — Aponto para minha vagina e tento segurar o riso.

A expressão de Julian fica carrancuda, o que faz ser impossível segurar a risada. Ele se aproxima de mim de novo e me agarra pela cintura, me olhando com intensidade.

— São ameaças relevantes, Jolina Magdayao.

— Pois é. Não brinco em serviço.

Ele não aguenta e transforma os lábios em um meio sorriso sexy e que me derrete por inteira.

— Ok, estou disposto a te ensinar a se defender. Não posso viver sem colocar a boca ou o meu pau aí. — Aponta com o queixo na direção das minhas partes íntimas.

— Que bom que chegamos a um acordo.

Julian assente.

— Agora... — Com as pontas dos dedos, ele desenha círculos invisíveis em uma das minhas coxas expostas. — Vamos tomar banho?

Suspiro.

— Parece uma ótima ideia.

Entrelaço as pernas na sua cintura e ele me levanta da ilha, caminhando até o quarto enquanto cobre a minha boca com a sua.

Não faço a mínima ideia de como as coisas serão daqui para frente, mas eu amo esse homem perigoso, sombrio e lindo. Nunca pensei que me apaixonaria por um cara que é errado de tantas maneiras, mas é isso.

Estou tão apaixonada, que acho que não consigo viver sem isso.

Sem ele.

Minha perdição.

EPÍLOGO

Julian



Enquanto observo Jolina sair do museu e sorrir para mim, a primeira coisa que me vem à cabeça é que ela é minha salvação.

Ela desperta o meu melhor e o pior com a mesma intensidade. Quando eu disse pela primeira vez que sacrificaria o mundo para salvá-la, não tinha nem ideia de que os meus sentimentos tomariam tal proporção.

Agora, ela é a melhor coisa da minha vida e a mais importante.

E como estou longe de ser um herói, sacrificar o mundo para salvá-la ou mantê-la segura parece a coisa certa a se fazer. Pelo menos para mim. E bem, eu gosto de pensar que estou sempre certo.

— Eu pensei que... — Aproxima o rosto do meu ouvido para sussurrar: — Mafiosos... — Se afasta de mim e joga os braços em volta do meu pescoço. — Fossem ocupadíssimos, mas parece que você tem muito tempo livre.

Contorno a sua cintura com as minhas mãos e a puxo contra meu corpo.

— Eu sou o segundo em comando, tenho tempo livre. E mesmo assim, sempre terei tempo para minha garota.

Prendo uma mexa de cabelo atrás de uma das orelhas pequenas de Lina e ela me presenteia com um sorriso. Vê-la feliz se tornou um dos meus propósitos

de vida, quase uma missão também.

— Sua garota — sussurra. — Eu gosto como isso soa. — Encosta os lábios bem desenhados nos meus e me beija, enfiando a língua na minha boca e enroscando de leve. Antes que possa ficar animado demais, Lina se afasta. — Vamos?

Suspiro, mas assinto.

Desencosto do carro e abro a porta do carona para Lina, que me dá um selinho antes de se acomodar no banco e colocar o cinto. Dou a volta no veículo e sento no lugar do motorista, pisando no acelerador logo em seguida.

— Tenho uma surpresa pra você. Algumas, na verdade.

Ela arregala os olhos, animada.

— O que é?

— Se eu disser, não será mais surpresa.

Lina enruga o nariz e faz beicinho, que eu desmancho com um beijo quando paro com o carro no sinal vermelho. Os lábios dela voltam a esticar e se transformar num sorriso meigo.

— Tem uma surpresa mesmo ou é só um pretexto pra me fazer dormir na sua casa? — questiona.

Dou de ombros.

— Um pouco dos dois? — arrisco.

Ela gargalha.

— Você não tem jeito, Julian Lorenzo Carbone. É a minha perdição — murmura, e é difícil esconder o sorriso. Eu adoro quando ela fala Lorenzo. Soa de um jeito diferente e sexy.

Chegamos ao meu apartamento quase vinte minutos depois. E antes de abrir a porta, digo para Lina fechar os olhos. Ela resmunga, mas faz o que eu peço. Parece ansiosa com a surpresa.

Ao entrarmos, somos recebidos por uma bola de pelo de quatro patas. Ele abana o rabinho e parece ansioso também para conhecer a nova dona.

— Abra — encorajo quando paramos no meio da sala. — Surpresa —

digo quando Lina vê o filhote de akita serelepe aos seus pés.

— Ai. Meu. Deus. Um cachorro — murmura ao se inclinar um pouco para pegá-lo no colo. É amor à primeira vista. Para os dois. — Tão fofo.

Sorrio.

— Gostou?

Ela vira o corpo para mim e se inclina um pouco para me dá um selinho demorado.

— Eu amei, Julian.

Não estava nos meus planos adotar um cachorro, mas quando eu o vi, eu só consegui pensar em Jolina e aquela noite em que nos conhecemos. Foi por causa de um cachorro que ela entrou na minha vida.

— Isso me faz lembrar como nos conhecemos — fala, como se tivesse lido meus pensamentos. — Cachorro é o símbolo do nosso relacionamento? — questiona e depois rir. — Agora tenho dois cachorros.

Franzo a testa, intrigado.

— Dois?

— Sim, você é o meu cachorrão — zomba.

Ergo uma sobrançelha e ela cai na gargalhada. Adora vê-la rindo, mesmo quando está tirando sarro com a minha cara. Essa mulher acaba comigo.

— Tô brincando.

— Você adora tirar onda comigo, Jolina.

Ela dá de ombros e coloca o filhote no chão.

— Eu adoro as caras que você faz. São intrigantes e me dão vontade de contrariá-lo sempre.

Estico o canto da boca em um sorriso.

— Tenho outra surpresa.

— Estou ganhando tantos presentes e hoje nem é o meu aniversário — comenta, e sem que eu tenha pedido, ela fecha os olhos e estende as mãos espalmadas. — Vamos, me deixe feliz de novo — sussurra.

Inclino-me sobre a mesinha de centro e pego o envelope marrom, em

seguida, coloco em cima das suas mãos.

Animada, ela abre as pestanas e sem cerimônia, tira o que tem dentro do envelope. Morde o lábio inferior e tenta segurar as lágrimas ao encarar as passagens de avião com destino para Los Angeles.

— Obrigada. Eu te amo tanto, Julian — sussurra.

Corta a nossa distância com dois passos e me abraça. Aperto-a contra meu corpo, cheirando os seus cabelos. Afasto-a um pouco, tomo seu rosto com as duas mãos e limpo com os polegares as lágrimas que fazem caminho até a boca.

— Está feliz?

— Uhum — diz ao assentir. — Você pode vir comigo? — pergunta, me olhando com intensidade. — Talvez, esteja na hora de eu apresentá-lo à minha mãe como meu namorado.

Trago o seu rosto para perto e morderisco o lábio inferior antes de envolvê-la em um beijo. Deito-a no sofá, roubando uma risada dela. Faço carinho no seu rosto com as pontas dos dedos.

— Casa comigo? — pergunto quando a vontade vem, me invadindo como um tufão.

Também não estava nos meus planos pedi-la em casamento, assim, do nada, sem mais e nem menos. Mas a verdade é que não consigo imaginar outra mulher na minha vida. E eu a amo tanto. Imaginar que ela será minha desse jeito, me deixa animado e feliz.

E é isso que eu quero.

Jolina sendo minha esposa.

Sendo minha de todas as mineiras possíveis.

— Casar? — retruca.

— Muito cedo?

Ela entrelaça os dedos entre os meus cabelos e passa a língua de leve no lábio inferior.

— Não é isso.

— Então? — quero saber.

— Preciso me formar primeiro. Não vou casar antes de ter meu diploma. Isso nunca esteve em cogitação.

Assinto, meio contrariado.

— Eu não gosto de esperar, mas posso fazer um esforço.

Lina ri.

— Ah, certo, certo. — Brinca com os dedos entre os meus cabelos, assanhando tudo. — Tem mais algumas coisas.

— Huh?

Morde o lábio inferior antes de começar a falar.

— Eu preciso de diploma, porque quero continuar trabalhando na minha área. Você entende isso, não é? Que eu vou continuar trabalhando?

Suspiro.

— Sim. Qual é o problema?

Lina me empurra para sentar no sofá e em seguida, faz o mesmo. Sem pedir permissão, o cachorro se acomoda entre nós, olhando para minha garota. Meu Deus, ele está caidinho por ela.

Não posso culpá-lo por isso.

— Eu respeito muito a sua mãe e avó, mas eu não me vejo sendo apenas uma esposa. Não sei se a família Carbone está preparada para alguém como eu, Julian — alega, respirando fundo e com os cantos da boca torcidos.

Ela está preocupada.

— Eu estou. — Levo uma das mãos até o seu rosto. — Estou preparado para uma esposa como você.

Minha garota abre um sorriso largo.

— De verdade? — murmura.

— Sim. Então, casa comigo?

Jolina assente com os lábios colados.

— Sim, eu caso com você...

Ouvi-la dizer sim para mim, me faz sorrir.

— Depois de conseguir o meu diploma, é claro — emenda rápido, e eu

rio.

— Ok.

Nunca imaginei que pediria alguém como Jolina em casamento. Uma mulher insolente, que me retruca, não é nada obediente, é independente e ainda gosta de tirar sarro com a minha cara.

No entanto, olhando-a agora, no meu sofá, em meus braços, sorrindo para mim... me fazer ter a certeza de que ela é a mulher certa.

Minha ruína.

Minha salvação.

FIM...



BÔNUS



A seguir reservei dois bônus especiais para você. O bônus 1 é do próximo livro da Série “Família Carbone” e que tem previsão para lançar nos próximos meses. E o bônus 2 são os primeiros capítulos de Impostora, o meu penúltimo romance lançado na amazon.

Boa leitura.

CAPÍTULO 1



Nicholas Farley

Cheguei em Toronto exausto, mas não podia faltar ao enterro da minha própria mãe. Passo os olhos pela mobília de requinte e suspiro. A casa está perfeita, como antes de eu ir embora, mas nada parece igual.

Deixo minhas malas de qualquer jeito no pé da escada e peço ao motorista para me levar até o cemitério que minha mãe vai ser enterrada.

Por causa do trânsito, tudo demora e a única coisa que penso é que não posso decepcionar Lawanda de novo ou deixá-la passar por isso sozinha. Eu sei que estava meio hesitante em vim para cá, mas Julian tem razão, minha irmã precisa de mim.

E ela também é minha família.

Chegamos depois de quase vinte minutos e noto em frente ao cemitério, repórteres de plantão que aguardam com as câmeras, microfones, gravadores prontos para atacar. E é o que fazem assim que os olhos curiosos me captam.

— *Sr. Farley, por favor, você vai assumir as Corporações Farley?*

— *Sr. Nicholas Farley, você voltou pela morte da sua mãe ou apenas por interesse nos negócios da família?*

— *Os boatos que será o novo CEO das Corporações Farley é verídico?*

Perguntas me bombardeiam e antes que possa explodir de forma agressiva, Mattéo o motorista da família Farley que me trouxe até aqui, empurra os repórteres e me guia até dentro do cemitério.

— Obrigado — agradeço sem jeito quando já estou longe dos flashes e perguntas.

Se não fosse por ele, eu teria feito merda e minha cara estamparia jornais e revistas por ter agredido algum imbecil e não por estar de volta à cidade em que eu nasci.

— Não por isso, senhor. É o meu trabalho — é o que ele diz.

Em meio aquelas tantas pessoas, avisto Lawanda chorando nos braços de Schavier, nosso tio, irmão do meu pai. Ela parece bem menor do que realmente é, indefensa e sozinha, mesmo nos braços de um parente tão próximo.

— *Nicholas?* — ela grita, surpresa.

Corre até mim e me encara com seus olhos rodeados de olheiras vermelhas, e sem aviso prévio, começa a desenfrear socos no meu peito. Não esperava uma reação diferente.

Quando fugi de Toronto, minha mãe passou anos me procurando e ao me encontrar, se decepcionou, porque eu não quis voltar.

Minha irmã me ligou tantas e tantas vezes, querendo me fazer mudar de ideia, mas eu já estava estabilizando com a família Carbone e não queria voltar aqui e lembrar que meu pai morreu.

Eu fui fraco e deixei minha irmã e mãe sozinhas.

— Seu imbecil. O que está fazendo aqui? — dispara, alterada.

— Sinto muito, Lawa.

— Não se chame assim — crispa ao acertar com força um tapa no meu rosto. — Perdeu esse direito quando não quis voltar.

Respiro fundo, contraindo o maxilar, mas assinto. Ela tem razão.

— Mesmo que não vá fazer diferença pra você, eu estou aqui. Por você — digo, num tom baixo e com a garganta seca.

Ela chora.

E mesmo sabendo que ela me odeia no momento, corto a nossa distância com um passo e a puxo para os meus braços. Minha irmã resiste no começo e tenta se soltar de mim, mas acaba cedendo e chorando nos meus braços.

— Eu te odeio — murmura.

— Eu sei, sinto muito.

Aperto minha irmã contra o peito e beijo o topo da sua cabeça, olhando para o caixão preto, o qual minha mãe descansa, pronta para ser enterrada.

Schavier se aproxima de nós, pousa uma das mãos no meu ombro e pressiona com um pouco de força. Acho que está tentando passar algum tipo de apoio, mas não surte efeito em mim.

Ele é o parente de sangue mais próximo que Lawanda e eu temos agora, mas nunca consegui gostar dele de verdade.

E eu nunca senti ligação com ele.

Ele e nada, é quase a mesma coisa para mim.

— Por que veio, Nick? Por que está aqui? — minha irmã murmura nos meus braços, me fazendo engolir em seco.

— Não podia deixar você sozinha. Me desculpe.

Ela é apenas uma garota de dezenove anos e tenho que ser o seu alicerce. No momento, eu sou tudo o que ela tem. Mesmo que eu tenha feito muita merda nessa vida, preciso cuidar da minha irmã agora.

Lawanda é minha responsabilidade.

— Vou cuidar dela — Schavier diz e eu viro meu rosto para olhá-lo nos olhos. Ele não parece surpreso por eu estar aqui, é como se já me esperasse. — Não se preocupe.

Contraio a mandíbula. Eu não preciso que ele cuide da minha irmã. Passei oito anos da minha vida me cuidando bem e sozinho. Meu tio não sabe, mas aquele garoto que foi embora de Toronto depois da morte do pai, morreu.

E se tem uma coisa que sou capaz nessa vida, é de cuidar minha irmã. Mais do que ele imagina.

CAPÍTULO 1-2

IMPOSTORA

Madeline

Antes de abrir a porta da caminhonete, respiro fundo e peço em silêncio forças para enfrentar a maior loucura da minha vida. Seguro minha mala com veemência, como se minha vida dependesse disso.

Talvez, dependa mesmo.

Encaro a mansão à minha frente. O lugar tem três andares, as paredes são de um branco impecável com detalhes pretos, janelas e portas de vidro fumê, há pés de coqueiros no pátio, gramado com uma refinada fonte de água com pedras transparentes, que mais parecem cristais.

Casas assim... eu só vi em fotos da internet.

Caminho devagar, minha respiração compassada e meu rosto deve estar mais vermelho que um tomate. Sinto dificuldade ao subir as escadas da varanda como se minhas pernas pesassem quase uma tonelada.

Não precisei apertar a campainha, pois antes mesmo de chegar perto da porta, me recepciona uma loira alta, com pele bronzeada e seios grandes. Ela usa vestido praiano sexy com estampa de folhas secas e saltos altos.

— Como posso ajudá-la?

A garota tem sotaque carregado e não faz esforço nenhum em esconder a arrogância. Analisa-me de baixo para cima, acabo ficando incomodada. Não estou acostumada a receber esse tipo de atenção.

— Essa é a casa dos Humphrey's? — pergunto, sentindo meu coração

disparar tão rápido, que chega quase a doer.

— Talvez — responde presunçosa. — Quem é você? — questiona de uma maneira que parece estar me xingando

— Sou Madeline Cuthbert.

Seu rosto perde a cor ao ouvir meu nome, e pela primeira vez desde que peguei o carro à uma da madrugada, me pergunto o que estou fazendo. Onde eu estava com a cabeça? Dirigi durante quase oito horas até Miramar Beach para fazer algo que eu jamais imaginei que seria capaz.

— Eu sinto muito.

Estou prestes a dar um passo para trás e desistir de toda essa loucura, quando ela segura meu braço com mais força do que o necessário.

— Tem uma pessoa que vai gostar de saber que você está aqui — fala com frieza, fazendo minha espinha arrepiar. Solta-me e se afasta para adentrar a casa. Não diz se devo ou não a seguir, mas eu resolvo arriscar.

A decoração é de tirar o fôlego. O chão é de granito branco e foi minuciosamente polido, os sofás são de cor creme com almofadas pretas, tem uma enorme mesa de centro feita de vidro e colunas de mármore com detalhes metálicos espalhadas pela casa.

Do meu lado direito, há uma parede de vidro que vai do chão ao teto com vista para a beira-mar. É magnífico. Quem mora aqui pode sentar no sofá e observar as ondas do mar quebrando.

Também há um piano de cor preta reluzente perto da parede, quem quer que seja que toque piano na família, pode ter como inspiração o oceano límpido. Sinto inveja. Tive que vender meu piano, porque precisava de dinheiro para... Balanço a cabeça, espantando os pensamentos. Valeu a pena. Faria tudo do mesmo jeito.

— Só um minuto. Já volto — é o que diz antes de sumir das minhas vistas.

Sinto-me pequenina em comparação ao tamanho e luxo da mansão. Não tenho nada a ver com este lugar. A blusa de banda de rock, short surrado e sapatilhas parecem horrendos. Sempre gostei do meu estilo, mas hoje, estou

odiando.

Pareço quase um ET aqui.

Meio tímida, coloco a mala ao lado dos meus pés e embora tenha vontade de sentar, não faço isso. Cruzo os braços na altura do peito e respiro fundo, a fim de acalmar meu coração incontrolável.

Minutos depois, uma mulher de mais ou menos uns setenta anos, com cabelos loiros platinados, olhos castanhos claros e lábios vermelhos entra na sala. Ela me olha com admiração, como se não acreditasse que estou aqui.

Bem, nem eu acredito que estou aqui.

— Madeline — diz com suavidade ao se aproximar. Toca meu rosto com delicadeza e faz meu coração sossegar.

— Vovó? — arrisco, mas já tenho certeza de quem ela é.

Os olhos de Elisha se enchem de lágrimas, no entanto, nenhuma ousa cair.

— Minha querida. — Abraça-me forte e eu choro em silêncio ao me afundar nos seus braços. — Estou tão feliz que esteja aqui. Pensei que Meera estivesse blefando quando me ligou avisando que você estava a caminho.

— Sinto muito por ter aparecido assim.

— Desde que seu pai morreu, eu pensei que nunca mais fosse ver você — sussurra ao meu ouvido.

— Mamãe já me escondeu por tempo demais.

Aperto Elisha contra o corpo e tento não me sentir culpada por mentir. Ela se afasta de mim, apenas para pousar as mãos nos meus ombros e contemplar meu rosto. Sorri de forma serena e acaba me roubando um sorriso também.

Uma mulher alta e com expressão antipática entra na sala. É loira também e seus cabelos caem até a altura dos ombros. Está acompanhada da garota que me recebeu. As duas não parecem muito felizes com a minha presença, mas tento não me abalar com isso.

— Madeline! — ela diz com falsa alegria. — Que bom revê-la ou seria prazer em conhecê-la? A última vez que nos vimos, você era uma garotinha de dois anos. — Abre um sorriso estranho e depois se aproxima para me abraçar. —

Afinal, por que voltou? — indaga, fazendo meu rosto ruborizar.

— Não seja tão grossa, Naomi — Elisha intervém, e em seguida, lança um olhar para mim. — Madeline não precisa de motivos para vir até aqui. — Envolve um braço em mim e ainda sorrindo, pergunta se eu estou com fome.

— Sim.

— Alice? — ela chama, e a garota de vestido praiano e salto alto caminha na nossa direção.

— Sim, vovó?

— Peça para Rodolfo pegar a mala de Madeline e levar a um dos quartos no terceiro andar.

— Tudo bem — responde sem emoção.

Elisha me conduz até a cozinha, a qual eu só vi, assim como todo o resto, apenas na internet. As paredes são de tijolos brancos, os móveis são limpos e modernos. Tem uma grande porta de vidro com vista para uma piscina com borda infinita, algumas espreguiçadeiras e o mar.

Meio acanhada, me sento na banquetta de frente para a ilha da cozinha. Tenho receio de fazer qualquer movimento brusco e ser considerada mal-educada. A verdade é que aqui, eu sou um peixe fora d'água. Nunca estive em um lugar como este e por mais que tudo me deslumbre, não consigo me sentir à vontade.

A própria Elisha começa a preparar um sanduíche para mim, o que me surpreende, mas me faz gostar dela. E além de tudo, mostra que por mais que tenha muito dinheiro, não é um monstro que Meera havia me dito.

— Você está se tornando uma mulher muito bonita, Madeline. Tem os olhos do seu pai. Azuis como o oceano.

Meu coração dói ao ouvir as palavras e a única coisa que consigo fazer é agradecer.

— Não sei o que sua mãe disse sobre os Humphrey's durante esses dezenove anos, mas estou feliz que esteja aqui. Eu senti muita falta de você.

Abro um sorriso fraco para ela.

— Por que nunca foi atrás de nós? — eu quero saber, embora não seja da minha conta.

— Porque não tinha esse direito. Meera é sua mãe e embora o desejo dela tenha me magoado, eu respeitei — comenta de forma melancólica, parecendo arrependida por não ter feito nada durante todos esses anos.

— Obrigada — agradeço ao pegar o sanduíche e a observo colocar suco em um copo para mim. — Acho que ela só tinha medo que esse luxo todo me estragasse. Acredito que parte dela tem razão. Pelo que ela me contou, papai era diferente dos irmãos. — Mordo meu lábio inferior assim que fecho a boca. Não deveria estar levando a conversa para esse rumo.

— Sim, seu pai era diferente. Mas não acho que ter uma vida boa estragaria você. Que mal teria em ter tudo?

— E ela? Sei que eu teria tudo, mas ela também teria? — pergunto antes que meu cérebro processe as palavras.

Ela descansa a mão em cima da minha e me encara com carinho, provavelmente na tentativa de suavizar o clima tenso que surgiu entre nós.

— Eu estou muito feliz que esteja aqui. Por favor, não vamos estragar esse momento.

Sorri para mim, esperando que eu entenda.

— Me desculpe, você tem razão.

Assinto e tomo um gole de suco.

Uma mulher corpulenta, usando uniforme com avental amarrado na cintura entra na cozinha sem fazer barulho. Antes de se dirigir a Elisha, lança um sorriso educado para mim.

— Sra. Humphrey, tem uma ligação, é sua secretária — diz de forma tão sutil, que parece pecado falar um tom mais alto.

— Obrigada, Mary — agradece a senhora e depois volta a atenção para mim. — Volto daqui a pouco. Fique à vontade. A casa é sua também.

— Ah, obrigada.

As duas somem das minhas vistas e me deixam sozinha na cozinha

intimidadora.

Tony

Acordo com o celular tocando pela milésima vez. Estico a mão sobre a cama até alcançar o aparelho em cima da cômoda e com o mau humor renovado, atendo a ligação de olhos fechados.

— Antony Humphrey, você pode me dizer o que se passa na sua cabeça?
Bocejo.

— Eu não sei, várias coisas. Agora, que estou muito chateado de você ter interrompido meu sono. Por que está me ligando de madrugada?

Ouçõ-a suspirar do outro lado da linha, e pelo que a conheço, deve estar contanto até dez mentalmente.

— São quase nove da manhã. E por que diabos recusou o papel? Eu passei por idiota por causa de você — resmungo alto e afasto o aparelho celular do ouvido, já arrependido de ter atendido a ligação de Rosie.

— Eu disse que pensaria e depois daria uma resposta. E a resposta é não. Não quero participar desse filme. Você leu o roteiro? Eu teria que ficar pelado em uma meia dúzia de cenas. — Sento na cama e massageio as têmporas com a mão livre. — Seria uma decepção pra minha avó.

— Como se já não tivesse mostrado essa bunda antes.

Respiro fundo e reviro os olhos com a audácia dela.

— Eu estava em uma praia de nudismo. São coisas diferentes — digo a meu favor e ela faz um estalo com a boca do outro lado da linha.

— Quando você volta?

— É a primeira vez que venho passar as férias com a família em três anos depois da... você sabe quem. Eu volto quando estiver cansado daqui. E mesmo

assim, tem o casamento da minha irmã. Não tem a mínima possibilidade de eu voltar antes disso.

— Tudo bem, então curta aí as suas férias. Vou esperar por dois meses, depois conversamos de novo sobre você voltar.

— Eu disse que voltarei quando cansar, não que vou cansar em dois meses.

— Pra mim é quase a mesma coisa. — Ri de leve. — De qualquer forma, aproveite bem, mas não exagere. Não esqueça que sempre existe alguém com uma câmera apontada para você.

— Ah, tá bom, tá bom.

Encerro a ligação antes que ela invente de me listar o que eu devo ou não fazer.

Levanto da cama e me espreguiço devagar. Meus olhos encaram o oceano azul à minha frente e eu consigo relaxar. A vista nunca fica velha. Estou prestes a sair do quarto para buscar uma xícara de café, quando vejo o robe preto dobrado em cima do sofá.

— Ah, Mary! Sempre se preocupando que eu não vá mostrar coisas demais. Tão fofa.

Rindo, o pego e visto, sem amarrá-lo na cintura.

Rastejo meus pés até a cozinha e me surpreendo ao encontrar uma garota pequena de cabelos longos e pretos. Ela está comendo e parece meio sem lugar. Eu diria até inquieta e assustada também.

Pigarreio.

Ela se vira para mim e engasga no mesmo instante em que os olhos encontram meu abdômen exposto. A coisa é séria, pois as bochechas brancas começam a ficar muito vermelhas e ela fecha os olhos como se estivesse sentindo dor. A garota bate no peito com força e continua a agonizar. Aproximo-me dela e dou algumas batidas nas suas costas.

Ela cospe o pedaço de pão em cima do balcão e volta ao normal. Olha-me de soslaio e encolhe os ombros envergonhada.

— Obrigada. Achei que fosse morrer.

— Estava quase te agarrando por trás. Seria o último recurso, é claro. Não gosto de agarrar mulheres sem permissão.

As bochechas dela que antes tinham voltado ao normal, tornam a ficar vermelhas que nem um tomate. Aos poucos, ela arregala os intensos olhos azuis para mim e abre a boca para dizer algo, mas desiste no meio do caminho.

— Quem é você? — eu quero saber.

— Ah, eu? — Respira fundo e morde o lábio inferior. Embora não tenha planejado ficar encarando a boca da garota, é isso que eu faço. Os lábios são carnudos e convidativos. Ela é linda e parece tão inocente. Tem cara de problema. — Ah, eu... humm. Eu sou Madeline Cuthbert. — Estufa o peito e estende a mão para mim.

— Sério?

Pego a mão e aperto com firmeza.

— Tenho cara de quem está brincando? — responde, surpreendendo-me. — E você quem é? — Afasta-se de mim e as vistas caem sobre meu abdômen, mas ela tenta se recompor.

— O homem mais lindo da família.

Ela exprime um sorrisinho e revira os olhos.

— Estou falando sério — retruca e fica me analisando por alguns segundos. — Você não me é estranho.

— Essa cantada é velha, não vai colar comigo.

Madeline contrai a mandíbula.

— Não estou cantando você. Pro seu governo, você nem faz o meu tipo.

Madeline sorri de lado.

— Você tem certeza? — pergunto e automaticamente os olhos oceânicos se direcionam ao meu corpo. — Não fale besteira, Madeline. Eu sou o tipo de toda mulher.

— Convencido — retruca. — Pois prazer, eu sou a mulher que não se interessa por homens como você.

Sorrio para ela.

— Interessante, Madeline. Interessante.

Pisco para ela que fica sem jeito e desvia os olhos de mim. Cruza os braços na altura do peito e senta-se à banquetta de novo. Depois começa a limpar a bagunça que fez, mas a impeço, a segurando pelo braço. Cruza o olhar comigo e ficamos assim por quase uma eternidade.

— Não precisa fazer isso.

Madeline se solta de mim como se tivesse levado um choque.

— Pensei que não agarrasse mulheres sem permissão.

— Ah, verdade. Erro meu — falo e seguro o riso. Essa garota é divertida.

— Você não faz a mínima ideia de quem eu sou?

— Ao que parece... um riquinho babaca.

— Acertou em cheio — é Jordan quem fala, fazendo-me ter ânsia de vômito.

VAMOS BATER UM PAPO?



Oi!

Espero que você tenha gostado de O Homem da Máfia, Jolina e Julian são aquele típico de casal super temperamental, sexy e intenso, mas que conquistam a gente com sua paixão avassaladora.

Em breve vou lançar o próximo livro da série “Família Carbone”, mas ainda não posso falar muito, mas estou trabalhando bastante para que você se apaixone pelo meu próximo casal.

Se você ainda não leu outras histórias minhas, dá uma passadinha na minha página da Amazon ou no Insta. E se quiser acompanhar mais sobre os meus lançamentos e tudo que rola nos bastidores da minha escrita, venha interagir comigo em:

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/autorabrendaripardo>

INSTAGRAM: @brenda.ripardo

/

<https://www.instagram.com/brenda.ripardo/>

Beijossssss!!!

CONHEÇA TAMBÉM:



DOCE RENDIÇÃO: <https://www.amazon.com.br/dp/B07VRMXJQ5>

AMOR FORA DA LEI (LIVRO 1):

<https://www.amazon.com.br/dp/B091DC843S>

AMOR EM REDENÇÃO (LIVRO 2):

<https://www.amazon.com.br/dp/B092DQKQ9W>

MÃOS SUAVES: <https://www.amazon.com.br/dp/B0725Y8W6F>

ALGO ACONTECEU COM MEU CORAÇÃO:

<https://www.amazon.com.br/dp/B08K9CT9KY>

ME LEVE, ESTOU APAIXONADO:

<https://www.amazon.com.br/dp/B093PL3NRJ>

ERROS NAS ENTRELINHAS: <https://www.amazon.com.br/dp/B08MCJZM2N>

OBLÍVIO NAS ENTRELINHAS:

<https://www.amazon.com.br/dp/B08MZ8QVGZ>

^[1] Caporégime ou Capo, também conhecido como capitão está abaixo do Don/Chefe, Subchefe e Conselheiro no nível hierárquico da Máfia Italiana. O capo, dirige um grupo grande de soldados. Em algumas ocasiões pode atuar como sicário segundo as ordens do Don.

- [2] O chefe dos chefes. Título máximo na hierarquia da máfia italiana.
- [3] Criança ou bebê em italiano.
- [4] Avó ou vovó em italiano.
- [5] Mãe ou Mamãe em italiano.
- [6] É o posto básico da hierarquia. São membros efetivos da organização, conhecidos como homens feitos. São eles os responsáveis por conduzir as operações nas ruas.
- [7] Conselheiro ou também consigliere é às vezes visto como o braço direito do Don. Participam da mediação de disputas, atuam como representantes da família em situações de risco e frequentemente são a ligação entre o Don e o aspecto judiciário ou político.
- [8] Papai em italiano.
- [9] O primeiro tiro é como chama a primeira puxada do charuto.
- [10] Significa obter a liberação da alfândega, através de documentações que comprovem legalidade da operação. Isso acontece para qualquer tipo de produtos que cheguem aos portos.
- [11] Downtown é a parte do Centro de Montreal onde ficam os arranha-céus e boa parte do centro comercial da cidade. Lá estão os grandes hotéis, lojas, restaurantes requintados e as sedes de algumas das maiores empresas que atuam no país.
- [12] Montréal-Est é uma cidade localizada na província de Quebec no Canadá.
- [13] Sottocapo ou Subchefe é a segunda posição mais poderosa e importante na hierarquia da Máfia, diretamente abaixo do Don e acima do Caporegime. O Subchefe é em vários casos um parente do Don ou apenas um confidente extremamente confiado, sendo nomeado e eleito pelo Don/Chefe em si. O subchefe está no comando de todos os capos e é geralmente sempre o homem que toma a liderança temporariamente se o Don é preso permanentemente/temporariamente ou se o Don é morto. Normalmente, cada família da máfia tem apenas um subchefe.
- [14] Os “associados” são todos aqueles que podem prestar algum serviço ou manter negócios com a máfia, sem pertencer à organização.
- [15] São os dispositivos giratórios que contém os símbolos dos jogos e rodam para determinar o resultado dos jogos.
- [16] É o símbolo que substitui outros símbolos quaisquer para criar uma combinação vencedora, ou seja, é o coringa dos caça-níqueis.
- [17] Pode ser traduzido por “Nossa, como é linda, Jolina” ou “Deus, que linda você é, Jolina.”
- [18] Meu filho em italiano.
- [19] Menina em italiano.
- [20] Minha querida em Filipino.
- [21] Mamãe em Filipino.
- [22] Georgian Bay ou Baía Georgiana é uma grande baía do Lago Huron, localizada em Ontário, Canadá.
- [23] É uma Área de Conservação Marinha Nacional na parte Georgian Bay do Lago Huron, Ontário, Canadá, que visa proteger e exibir naufrágios e faróis, e conservar os ecossistemas de água doce. Os muitos naufrágios tornam o parque um destino popular de mergulho, e passeios de barco com fundo de vidro saem de Tobermory regularmente, permitindo que os turistas vejam os naufrágios sem ter que se molhar.
- [24] Música: Gabrielle Aplin – Home.